

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E SAÚDE



Casa de
Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Brena Gomes Chaves Pires

A percepção da ciência entre mulheres da terceira idade: um estudo de caso com
matérias do Jornal Nacional

Rio de Janeiro

JUNHO / 2018

Brena Gomes Chaves Pires

A percepção da ciência entre mulheres da terceira idade: um estudo de caso com
matérias do Jornal Nacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica.

Orientador(a): Prof. Dra. Marina Ramalho e Silva
Coorientadora: Prof. Dra. Luisa Medeiros Massarani

Rio de Janeiro

Junho / 2018

Brena Gomes Chaves Pires

**A percepção da ciência entre mulheres da terceira idade: um estudo de caso com
matérias do Jornal Nacional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica.

Orientador(a): Prof. Dra. Marina Ramalho e Silva
Coorientador(a): Prof. Dra. Luisa Medeiros Massarani

Aprovado em: 31/07/2018.

Banca Examinadora

Denise Tavares da Silva, Doutora, Universidade Federal Fluminense

Maria Ataíde Malcher, Doutora, Universidade Federal do Pará

Marina Ramalho e Silva, Doutora, Fundação Oswaldo Cruz

Luisa Medeiros Massarani, Doutora, Fundação Oswaldo Cruz

“In memoriam de Madomin Gonçalves Chaves e Izaura
Gomes Chaves”.

AGRADECIMENTOS

À Marina Ramalho e Luisa Massarani por serem uma fonte de inspiração de trabalho em suas linhas de pesquisa e principalmente pelas orientações recebidas no processo de descoberta e aprendizado que se deu na realização deste estudo.

A Luís Amorim e Carla Almeida por fazerem parte da minha formação no campo da Divulgação Científica e pelo apoio dado durante a pesquisa.

À Rosicler Neves e aos docentes que auxiliaram no processo de submissão do estudo ao Comitê de Ética.

A cada uma das integrantes da pesquisa por aceitarem participar dos grupos focais e às instituições que disponibilizaram o espaço para as reuniões.

À equipe do CEDOC da TV Globo pelo envio da edição do *JN* estudada.

Às amigas construídas na minha turma da Fiocruz formada por Aline Nery, Aline Salgado, Camile Dornelles, Eliza da Cunha, Denyse de Oliveira, Erika dos Santos, José Antônio da Silva, Juliana Alves, Marina Marcondes, Marta Gomes, Michele Martins, Nathalia Roitberg, Rayane Saraiva, Suzi Aguiar e Washington Castilhos.

À Suzi Aguiar, Eliza Cunha, Marta Gomes e Rayane Saraiva, em especial, por todos os momentos que compartilhamos durante o mestrado, das lágrimas aos sorrisos. Agradeço nossas conversas, reuniões de estudo e apoio que demos umas às outras para solucionar as adversidades do mestrado e vencermos os desafios da vida acadêmica.

Aos meus pais, José Gil Pires e Marlene Chaves, e irmãos, Thiago Maciel, Livia Pires e Cassiana Pires por serem meu alicerce na vida.

À minha tia Maria da Penha Chaves por ter me informado sobre o Curso de Divulgação Científica da Fiocruz e, desde então, me incentivado na busca dos meus objetivos.

A Heitor Mendes e Livia Gil Pires pelo apoio de sempre.

Aos meus amigos e familiares, ao Chapuletarte Grupo Teatral e à Cia Recorda Brasil por entenderem meu isolamento temporário na dedicação aos estudos.

A Deus, o último e mais importante agradecimento, pela proteção em todos os momentos da minha vida e pelas oportunidades de estudo e aprendizado que me fazem uma pessoa melhor a cada dia.

RESUMO

PIRES, Brena Gomes Chaves. **A percepção da ciência entre mulheres da terceira idade:** um estudo de caso com matérias do *Jornal Nacional*. 2018. 169f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

O estudo investiga a recepção da ciência por um grupo específico de telespectadores (mulheres acima de 60 anos, de classe média, com hábito de assistir ao telejornal estudado) do *Jornal Nacional* (TV Globo) a partir da assistência a matérias de C&T veiculadas no programa. Foram realizados três grupos focais com no mínimo quatro pessoas em cada grupo, totalizando 17 participantes. Elas assistiram três matérias de ciência exibidas em uma edição pré-selecionada do *Jornal Nacional* (JN). O vídeo serviu de estímulo à discussão em grupo. As conversas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio de Análise de Conteúdo. Buscou-se, assim, identificar as visões dos telespectadores estudados a respeito da ciência e dos cientistas e das matérias assistidas. Os três grupos focais demonstraram uma perspectiva positiva em relação à ciência, geralmente, associada à ideia de progresso, descoberta e conhecimento. Em nenhum dos grupos observou-se citação negativa sobre o campo ou menção a controvérsias científicas. Na visão das participantes, a ciência mostra-se vinculada, principalmente, à sua utilidade prática no cotidiano, especialmente em relação a cuidados com a saúde, assunto preponderante nas discussões porque reflete uma preocupação própria da terceira idade. Os cientistas aparecem nos relatos como cidadãos intelectuais que trabalham na produção de conhecimento, mas pertencem a um grupo restrito de pessoas privilegiadas porque tiveram acesso à educação diferentemente da maior parte dos brasileiros. Por isso as integrantes da pesquisa referem-se à ciência como algo distante da população. As senhoras consideram “boa” a cobertura do JN sobre ciência, mas a criticam em alguns aspectos, como a escolha dos assuntos abordados e a forma como são retratados.

Palavras-chave: Divulgação Científica, Jornalismo Científico, Telejornalismo, Jornal Nacional, Recepção.

ABSTRACT

PIRES, Brena Gomes Chaves. **The perception of science among older women:** a case study with subjects from *Jornal Nacional*. 2018. 169f. Dissertation (Master in Science, Technology and Health Communication) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

The study investigates the reception of science by a specific group of viewers (women over 60, middle class, with habit of watching the newscast studied) of *Jornal Nacional* (TV Globo) from the assistance to S&T material published in the program. Three focus groups were conducted with at least four people in each group, totaling 17 participants. They watched three science stories featured in a pre-selected edition of *Jornal Nacional* (*JN*). The video served as a stimulus to the group discussion. The conversations were recorded, transcribed and analyzed using Content Analysis. It was sought to identify the viewers' views of science, scientists and the stories watched. The three focus groups demonstrated a positive outlook on science, generally associated with the idea of progress, discovery, and knowledge. There was no negative citation, in none of the groups, on the field or mention of scientific controversies. The science appears to be linked, mainly, to its practical utility in daily life, especially in relation to health care, a preponderant subject in the discussions because it reflects a concern of the elderly. Scientists appear in the accounts as intellectual citizens who work in the production of knowledge, but belong to a restricted group of privileged people because they had access to education differently from most Brazilians, so the participants refer to science as something far from the population. The ladies considered "good" the coverage of the *JN* on science, but they criticize it in some aspects, as the choice of subjects addressed and the way they are portrayed.

Keywords: Science Communication. Scientific Journalism. Telejournalism. *Jornal Nacional*. Reception.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais características das matérias de ciência do <i>JN</i> (as mais frequentes)	62
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

ABNT– Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C&T – Ciência e Tecnologia
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COC – Casa de Oswaldo Cruz
DGN – Direção Geral de Negócios da TV Globo
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
JN – Jornal Nacional
MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MV – Museu da Vida
PBM 2014 – Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014
PBM 2015 – Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SUS – Sistema Único de Saúde
TVE – TV Educativa
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB – Universidade de Brasília
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TELEVISÃO, TELEJORNALISMO E CIÊNCIA NA TV	16
2.1. A TV no Brasil	16
2.2. Iniciativas de divulgação científica e jornalismo científico na TV brasileira	19
2.3. A divulgação científica e o jornalismo científico na TV na atualidade	27
2.4. A ciência no telejornalismo como campo de estudo	31
3 AUDIÊNCIAS E ESTUDOS DE RECEPÇÃO	40
3.1. Os meios de comunicação de massa e seus públicos: uma perspectiva teórica .	41
3.2. As fontes de informação em ciência e tecnologia	44
3.3. Estudos de recepção em ciência e telejornalismo	46
3.4. A terceira idade nas pesquisas	49
4 O JORNAL NACIONAL	53
4.1. A inauguração da Rede Globo	53
4.2. O contexto político da época	55
4.3. Características do telejornal	57
4.4. Cobertura de ciência no <i>Jornal Nacional</i> e estudos de recepção	60
5 METODOLOGIA	72
5.1. A técnica dos grupos focais	72
5.2. Os sujeitos da pesquisa	74
5.3. Coleta de dados: a dinâmica dos grupos focais	76
5.3.1. As matérias em discussão	78
5.3.1.1. “Cientistas descobrem como vírus da Zika no Brasil ataca”	78
5.3.1.2. “Pesquisadores juntam dois cremes e criam pele artificial”	80
5.3.1.3. “Cientistas da Nasa anunciam a descoberta de 1284 planetas”....	81
5.3.2. Os roteiros de perguntas	81
5.3.3. Análise dos dados	83

6 RESULTADOS OBTIDOS COM OS GRUPOS FOCALIS	85
6.2. Grupo Focal 1	85
6.3. Grupo Focal 2	92
6.4. Grupo Focal 3	101
7 DISCUSSÃO DE RESULTADOS	109
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
APÊNDICES	142
Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido entregue aos participantes dos grupos focais	142
Apêndice B – Roteiro de perguntas individuais prévias feitas durante o convite para participar da pesquisa	144
Apêndice C – Roteiro de perguntas individuais feitas as participantes da pesquisa	144
ANEXOS	147
Anexo A – Transcrição da conversa em grupo focal 1	147
Anexo B – Transcrição da conversa em grupo focal 2	151
Anexo C – Transcrição da conversa em grupo focal 3	161

1 INTRODUÇÃO

A televisão se tornou ao longo dos anos o principal meio de comunicação do Brasil (Pesquisa Brasileira de Mídia 2015): ela difunde conteúdo em todo o território nacional para os 65.122 domicílios (o equivalente a 97% dos lares brasileiros) que possuem aparelho de TV e telespectadores em potencial para consumir os produtos do veículo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018). Tais produtos estão acessíveis na programação televisiva formada por atrações informativas e de entretenimento, além de intervalos comerciais (MACHADO, 2003; SOUZA, 2004; PALLOTTINI, 2012). Assistir a esses programas virou um hábito já que a TV incorporou-se na sociedade brasileira: ela responde pelas informações e referências sobre o mundo que circulam no país e, ainda, pela imagem que o Brasil produz de si mesmo (REIMÃO, 2000).

A mídia televisiva exibe conteúdo de ciência em vários dos seus produtos veiculados, seja em programas de entretenimento e de notícias, em atrações educativas ou, até mesmo, na publicidade (BRASIL et al, 2018; MALCHER et al, 2017). Os telejornais contribuem para a visibilidade da ciência na TV. Os programas informativos estão entre as ferramentas por onde divulga-se o conhecimento científico para a população. Todos os noticiários da maior emissora do país, a TV Globo, reservam espaço à ciência (BRASIL, 2016).

O assunto desperta a atenção da maioria das pessoas. Sessenta e um por cento da população do Brasil afirma ter interesse em temas de ciência e tecnologia (C&T), sendo que 21% dos brasileiros declaram assistir a conteúdos de ciência na televisão, segundo a Pesquisa de Percepção Pública da Ciência de 2015 (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2018). De acordo com a mesma pesquisa, a TV representa a principal fonte de informação dos brasileiros sobre temas científicos, o que demonstra a relevância do veículo enquanto objeto de estudo para saber o entendimento dessas pessoas sobre ciência. Dentro do universo televisivo, o *Jornal Nacional (JN)* pode ser considerado o principal telejornal do país. Com cobertura nacional, ele é líder de audiência em horário nobre (transmitido de segunda a sábado às 20h30), de acordo com a pesquisa Ibope realizada de 11 a 17 de junho de 2018 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2018) e possui amplo alcance entre os cidadãos: é veiculado em 98,4% dos municípios do Brasil (Direção Geral de Negócios da TV Globo – DGN), sendo assistido por 45% dos brasileiros (Pesquisa Brasileira de Mídia 2014).

Considerando os dados acima, a presente pesquisa utiliza matérias de ciência veiculadas no *JN* como ponto de partida para compreender como pessoas de um determinado grupo social veem a ciência e seus atores. O grupo selecionado é o de mulheres acima de 60 anos, de classe média, que declaram ter o hábito de assistir ao *JN*. A metodologia empregada utiliza o método dos grupos focais, que nessa pesquisa consiste na formação de três grupos com integrantes desse perfil, convidadas a assistir a matérias de uma edição pré-selecionada do *JN* e a participar, após a exibição, de um bate-papo entre as componentes, com o intuito de aprofundar questões relativas à imagem e ao papel da ciência e dos cientistas, em uma conversa mediada pelo pesquisador.

As discussões seguem um roteiro semiestruturado e são gravadas, transcritas e analisadas a partir da técnica de Análise de Conteúdo, com abordagem qualitativa.

Esse estudo é conduzido no âmbito do Mestrado em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), mas dá continuidade a um projeto mais amplo, desenvolvido desde 2009 dentro da Rede de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, liderado pelo Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (Museu da Vida / COC / Fiocruz), com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), Programa Ibero-Americano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Cyted). Tal projeto, que reuniu pesquisadores de 10 países ibero-americanos na construção de um protocolo de pesquisa envolvendo análise e recepção de notícias de ciência de telejornais, foi o vencedor do Prêmio Mercosul de Ciência Tecnologia de 2014. O presente estudo utiliza a metodologia consolidada pelo grupo, mas aplicada a um novo público: o de mulheres acima de 60 anos.

Entre os objetivos específicos do presente estudo, estão: identificar se, e como, os conteúdos exibidos no telejornal reverberam nas conversas e no cotidiano das participantes; identificar qual o papel e a relevância do telejornal no cotidiano das participantes; investigar como a ciência se incorpora, ou não, no cotidiano da população, segundo a visão das participantes; e analisar como o grupo estudado percebe a imagem e o papel dos cientistas na sociedade.

Há alguma relação entre as matérias de ciência exibidas nos telejornais brasileiros e a compreensão pública da ciência? A hipótese da existência de uma ligação entre telejornalismo e opinião pública sobre ciência se fundamenta no reconhecimento do jornalismo como formador de opinião em potencial sobre os assuntos que divulga. O

jornalismo noticia os principais fatos de relevância nacional e internacional. As matérias que vão ao ar na TV têm grande visibilidade, pois alcançam espectadores em massa. No entanto, diferentemente do que pregavam teorias mais antigas da comunicação, atualmente argumenta-se que os telespectadores são capazes de formar a própria opinião sobre os conteúdos expostos, segundo sua bagagem cultural e outros tantos aspectos do espectador visto não mais como um mero receptor passivo de mensagens às quais tem acesso, como defendem teóricos estudiosos da audiência. A televisão consiste num veículo de comunicação de grande abrangência – praticamente todos os domicílios brasileiros têm televisão. Quando um fato vira notícia nos telejornais do horário nobre da TV brasileira, milhões de espectadores informados sobre o que acontece no Brasil e no mundo discutem ou comentam entre amigos o assunto da reportagem. É possível inferir que a exibição dos temas abordados tem, em alguma medida, impacto no entendimento da sociedade sobre os assuntos noticiados, considerando o papel do jornalismo como “organizador da realidade”, ao divulgar, documentar e fazer história?

Supondo haver alguma relação, ainda que indireta, entre a percepção da sociedade sobre ciência e a divulgação noticiosa televisiva sobre o tema, este estudo pretende analisar a recepção de notícias de ciência por um recorte específico de público do *JN*. Vale ressaltar que o público da análise focal desta investigação corresponde a uma pequena parcela da sociedade brasileira, porém relevante para os fins deste estudo, de abordagem qualitativa. Não se pretende, assim, expandir os dados obtidos aqui para toda a população nacional.

A pesquisa está estruturada em oito capítulos. Segue-se no capítulo dois, posterior a essa introdução, o surgimento da televisão no Brasil. A narrativa se inicia no tópico 2.1 na chegada do veículo no país, uma oportunidade para o lançamento de várias emissoras e para colocar no ar diversos programas, como os telejornais, exibidores de, entre outros conteúdos, os de ciência em sua programação. O tema insere-se na TV em atrações de divulgação científica e de jornalismo científico apresentadas no veículo ao longo dos anos e na atualidade e que serão conhecidas nos tópicos seguintes. A história da ciência na TV segue-se no tópico 2.2 em uma narrativa cronológica, na qual é exposto década a década o surgimento de conteúdo de ciência em programas televisivos pretéritos, desde matérias isoladas sobre o assunto exibidas na programação até atrações específicas de temas científicos transmitidas na TV. Os programas que veiculam a temática nos dias de hoje constam no tópico 2.3, onde mostra-se o cenário atual da ciência na TV. A presença da ciência especificamente no telejornalismo motivou pesquisas sobre o assunto, mencionadas

no tópico 2.4, onde destacam-se estudos de matérias de ciência exibidas em programas noticiosos televisivos.

Esta pesquisa entra no contexto da recepção no capítulo três com o destaque no tópico 3.1 de considerações teóricas sobre estudos envolvendo meios de comunicação e seu público. Expõem-se visões da recepção de mensagens televisivas desde as teorias da comunicação que viam o receptor como passivo, até o entendimento mais atual, da capacidade dos telespectadores darem sentido próprio às mensagens com as quais têm contato na TV. No tópico 3.2 mencionam-se investigações internacionais e nacionais abrangendo especificamente telespectadores do noticiário científico televisivo. Apresentam-se pesquisas nas quais os públicos investigados relatam a TV como principal fonte de informação sobre ciência. Posteriormente, o tópico 3.3 destina-se a investigações focadas nos sentidos atribuídos pelos telespectadores às mensagens televisivas contendo notícias de ciência, por isso apresentam-se estudos de recepção em ciência e telejornalismo. Finaliza-se o capítulo três no tópico 3.4 com exemplos de estudos de recepção com idosos relacionados à ciência no telejornalismo.

A atenção se volta ao objeto estudado no capítulo quatro, no qual apresenta-se o *JN*. O programa nasceu na TV Globo, criada durante o regime militar, em vigor no Brasil de 1964 a 1985, como verifica-se no item 4.1, onde destacam-se essas e outras informações sobre a inauguração da Rede Globo. Na ditadura, as emissoras brasileiras enfrentaram, além da censura, dificuldades de se manter. Alguns telejornais deixaram de existir e outros surgiram em seu lugar, segundo o contexto político da época mencionado no tópico 4.2. O *JN* sobreviveu, permanece no ar desde 1969. Exibe notícias nacionais e internacionais. Possui essas e muitas outras características reveladas no tópico 4.3. Sua cobertura de ciência segue em destaque neste capítulo, onde apontam-se, no tópico 4.4, aspectos da produção e da recepção das notícias de ciência e tecnologia veiculadas no noticiário, segundo as considerações de autores que investigaram os assuntos em pesquisas de análise do conteúdo e em estudos de recepção do *JN*.

A metodologia empregada na pesquisa segue detalhada no capítulo cinco. Esclarece-se no tópico 5.1 a função e as características da técnica de grupos focais utilizada no estudo e a realização da mesma. Especifica-se no tópico 5.2 o perfil das participantes da pesquisa. Detalha-se no tópico 5.3 a dinâmica utilizada nos grupos focais, incluindo a descrição das matérias de ciência do *JN* assistidas nos grupos para estimular a discussão entre as integrantes do estudo. Além disso, constam nesse capítulo o roteiro de

perguntas que orientou as indagações feitas pela pesquisadora às participantes durante as conversas e como ocorreu a análise dos dados coletados durante os grupos focais.

Posteriormente, no capítulo seis, apresentam-se os resultados obtidos com os grupos focais, separadamente. No capítulo sete, há a discussão dos resultados, relacionando-se aqueles obtidos nos três grupos focais com outros alcançados em pesquisas anteriores. A comparação de resultados observados nos estudos ajuda a compreender o contexto geral da recepção de matérias de ciência exibidas em telejornais brasileiros considerando o conjunto de objetos analisados. As considerações finais da pesquisa seguem no capítulo oito encerrando as reflexões desta pesquisa sobre a percepção da ciência entre mulheres da terceira idade telespectadoras do *Jornal Nacional*.

2 TELEVISÃO, TELEJORNALISMO E CIÊNCIA NA TV

2.1. A TV no Brasil

A introdução da TV no Brasil aconteceu durante uma demonstração pública do aparelho reprodutor de som e imagem em movimento apresentado para os visitantes da Feira de Amostras do Rio de Janeiro em 1939. Na época, Getúlio Vargas planejava retornar à vida política, então aproveitou a ocasião da feira para transmitir sua imagem nos dez receptores instalados no local do evento. A inserção da TV no país, no entanto, não obteve êxito naquele momento, pois em 1939 eclodiu a Segunda Guerra Mundial, inviabilizando a comercialização do produto alemão até os anos posteriores ao fim do combate, em 1945 (MATTOS, 2002; DINIZ, 2013; PIRES, 2017).

A televisão tornou-se uma realidade no país somente em 1950 por iniciativa de um paraibano dono da maior rede de veículos de comunicação brasileira do período, formada por jornais e emissoras de rádio do grupo Diários Associados (MATTOS, 1990). Assis Chateaubriand reuniu os patrocinadores Moinho Santista, Sul-América de Seguros, Cervejaria Antártica e Laminação Nacional de Metais, assinou contratos futuros de publicidade e levantou os recursos necessários para o custeio da compra de uma estação de TV no valor de cinco milhões de dólares (MORAIS, 1994; JURBERG, 2001). Chatô importou tecnologia norte-americana para montar a primeira emissora de televisão do Brasil e mais 200 televisores para que as transmissões televisivas fossem assistidas. Os equipamentos foram distribuídos em lojas para a venda e, metade deles, presenteado a personalidades e empresários financiadores do novo meio de comunicação (MORAIS, 1994). Os esforços do jornalista resultaram na estreia da TV Tupi Difusora de São Paulo no dia 18 de setembro de 1950. A primeira emissora do Brasil e da América Latina foi a quarta do mundo, pois na época havia apenas um canal na Inglaterra, um na França e outro nos EUA (MORAIS, 1994; MATTOS, 2002).

A emissora inaugurou o telejornalismo brasileiro naquele mesmo ano de sua fundação, em 1950. Exibiu o *Imagens do Dia*, um telejornal de notícias locais, transmitidas à noite, no canal 6 e cuja primeira reportagem mostrava o desfile cívico militar nas ruas paulistas (RESENDE, 2000).

A pioneira TV Tupi abriu caminho para o lançamento de emissoras e noticiários no país na década de 1950. Na época, surgiram a TV Paulista, a TV Record, a TV Cultura e a TV Excelsior, em São Paulo, e a própria TV Tupi no Rio, criada em 1951, além das vindouras TV Rio e TV Continental (FGV, 2018). A TV Tupi de São Paulo lançou em janeiro de 1952 o telejornal *Telenotícias Panair*, exibido todos os dias às 21h. A regularidade de apresentação do programa, sempre no mesmo horário, foi uma inovação naquele momento e estabeleceu um padrão adotado em outros produtos televisivos. Já o principal informativo do período, o *Repórter Esso*, estreou naquele ano no dia 1º de abril na TV Tupi do Rio de Janeiro. No ano seguinte, as transmissões do telejornal foram introduzidas em São Paulo. O programa de Gontijo Teodoro noticiava no horário nobre da noite acontecimentos do Brasil e do exterior apresentados por profissionais do rádio incorporados à TV (RESENDE, 2000).

A televisão surgiu no período em que o rádio era o meio de comunicação mais importante e popular (MATTOS, 2002). O jornalismo praticado no rádio se tornou uma referência para o telejornalismo (MOTA, 2010). Os radialistas tinham experiência em mídia eletrônica, ou seja, na tecnologia que mais se assemelhava à da TV. Esses profissionais, então, puderam criar junto com as pessoas com as quais trabalhavam uma forma de apresentação televisiva. Ela era, na verdade, uma adaptação para a TV dos conhecimentos adquiridos no rádio (MORAIS, 1994) porque a TV brasileira se apropriou da estrutura radiofônica. Importou seus procedimentos técnicos, esquemas de programação, ideias e mão-de-obra (PRIOLLI, 1985).

Os noticiários mostravam um apresentador à frente de uma cortina e atrás de uma mesa narrando acontecimentos como se fosse uma locução de rádio. Imagens em movimento ilustravam os fatos relatados na apresentação das notícias. As transmissões aconteciam ao vivo porque ainda não existiam fitas onde se pudesse armazenar vídeos para exibição posterior. Todos os telejornais dos primeiros anos da televisão tinham essas mesmas características de apresentação do lendário *Repórter Esso*, no ar por 18 anos (RESENDE, 2000).

Em 1960, a televisão começou seu processo de consolidação no Brasil. Ela se modernizou tecnicamente com a chegada de um recurso encomendado para a inauguração de Brasília. O videoteipe dispensava o uso do filme, permitia a gravação e regravação de conteúdo, por isso facilitou a rotina de trabalho na TV. Outra novidade técnica, a possibilidade de transmissões via satélite, seria fundamental no desenvolvimento da

televisão brasileira porque permitiria a formação de redes de TV (RESENDE, 2000). Os avanços que impulsionaram o crescimento televisivo não foram apenas tecnológicos, tiveram origem econômica. A aquisição do televisor se tornou mais fácil para os consumidores porque houve redução de custo do aparelho de TV com a produção 100% nacional do produto (AMORIM, 2008). O conteúdo da programação também evoluiu. A exemplo disso, a TV Excelsior foi reconhecida globalmente pela qualidade do seu noticiário, o *Jornal de Vanguarda*, vencedor do prêmio espanhol Ondas, de melhor telejornal do mundo, em 1963 (RESENDE, 2000). A TV estava em pleno crescimento, se transformaria ao longo dos anos no principal meio de comunicação de massa, suplantaria o rádio e as mídias impressas (FILHO, 2004).

A década de 1960, por outro lado, coincidiu com o início da ditadura no Brasil (1964-1985), marcada pela tomada do poder pelos militares, que cercearam os meios de comunicação e os utilizaram para persuadir, impor e difundir ideais ditatoriais (MATTOS, 2002). Conteúdos contrários aos valores morais e ideológicos dos militares eram proibidos e coibidos porque considerava-se a TV um serviço de interesse nacional a ser explorado para o fortalecimento do regime (JAMBEIRO, 2002). A repressão levou ao fim programas jornalísticos censurados pelo governo como o próprio *Jornal de Vanguarda*, extinto em 1968 (RESENDE, 2000). O autoritarismo, que reprimia a imprensa, também pautava os assuntos da mídia. Os ditadores influenciaram a difusão de ideologias militares e de incentivos ao consumo de bens duráveis e não-duráveis nos meios de comunicação de massa (MATTOS, 2002) porque o governo pretendia adotar um modelo de desenvolvimento para o país. Ele envolvia estratégias econômicas, políticas, culturais e militares, que teriam favorecido o surgimento de uma nova emissora e seu futuro domínio do mercado televisivo nacional (FILHO, 2004).

Nesse contexto dos anos 60 nasceu a TV Globo, inaugurada em 1965, em São Paulo e no Rio de Janeiro. O primeiro telejornal regular em rede nacional surgiu quatro anos depois do lançamento da emissora. *O Jornal Nacional (JN)* reconhecido pelos *slogans* do âncora Gontijo Teodoro – ‘o primeiro a dar as últimas’ e ‘testemunha ocular da história’ – se tornaria nos anos seguintes o programa de maior audiência da TV brasileira (RESENDE, 2000). O noticiário perdura até os dias de hoje e será conhecido em detalhes no capítulo quatro, dedicado ao objeto estudado e à apresentação mais minuciosa da emissora à qual ele pertence. Veremos a seguir que nas décadas posteriores ao surgimento do *JN*, ou seja, a partir de 1970, começaram a aparecer atrações específicas de ciência na

TV. Contudo, o tema já era retratado de forma pontual em programas dos primeiros anos da TV brasileira.

2.2. Iniciativas de divulgação científica e o jornalismo científico na TV brasileira

A ciência aparece na TV em alguns registros ao longo da história da televisão brasileira. As menções ao tema ocorrem em situações muito específicas especialmente nas primeiras décadas da TV, quando suspeita-se que houve a repercussão do assunto inicialmente em telejornais. Uma matéria possivelmente de ciência foi transmitida no dia 17 de outubro de 1951 no *Imagens do Dia*, o primeiro telejornal do país, lançado em 1950, na TV Tupi Difusora de São Paulo. Naquele dia, o programa exibiu uma notícia que mostrava imagens de uma cena de atendimento, na qual profissionais da saúde, aparentemente médicos e enfermeiros, pesavam e mediam crianças em idade escolar (SILVA, 2011). O material de um minuto e quinze segundos de duração encontra-se no acervo de filmes da extinta TV Tupi de São Paulo na Cinemateca Brasileira (2018). Embora não seja possível ouvir a narração da notícia - que na época era ao vivo - para a identificação de detalhes do assunto da matéria, ela sugere, mesmo em caráter pontual, a presença de cobertura de ciência no primeiro telejornal brasileiro.

A abordagem de conteúdo de ciência em programa de notícia pode não ter sido exclusividade do *Imagens do Dia* porque na década de 1950 outros telejornais foram lançados e na época aconteceram fatos científicos marcantes, que podem ter tido cobertura da imprensa, já que ela preocupa-se em noticiar acontecimentos para a sociedade. Justamente naquele período de 1950 houve a descoberta da estrutura do DNA por Francis Crick e James Watson (PRAY, 2008); a chegada do homem ao espaço, o russo Yuri Gagarin (RIBEIRO, 2013); e a realização dos primeiros transplantes de coração, um na África do Sul e outro no Brasil (MANGINI et al, 2015). Talvez essas informações tenham sido transmitidas no *Repórter Esso*, lançado em 1952, na TV Tupi do Rio de Janeiro. O programa permaneceu no ar por 18 anos, viveu no tempo dessas e de outras descobertas da ciência, além disso, costumava informar diariamente sobre os acontecimentos da época, pois era o principal noticiário do período (RESENDE, 2000).

Embora seja difícil afirmar a exibição de conteúdos de ciência no *Repórter Esso*, em outros telejornais ou na programação televisiva de modo geral nos anos iniciais da TV

brasileira, observou-se a divulgação do tema no meio televisivo em um programa infantil. Isso aconteceu na atração de ficção científica *Lever no Espaço*, exibida na TV Tupi, em 1957, aos sábados, no horário nobre, às oito e meia da noite. O programa gravado em estúdio, utilizava também imagens externas, maquetes e desenhos animados para envolver o espectador mirim na atração. O elenco composto por Lima Duarte, Jaime Barcelos e Dionízio Azevedo interpretava o texto escrito e produzido por Mário Fanucchi, com coordenação geral de Oliveira Sobrinho (Boni) e direção geral de Cassiano Gabus Mendes (PRETTO apud JURBERG, 2001). O programa tratava de uma aventura para salvar a Terra da extinção. O Planeta Azul estaria na rota de um cometa e a colisão entre os corpos seria iminente, então seria preciso mudar o eixo de rotação da Terra para desviá-la do astro. A missão de cientistas seria partir em um foguete lançado de Fernando de Noronha ao espaço. Lá os pesquisadores encontrariam com seres de outro planeta, chamados “verunianos”, com os quais os terráqueos aprenderiam como salvar a Terra (JURBERG, 2001). O programa tinha preocupação com o conteúdo científico exibido, explicava algumas passagens de forma didática, mas “não era um programa propriamente dito de divulgação científica”, segundo Jurberg (2001, p.5).

Anos depois da estreia de *Lever no Espaço*, a TV Tupi exibiu outro conteúdo de ciência, desta vez, um documentário de 1969. Ele abordava a missão Apollo XII, realizada no dia 17 de novembro daquele ano por astronautas da Nasa enviados à Lua para explorá-la coletando amostras de sua superfície. A emissora veiculou na ocasião imagens da missão anterior ocorrida meses antes, em 20 de julho, a Apollo XI, na qual o homem pisou na lua pela primeira vez. O vídeo disponível no acervo online da TV Tupi no Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira (2018) exemplifica mais um caso da presença da ciência na TV. Esse episódio da ida do homem à Lua repercutiu como “a maior conquista técnica e científica da história da humanidade, que contou com mais de 500 milhões de espectadores assistindo ‘ao vivo’ ao acontecimento” (FERREIRA; PORTELA, 2017, p.575).

Os exemplos apresentados até aqui mostram que a ciência aparece na TV de forma pontual nas primeiras décadas da TV brasileira. Somente em 1970 surge um programa específico sobre o assunto, o *Nossa Ciência*, o primeiro programa conhecido sobre o tema, transmitido pela TV Educativa do Rio de Janeiro (TVE), canal governamental de educação (JURBERG, 2001). A existência do *Nossa Ciência* citada por Jurberg (2001) contesta pesquisas anteriores, de Pretto (1992), Barca (1999) e Guedes

(1990), que atribuem o pioneirismo da divulgação científica na televisão brasileira a outra atração da década seguinte (o *Globo Ciência*).

O *Nossa Ciência* divulgava a ciência produzida nos institutos de pesquisa cariocas, mostrando os laboratórios e os pesquisadores trabalhando em estudos diversos, fossem eles das ciências exatas ou das ciências humanas. O cientista representante de seu grupo de pesquisa participava no estúdio de um debate com pesquisadores de outras instituições. A conversa, mediada pelo jornalista Ivan Alves, tratava de um assunto pré-definido para cada edição (JURBERG, 2001; ANDRADE, 2004). As pautas traziam temas da ciência produzida no Rio de Janeiro porque a cidade concentra inúmeras instituições científicas e pretendia-se a valorização do conhecimento proveniente desses laboratórios. Além disso, o programa não possuía recursos para viagens, inviabilizando, assim, coberturas em outras localidades (FRANZISKA, 2005). O *Nossa Ciência* foi criado pelo jornalista e professor Nilson Lage, na ocasião diretor de jornalismo da TVE, onde as dez edições do programa foram exibidas de 1979 a 1980. As apresentações tinham uma hora de duração e eram realizadas uma vez por mês, às sextas-feiras, em horário nobre (ANDRADE, 2004).

Uma nova atração temática em ciência surgiu provavelmente cinco anos depois da primeira conhecida, pois não se sabe se nesse intervalo de tempo entre o surgimento do *Nossa Ciência* e a estreia de um programa inédito da TV Globo existiram programações do segmento. As transmissões do *Globo Ciência* se iniciaram em rede nacional em 1984, aos sábados, às 9h. Posteriormente, o canal Futura exibiu o programa de divulgação científica. O semanal pretendia despertar no público o interesse pela ciência, procurava desmistificá-la e aproximá-la do telespectador (ANDRADE, 2004). As primeiras reportagens traziam conceitos, objetos e processos da ciência considerados úteis na rotina do público na visão dos profissionais do programa. A exemplo disso, o tema da primeira edição foi o desenvolvimento tecnológico para a fabricação de artérias artificiais. O programa abordou a evolução da bioengenharia no país em uma matéria gravada no Hospital das Clínicas, no Instituto do Coração e na Fundação Zerbini, em São Paulo. Os idealizadores do *Globo Ciência* acreditavam que a exibição desse tipo de conteúdo estimularia o surgimento de novas gerações de cientistas, uma das metas da atração objetivadas por seus criadores (MEMÓRIA GLOBO, 2016). O cumprimento dessa missão do programa teve alguns entraves. O *Globo Ciência* passou por diversas reformulações, mudanças de horário, formato e linha editorial, mas resistiu em 30 anos de existência (MEMÓRIA GLOBO,

2018). Foi o “programa de jornalismo científico de maior longevidade da TV nacional” (MASSARANI; SILVA, 2015, p.125).

Poucos programas dedicavam-se integralmente à ciência, mas na década de 1980 falava-se mais no tema do que em outros anos porque ocorreram eventos científicos marcantes cobertos pela imprensa. “Grandes eventos de repercussão internacional influenciaram esse *boom* do jornalismo científico no Brasil na década de 1980, como a passagem do cometa Halley (1986), o anúncio não confirmado da fusão a frio, as viagens espaciais e as questões ambientais” (OLIVEIRA, 2002, p.39). Nos anos de 1980 também identificou-se o vírus da AIDS (PINTO ACS et al, 2007) e nasceu o primeiro bebê de proveta no Brasil (MOURA et al, 2009).

No final da década de 1980, surgiram produções independentes como o *Tome Ciência*, da Motta Lima Produções e Comunicações Ltda., exibido na TVE em 1987 (ANDRADE, 2004). Ele abrigava três vertentes: “um noticiário de caráter nacional; reportagens sobre os avanços tecnológicos e as entrevistas sobre política científica” (JURBERG, 2001, p.9). O programa durava 30 minutos, era exibido aos sábados à tarde e reprisado às segundas. Ele acabou ao completar 80 edições. O motivo foi a falta de patrocínio. Já o *Estação Ciência*, da Ema Vídeo, transmitido em 1988 na extinta Rede Manchete, atual Rede TV, era exibido aos domingos, às 9h. Ele defendia a tecnologia nacional e valorizava os aspectos práticos da pesquisa científica até encerrar as atividades com 181 programas (JURBERG, 2001; ANDRADE, 2004).

A tendência de produções independentes se manteve na década de 1990. As emissoras educativas do Rio de Janeiro, TVE, e de São Paulo, TV Cultura, exibiram os programas *Academia Amazônia* (produzido pela Universidade Federal do Pará– UFPA), *Universidade e Paidéia* (ambos provenientes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) (ANDRADE, 2004).

A ciência pautou outros programas lançados em 1990. A TV Globo incluiu no *Globo Cidadania* daquele ano a exibição do *Globo Educação* e do *Globo Ecologia*. Na época, o *Globo Ciência* já fazia parte do programa (REDE GLOBO/ MEMÓRIA GLOBO, 2018). O *Globo Ecologia* ficou por mais de dez anos no ar, assumiu um formato “entre o magazine e o documentário, com excelentes reportagens realizadas em todo o país” (MONTEIRO; BRANDÃO, 2002, p.104) Foi um dos poucos programas de ciência de longa duração da década de 1990 (MASSARANI; SILVA, 2015).

Novas produções ganharam espaço nesse período com a realização da Conferência Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (Rio-92). Na época, surgiu o programa *Baleia Verde*, exibido na TVE (ANDRADE, 2004). Ele abordava ecologia e meio ambiente. No mesmo intervalo de tempo, foi lançado o programa *Terra Azul*, na TV Manchete. Ele era apresentado por Paula Saldanha, com participação do esforço SOS natureza (JURBERG, 2001). No ano seguinte à Rio-92, ou seja, em 1993, nasceu um programa elaborado pelo Centro de Tecnologia Educacional da UERJ. Estudantes de jornalismo e professores da instituição participavam da divulgação de temas científicos do *Campus Universitário*, exibido inicialmente na TV Manchete, posteriormente, em 1999, na TVE, e mais tarde, no canal Universitário do Rio de Janeiro (UTV), restrito aos assinantes da NET e da SKY (ANDRADE, 2004).

Outros programas com foco em ciência se destacaram na década de 1990. A TV paga exibiu *Almanaque Ciência e Tecnologia*, na Globonews, e, no canal Futura, *De Frente pra Vida*, *Globo Ecologia* (também transmitido na TV aberta como citado anteriormente), *Tom da Mata*, *Ciência e Ecologia*, *Viva Legal*, *Tom do Pantanal* e *Ponto de Ebulição*. Este último adotava formato jornalístico, durava 30 minutos, divididos em três blocos. O *Ponto de Ebulição* exibia imagens e depoimentos revelando a rotina de cientistas no trabalho, entrevistas no estúdio com especialista e reportagens esclarecendo o assunto do dia. Materiais da rede americana CNN eram veiculados em alguns desses programas do canal Futura em função de uma parceria da emissora brasileira com a estrangeira (ANDRADE, 2004).

No final da década de 1990 novos programas de ciência foram exibidos em TV aberta. A TV Cultura de São Paulo produziu o *Minuto Científico*, no ar de 1996 a 1997, e o *Ver Ciência*, de 2002 a 2005 (RAMALHO, 2013).

Nos anos 2000, a TV Brasil transmitiu muitos programas disponíveis em seu acervo. Entre eles, a série *AmazôniAdentro*, que exibiu em quatro episódios aspectos econômicos e ambientais da Amazônia e mais questões semelhantes. Uma outra atração da emissora foi o *Senha Verde*, uma série a respeito de crianças com hábito de práticas responsáveis para a preservação do meio ambiente e construção de um mundo melhor (TV BRASIL, 2018). As ações ambientais eram protagonizadas por crianças de oito a doze anos em locais onde viviam e estudavam. O programa teve apenas três episódios, cada um de quinze minutos de duração (SANTANA, 2015). A TV Brasil também transmitiu o *TV é Ciência*. O programa falava sobre inovações tecnológicas, astronomia e avanços científicos

(TV BRASIL, 2018). Ele estreou no dia 13 de março de 2007 com o objetivo de pesquisar a produção científica e tecnológica no Espírito Santo e promover a difusão da ciência, tecnologia e inovação. Os idealizadores do programa pretendiam direcionar o olhar da atração para o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. Em função disso, o *TV é Ciência* divulgava atividades, projetos, pesquisas, programas, planos de ação, produtos e processos relacionados à geração do conhecimento em seu estado de origem (FORECHI apud RIBEIRO, 2014).

No ano seguinte ao lançamento do *TV é Ciência*, a TV Globo estreou uma nova atração, o *Globo Universidade*, no ar em abril de 2008. O programa destinava-se à realização de reportagens sobre ensino, pesquisa e projetos na área científica. Os assuntos eram abordados em uma linguagem geralmente leve e acessível para aproximar o público do conhecimento acadêmico e do desenvolvimento de novas tecnologias e procedimentos. A atração tinha como público-alvo jovens estudantes candidatos ao ingresso na universidade. Em razão disso, as fontes mais consultadas pelo programa eram professores, alunos e profissionais atuantes nas áreas abordadas, e, além do mais, as gravações das matérias aconteciam no campus universitário, nos institutos de pesquisa, nos laboratórios, nas salas de aula e nas salas de professores. O programa ficou no ar por cinco anos e cinco meses. (MASSARANI; SILVA, 2015).

Os conteúdos de ciência exibidos nos anos 2000 não se restringiram à Rede Globo e à TV Brasil. No Rio, a série da Band *Detetives da Ciência* mostrou em 2010 um casal de adolescentes desvendando a ciência presente no dia a dia (TV RATIMBUM, 2017). No Espírito Santo, o bem-estar dos indivíduos inspirou a programação das manhãs de sábado do *Questões de Saúde*, exibido na TV Vitória, emissora afiliada à Rede Record (ANDRADE, 2004).

Em agosto de 2014, o programa *Como Será?* substituiu toda a programação anterior de ciência das manhãs da TV Globo. Aglutinou os programas *Globo Universidade*, *Globo Educação*, *Globo Ecologia*, *Ação* e *Globo Ciência*. O novo formato, com duração de 120 minutos, busca mais interação com o público. Ele pode partilhar experiências, enviar perguntas, fotos e ainda participar dos quadros (MASSARANI; SILVA, 2015). Sandra Annenberg, que foi apresentadora do *Globo Cidadania*, ficou à frente do *Como Será?*. O programa aborda inovação, ecologia, mobilização social, trabalho e educação, aos sábados, das 7h às 9h. Reprisa aos domingos às 6h na Globo News e às 15h no canal Futura (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

Temas de ciência e tecnologia foram e ainda são comumente retratados em mais uma atração da TV Globo, no *Fantástico*, há 45 anos no ar. A ciência aparece no programa dominical de *infotainment* como explicação, aconselhamento, comprovação e investigação (RONDELLI, 2004; RUBBO, 2007). Os assuntos mais mencionados correspondem à área de medicina e saúde. A maior parte das matérias de C&T aborda a ciência brasileira e norte-americana. A atração praticamente não cobre a ciência de outros países latino-americanos e do mundo em desenvolvimento. Cientistas, cidadãos comuns, médicos e outros especialistas são as principais fontes da cobertura de C&T do programa (MEDEIROS et al, 2013).

O *Fantástico* desenvolve discursos do jornalismo e da ciência com elementos de opinião objetivando a adesão do telespectador a determinado ponto de vista, segundo Rondelli (2004), que elaborou uma análise crítica do discurso sobre ciência presente em 12 edições do programa, uma de cada um dos meses de 2002. O programa se coloca como organizador das diferentes falas que formam a polifonia do discurso presente na atração, de acordo com a autora. A revista eletrônica tende a apresentar a informação científica como se ela admitisse uma única interpretação e fosse incontestável. Dessa forma, o programa estaria desconsiderando a exposição de atribuições próprias do pensamento científico como a dúvida e a postura ativa em busca de explicações para as ocorrências estudadas pela ciência, explica Rondelli (2004).

A ciência aparece no *Fantástico* tanto nas matérias quanto em quadros de temática científica como: *A Jornada da Vida*, *Inmetro*, *Dráuzio Varella* e *Ideal pra Você* (MEMÓRIA GLOBO, 2016). A revista eletrônica explorou conteúdos a respeito da origem das espécies em *A Jornada da Vida*. Mostrou testes do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia em produtos comercializados no país com o objetivo de verificar as condições dos materiais analisados em *Inmetro*. O médico Dráuzio Varella esclareceu assuntos relacionados à medicina no quadro apresentado com seu nome. O “Show da Vida”, como o *Fantástico* também é conhecido, motivou a perda de peso de pessoas obesas tratadas com dieta e exercício no quadro *Ideal pra Você* (MEMÓRIA GLOBO, 2016). Este último contou com conteúdo da série britânica *What’s the Right Diet For You?*, prática comum no semanário acostumado a reproduzir materiais da British Broadcasting Corporation, canal fundado em 1936 no Reino Unido e reconhecido pela sigla BBC (BBC, 2018).

A rede pública de emissoras de rádio e televisão inglesa formada por um grupo de canais (BBC World News, BBC One, BBC Two, BBC Three, BBC Four, CBeebies, CBBC, BBC News e BBC Parliament) originou a BBC Brasil em 1938 marcando sua presença no país latino-americano. O *Fantástico* reproduziu diversos documentários e séries especiais da emissora britânica produtora de materiais de temas científicos diversificados de alta qualidade cinematográfica e de grande sucesso no Brasil como *Reinos Secretos*, *Planeta Dinossauro* e *A Caçada*, segundo informações da BBC (2018) e do *Fantástico* (2018).

Os documentários da BBC não ficaram restritos à TV Globo. A TV Cultura exibiu a série *Planeta Terra* em 2010 e a TV Brasil, a *Jornada da Vida*, em 2012, segundo informações da TV Cultura (2017) e da TV Brasil (2018). Outras produções estrangeiras ocuparam a grade nacional. A produção da Columbia Pictures Television *O Mundo de Beakman* mostrava as experiências de um cientista e professor e o modo como telespectadores poderiam reproduzi-las em casa, de acordo com o site de descrição do programa. *Beakman* retratava a imagem estereotipada de cientista, detentor de todas as respostas para as mais diversas questões da ciência. O personagem caracterizado como uma ‘entidade’ a ser exaltada, assume também um perfil ‘exótico’ e ‘excêntrico’, além disso, aparece como um inventor de novas máquinas e utensílios estranhos. Em uma das chamadas de uma edição do programa, o cientista surge em meio a nuvens de fumaça e efeitos de luz. Recursos como esses podem conduzir ao sentido de ciência “em torno do espetáculo, do show, do extraordinário e, por isso, da ordem do fantástico, mágico e fascinante” (ALFERES; AGUSTINI, 2008, p. 8). O conteúdo foi exibido na TV Cultura, entre 1994 e 2002, depois, em 2011, e na TV Record, em 1997, como parte do programa *Agente G* da emissora, de acordo com o site de descrição do programa. A Discovery Channel exibiu documentários no SBT e programas e séries em seu próprio canal de TV a cabo, como as versões dubladas do inglês para o português de *Feras da Engenharia*, *Caçadores de Mitos*, *Megaconstruções*, *Como é Possível?*, *Supercâmera*, *Discovery na Escola*, *Hora Selvagem*, *Como Funciona o Universo*, *Assombrações* e *A Fábrica* (DISCOVERY CHANNEL, 2016). A TV Record transmitiu em cem episódios de dez minutos o documentário da National Geographic *O mundo do conhecimento National Geographic* no programa *Eliana*, na época chamado *Eliana e Alegria* (FOLHA, 2018).

Temas científicos apareceram no telejornalismo brasileiro em matérias ou séries de reportagens transmitidas durante a programação. Por exemplo, o *Jornal da Record* (da

Rede Record) mostrou em 2017 os efeitos do plástico no meio ambiente na série *Planeta Plástico* (R7, 2018). O *Jornal da Band* (da Rede Bandeirantes de Comunicação) abordou em 2016 a polêmica da exposição à radiação eletromagnética associada à enfermidade da glândula endócrina na matéria “Exames de Raio-X não aumentam o risco de câncer de tireoide” (BAND, 2016). O *Jornal Nacional* (da Rede Globo de Televisão) exibiu em 2014 na série “Transplante de Órgãos” os desafios de uma equipe médica para salvar uma vida, a procura por um doador de órgão e a solidariedade dos voluntários para o transplante (MEMÓRIA GLOBO, 2016). Esses são apenas alguns exemplos de temas científicos abordados em telejornais diários de cunho generalista.

A ciência foi construindo seu espaço na TV brasileira desde os primeiros registros conhecidos de matérias pautadas em temas científicos veiculadas na imprensa. Os programas de ciência exibidos na TV do Brasil – desde o lançamento da primeira atração em 1979, quando o *Nossa Ciência* estreou, até o surgimento de produtos televisivos mais atuais, brasileiros, como o *Como Será?*, inaugurado em 2014, ou estrangeiros, como o *Planeta Terra*, transmitido em 2010 – mostram a crescente visibilidade alcançada pela ciência como protagonista de iniciativas de comunicação do campo.

2.3. A divulgação científica e o jornalismo científico na TV na atualidade

A televisão brasileira veicula atualmente vários programas dedicados à ciência. A TV Brasil concentra uma ampla programação no tema. Na série *Ser Saudável*, um casal de médicos apresenta doenças e cuidados com a saúde, às quintas-feiras, às 7h30. No mesmo horário, às sextas-feiras vai ao ar *Sementes*, uma produção do Pará sobre ciência, tecnologia e meio ambiente. As instituições de pesquisa científica da Amazônia são a principal fonte de conteúdo do programa empenhado na revelação da utilidade das pesquisas. *Ana e os Robôs* exibe de segunda à sexta, às 16h, temáticas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática na perspectiva de uma pequena cientista de 11 anos. *Brincando com a ciência* vai ao ar de segunda à sexta, às 11h05. Em cada episódio, um cientista diferente ajuda a sanar dúvidas e leva a descobertas científicas. A TV Brasil transmite, além de todas as atrações mencionadas, a série internacional, a *Ciência Nua e Crua*, uma tradução do nome em inglês *Rough Science*, da BBC Two (TV BRASIL, 2018).

Programas de divulgação científica também integram diferentes atrações da TV Globo. O *Globo Rural* informa a respeito do agronegócio nas manhãs de domingo desde 1980 (MEMÓRIA GLOBO, 2017). Aborda um modelo de agricultura idealizado. As matérias seguem em uma perspectiva de desenvolvimento do país (SEIXAS, 1989). O programa explora a capacidade da terra para produzir plantas e criar animais. Retrata o meio ambiente (clima, topografia do solo, flora e fauna), além da política agrária, do fornecimento de crédito e de outras questões como impostos, tecnologias, insumos, processos de transformação de produtos e etc. O mundo rural é representado no modo de vida dos personagens das matérias e em tudo o que caracteriza esse universo longe da cidade. Busca-se dessa forma uma identificação com a audiência formada por telespectadores que vivem no campo (MAIA, 2005).

O *Globo Repórter* se propunha a exibir todas as sextas-feiras, às 22h15, na TV Globo uma programação de aproximadamente 45 minutos que seja mais aprofundada sobre assuntos polêmicos ou de interesse geral pouco retratados nos telejornais da emissora em função do curto espaço de tempo dos noticiários. O programa aborda Atualidade, Comportamento, Aventura, Denúncia, Meio Ambiente e Ciência desde 1973. As edições desta última editoria incluem a reprodução de vídeos da BBC mostrando a vida animal e reportagens de assuntos como distúrbios do sono, doenças silenciosas, alimentação saudável, diabetes e hipertensão. O programa destina-se também à produção de documentários sobre o Brasil (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013; GLOBO REPÓRTER, 2016).

O *Bem Estar* veicula temas relativos à alimentação, bem-estar e saúde desde 2011 (MEMÓRIA GLOBO, 2016). O programa é apresentado na TV Globo, ao vivo, pelos jornalistas Mariana Ferrão e Fernando Rocha, de segunda à sexta-feira, das 10h até às 10h40. Cada edição explora um tema retratado pelos apresentadores com a participação de profissionais da área da saúde. Eles são entrevistados no estúdio para o debate do assunto do dia. Reportagens ‘com caráter útil’ elucidam a temática e o público participa enviando mensagens com dúvidas a respeito do tema para serem respondidas pelos especialistas convidados. O *Bem Estar* enquadra-se no jornalismo utilitário porque proporciona ferramentas para o cidadão realizar atividades práticas da vida diária como, por exemplo, higienizar os alimentos da forma correta. O programa tende a apresentar ao público conteúdo útil, apontando soluções para problemas, dicas e possíveis mudanças de hábito sempre frisando saúde e qualidade de vida (VAZ, 2012). Já o *Globo Natureza* exhibe

inserções sobre a fauna e a flora brasileiras nos intervalos da programação da emissora desde 2013 (G1, 2016).

A ciência é tema de atrações de outras emissoras além da TV Globo e da TV Brasil. Diversos programas pautados no assunto compõem a programação do Canal Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), apresentado em rede nacional na TV Brasil e em sua página na *internet* (<http://www.canal.fiocruz.br>). O Canal Saúde foi criado em 1994 “para propiciar a gestores, profissionais da saúde e a um largo contingente da população, diferentes saberes em saúde, além de atuar como instrumento de disseminação da educação continuada em saúde” (GOMES et al, 2011, p.4). Todos os produtos exibidos dedicam-se à ciência, seja à divulgação científica ou ao jornalismo científico. Quanto à primeira área, o programa *Sala de Convidados*, o único da emissora transmitido ao vivo, aborda uma variedade de temáticas (vacinação, agrotóxicos, aborto, células-tronco, doação e transplante de órgãos, tabagismo, dengue, ética em pesquisa e muitas outras) e disponibiliza recurso de interação com o telespectador por *chat* (com mediação feita por profissionais da equipe de produção), linha telefônica 0800 e mensagens via e-mail (SANTOS, 2012). Especificamente em relação à segunda área, o veículo divulga notícias temáticas em saúde no *Jornal da Saúde* e no *Em pauta na Saúde*, desde 2011 e 2016, respectivamente (CANAL SAÚDE, 2017). Os programas do Canal Saúde abordam principalmente conteúdos de “ciências humanas e sociais”, todos os temas veiculados na emissora possuem vínculo com a vida do telespectador, a abordagem é contextualizada humana e socialmente (NEVES, 2010).

Emissoras americanas também exibem programas específicos de divulgação científica. Eles destinam-se a assinantes da TV a cabo brasileira. A *Discovery Channel* oferece vários canais com esse propósito, entre eles, *Home and health*, *Animal Planet* e *Discovery Science* (DISCOVERY BRASIL, 2018). O *National Geographic Channel* aborda ciência, tecnologia, história e meio ambiente em seus documentários, séries e programas educativos de ciências e assuntos afins. O telespectador assiste em *A vida secreta dos predadores – no limite* animais no instante em que eles caçam o próprio alimento. Em outro programa do canal, no *Clínica animal – precisa-se de veterinário*, os personagens Dr. Pol e sua assistente Dra. Brenda realizam procedimentos médicos para reestabelecer a saúde de animais enfermos em tratamento (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2018).

O protagonismo da ciência na TV brasileira não termina aqui na explanação de programas conhecidos que tratam do tema em sua programação e foram apresentados com base em pesquisas publicadas sobre o assunto e informações disponibilizadas pelas próprias emissoras. Muitas outras atrações preenchem a grade nacional e colocam, cada vez mais, o conhecimento científico em evidência. Já é possível mensurar em números o espaço que a TV brasileira dedica à ciência considerando toda a programação de uma mesma empresa de telecomunicação. A Rede Record e a Rede Globo, as duas maiores redes de televisão do Brasil, têm dedicado parcela do espaço da programação a assuntos da ciência. As empresas tiveram suas peças relacionadas à ciência estudadas em pesquisa focada na detecção de qual o espaço destinado à temática científica nas principais emissoras do país (BRASIL, MASSARANI, 2018).

Na pesquisa de Brasil e Massarani (2018), foram identificadas 847 peças de C&T na TV Record no ano de 2013 (em um recorte de duas semanas construídas, em um total de 14 dias, representativos de seis meses, de junho a novembro), o equivalente a 23 horas, 35 minutos e 9 segundos de programação de ciência exibida no canal. Esses dados superam os da TV Globo em número de peças (619 itens), mas, por outro lado, esta emissora apresenta uma programação mais longa sobre assuntos de C&T, com 24 horas, 19 minutos e 44 segundos de duração (BRASIL, MASSARANI, 2018).

Ainda segundo estudos desse mesmo grupo, a Rede Record ocupa 7,0% do tempo da emissora com conteúdo de ciência. Contudo, constatou-se que os conteúdos de ciência estão mais presentes nas publicidades. O assunto mais recorrente refere-se a materiais relacionados às “ciências biológicas” e à “medicina e saúde”, principalmente nas publicidades (BRASIL et al, 2017). Já a análise feita com a Rede Globo (BRASIL et al, 2016) apontou a presença da ciência em 7,3% dos conteúdos veiculados na Rede Globo naquele período analisado. Número apenas três pontos percentuais abaixo do aferido na concorrente na pesquisa de 2017, mas diferentemente da Record, o percentual de programas de C&T da Globo inclui várias categorias televisivas, desde telejornais a publicidades, de telenovelas a *talk shows*. Questões de “medicina e saúde” também sobressaem entre os assuntos de ciência exibidos (BRASIL et al, 2016).

As retransmissoras da Rede Globo e da Rede Record em Belém, no Pará, as emissoras TV Liberal e Record Belém, tiveram suas peças igualmente analisadas, o que permite saber o espaço que a ciência ocupa na TV brasileira no contexto regional. A ciência está representada em 11,5% da programação do Pará estudada, o equivalente a 72

horas 44 minutos e 57 segundos das 648 horas de programação monitorada em Belém. O estudo mapeou a presença da ciência na programação do Pará, considerando as produções locais e nacionais. Os resultados mostram a ciência presente diariamente em todas as faixas horárias da TV aberta local. Observa-se conteúdos de ciência principalmente em publicidades. Elas representam 51,5% (795) das peças entre as 1523 encontradas e analisadas. A programação local compreende majoritariamente programas produzidos nacionalmente, por isso a ciência não aparece tanto na produção local (MALCHER et al, 2017). A mesma pesquisa monitorou 672 horas gravadas da programação da Rede Globo e da Rede Record no Rio de Janeiro para comparar a representação da ciência nas emissoras considerando as produções das sedes de distribuição, no RJ, e as relações entre as grades de programação nacionais (referentes ao conteúdo transmitido pela sede da Rede Globo e Rede Record no Rio) e locais (relativas à transmissão das afiliadas, TV Liberal e Record Belém, no PA). Segundo Malcher et al (2017), a programação veiculada no RJ possui um perfil semelhante ao que foi veiculado em Belém. Os estudos apresentados evidenciam a notoriedade conquistada pela ciência que se faz presente na TV do Brasil.

A ciência mostra-se representada na televisão brasileira, como vimos ao longo do tópico, em programas destinados especificamente a conteúdos científicos, naqueles onde o assunto integra a programação e nas menções à temática nos mais variados produtos da grade televisiva das emissoras, seja em telejornais, telenovelas, publicidades ou *talk shows*. A relevância da ciência na TV motivou a realização desta pesquisa e de estudos anteriores sobre o assunto, como veremos a seguir na apresentação de investigações sobre matérias de ciência exibidas em programas noticiosos televisivos.

2.4. A ciência no telejornalismo como campo de estudo

Alguns programas de notícias têm sido objeto de investigação visando o entendimento da representação da ciência nos noticiários brasileiros. Estudos dessa natureza tornam-se relevantes para nossa sociedade porque dimensionam como os telejornais repercutem a imagem da ciência que os telespectadores veem ao assistirem à programação televisiva. Quando os noticiários veiculam matérias de ciência, aproximam o conhecimento científico do público, pois são responsáveis por boa parte das informações que o telespectador não-especialista possui sobre ciência. As matérias transmitidas nos

telejornais informam os telespectadores sobre assuntos atuais da ciência, especialmente as descobertas científicas. Os informativos exercem um papel importante na popularização da ciência porque é através dos veículos noticiosos que circulam várias informações de interesse público relacionadas à atividade científica. O telejornalismo, então, destaca-se como uma importante ferramenta de divulgação da ciência (Rocha, 2010 e 2012 em ponderações originalmente atribuídas aos meios de comunicação de modo geral e seu envolvimento com a ciência).

Temas de C&T são veiculados diariamente nos noticiários televisivos. Na Rede Globo, temáticas científicas são exibidas em todos os seus noticiários distribuídos ao longo do dia, desde os matutinos, vespertinos até os noturnos (BRASIL et al, 2016). A temática é mais frequente em dois períodos, durante as madrugadas (quando é veiculado o *Jornal da Globo*, que traz notícias nacionais e internacionais a partir de 23h59) e as manhãs (turno de exibição do *Globo Rural*, que aborda questões do campo por volta das 6h). O *Bom dia Brasil* e o *Bom dia Rio* ocupam o primeiro turno do dia com informações sobre o país e a cidade do Rio de Janeiro, respectivamente, e contribuem com a presença de notícias sobre ciência na emissora. O mesmo vale para os noticiários noturnos *RJ TV 2ª* edição, telejornal local do município do Rio de Janeiro, e o *Jornal Nacional (JN)*, o telejornal de maior audiência da TV brasileira (BRASIL et al, 2016). As pesquisas sobre a cobertura de ciência em noticiários do Brasil dedicam-se principalmente ao estudo do *JN*, principal telejornal do país e objeto de investigação desta pesquisa. Como o capítulo quatro desta dissertação é reservado ao programa, pesquisas especificamente sobre o *JN* serão abordadas no tópico 4.2. e não neste capítulo.

Assuntos relativos à ciência repercutem em muitos outros informativos da TV brasileira. Os telejornais da Rede Record, a segunda maior emissora do país, exibem em sua programação conteúdo científico em proporção inferior à da líder de audiência e as temáticas científicas não aparecem distribuídas em todos os noticiários ao longo do dia. Porém, ainda assim, a ciência marca presença em programas de notícia em mais uma grande empresa de mídia (BRASIL et al, 2017). A temática científica ocupa 4,3% da programação informativa da Rede Record. No estudo de Brasil e colegas (2017) observaram-se 37 itens de ciência relativos aos telejornais, sendo o *Jornal da Record (JR)* o principal noticiário da emissora. Sua exibição acontece à noite, de segunda à sábado, durante aproximadamente 40 minutos, tempo para a apresentação da cobertura nacional e

internacional, que inclui temas diversificados, entre eles, os relacionados ao conhecimento científico.

A lista de telejornais estudados que exibem conteúdo científico engloba também o *Repórter Brasil* (REZNIK et al, 2014). O telejornal exibido de segunda à sábado, em duas edições (à tarde, de 12h às 12h30, e à noite, de 21h às 22h) na TV Brasil, pertencente à Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Reznik e colegas (2014) investigaram a versão noturna do programa por meio de análise de conteúdo e de análise de enquadramentos midiáticos (*frames*) utilizando metodologia de semana construída representativa de doze meses (de abril de 2009 a março de 2010). De acordo com os resultados de Reznik et al (2014), o telejornal destina 3,8% do seu tempo diário à ciência. Observa-se em 88% das 72 matérias de C&T identificadas a valorização da ciência produzida no país. As áreas de conhecimento mais abordadas são “medicina e saúde” e “ciências sociais & humanidades”. O programa privilegia cientistas, cidadãos e membros do governo como fontes de informação das notícias de ciência. O tema abordado nas matérias aparece geralmente contextualizado e há ênfase nas promessas da ciência (REZNIK et al, 2014).

Em estudo menos robusto sobre a cobertura de C&T do *Repórter Brasil*, Melo e Gomes (2010) propõem a análise de uma única edição do telejornal e também da de outro programa noticioso com o objetivo de comparação entre a divulgação científica no telejornalismo praticado na TV Pública e na TV Comercial. Em razão disso, Melo e Gomes (2010) comparam a presença da ciência no *Repórter Brasil (RB)* e no *Jornal Nacional (JN)*. Os autores analisam os programas de cada um dos telejornais exibidos no dia 19 de fevereiro de 2010, uma sexta-feira, na qual os noticiários abordam assuntos jornalísticos mais diversificados porque a edição selecionada sucede as transmissões do Carnaval, segundo os autores. O estudo dos programas da TV Brasil e da TV Globo resulta em disparidades na cobertura de ciência dos telejornais analisados. Entre todas as categorias identificadas no *JN* (cotidiano, internacional, geral e ciência), a de ciência ocupa 11% da edição estudada, o equivalente a 2 matérias sobre o tema veiculadas em um mesmo dia de programa. A cobertura do *RB* se diferencia da do *JN*, pois não há matéria sobre ciência na edição analisada do noticiário da TV Brasil, identifica-se somente outras categorias no programa (geral, cotidiano, internacional e política), segundo os resultados informados pelos autores da pesquisa. Embora o estudo de Melo e Gomes (2010) não seja representativo das coberturas de ciência dos telejornais analisados por considerar apenas uma edição dos noticiários, a pesquisa mostra mais uma investigação realizada no âmbito

de estudos envolvendo ciência e telejornalismo e, ainda, evidencia que dados negativos (como a ausência de matérias de ciência em uma edição do *RB*) também fazem parte do universo da pesquisa. Como dito anteriormente, estudos mais robustos sobre a cobertura do *JN* serão apresentados no capítulo quatro, destinado exclusivamente ao programa.

Há ainda menção a diferentes telejornais em pesquisas sobre telejornalismo e ciência. O *Jornal Hoje (JH)*, telejornal da Rede Globo, exibido no início da tarde, de segunda à sábado, possui aproximadamente 40 minutos de duração. O noticiário cobre assuntos nacionais e internacionais. Assim como outros programas do gênero informativo, disponibiliza em sua programação quadro meteorológico, onde informa a previsão do tempo e do clima em todo país. Segundo Moraes (2010), antes dessa seção, vez por outra apresentam-se notícias em conformidade com o quadro por abordarem igualmente assuntos de geociências, que de acordo com a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES correspondem a área “ciências exatas e da terra”. Moraes (2010), então, considera o quadro da previsão do tempo como ciência e se propõe a estudá-lo. Moraes (2010) analisa as edições do *JH* de 18 de janeiro a 04 de fevereiro de 2010, período de verão – considerado de maior probabilidade de mudanças climáticas, assim sendo, representa a motivação da escolha do *corpus* da pesquisa. O estudo da previsão do tempo veiculada no programa jornalístico observa: oscilação do período total de exibição do quadro, apresentado entre 1 minuto e 2 minutos e não em tempo pré-determinado; o aumento da duração do quadro em relação às apresentações antigas da previsão do tempo, quando não existia um jornalista específico para ficar à frente das previsões meteorológicas; e a presença de matéria correlata exibida anteriormente ao quadro de previsões meteorológicas, como por exemplo, uma reportagem com histórias de tragédias e caos urbano consequentes das chuvas (MORAIS, 2010).

A temática científica pautada em noticiários vai além dos veículos apresentados. O *Jornal da Cultura (JC)*, o principal telejornal da TV Cultura, exibe à noite matérias de ciência como parte de sua programação. A presença do tema verifica-se nas cinco edições do programa analisadas entre setembro e outubro de 2009. No entanto, segundo Alencar e Gomes (2010), observa-se na amostra estudada a presença de assuntos científicos sem contextualização e profundidade, dificultando a compreensão das notícias, principalmente por ausência de estabelecimento de uma relação entre as informações com a vida do telespectador, prejudicando, assim, o interesse do público pelos conteúdos de ciência veiculados. Identifica-se a preocupação de uso de recursos visuais e linguagem clara e

acessível, explicando termos específicos da ciência presentes em matérias veiculadas no *JC* (ALENCAR; GOMES, 2010).

Alberguini (2007) também investigou a cobertura de ciência do *Jornal da Cultura (JC)* e de outros telejornais brasileiros exibidos na TV aberta, o *Jornal da Band*, o *Jornal da Record*, o *SBT Brasil* e o *Jornal Nacional*. Os telejornais foram gravados em maio de 2005 e maio de 2006, e estudados utilizando um conjunto de metodologias qualitativas e quantitativas. Destacaremos apenas a presença de conteúdo de ciência nos telejornais estudados porque objetivamos mostrar a existência de cobertura de temas científicos nos telejornais brasileiros, de acordo com estudos acadêmicos publicados.

Segundo Alberguini (2007), o *Jornal da Cultura (JC)*, da Rede Cultura de Televisão, exibe sua programação em 30 minutos (contando os intervalos comerciais), de segunda à sábado, às 21h15. O programa pautou assuntos de CT&I em 11 matérias (das 44 identificadas em toda a amostra de telejornais estudados pela autora). Alberguini (2007) observou histórias de “interesse humano” (matérias sobre pessoas e/ou animais e que apelam às emoções) como o critério principal de noticiabilidade verificado no informativo (em 4 notícias). Esse critério sobressaiu em outros telejornais, entre eles, o *Jornal da Band*, que exibiu 3 notícias dentro dessa categoria de análise. O telejornal se destacou entre os demais noticiários analisados porque exibiu o maior número de notícias de CT&I no período estudado: veiculou 12 matérias relacionadas à ciência. O programa é exibido de segunda à sexta, na Rede Bandeirantes, às 19h20 e, aos sábados, às 19h50, e possui 55 minutos de duração contando os intervalos comerciais. Já o *JN* foi o segundo da lista (empatado com o *JC*), com 11 matérias de CT&I levadas ao ar. O *Jornal da Record*, assim como o *Jornal da Cultura* e o *Jornal da Band*, tem o “interesse humano” como o principal critério de noticiabilidade verificado no *corpus* estudado por Alberguini (2007), 2 das 7 matérias de CT&I identificadas ressaltam esse aspecto analisado. O *Jornal da Record* é transmitido em 30 minutos (contando os intervalos comerciais), de segunda à sexta, às 20h, e, aos sábados, às 19h45 na Rede Record (ALBERGUINI, 2007). O *SBT Brasil*, igualmente aos outros telejornais estudados por Alberguini (2007), inclui cobertura de ciência em sua programação. O noticiário do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) exibiu 3 matérias relativas ao tema no período estudado, duas delas abordando a “necessidade de conhecimento” (em torno do crescimento de áreas pessoais e econômicas ou sobre o desenvolvimento associado à criação de novas possibilidades de carreira). O *SBT Brasil*

tem 35 minutos (contando os intervalos comerciais) de duração (ALBERGUINI, 2007). Ele é veiculado às 19h45 todos os dias da semana, exceto aos domingos (SBT, 2018).

Programas em formato jornalístico, que não são telejornais mas exibem notícias de ciência, também possuem investigações sobre suas coberturas. Várias pesquisas desse tipo estudam o *Fantástico*, atração apresentada no tópico 2.2. Conhecemos vários outros programas nos tópicos anteriores, nos itens 2.3 e 2.2, onde apresentamos mais de 20 atrações temáticas em ciência com base em dados de pesquisas sobre vários programas, alguns bastante conhecidos (*Globo Repórter*, *Globo Rural*, *Bem Estar*, *Como Será?* e outros) por integrarem a programação da emissora de maior audiência do país, segundo o IBOPE (2018), a TV Globo.

O estudo de Rosa (2008) soma-se às pesquisas sobre programas em formato jornalístico que incluem ciência na programação. A autora examina a linguagem adotada no discurso do programa *Caminhos da Roça* na abordagem de matérias de ciência e tecnologia exibidas em 2006 na EPTV Ribeirão, afiliada da Rede Globo em Ribeirão Preto, em São Paulo. A pesquisadora aplica a metodologia de Análise de Discurso de linha Francesa (AD). Observa-se a presença constante de assuntos de C&T no programa e a ausência de um padrão de aprofundamento do tema, uma vez que a abordagem varia de edição para edição, segundo Rosa (2008). Ela destaca que o programa aborda a ciência em forma de tecnologia aplicada ao campo, além disso, percebe-se em *Caminhos da Roça* a predominância do emprego de linguagem clara e simplificada no tratamento de assuntos de ciência e tecnologia, e de um discurso ao mesmo tempo tecnológico, informativo e pedagógico (ROSA, 2008).

Alguns estudos que relacionam ciência e telejornalismo não estão centrados em programas específicos, mas em aspectos relativos à programação de determinada emissora. Esse é o caso da pesquisa de Ramalho (2005). Ele estuda a relevância da TV Universitária como meio de difusão do conhecimento e, para isso, elege como objeto de análise a TV FEMA, mantida pela Fundação Educacional do Município de Assis, e exibida para assinantes de TV a cabo em Assis (SP). A pesquisa discute o papel da TV Universitária na academia e indica a forma como o jornalista atua na mediação entre o conhecimento científico e o público, portanto, entre a universidade e a comunidade. O estudo inclui 125 participantes respondentes de um questionário contendo 19 perguntas, nove abertas e dez fechadas. Ao todo, 125 questionários compõem a pesquisa aplicada nos meses de junho a agosto de 2004. Os locais de distribuição compreendem o campus universitário para

respondentes professores, alunos e funcionários, alocados no centro da cidade e em 19 bairros de Assis (SP) com acesso a TV por assinatura. A amostra corresponde a “5% dos 2.500 domicílios com assinatura da TV a Cabo em Assis (SP), conforme informação da operadora do sistema na cidade” (RAMALHO, 2005, p.104). Os resultados mostram os telespectadores da TV FEMA entrevistados declarando preferência em assistir ao canal universitário ao invés de outros dois canais locais de TV a Cabo, contudo há rejeição à emissora por causa da baixa qualidade na programação e do sinal, e da repetição excessiva de conteúdo. Ramalho (2005) sugere, entre outras coisas, maior investimento em equipamentos e pessoal; a realização de um convênio com uma emissora pública para ampliação da diversidade de conteúdo do canal; e o estabelecimento de uma comunicação eficiente entre a comunidade científica e a equipe de produção da TV FEMA para que a emissora seja “reconhecida” e “respeitada” como “meio de difusão do conhecimento” (RAMALHO, 2005, p.107).

A pesquisa de Moreira (2007) igualmente à de Ramalho (2005) relaciona ciência e telejornalismo destacando aspectos relativos à programação de determinada emissora. Moreira (2007) analisou a produção de notícias relacionadas à questão ambiental na TV Integração, emissora afiliada da Rede Globo com sede em Uberlândia, Minas Gerais. O autor buscou o entendimento da percepção dos jornalistas sobre o meio ambiente e da relevância dada ao tema em comparação a outros assuntos transmitidos na emissora. Os jornalistas (15 dos 23 contratados da emissora) responderam a questionário com 13 indagações (5 perguntas abertas e 8 fechadas) sobre o perfil deles, as fontes utilizadas nas notícias etc. entre os dias 25 de novembro e 5 de dezembro de 2006. Moreira (2007) concluiu, diante dos dados coletados e analisados, a existência de espaço na programação para o surgimento de mais reportagens de meio ambiente, considerando-se que faz parte da rede de relacionamento dos jornalistas da emissora o contato com ambientalistas e outros profissionais da notícia, importantes fontes de informação para o surgimento de novas pautas de meio ambiente (MOREIRA, 2007).

A variedade de estudos publicados sobre programas de TV exibidores de conteúdo de ciência em formato jornalístico não finda entre os exemplos apresentados aqui. Outros encontram-se ao longo da dissertação porque ela divide-se por temas, por isso constam no capítulo três, no tópico 3.4, estudos de recepção de matérias de ciência exibidas em telejornais e, no tópico 3.5, aqueles envolvendo especificamente a terceira

idade. Por fim, no capítulo quatro mencionam-se no tópico 4.4 pesquisas de análise de conteúdo e de recepção relativas ao objeto desta dissertação, o *JN*.

É importante mencionar, ainda, a pesquisa Percepção Pública da Ciência, Tecnologia e Inovação de 2015, realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), que revela o interesse dos brasileiros em relação à ciência e tecnologia (C&T). A pesquisa de opinião quantitativa envolve 1962 participantes com 16 anos de idade ou mais de todas as regiões do Brasil. O resultado da resposta deles a um questionário com 105 perguntas realizado entre os dias 22/12/2014 e 16/3/2015 mostra que 61% dos brasileiros se declaram muito interessados ou interessados em C&T, superando, assim, o interesse em esportes (56%), moda (34%) e política (28%). A enquete do MCTI também aponta interesse de 78% dos brasileiros em meio ambiente, medicina e saúde, áreas relacionadas à ciência. No cenário internacional, o interesse de 61% dos brasileiros por ciência se sobressai em relação aos 53% declarados na União Europeia em 2013, por exemplo.

A pesquisa revela ainda a preferência nacional pela obtenção de conteúdo sobre ciência na televisão. Segundo o estudo, 21% dos brasileiros se informam sobre C&T na TV com muita frequência e 49% o fazem com pouca frequência. “A maioria dos brasileiros declara informar-se ‘nunca, ou quase nunca’ sobre C&T nos outros meios de comunicação investigados (jornais, revistas, livros, rádio e conversas com amigos)”, embora o estudo reconheça o “crescimento expressivo do uso da internet e das redes sociais” (de 23%, em 2006, para 48%, em 2015) como fonte de informação de C&T, segundo a enquete do MCTI (2015, p.6). Apesar do percentual de utilização da internet e das redes sociais com muita frequência (18%) ser próximo ao da televisão, como vimos, a TV mantém seu favoritismo. Ela representa um veículo de comunicação presente na maioria (97,1%) dos domicílios brasileiros (IBGE-PNAD, 2014), corresponde ao meio mais utilizado (desfrutado preferencialmente por nove em cada dez pessoas como 1ª, 2ª ou 3ª opção) (PBM 2014) e à fonte de informação prioritária dos brasileiros, pois 79% da população assiste TV para se informar (PBM 2015). É importante destacar ainda que a maior parte dos brasileiros (72%) assiste à TV aberta – o que justifica o nosso foco de estudo: o *Jornal Nacional*, exibido pela emissora de sinal aberto Rede Globo –, enquanto uma pequena parcela da população (26%) assiste TV por assinatura ou (23%) antena parabólica, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Outro dado relevante é o fato dos jornalistas representarem uma

das fontes de informação de ciência com maior credibilidade no país, ocupando a segunda posição no Índice de Confiança (IC) registrado em 2015 pelo MCTI. Em uma escala que vai de 0 a 1,0, o Índice de Confiança nos Jornalistas corresponde a 0,74. Os profissionais da imprensa perdem somente para os cientistas que possuem IC de 0,89, uma evidência de que o público considera os jornalistas capacitados para informar fatos do meio científico para a sociedade. O interesse nacional em C&T motivou estudos sobre a perspectiva do público em relação à ciência, como veremos a seguir.

3 AUDIÊNCIAS E ESTUDOS DE RECEPÇÃO

A televisão representa um meio de socialização, com os objetivos de informar, divertir e educar (VIDIGUEIRA; PAIVA, 2006), entre outras finalidades. A função de entretenimento e lazer atribuída à TV estabelece no meio televisivo o perfil predominante da programação e das expectativas de consumo de conteúdo por parte do público, de acordo com França (2009). O fato de vermos na TV programas de auditório, de comédia, novelas, séries e reality shows entre as variadas atrações do meio corrobora a afirmativa da autora. Por outro lado, ainda segundo França (2009), o jornalismo ocupa um espaço de destaque em muitas emissoras, reforçando, assim, a função informativa da TV. A exemplo disso, a Rede Globo disponibiliza em sua programação diversos telejornais exibidos para todo país (*Jornal Nacional, Jornal Hoje, Hora 1 da Notícia, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil*) e noticiários locais (*RJTV 1 e 2*, no Rio de Janeiro, *SPTV 1 e 2*, em São Paulo, entre outros, veiculados nos demais estados brasileiros), além de programas jornalísticos, muitos deles incluindo conteúdo de ciência e tecnologia (C&T) (*Bem Estar, Como Será?, Fantástico, Globo Repórter* e outros).

O estudo da recepção do público sobre os conteúdos veiculados em programas como esses ajuda na compreensão dos usos que a audiência, composta por diferentes grupos sociais, faz dos conteúdos da TV e de como esses grupos interpretam e se apropriam de tais conteúdos. As pesquisas podem também oferecer indícios sobre a imagem da ciência (e dos cientistas) compartilhada por diferentes grupos, já que a TV é a principal fonte sobre C&T para a população brasileira, como vimos na enquete do MCTI (2015) e veremos mais adiante ao retomar o assunto. Os estudos dos “usos” que cada receptor faz das mensagens com as quais tem contato através da mídia também revelam a atribuição de sentido dada pelo receptor ao conteúdo veiculado, essa é “a essência da ‘abordagem da recepção’, “situar a atribuição e a construção de sentido (derivado da mídia) junto ao receptor” (MCQUAIL, 2013, p.76).

Neste capítulo, trataremos brevemente de algumas teorias da comunicação que se dedicaram a estudar a relação entre meios de comunicação de massa e o público receptor, culminando com os estudos culturais de audiência e os estudos de recepção latino-americanos. Com isso, buscamos ilustrar como o público deixou de ser concebido como uma massa uniforme, passiva e facilmente manipulável, passando a ser encarado – em teorias mais recentes – como grupos heterogêneos, capazes de interpretar e dar sentidos

próprios a diferentes conteúdos. Em seguida, abordaremos dados fornecidos por enquetes nacionais a respeito das principais fontes de informação em C&T para a população, para, depois, tratarmos especificamente de alguns estudos envolvendo recepção de conteúdos de ciência e, em particular, entre idosos.

3.1. Os meios de comunicação de massa e seus públicos: uma perspectiva teórica

No início do século XX o surgimento de novos meios de comunicação de massa – como a TV, inventada na década de 1920 – motivou o desenvolvimento de pesquisas e teorias para explicar o fenômeno da comunicação. Diferentes abordagens teóricas se debruçaram sobre o processo comunicativo – algumas delas buscaram compreender mais especificamente o processo de recepção das mensagens. A seguir, abordaremos brevemente algumas teorias do campo da comunicação, sem a pretensão de esgotar o tema nem as reflexões que geraram.

A princípio, o público dos meios de comunicação de massa era concebido como passivo, homogêneo e manipulável. Estes receptores absorveriam o conteúdo tal como veiculado, sendo considerados, portanto, alienados diante das mensagens propagadas (FRANÇA, 2016). Tal pensamento colocava os meios de comunicação de massa na condição de emissores onipotentes. Eles iniciariam o processo comunicativo, ao emitirem a mensagem, e esta chegaria de forma linear, direta e indiferenciada até os receptores, ou seja, o público em geral (SOUZA, 1995). Dessa forma, a mídia onipotente, considerada instrumento de circulação de símbolos, injetaria sua ideologia no público, sem resistência por parte dele, pensamento conhecido como a Teoria da Agulha Hipodérmica, publicada pelo norte-americano Lasswell, em 1927, no livro *Propaganda Techniques in the World War* (MATTELART e MATTELART, 2011). Tal teoria, também chamada de Bala Mágica, em referência à capacidade da mensagem enviada pelo emissor atingir o receptor de igual forma (PENA, 2007), propôs a identificação dos efeitos dos meios de comunicação de massa sobre o público, que estaria imerso na sociedade de massa. Essa massa seria constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos, que não se conheceriam, estando separados no espaço e com pouca ou nenhuma possibilidade de exercerem ação ou influência recíproca (WOLF, 2003). O modelo comunicativo, dentro da Teoria da Agulha Hipodérmica, pode ser descrito pelo modelo desenvolvido por Shannon e

Weaver (1949), oriundo da Teoria da Informação: o circuito começa com uma “fonte”, que seleciona uma “mensagem”, a ser “transmitida, na forma de um sinal, através de um canal de comunicação, a um receptor”, que transforma “o sinal de volta em uma mensagem para um destino” (MCQUAIL, p.68, 2003). O ruído, neste caso, é a diferença entre a mensagem emitida e a recebida, ou seja, a existência de falha na comunicação, segundo o autor.

Embora com uma abordagem sociológica, os estudos desenvolvidos pelos teóricos da Escola de Frankfurt, conhecidos como Teoria Crítica, também concebiam o público dos meios de comunicação de massa como passivos e indiferenciados. Esses teóricos buscavam estudar a sociedade como um todo, onde estavam inseridos os meios de comunicação. A sociedade, ou seja, o público estaria subjugado à “Indústria Cultural” – conceito formulado por Horkheimer e Adorno em *A Dialética do Esclarecimento* (1947) –, aderindo de forma acrítica aos valores culturais impostos pelo capitalismo. Os meios de comunicação de massa, segundo a Teoria Crítica, seriam capazes de manipular o receptor, que é bombardeado a todo momento por produtos e conceitos padronizados.

No entanto, a capacidade de manipulação dos meios de massa foi questionada por outras correntes e teorias. A Teoria da Agulha Hipodérmica, por exemplo, sofreu contestação do Modelo dos Efeitos Limitados. Lazarsfeld, criador da teoria, estabeleceu as premissas da rejeição da mensagem quando esta entra em conflito com as normas do grupo, do consumo seletivo das mensagens e, conseqüentemente, da limitação dos efeitos da mídia (WOLF, 2003).

Lasswell, em 1948, sistematizou a forma considerada por ele adequada para descrever o ato comunicativo: responder às perguntas quem, diz o quê, para quem, através de que canal, com que efeito (WOLF, 2003). Os estudos em comunicação se concentrariam, então, em uma ou mais etapas do processo. As análises de audiências, por exemplo, recairiam no “para quem?” – ou seja, na recepção da mensagem (PENA, 2007), foco principal desta dissertação.

Em uma nova perspectiva do estudo dos efeitos, proposta por MCombs e Shaw em 1972, as pesquisas voltaram-se para a forma como as pessoas apreendiam as informações e formavam seu conhecimento sobre o mundo. Estes autores formularam a hipótese do agendamento (*Agenda-Setting*), segundo a qual os meios de comunicação não seriam capazes de determinar diretamente o que o público deve pensar, mas seriam capazes de definir sobre quais temas os públicos conversam (SHAW, 1979). Eles teriam, assim, o poder de determinar a pauta da agenda pública.

A hipótese do agendamento teria de levar em consideração a diferente capacidade de agendamento de cada meio de comunicação, a comparação dos agendamentos de grupos com interesses distintos em determinado tema abordado pela mídia, e o grau de influência de um tema estando ele relacionado ou não com a experiência cotidiana do público, como apontaram pesquisas realizadas nesses contextos (WOLF, 2003). Tais pesquisas indicaram limitações da *Agenda-Setting* diante da necessidade de comparação dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação (ou seja, seus agendamentos) com os conhecimentos do público sobre os assuntos veiculados (ou seja, com os agendamentos do público) (WOLF, 2003). O estudo dos efeitos em sua nova concepção, a proposta por MCombs e Shaw, declinaram porque a Teoria do Agendamento pressupôs uma transferência homogênea de uma agenda para outra, em conformidade com o modelo transmissivo da comunicação (o da Teoria da Agulha Hipodérmica).

A relativização do poder da mídia em relação ao público também pode ser percebida na Hipótese dos Usos e Gratificações, que inverte a questão de pesquisa: em vez de questionar o que os meios de comunicação fazem com seus públicos, essa hipótese propõe analisar o que os públicos fazem com os meios (MATELART; MATELART, 2011). “Os mass media são eficazes na medida em que o receptor lhes atribui tal eficácia, baseando-se precisamente na satisfação das necessidades” (WOLF, 2003, p.71). De acordo com essa hipótese, os receptores teriam um papel bastante ativo no circuito comunicativo.

Por sua vez, Stuart Hall, um dos expoentes dos estudos culturais de audiências, escreveu um artigo que virou referência para os estudos de recepção: “Encoding and decoding in the television discourse” (1973), no qual abordava o processo de codificação e decodificação da mensagem dos meios de comunicação de massa. Ele propôs que “o sentido pretendido está incorporado (codificado) no conteúdo simbólico de formas abertas e ocultas, às quais é difícil resistir”, mas o receptor tem “a possibilidade de rejeitar ou reiterar a mensagem pretendida” (MCQUAIL, 2013, p.77). Esse pensamento considera a interpretação das mensagens recebidas, por isso corrobora com o entendimento mais atual da recepção, na qual o receptor passou a ser visto como ativo – o telespectador, nessa perspectiva, não é considerado uma massa homogênea, ele tem uma bagagem cultural formada por experiências, saberes, desejos e valores, que reverberam no sentido dado pelos indivíduos à mensagem recebida (JACKS, 1999).

Muitos dos questionamentos presentes no trabalho de Hall estão em sintonia com premissas dos Estudos de Recepção Latino-Americanos, que têm o teórico Jesús Martín-

Barbero como um de seus principais expoentes. Na obra *De los medios a las mediaciones, Comunicación, cultura y hegemonía* (1987), Martín-Barbero introduz a Teoria das Mediações, que aponta a relevância das mediações culturais no processo de construção de sentido de diferentes grupos de telespectadores em torno das mensagens dos meios de comunicação. Martín-Barbero aponta ainda que o processo de recepção de uma mensagem ou conteúdo não se limita apenas ao momento de exposição à mensagem: esse processo começaria antes e terminaria depois, pois as mediações estão atuando constantemente no dia a dia dos públicos e as mensagens ganham novos sentidos quando circulam entre os indivíduos.

O público, assim, passa da condição de manipulável e passivo para sujeitos com capacidade crítica. O público é heterogêneo, capaz de se apropriar das mensagens recebidas dando a elas sentido próprio, de acordo com seu repertório cultural e experiências individuais. A recepção ganhou o entendimento de interação mediada a partir de diversas fontes e contextualizada material, cognitiva e emocionalmente (GÓMEZ, 2001). Nesse momento, entende-se a existência de negociação dos sujeitos com a mídia, resultando em apropriações variadas que vão desde a reprodução até a resistência e a contestação (GÓMEZ, 2001). Partindo desse entendimento, a presente pesquisa propõe investigar a recepção de matérias de ciência do *Jornal Nacional* por um recorte específico de telespectadores do programa: mulheres idosas de classe média.

3.2. As fontes de informação em ciência e tecnologia

O público do noticiário científico televisivo aparece em pesquisas na década de 1950, quando adultos norte-americanos foram entrevistados em um estudo realizado em 1957, nos Estados Unidos, pelo Centro de Pesquisas da Universidade de Michigan, para a *National Association of Science Writers*, segundo Krieghbaum (1967). A pesquisa mostrou que 75,6% dos 1919 entrevistados se lembraram de alguma notícia de ciência ou medicina. Em relação às notícias de ciência, em particular, 21,5% dos participantes do estudo recordaram-se especificamente daquelas veiculadas na televisão e 65,4% em outros meios (jornal, revista e rádio). Sobre as matérias de medicina, especificamente, a pesquisa revelou que 25% dos entrevistados se lembraram daquelas veiculadas na TV, 86,8% em outros meios. Vale ressaltar que os participantes poderiam se lembrar de notícias de ciência

vistas em mais de um veículo, por isso a soma das porcentagens supera os 100% (KRIEGHBAUM, 1967).

A *National Science Foundation (NSF)*, dos Estados Unidos, uma das primeiras instituições a medir a percepção do público, publica o relatório bianual *Science and Engineering Indicators*, desde 1993. Entre outras informações, o relatório oferece dados sobre atitudes e compreensão pública da ciência e tecnologia, o que inclui dados sobre as principais fontes de informações dos cidadãos para assuntos de ciência e tecnologia. Segundo a NSF, em 2001, a televisão era a fonte principal de temas de C&T da população norte-americana (apontada por 44% dos respondentes), seguida pelos jornais impressos (16%) e pela internet (9%). Em 2004, a internet ultrapassou os jornais impressos e passou a ocupar o segundo lugar como principal fonte, ainda atrás da televisão. A partir de 2010, no entanto, a internet passou a ocupar o primeiro lugar no ranking de principais fontes de ciência e tecnologia para o público norte-americano (apontado por 35% da população), seguido pela televisão (34%) e pelos jornais impressos (6%). A tendência de ascensão da internet se manteve até 2016 (última pesquisa disponível): ela é a principal fonte de C&T para 55% dos respondentes, seguida pela TV (24%) e pelos jornais (4%).

O estudo *Scientific research in the media*, realizado em 2007 pelo setor de pesquisa de opinião pública da União Europeia, chamado Eurobarômetro, identificou a TV como a principal fonte de informação sobre temas científicos para os cidadãos dos países membros da União Europeia participantes do estudo. Sessenta e um por cento dos entrevistados afirmaram assistir a programas de TV sobre C&T regularmente ou ocasionalmente, superando outros meios citados por eles, como jornal impresso e revistas generalistas (49%), internet (28%), rádio (26%) e imprensa especializada em C&T (22%).

No Brasil, a Pesquisa de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia, realizada pelo então Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e apresentada no tópico 2.3 dessa dissertação, aponta a busca de informação sobre C&T por parte dos brasileiros, preferencialmente, na TV e raramente em outros meios de comunicação investigados (como jornal, revista, livro, rádio e conversas com amigos), embora o estudo aponte o uso crescente da internet para este fim, segundo a enquete do MCTI (2015).

Assim, as pesquisas mais recentes – estrangeiras e a brasileira – apresentadas mostram a TV e a internet como principais fontes de informação sobre ciência para o público. Os estudos sugerem no contexto brasileiro e internacional, dadas as devidas limitações de cada investigação, a relevância das matérias televisivas de ciência para os

indivíduos como consumidores de conteúdo e para a academia como objeto de estudo no âmbito da recepção.

3.3 Estudos de recepção em ciência e telejornalismo

Estudos de recepção envolvendo especificamente a ciência no telejornalismo apontam a perspectiva do público a respeito do conteúdo de ciência noticiado e dos sentidos que os telespectadores dão às mensagens televisivas com as quais têm contato. Identificamos algumas investigações realizadas especificamente a respeito do assunto.

As autoras Araújo e Araújo (2013) analisaram o Globo Repórter, programa jornalístico da Rede Globo, exibido às sextas-feiras, à noite. O estudo concentrou-se nos âmbitos da produção e recepção de edições temáticas em saúde. Profissionais do programa foram entrevistados em profundidade com o objetivo de saber, entre outras coisas, quais as informações de saúde que fazem parte da programação, onde, com quem e de que modo elas são obtidas (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013).

O corpus analítico ampliado do estudo englobou 33 programas entre os 90 veiculados de 2009 a 2010. As pesquisadoras analisaram a produção do telejornal observando o tratamento de cada tema, a visão do programa a respeito da saúde e quais eram os discursos convocados (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013). O corpus reduzido envolveu quatro edições (Como viver bem até os 100 anos?; Mistérios do Cérebro; Dieta Mediterrânea; e Especial 35 anos – Saúde) para análise do discurso, selecionadas em consideração aos temas mais recorrentes (alimentação, atividade física e comportamentos considerados capazes de melhorar ou piorar a qualidade de vida e as condições de saúde) (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013).

Telespectadores do Globo Repórter (oito do RJ e oito de Aracajú) selecionados a partir do perfil da audiência do programa (formada principalmente pela classe C e por mulheres de 25 a 39 anos ou com mais de 50 anos) e a partir do conceito de segregação das classes sociais foram distribuídos em quatro grupos. Eles integraram o estudo para cartografar redes de produção dos sentidos, para isso, foram construídos mapas do mercado simbólico da saúde, que permitiram a identificação de discursos, fontes e fluxos de comunicação. Por fim, as redes de compartilhamento dos participantes dos grupos foram

mapeadas para conhecer a resignificação e apropriação das informações pelos telespectadores (ARAÚJO; ARAÚJO, p.8, 2013).

Observou-se que o “segmento da população que no mapa do mercado simbólico foi considerado ponto de recepção e processamento dos sentidos, no mapa de circulação passou a ser fonte emanadora de discursos, que circulam por outros universos simbólicos” (ARAÚJO; ARAÚJO, p.8, 2013). Os resultados do estudo apontaram para um discurso da promoção da saúde centrado na ideia do risco, do cuidado de si, da qualidade de vida, do envelhecimento ativo, da alimentação e da atividade física. Por outro lado, o discurso abordou uma perspectiva ‘preventivista’ ao responsabilizar cada indivíduo pelos hábitos saudáveis. Nessa visão, ter saúde seria uma escolha individual, partindo do pressuposto ‘de que só não tem saúde quem não quer’, ponto de vista que, segundo as pesquisadoras, desconsiderou o contexto ao qual o indivíduo estava inserido. (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013). Em relação às redes de compartilhamento dos discursos, as autoras acreditam que as redes transformaram os discursos quando eles foram consumidos e apropriados, o mesmo aconteceu com a forma como as pessoas se relacionaram, nesse caso, com a saúde (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013).

A pesquisa relatada evidencia, no recorte estudado, que as reportagens de ciência temáticas em saúde, veiculadas no Globo Repórter, adquiriram sentido próprio, aquele dado pelas pessoas que consumiram e se apropriaram das informações com as quais tiveram contato ao assistir ao programa jornalístico. Isso mudou a forma como os telespectadores estudados se relacionaram com a saúde.

O resultado da pesquisa reitera que os receptores aplicam diferentes leituras ao conteúdo midiático se valendo das próprias experiências e perspectivas, pensamento que reflete ideias de Stuart Hall sobre o processo comunicativo descrito nos estudos do teórico a respeito da codificação e decodificação de mensagens da mídia (MCQUAIL, 2013).

A “primazia do receptor na determinação de sentido”, um dos princípios da teoria proposta por Hall em sua análise de audiência (MCQUAIL, p.77, 2013), também está muito presente nos resultados de mais um estudo brasileiro. Gouvêa e Coutinho (2016) desenvolveram de 2012 a 2015 uma análise da cobertura televisiva do câncer com o objetivo de verificar se os significados produzidos pela mídia televisiva na abordagem jornalística do tema correspondem aos vivenciados por portadores da doença. A pesquisa envolveu: produtos midiáticos diversos; observação não participante de reuniões de tratamento de câncer de mama, realizadas em um hospital oncológico da cidade de Juiz de

Fora, em Minas Gerais, o Ascomcer, uma instituição filantrópica, tradicional no município, na qual a maioria dos atendimentos provinha do SUS; entrevistas semiestruturadas com profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos e assistentes sociais empenhados no tratamento multiprofissional contra o câncer) do hospital Ascomcer; além de diálogos em grupo de discussão com pacientes em diferentes fases de tratamento e ex-pacientes da unidade, todas mulheres, diagnosticadas com câncer de mama, que frequentavam as reuniões de tratamento da enfermidade na instituição, tendo superado ou não a doença. Os pesquisadores do estudo analisaram os sentidos, as impressões e as percepções do grupo estudado em cerca de seis meses de visitas periódicas ao hospital, um total de mais de 20 visitas entre os meses de julho de 2014 e janeiro de 2015 (GOUVÊA; COUTINHO, 2016).

O contato com as integrantes do estudo na observação não participante mostrou a importância delas serem ouvidas tanto entre aqueles com quem elas convivem quanto em espaço de ampla visibilidade como a TV. Em relação à televisão, uma das participantes observadas citou uma matéria do *Jornal Nacional*, na qual uma família inteira de uma pessoa com câncer raspou a cabeça em solidariedade à paciente e os cabelos cortados foram doados, possivelmente, para a confecção de perucas destinadas às pessoas em tratamento da doença. Um outro fato televisivo repercutiu nas reuniões no Ascomcer. Uma paciente do hospital foi personagem principal de uma edição do *Bem Estar*, da Rede Globo, gravada na unidade de tratamento, e assistida pelo grupo em um dos encontros. Relatos observados nesta etapa do estudo evidenciaram, segundo os pesquisadores, que a superação das mulheres diagnosticadas com câncer poderia estimular outras pessoas em situação semelhante a lidarem com a doença e com as experiências vivenciadas por elas em decorrência da enfermidade, o que contribuiria na modificação do modo como as pessoas veem o câncer na sociedade (GOUVÊA; COUTINHO, 2016). Logo, os pesquisadores apontaram a importância dos pacientes serem ouvidos e entrevistados em produtos jornalísticos.

Os resultados da pesquisa mostraram, no relato das participantes, certa exclusão ou marginalização social das pessoas com câncer pelo fato de terem desenvolvido a doença, mesmo ela sendo de caráter crônico, não epidêmico e não contagioso. Em razão disso, os autores da pesquisa sugerem a necessidade do jornalismo dar voz a essa questão para auxiliar no combate ao preconceito relacionado ao câncer e, dessa forma, ajudar pacientes a aceitarem a doença, sem quererem fugir ou se esconderem. Em relação aos sentidos que

são mediados pela TV, de acordo com o estudo, “a imprensa assume uma função preponderante para desmistificar o assunto [câncer]; mas, para isso, precisa encontrar uma fórmula, um modo de fazer que dê conta das complexidades inerentes a esse tipo de cobertura” (GOUVÊA; COUTINHO, p.5, 2016).

As duas últimas pesquisas citadas, envolvendo recepção, ciência e telejornalismo, as de Araújo e Araújo (2013) e de Gouvêa e Coutinho (2016), evidenciam um público ativo, que assiste notícias de ciência na TV e atribui sentido às mensagens no contexto da vida cotidiana. Esse pensamento vai ao encontro das ideias de Martín-Barbero sobre a recepção. Ele se opunha ao pensamento iluminista de que o receptor seria ‘uma tábua rasa’, “um recipiente vazio para depositar os conhecimentos originados, ou produzidos, em outro lugar” (MARTÍN-BARBERO, p.41, 1995). O autor entende o processo de recepção como de interação, de negociação de sentido. Em conformidade a essa perspectiva, vimos nos estudos de Araújo e Araújo (2013) e de Gouvêa e Coutinho (2016), o público atribuindo sentido às mensagens recebidas da mídia, demonstrando, assim, uma posição ativa no circuito comunicativo, em linha com os chamados estudos de recepção.

3.4. A terceira idade nas pesquisas

A expectativa de vida dos brasileiros aumentou mais de 30 anos de 1940 a 2016. Atualmente, as pessoas vivem em média 75,8 anos, segundo dados do IBGE divulgados em dezembro de 2017. Acredita-se que o número de idosos cresça nas próximas décadas, passando de 12,3% (900 milhões) para 21,5% (2 bilhões) da população do país em 2050. Se essa expectativa da OMS se confirmar, o Brasil será uma nação de idosos, assim classificada quando mais de 14% da população de um país constitui-se de pessoas com mais de 60 anos de idade. O envelhecimento iminente dos indivíduos reforça a necessidade de atenção a esse grupo etário – justamente a parcela da população que tem uma relação histórica com a TV, já que os atuais idosos viveram no período que compreende todas as fases da TV brasileira nesses 68 anos de existência. O estudo com essa faixa de público pode, assim, viabilizar relatos únicos, que somente quem vivenciou o surgimento e desenvolvimento da TV ao longo das últimas décadas poderia dar a respeito da recepção de conteúdos desta mídia.

Indivíduos da terceira idade, além de ter presenciado a história da TV brasileira,

representam parte relevante da audiência do meio. Os telespectadores de 50 a 64 anos correspondem a 17% da audiência desse meio de comunicação e as pessoas acima de 64 anos, 9%, de acordo com a pesquisa Mídia Dados Brasil (2017). Apesar disso, idosos geralmente aparecem pouco representados em estudos de recepção, principalmente no contexto da ciência, tecnologia e saúde, relacionadas ao telejornalismo, circunstância que aumenta a relevância dessa dissertação.

Costa (2015) desenvolveu um estudo de recepção com adultos e idosos de 30 a 80 anos de idade com o objetivo de saber as expectativas e necessidades do público estudado ao assistir a notícias de telejornal em tecnologia móvel, no celular. O grupo entrevistado enquadrou-se no seguinte perfil: nível de escolaridade do primeiro grau incompleto ao superior completo e com poder aquisitivo de 800 a 17.000 reais mensais. O estudo exploratório, etnográfico e qualitativo foi realizado no período de meados de 2013 até o início de 2014.

A pesquisa de Costa (2015) incluiu a exibição de três reportagens do *Jornal Nacional*, de aproximadamente um minuto e meio de duração, veiculadas nos dias 10, 11 e 14 de junho de 2013. A escolha das edições e dos temas foi feita de forma aleatória, segundo o autor. Os assuntos factuais abordados foram de cunho ambiental e político: “seca em São Paulo”; “espionagem americana” e “encontro de cúpula dos BRICS”. Os resultados da pesquisa de Costa (2015) mostraram que dos 33 integrantes do estudo, 8% consideraram agradável a assistência às matérias no celular e todos (100%) os entrevistados declararam a ausência de dificuldades em compreender as informações das notícias. Em contrapartida, 3% questionaram o tamanho da tela para a visualização das imagens, 19% disseram não compreender integralmente o infográfico nem ler as legendas e outros caracteres. Além disso, 2% informaram que conseguiram ler parcialmente o conteúdo (COSTA, 2015). Vale mencionar que o autor não especifica o número absoluto de idosos nem o de adultos entre os 33 integrantes da pesquisa.

O grupo de adultos e idosos do estudo demonstrou nas entrevistas uso habitual de dispositivos móveis para assistir conteúdo televisivo, mas a frequência de utilização da tecnologia diminuiu conforme o aumento da faixa etária, de acordo com Costa (2015). As entrevistas evidenciaram “que celulares e tablets e até mesmo os aparelhos receptores instalados nos carros são uma comodidade para os receptores e uma chance dos produtores alcançarem e até ampliarem a recepção” (COSTA, p.14, 2015). Por outro lado, segundo Costa (2015), apesar da maior parte dos entrevistados considerarem agradável a assistência

às reportagens nos dispositivos móveis, a tecnologia precisa de adequações dos planos de enquadramento, nos infográficos, nos caracteres e nas legendas de identificação para a inteligibilidade da mensagem em pequenas telas e para não ocasionar um distanciamento da tecnologia, principalmente, do público adulto e idoso (COSTA, p.14, 2015).

O relacionamento estabelecido do público idoso com o celular, ao se predispor a assistir a reportagens de TV na tecnologia mobile, demonstrou uma capacidade de adaptação de pessoas mais velhas ao tempo atual, principalmente se pensarmos na internet como transformadora da forma como as pessoas veem TV e se informam sobre ciência, uma vez que presenciamos na atualidade um crescimento do uso da internet e das redes sociais (de 23%, em 2006, para 48%, em 2015) como fonte de informação de C&T, segundo a enquete do MCTI (2015).

A recepção de matérias exibidas na TV entre idosos motivou uma investigação com um grupo habituado a realizar atividade física em prol de uma vida saudável, almejada especialmente em uma fase em que a saúde se torna um tema muito presente no cotidiano dessas pessoas em razão das enfermidades recorrentes relacionadas ao envelhecimento. Matérias temáticas em saúde e em atividade física, qualidade de vida, lazer e mercado consumidor foram exibidas por Rubert (2003) para um grupo de 15 idosos, com idade entre 59 e 74 anos (média de 64 anos), integrantes de programas de ginástica para a 3ª idade do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. O estudo de recepção examinou as relações entre o discurso midiático relativo aos temas citados e as representações de tais assuntos para os idosos participantes da pesquisa, escolhidos por conveniência. Depois de assistirem ao vídeo, editado com trechos de matérias, que utilizavam a imagem de idosos associada aos temas propostos, os participantes agrupados em trios, por afinidade, foram submetidos à entrevista coletiva, a partir de um roteiro semiestruturado. As respostas gravadas em áudio foram categorizadas para análise do material. As categorias extraídas do conteúdo das entrevistas foram correlacionadas a estudos teóricos de referência no tema (RUBERT, 2003).

Os idosos investigados, em sua maioria, (53%) tinham o ensino fundamental completo ou incompleto e uma pequena parte deles (20%) concluíram o ensino superior. O grupo estudado situou a televisão como uma parceira em seu cotidiano, assumindo, portanto, um papel em suas vidas muito além de um veículo de comunicação e de entretenimento no tempo livre. A TV seria uma companheira mantida ligada na maior parte do tempo e, provavelmente, dividiria a atenção dada a ela com outras atividades

desempenhadas pelo público enquanto ele acompanha uma programação (RUBERT, 2003).

Os entrevistados (100%) disseram que os telejornais são os gêneros televisivos mais frequentemente assistidos por eles, superando, assim, as novelas e os programas de variedade, presentes em 46% das respostas, e as atrações esportivas e rurais, com poucas citações. Os sujeitos pesquisados manifestaram preferência (73,3%) em assistir à Rede Globo (RUBERT, 2003), emissora do programa jornalístico analisado na presente pesquisa de recepção, como veremos no capítulo quatro.

Em relação às reportagens, os idosos identificaram a existência do discurso relativo à prática de atividade física ou esportiva, o consideraram ‘importante’ e ‘verdadeiro’ por entenderem a utilidade de cada atividade, principalmente se associada à saúde na terceira idade. Muitos dos participantes da pesquisa avaliaram o esporte como importante, pois ele proporcionaria saúde, qualidade de vida, integração e lazer. Todos os investigados consideraram a atividade física como uma promotora de saúde e mais da metade deles atribuíram importância ao papel da mídia como fomentadora da prática de exercícios, especialmente para eles conhecerem os benefícios e obterem orientações a respeito. Na visão dessas pessoas, a mídia adota um discurso a favor da atividade física, uma postura, tida por elas como positiva (RUBERT, 2003). Os idosos entrevistados demonstraram se sentir representados na mídia – apenas uma pequena parcela dos integrantes do estudo consideraram uma ausência de programas específicos para eles na TV (RUBERT, 2003).

Em ambos os estudos de recepção apresentados, temáticos em ciência, seja em tecnologia, no caso do estudo de inteligibilidade mobile, de Costa (2015), ou em saúde, em relação à pesquisa referente a atividade física, de Rubert (2003), os idosos tiveram suas percepções sobre notícias de ciência em telejornais representadas. O universo pesquisado envolveu matérias de cunho ambiental e político – exibidas no celular para os participantes da terceira idade – e matérias de saúde e temas correlacionados (atividade física, qualidade de vida, lazer), veiculadas para os idosos dos programas de ginástica. Contudo, pudemos observar mais do que a recepção do conteúdo das notícias por parte dos grupos estudados: vimos o papel da televisão e do jornalismo na vida dos entrevistados e a relevância da ciência no cotidiano deles. Com esta dissertação, buscamos contribuir para ampliar esta literatura, enriquecendo a reflexão sobre um público pouco representado – a terceira idade – nos estudos de recepção, envolvendo uma temática também pouco explorada: a ciência e tecnologia.

4 O JORNAL NACIONAL

4.1 A inauguração da Rede Globo

Embora as primeiras emissoras de TV do Brasil tenham surgido na década de 1950, foi na década seguinte que a televisão começou a se consolidar no país, com o barateamento dos aparelhos, o que permitiu que uma parcela maior da população – além da classe mais alta – pudesse ter acesso ao veículo de comunicação (AMORIM, 2008). A TV Globo foi inaugurada em 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, no canal 4, em plena ditadura militar, que durou de 1964 a 1985. Quatro anos após sua criação, a TV Globo lançaria o *Jornal Nacional*, informativo mais longevo da TV brasileira.

Os primeiros anos de existência da Rede Globo foram marcados por uma rápida modernização, viabilizada, entre outros fatores, por contratos firmados com a norte-americana Time-Life. O acordo entre a empresa brasileira e a estrangeira estabelecia que o Grupo Time-Life daria à Globo:

“apoio técnico na implantação de moderna administração, daria novos métodos e habilidades em programação, novos programas, atividades de interesse público, controle financeiro, orçamentário e contábil, desenvolvimento e especificações de equipamentos, engenharia, treinamento e dimensionamento da equipe, organização comercial, técnica e administrativa e o funcionamento de uma estação de TV” (JAMBEIRO, 2002, p.97-98).

A TV Globo teve o investimento de aproximadamente 6 milhões de dólares para a compra de equipamentos e infraestrutura. Em contrapartida, a Time-Life obteve 45% de participação em todos os lucros recebidos pelo funcionamento da emissora (DULLES, 1980, p.290 apud MATTOS, 2002). Tal parceria foi considerada ilegal, pois feria o artigo 160 da Constituição brasileira, que proibia a participação de capital estrangeiro na gestão ou propriedade de empresas de comunicação. Iniciou-se, então, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o caso (FILHO, 2004). Em depoimento à CPI, o fundador da emissora, Roberto Marinho, disse que sua empresa assinou dois contratos com a Time-Life em 1962, sendo um de assistência técnica (envio de profissional de contabilidade à TV Globo e treinamento da equipe da emissora em operação técnica) e o outro de financiamento, mas nenhum dos documentos assegurava à Time-Life direito de direção ou propriedade da Globo. Ainda de acordo com Marinho, o segundo contrato não se concretizou. Os argumentos do empresário não convenceram os parlamentares da CPI,

pois eles entenderam que a empresa norte-americana estaria participando da orientação intelectual e administrativa da empresa brasileira, então, apresentaram um parecer desfavorável à Globo. A decisão, no entanto, foi derrubada no ano seguinte. Em 1967, o consultor-geral da República Adroaldo Mesquita da Costa emitiu um novo parecer contrário ao anterior, avaliando não haver sociedade entre a Globo e a Time-Life (MEMÓRIA GLOBO, 2017). Contudo, a resolução definitiva do caso ocorreu somente em 2011 com o surgimento da Comissão Nacional da Verdade, empenhada em esclarecer fatos ocorridos durante a ditadura militar. Os investigadores concluíram a existência de favorecimento da TV Globo nos anos de autoritarismo. De acordo com o portal “Memórias da Ditadura”, criado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República durante o Governo de Dilma Rousseff, a Rede Globo foi aliada do governo militar e os acordos da empresa brasileira com a Time-Life foram exemplos de como a emissora teria sido beneficiada pelo regime ditatorial.

“A TV foi a arma utilizada pelo governo militar para alcançar a integração nacional, e ela se valeu desse poder para se desenvolver. Aliada estratégica, a Rede Globo desempenharia um papel fundamental na consolidação do regime no Brasil. Entre 1965 e 1982, o grupo de Roberto Marinho passou de detentor de uma única concessão de televisão, no Rio de Janeiro, à condição de quarta maior rede de TV do mundo. Isso foi possível com a ajuda do governo militar, que fez vista grossa à entrada de capital estrangeiro na empresa, o que era proibido por lei. O acordo com o grupo Time Life possibilitou uma ajuda financeira importante para a criação do modelo Globo de programação e a definição da estética televisiva do país” (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2017).

Em entrevista à *Folha de São Paulo*, em 1988, Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, admitiu apoio ao militarismo mas negou a obtenção de favores, referindo-se à concessão da TV Globo dada pelo governo. No texto do jornal reproduzido no *site* Memória Globo, há a seguinte afirmação: “As duas únicas concessões foram outorgadas antes do período militar: a primeira em 1957, pelo presidente Juscelino Kubitschek, para a Globo do Rio, e a segunda em 1962, por João Goulart, para o canal da emissora em Brasília” (MEMÓRIA GLOBO, 2017). O desdobramento do caso Globo/Time-Life não foi o único a levantar controvérsias envolvendo a imagem da emissora. Ela enfrenta críticas de manipulação de conteúdo desde a edição do debate presidencial entre os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo, considerada decisiva para a eleição de Collor em 1989. Em razão deste episódio em particular, houve o afastamento do diretor da Central Globo de Jornalismo, no cargo de

1966 a 1990, justamente Armando Nogueira, o criador do *Jornal Nacional* em tempos de ditadura (MEMORIA GLOBO, 2004).

4.2. O contexto político da época

O período governado pelos militares no Brasil foi marcado pela supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos posicionamentos contrários aos dos detentores do poder.

“O governo silenciou de forma cruel e desumana, aqueles que poderiam vir a exercer qualquer ação conscientizadora a respeito da realidade brasileira e suas contradições. Formadores de opinião contrários à política do governo foram ameaçados, agredidos e neutralizados; havendo redução do senso crítico e uma multiplicação de pânico e ansiedade” (FERRARI, PEREIRA, FERNANDES, 2009, p. 2).

O Estado se impôs sob a forma de violência, censura, repressão, exílio, prisão, tortura e diversas outras maneiras de coerção da sociedade para estabelecer seu monopólio intelectual sobre a população, composta por pessoas com funções e pensamentos diferentes (FERRARI, PEREIRA, FERNANDES, 2009).

O governo censurava a imprensa e os meios de comunicação. Essa intervenção governamental acontecia por meio de comunicações oficiais, memorandos ou telefonemas, das autoridades militares aos proprietários de empresas jornalísticas, contendo recomendações ou objeções a respeito do conteúdo de determinadas matérias. Nos casos mais dramáticos, censores atuavam dentro das redações ordenando o que poderia ou não ser veiculado, na chamada censura prévia instituída pelo governo. Todas as emissoras de televisão brasileiras eram obrigadas a exibir o certificado de liberação da atração antes de cada programa (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

Na época do autoritarismo, a TV Excelsior, concorrente da Globo, enfrentou problemas com a censura.

“Programas como os de Moacir Franco, de Derci Gonçalves e de Costinha ficaram muito visados, os textos das novelas eram constantemente censurados e algumas tiveram que ser transferidas para depois das 22 horas. Como uma forma de denúncia, os trechos cortados dos programas não eram reeditados, em seu lugar apareciam bonequinhos animados com a boca e os ouvidos tapados e a legenda ‘censurado’” (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2017).

A paulista TV Excelsior, lançada em 1960, conhecida pela produção de telenovelas e um padrão de notícias inaugurado no *Jornal de Vanguarda*, teve a concessão cassada em 1970 pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) segundo as alegações de desrespeito às normas do Código de Telecomunicações, a insolvência financeira e o atraso no pagamento de compromissos trabalhistas (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2017). A TV Tupi passou pela mesma situação ao enfrentar dificuldades financeiras, que originaram greves de funcionários e interrupções na programação. O Dentel tirou do ar a primeira emissora de TV da América Latina em 1980, durante o governo do general João Figueiredo. Findou-se assim, a história da primeira emissora de TV do Brasil, pertencente a Assis Chateaubriand, dono da cadeia de comunicação Diários Associados. Na ‘inventora da TV Brasileira’ surgiram a telenovela, os programas de auditório, os shows de perguntas e respostas (SILVA, 2004) e o telejornal, no pioneirismo de *Imagens do Dia* (PENA, 2005) e o mais importante noticiário do período, o *Repórter Esso* (RESENDE, 2000). Sem a concorrência da Excelsior e da Tupi, a Globo ganhou espaço.

A emissora investiu na teledramaturgia e no telejornalismo. Atualmente, produz por ano três mil horas de jornalismo e duas mil e quinhentas horas de entretenimento, o equivalente a 1250 filmes de longa-metragem ao ano, tornando-se uma das maiores redes de televisão do mundo. A empresa possui reconhecimento internacional, recebeu 12 prêmios Emmy, entre eles, os de Melhor Telenovela (*Caminho das Índias*, *Laços de Sangue*, *O Astro*, *Lado a Lado* e *Jóia Rara*), Melhor Série de Humor (*A Mulher Invisível*), Melhor Atriz (Fernanda Montenegro em *Dona Picucha* no especial *Doce de Mãe*) e Melhor Reportagem (*Jornal Nacional*) (GRUPO GLOBO, 2017).

A TV Globo possui participação em território nacional por meio da distribuição de conteúdo em cinco emissoras próprias – localizadas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas Gerais, em Pernambuco e no Distrito Federal, em Brasília – e 118 afiliadas – situadas nos demais estados brasileiros. A ampla cobertura transforma a Globo em uma Rede com a transmissão simultânea da programação em todo o Brasil, precisamente, em 5.490 municípios. A Rede Globo também atua no exterior com presença em mais de 100 países (MEMÓRIA ROBERTO MARINHO, 2017). Representa no âmbito internacional a segunda maior emissora de TV do mundo em renda comercial, atrás somente da norte-americana ABC (TOLIPAN, 2012). O Grupo Globo – formado pela TV Globo, Globo Internacional, Globo Filmes, Globosat, Infoglobo, Editora Globo, Som Livre, Sistema

Globo de Rádio, Zap e Globo.com (GRUPO GLOBO, 2017) – ocupa a 19ª posição no *ranking* dos maiores conglomerados de mídia no mundo, sendo o único brasileiro da lista da Zenith Top Thirty Global Media Owners 2017 (ZENITH, 2017).

Especificamente no telejornalismo, a TV Globo iniciou suas atividades com o *Tele Globo* no lançamento da emissora, em 1965. O noticiário exibido em duas edições de trinta minutos ia ao ar diariamente às 12h30 e de segunda à sábado, inicialmente, às 19h e, depois, às 19h30. No horário vespertino, destacavam-se temas leves, de cultura e entretenimento e à noite assuntos mais sérios da cobertura nacional e internacional. Em 1966, o programa passou a ter uma única edição, de segunda a sábado às 13h, e deixou de ser transmitido no mesmo ano. Outros informativos surgiram naquele ano. Na época, o *Manchete* exibiu durante quase um mês um resumo dos principais fatos do dia, de segunda à sexta, à meia noite. O *Ultranotícias* apresentava um panorama das principais notícias brasileiras e internacionais, inicialmente em duas edições, uma à tarde e outra à noite. Depois de um ano no ar, ele foi suprimido pelo *Jornal da Globo*, um noticiário de 15 minutos de duração veiculado de segunda à sábado às 19h45, de março de 1967 a setembro de 1969, quando estreia um novo noticiário (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

4.3 As características do telejornal

A proposta de criação de um telejornal de alcance em todo o país e, provavelmente, o patrocínio do Banco Nacional inspiraram o nome do vindouro programa jornalístico. O *Jornal Nacional (JN)* nasceu como o primeiro programa de alcance nacional e também o primeiro telejornal em rede do país. A criação de Armando Nogueira estreou no dia 1º de setembro 1969, no horário nobre, às 19h45, em canal aberto, o 4, na TV Globo. Inicialmente com quinze minutos de duração, o programa transmitido de segunda-feira a sábado surge com a proposta de uma programação de notícias nacionais e internacionais. Os dois apresentadores, Hilton Gomes e Cid Moreira, liam alternadamente e de forma ágil as manchetes, em geral curtas e fortes (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

A produção de uma linguagem jornalística televisiva própria e de uma nova ordem de apresentação das notícias diferenciou o *JN* dos noticiários do período. O programa apresentava imagens cobertas com áudio do locutor e depoimentos, nos quais era possível ouvir a voz do entrevistado falando. Isso não era viável no padrão jornalístico do

momento, o do *Repórter Esso*, no qual não eram introduzidas as sonoras porque a fita chegava pronta da distribuidora *United Press*. Além disso, enquanto no *Repórter Esso* a notícia mais impactante do dia era dada ao final, no *JN* as notícias mais leves encerravam a programação, mais uma novidade introduzida no formato do programa. (MEMORIA GLOBO, 2004).

O *JN*, telejornal exibido ininterruptamente por mais tempo na história da TV brasileira, mantém atualmente liderança de audiência entre todos os telejornais do país, de acordo com pesquisa do IBOPE realizada de 11 a 17 de junho de 2018 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2018). Nesse espaço de tempo, o *JN* obteve 28,3 pontos de audiência, superando, assim, outros telejornais brasileiros importantes como o *SBT Brasil* (8,3), *Jornal da Record* (7,0) e o *Jornal da Band* (3,6).

O *JN* tornou-se o programa mais visto no Brasil de segunda a sexta, com 35,1% de preferência entre toda a programação de TV veiculada no país em TV aberta ou fechada independente do horário. O noticiário também representa o telejornal mais visto no Brasil: 45% da população brasileira o assiste, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014 (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2016). O programa possui reconhecimento no exterior: ganhou, por exemplo, o prêmio Emmy Internacional de Jornalismo em 2011 na categoria Notícia com a cobertura da retomada do Complexo do Alemão pelas forças de segurança do Rio de Janeiro, em 2010 (THE INTERNATIONAL ACADEMY OF TELEVISION ARTS & SCIENCES, 2017).

A programação do *JN* consiste em notícias nacionais e internacionais, exibidas de segunda a sábado, por volta das 20h30, na TV Globo. O programa, de aproximadamente meia hora de duração descontados os intervalos comerciais, coloca no ar em torno de 25 assuntos diários divididos em cerca de cinco blocos. Temas factuais e de atualidade preenchem a programação de matérias, tanto as consideradas mais urgentes, que precisam ser veiculadas na edição do dia do acontecimento, quanto as matérias de assuntos que podem ser exibidos na edição do dia seguinte do fato, permitindo ao telespectador a compreensão do conteúdo noticioso no contexto em que ele se encontra na contemporaneidade. As notícias nacionais cabem à editoria Geral e as do exterior à editoria Internacional. As editorias de Política e de Economia compreendem assuntos nas áreas que as denominam. Os temas de ciência e tecnologia não possuem uma editoria específica no *JN*. Os produtores e jornalistas do programa não são especializados na área, mas consultores do *JN* ajudam a esclarecer dúvidas sobre alguma questão, quando elas ocorrem

(BONNER, 2009). A ficha técnica do programa dispõe de editor-chefe, editor-chefe adjunto, editor-executivo, editor da Central Globo de Esportes, editor de arte, editor de *web* (BONNER, 2009) e muitos outros profissionais, entre eles, os apresentadores Wiliam Bonner e Renata Vasconcellos. Os jornalistas dividem a bancada do programa e exercem a função de editor-chefe, no caso do Bonner, e editora-executiva, cargo de Vasconcellos (MEMÓRIA GLOBO, 2016).

Segundo Bonner (2009), os critérios de noticiabilidade do *JN* norteiam a decisão sobre qual o conteúdo a ser veiculado. Prioriza-se a exibição de notícias de gravidade e abrangência, aquelas que tiverem o maior número de pessoas atingidas por um acontecimento e envolvam fatos de maior gravidade como a morte de um papa, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a posse de um ex-metalúrgico à Presidência da República do Brasil e a vitória da Seleção Brasileira de Futebol em uma Copa do Mundo. Assuntos que contextualizam temas apresentados no *JN* têm grande probabilidade de irem ao ar naquela edição. Os fatos considerados mais importantes do dia obtêm mais espaço na edição do programa, devido à relevância da notícia para a sociedade naquele momento. Por outro lado, as matérias envolvendo várias questões a serem abordadas podem durar mais tempo do que assuntos menos complexos. Bonner (2009) afirma ainda que o telejornal estima o equilíbrio das notícias na programação para evitar um clima pesado ou leve demais, então, exhibe matérias mais e menos densas, ambas jornalisticamente importantes.

Ainda segundo Bonner (2009), o público do *JN* compreende pessoas de todas as regiões do Brasil, sendo assim, heterogêneo, composto por cidadãos com distintas idades, níveis de escolaridade e faixas de renda, indivíduos de orientações sexuais, estratos socioeconômicos, etnias e posições políticas diferentes. Os profissionais do programa pensam nesse público diverso ao produzir o informativo na expectativa de contemplar telespectadores do país inteiro. Logo, direcionam-se ao ‘telespectador médio’, “alguém que não seja nem analfabeto nem pós-graduado, a pessoa mais ‘preparada’ do núcleo familiar, capaz de tirar alguma dúvida sobre uma notícia incompreendida por algum integrante da família” (BONNER, 2009, p. 215). O texto esclarece termos técnicos inerentes a determinadas áreas de conhecimento, inclusive os da ciência (BONNER, 2009).

4.4. Cobertura de ciência no *Jornal Nacional* e estudos de recepção

Destacaremos neste tópico primeiramente os aspectos da produção das notícias de ciência e tecnologia veiculadas no *JN*, segundo as considerações de autores que investigaram o assunto.

Andrade (2004) se dedicou ao estudo do conteúdo de ciência veiculado em mídias telejornalísticas de maior evidência da TV com a proposta de analisar noticiários de rede de televisão do Brasil e dos Estados Unidos. A pesquisadora investigou diversas maneiras de apresentação do conhecimento científico nos telejornais diários *Jornal da Record*, da TV Record, *Jornal Nacional*, da TV Globo, e *World News Tonight*, da rede de rádio e televisão norte-americana ABC, nas edições selecionadas dos anos de 1999, 2000 e 2003.

Os resultados obtidos pela autora mostram os temas de C&T ocupando parte significativa da programação dos telejornais estudados, precisamente 10,6% do tempo total da amostra de programas gravados, ou seja, foram encontradas 14 horas e 46 minutos de matérias que abordam C&T nas 139 horas e 45 minutos de material gravado dos três telejornais analisados, revelando, assim, o grau de importância do tema na composição do telejornal diário (ANDRADE, 2004).

Especificamente a respeito do *JN*, o trabalho de Andrade (2004) aponta as editorias mais presentes na cobertura do noticiário: as matérias de Ciência e Tecnologia sobressaem (em 13,6% da amostra) em relação às de Esporte (presentes em 13% das notícias) e em comparação às demais editorias estudadas -Internacional (11,5%), Segurança (9,3%) Governo (8,7%), Política (8,5%), Economia (8%) e Serviço (3%). Por outro lado, os temas de C&T ficam atrás das matérias da editoria Geral (24,5%) (ANDRADE, 2004).

Andrade (2004) também comparou a inserção da ciência e tecnologia nos telejornais estudados por ela e constatou que o *JN* dedica parte importante do seu conteúdo, 13,6% dele, a notícias de C&T, mais do que o *Jornal da Record (JR)*, que ocupa 7,1% de sua programação com a temática. O *World News Tonight* sobressai em relação aos outros telejornais analisados por direcionar 14% do programa a assuntos de C&T (ANDRADE, 2004). Os resultados do estudo de Andrade (2004) dimensionam a relevância dos assuntos de C&T para o *JN* no universo da amostra da pesquisa da autora e nos ajudam na compreensão de como a ciência aparece configurada no programa jornalístico.

A importância dada ao tema pelo noticiário foi investigada em outro estudo de análise de conteúdo, porém, com uma amostra diferente da mencionada na pesquisa

anterior. Ramalho (2013) analisou matérias de ciência e tecnologia do *JN* para compreender como a temática aparece representada no programa. A pesquisadora identificou que esse tipo de notícia ocupa em média 7,3% do tempo diário do telejornal e temas de ‘medicina e saúde’ predominam na amostra, estando presentes em 44% das 77 matérias de ciência identificadas em 72 edições do *JN* analisadas por Ramalho (2013). Essas e outras características das matérias de ciência do telejornal foram observadas pela autora nas edições do programa selecionadas por meio da técnica de semana construída, representativas de um ano, entre abril de 2009 e março de 2010. Aplicou-se às matérias o protocolo de análise de telejornais, desenvolvido e validado pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico para a obtenção dos resultados do estudo (RAMALHO, 2013).

O protocolo visa a análise de como a ciência e a tecnologia fazem parte – ou não – da cobertura dos telejornais. Utiliza o método de análise de conteúdo com abordagem quantitativa. Permite sua aplicação em diversos telejornais e a comparação de dados de pesquisas que utilizam o mesmo protocolo em suas análises. Tem como principal critério incluir na amostra somente matérias classificadas como de temática científica, assim consideradas quando há menção a instituições de pesquisa ou a cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas vinculados a uma instituição de pesquisa científica, quando trata de política científica ou ainda de divulgação científica. Além disso, o protocolo estabelece sete dimensões (características gerais, relevância, temas, narrativa, tratamento, atores e localização) e várias categorias de análise objetivando a identificação das características presentes nas matérias televisivas estudadas (MASSARANI; RAMALHO, 2012).

A relevância dada pelo *JN* aos conteúdos de C&T pode ser observada também em pesquisa mais recente sobre as características das matérias de ciência do telejornal identificadas por Pires (2017) em 52 matérias de ciência nas 77 edições veiculadas de maio a julho de 2016, segundo os mesmos critérios de estudo estabelecidos no protocolo da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, citado acima. As matérias de ciência investigadas por Pires (2017) representam em média 5,4% da programação do *JN* e os assuntos mais abordados referem-se à área do conhecimento ‘ciências sociais e humanidades’, presentes em 42% da amostra (PIRES, 2017). Embora o espaço dedicado a temas de ciência tenha diminuído em relação ao estudo de Ramalho

(2013), é possível afirmar que o *JN* continua reservando espaço para a temática em sua pauta.

Os principais aspectos das notícias de ciência do *JN* identificados na amostra de Ramalho (2013) e de Pires (2017) estão destacados na tabela 1. O trabalho de Ramalho (2013) teve um recorte do *corpus* diferente do de Pires (2017). Como dissemos anteriormente, Ramalho (2013) analisou edições do *JN* selecionadas por meio da técnica de semana construída, representativas de um ano, entre abril de 2009 e março de 2010, e Pires (2017) analisou todas as edições veiculadas no *JN* de maio a julho de 2016. As duas pesquisas utilizaram o mesmo protocolo de análise de telejornais por isso são comparáveis.

TABELA 1 – Principais características das matérias de ciência do *JN*

Características mais frequentes das matérias de ciência veiculadas no <i>JN</i> , analisadas segundo o protocolo de análise de telejornais, desenvolvido e validado pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico.	Porcentagem em relação ao total de matérias de ciência identificadas no <i>JN</i> em Ramalho (2013) n= 77	Porcentagem em relação ao total de matérias de ciência identificadas no <i>JN</i> em Pires (2017) n=52
Espaço ocupado pelas matérias de C&T na programação do noticiário	7,3%	5,4%
Tempo médio de duração das matérias de C&T	Dois minutos e quinze segundos	Dois minutos e quarenta e um segundos
Área do conhecimento mais frequente nas matérias de C&T	Medicina e saúde: 44%	Ciências sociais e humanidades: 42%
Presença da matéria de C&T na abertura/escalada do programa	47%	58%
Bloco de maior frequência de exibição das matérias de C&T	Inicial: 43%	Intermediário: 48% Inicial: 44%
Porcentagem de matérias de C&T que compõem séries de reportagens	5%	0%
Período de maior frequência de exibição das matérias de C&T	Durante a semana: terça, quarta e quinta-feira. Dificilmente aos sábados: 10%	Durante a semana: segunda e terça-feira. Raramente aos sábados: 8%.
Principal enquadramento	Anúncio de novas investigações ou resultados de pesquisa científica: 67,5%	Anúncio de novas investigações ou resultados de pesquisa científica: 56%
Principais fontes das matérias de C&T	Pesquisadores, cientistas e institutos de pesquisa: 80,5%	Pesquisadores, cientistas e institutos de pesquisa: 98%
Principais vozes das matérias de C&T (entrevistados)	Pesquisadores, cientistas e institutos de pesquisa:	Pesquisadores, cientistas e institutos de pesquisa:

	50,6%	67%
Gênero dos cientistas mais entrevistados nas matérias de C&T	Homens: 63%	Homens: 82%
Nacionalidade mais frequentemente dos cientistas e dos institutos de pesquisa mencionados nas matérias de C&T	Brasileiros	Brasileiros
Ambiente onde os cientistas são mais frequentemente retratados nas matérias de C&T	Escritórios: 31%	Escritórios: 55%
Frequência de recursos visuais utilizados (tabela de dados, infográfico, esquema e/ou animação) nas matérias de C&T	53%	71%
Frequência de informações de contexto presentes nas matérias de C&T	66%	77%
Presença de recursos de interação com o telespectador nas matérias de C&T	Inferior a 10%	0%
Frequência de aspectos controversos nas matérias de C&T	Baixa: 8%	Baixa: 13%
Esclarecimento de termos científicos presentes nas matérias de C&T	26%	17%
Menção a benefícios, promessas, danos e riscos da atividade científica (matérias de C&T que apresentam um ou mais desses aspectos)	Alto: 53%	Baixo: 17% (83% da amostra não enfatizou o lado positivo ou negativo da ciência)
Recomendações aos telespectadores mencionadas nas matérias de C&T	19%	1%
Ciência retratada como uma atividade de equipe nas matérias de C&T	73%	37%

Diante das características das matérias de ciência do *JN* especificadas acima, podemos dizer que o telejornal veicula matérias de ciência de forma recorrente, tende a divulgar fatos científicos novos e contextualizados. Porém explora pouco os aspectos controversos das notícias, os danos e riscos da atividade científica e a interatividade das matérias com o telespectador. As notícias de ciência aparecem no *JN* mais frequentemente durante a semana do que aos sábados e têm em média pouco mais de dois minutos de duração. O programa utiliza cientistas e professores universitários como as principais fontes de informação e também as mais entrevistadas. Entre os cientistas ouvidos, a presença masculina se sobrepõe à feminina, um indício da prevalência de uma imagem da ciência construída por homens, indicando, assim, um longo caminho para o reconhecimento das mulheres como parte integrante no desenvolvimento do conhecimento científico. A representação de cientistas ocorre principalmente em escritórios, uma possível evidência da dissociação deste profissional ao ambiente do laboratório comumente

relacionado ao pesquisador. As matérias de ciência dificilmente aparecem no bloco final do noticiário. O *JN* geralmente utiliza recursos gráficos na composição das matérias e privilegia a exibição de reportagens envolvendo pesquisas e pesquisadores brasileiros.

As matérias de C&T do *JN* também foram alvo de outros estudos. Alberguini (2007) averiguou o papel educativo da mídia brasileira na abordagem de temas de C&T em cinco telejornais, de canal aberto, de alcance nacional, transmitidos no horário nobre (19h15 às 22h). A pesquisadora estudou o formato, a linguagem e o conteúdo das notícias de ‘ciência, tecnologia e inovação’ em um *corpus* composto de matérias exibidas nos meses de maio de 2005 e de 2006, nos telejornais: *Jornal da Band*, *Jornal Nacional*, *Jornal da Record*, *Jornal da Cultura* e *SBT Brasil* (ALBERGUINI, 2007). Os resultados da amostra analisada pela pesquisadora em relação ao *JN* apontam que o programa veicula matérias de ciência mesmo em caso da ocorrência de ‘fatos imprevisíveis’, de outras editoriais, que impactam a cobertura do telejornal. Alberguini (2007) observou também a ausência de um padrão de aprofundamento e contextualização dos assuntos das notícias estudadas. Segundo a autora, as matérias oscilam entre uma abordagem contextualizada da temática e a descrição do fato principal. Além disso, a linguagem clara e simples predomina no estilo de texto das matérias analisadas (ALBERGUINI, 2007).

Pedreira (2014) estudou a representação de homens e mulheres cientistas entrevistados em dois programas da Rede Globo, o *Jornal Nacional* e o *Fantástico*. Na pesquisa de abordagem qualitativa, foram analisadas características dos cientistas como sexo, idade aparente, cor da pele, nacionalidade, instituição à qual ele aparece vinculado na notícia etc. A pesquisadora analisou 169 cientistas identificados nas matérias jornalísticas do *Jornal Nacional* e do *Fantástico*, em um ano, de abril de 2009 a março de 2010. Os resultados mostraram, entre outras coisas, a predominância de cientistas homens, brancos, de idade aparentemente madura nos dois programas televisivos analisados (PEDREIRA, 2014).

Ramos (2006) analisou os discursos do *Jornal Nacional (JN)* sobre ciência utilizando a metodologia de Análise do Discurso Francesa para a verificação de como o telejornal da Rede Globo produz sentido a respeito de conceitos científicos e das imagens dos cientistas, para então, constituir sentidos sobre ciência. Foram analisadas reportagens de genética e biotecnologia exibidas no programa no período de dois meses. Ramos (2006) concluiu diante das análises, entre outras coisas, que o *JN* transmite uma visão utilitarista

da ciência e da tecnologia atrelada à ideia de progresso de quanto mais ciência, mais tecnologia, mais desenvolvimento econômico e mais bem-estar social (RAMOS, 2006).

Oliveira (2008) investigou o discurso adotado na narrativa das matérias de C&T do *JN* a partir de três reportagens de C&T exibidas no *JN* no período de agosto a dezembro de 2006. O autor identificou estratégias do discurso midiático da informação e percebeu procedimentos de aproximação entre ciência e público. De acordo com o pesquisador, os responsáveis em elaborar o telejornal depositam atenção nos recursos midiáticos utilizados para: gerar interesse no telespectador em assistir às matérias de ciência e tecnologia, bem como conceder confiabilidade ao conteúdo das notícias veiculadas. O autor do estudo concluiu que vários tipos de recursos concedem confiabilidade e interesse às reportagens quando se tratam dos elementos ficcionais presentes na cobertura de notícias relacionadas à ciência e à tecnologia no *JN*. O discurso midiático, construído na relação entre imagem e texto mostrou a existência de vários tipos de roteirizações nas reportagens para atribuir credibilidade ao conteúdo e tornar a informação sedutora (OLIVEIRA, 2008).

“(...) a mediação que se dá no telejornal entre cientista e público, entre academia e comunidade não científica, se caracteriza pela espetacularização da ciência, gerada a partir dos efeitos de dramatização e pelo imediatismo das abordagens. Enquanto os pesquisadores percorrem um longo caminho até chegarem aos resultados, as reportagens exploram tão somente a aplicação prática e objetiva das descobertas científicas” (OLIVEIRA, 2008, p.6).

O estudo de Oliveira (2008) destaca que as matérias analisadas põem em evidência o relato do acontecimento, para isso, recorrem a vários tipos de roteirizações, utilizando recursos da imagem para dar credibilidade aos assuntos tratados e seduzir o telespectador com ‘provas do que se vê’ e dramatizações empenhadas em atingir o emocional do público. Entre as formas de tratamento das imagens identificadas no estudo de Oliveira (2008) está a presença das testemunhas/personagens no ambiente onde o fato ocorre e o encadeamento das informações passadas pelos entrevistados no discurso do repórter. O telejornal utiliza gráficos, mapas ou recursos de edição junto ao discurso verbal de forma clara e objetiva viabilizando a sincronia entre o que se fala e o que se vê (OLIVEIRA, 2008). Isso demarca o desafio da credibilidade (a utilização do recurso da descrição-explicação para reportar os fatos do mundo) e a dramatização (a utilização do recurso da afetividade para captação do telespectador) (OLIVEIRA, 2008). As notícias de C&T do *JN* se inserem nesse contexto, segundo Oliveira (2008).

A respeito do aspecto emocional das notícias, Castelfranchi, Massarani e Ramalho (2014) identificam (em estudo da Rede de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico) que as sensações de combate, ansiedade e triunfo integram as conotações emocionais das matérias de ciência do *JN*. A pesquisa envolveu 77 matérias de ciência do programa, coletadas entre abril de 2009 e março de 2010, submetidas à análise lexical e semântica da transcrição das mesmas. Os resultados apontam para a ênfase dada à saúde. A palavra aparece entre as mais frequentemente ligadas à C&T e também no maior número de matérias diferentes, em 25% das matérias analisadas. As conotações emocionais mais frequentes nas matérias de ciência do *JN* são ligadas às dimensões categorizadas como de ‘agressão’ e ‘ansiedade’ (CASTELFRANCHI; MASSARANI E RAMALHO, 2014).

“Termos que pertencem ao campo semântico da guerra, da agressividade, da competição ou da luta são particularmente frequentes. Isso se deve a diversos fatores: por um lado, o discurso científico, bem como o discurso político (ambos fortemente presentes nas matérias sobre C&T), lançam mão com frequência de metáforas militares, esportivas ou de competição: ‘combatem-se’ doenças; há ‘guerras’ contra o câncer que devem ser ‘vencidas’; bactérias devem ser ‘atacadas’ ou ‘invadem’ nosso corpo etc” (CASTELFRANCHI; MASSARANI e RAMALHO, 2014, p.8).

Alguns discursos encontrados nas notícias analisadas por Castelfranchi, Massarani e Ramalho (2014) exemplificam o resultado da pesquisa. Entre eles, um sobre os vírus ativos da gripe, “eles invadem o núcleo das células e se multiplicam, para espalhar a infecção”, e outro a respeito do aquecimento global, “ideias pra se combater o avanço do aquecimento global estão sendo discutidas por cientistas e ambientalistas de várias partes do mundo” (CASTELFRANCHI; MASSARANI E RAMALHO, 2014, p. 9).

Até aqui, discutimos a perspectiva da cobertura de ciência do telejornal. Agora, lançaremos um olhar sobre os telespectadores a quem se destina esse conteúdo. Bonner (2009) descreve o público do programa com heterogêneo, formado por cidadãos com distintas idades, níveis de escolaridade e faixas de renda; indivíduos de orientações sexuais, estratos socioeconômicos, etnias e posições políticas diferentes, como mencionado no tópico anterior deste capítulo. Jussara Peixoto Maia (2005) traz outras especificidades desse público que, somadas aos esclarecimentos do âncora e editor-chefe do programa, ajudam a compreender um pouco mais sobre o perfil das pessoas que assistem ao *JN*.

Maia (2005) desenvolveu, na linha de pesquisa de público e audiência, uma investigação que não se enquadra especificamente nas pesquisas de recepção realizadas

utilizando o *JN*, mas discute alguns atributos do público do programa. A pesquisadora averiguou a relação do público com o texto das matérias de dois programas jornalísticos, o *JN* e o *Globo Rural*, ambos da TV Globo. A autora argumenta a respeito da noção de modo de endereçamento das notícias afirmando que o texto orienta a produção e a recepção do conteúdo dos programas estudados por ela. Maia (2005) expõe a possibilidade de identificar o modo de endereçamento do *JN* por aspectos da cobertura local, nacional ou internacional e, assim, apurar o destaque que pode ser dado a temas de determinada área, entre outras razões, a da distribuição das matérias jornalísticas no noticiário. A forma de organização e o conteúdo do noticiário sugerem os interesses e as competências do telespectador pensadas durante a concepção do programa (MAIA, 2005).

Segundo os resultados do estudo apontados pela autora, o estilo do *JN* revela o endereçamento do telejornal para telespectadores adultos “com competências culturais e cognitivas próprias da audiência televisiva e de outras mídias” (MAIA, 2005, p.216). Esses receptores estariam mais interessados por assuntos “como o desdobramento das decisões políticas e econômicas na vida dos pequenos consumidores, o respeito aos referenciais de justiça e de direitos constitucionais, as obrigações do estado brasileiro e do cidadão” (MAIA, 2005 p.216). Estudiosos e profissionais interessados em consumir informações sobre “a preservação da cultura e a valorização da diversidade e da riqueza ambiental” também integram esta audiência, de acordo com os resultados do estudo (MAIA, 2005 p.216). O *corpus* da pesquisa referente ao *JN* compreende a análise de 26 edições do programa gravadas entre os dias 24/05/2004 e 22/06/2004. As considerações da autora mencionadas nos levam a pensar no público do *JN* como pessoas interessadas em saber a respeito de acontecimentos que afetam de alguma forma a vida do cidadão, este na posição de telespectador do programa, seria a audiência heterogênea, descrita pelo apresentador do *JN*.

Sentir-se representado pelo programa ao qual se destina a atenção na forma da audiência faz parte de uma espécie de moeda de troca entre aqueles que consomem e transmitem informações noticiosas. A importância dessa relação entre emissor e receptor reflete-se em um estudo que, apesar de não tratar especificamente do meio científico, colabora para o entendimento do assunto. Segundo Aline Silva Coreia Maia (2009), o *JN* representa para jovens de periferia uma fonte confiável de informação de notícias nacionais e internacionais, especialmente política nacional, esporte e conflitos internacionais, possíveis conteúdos de prova de processos seletivos para ingresso no ensino superior ou

em emprego público. A juventude ‘suburbana’ percebe um distanciamento entre o conteúdo veiculado na TV e a realidade do próprio cotidiano, então, assume uma postura crítica e, geralmente, avessa à imagem de periferia e de seus habitantes reproduzida no telejornal (MAIA, 2009). O conteúdo do *JN* tende a contribuir para o entendimento do que representa a realidade nacional na percepção do referido público, mas raramente o mostrado interferiria diretamente no dia a dia dessas pessoas, segundo a pesquisa de Maia (2009). Ela analisou como as mensagens veiculadas no *JN* atuam na construção da identidade da juventude suburbana. A pesquisadora considerou a percepção de realidade e cidadania, de alunos do ensino médio de uma escola pública da periferia de Juiz de Fora, em relação às notícias do programa. A metodologia envolveu a aplicação de questionários a 283 jovens, de 14 e 25 anos, estudantes do ensino médio e, também, a discussão em grupo, totalizando o discurso de 27 adolescentes. As respostas dos questionários e o conteúdo das discussões formam os resultados do estudo, revelando a percepção dos participantes sobre a construção da própria identidade perante as notícias do *JN*. Tirando essa pesquisa como exemplo e a transportando para o universo científico noticioso, qual seria a identidade da ciência na percepção do público do *JN*?

No mesmo estudo em que Alberguini (2007) analisou matérias de ‘ciência, tecnologia e inovação’ de cinco telejornais, entre eles o *JN*, a autora desenvolveu também um estudo de recepção das mesmas. As reportagens extraídas foram submetidas a uma discussão do conteúdo por meio da técnica de grupo focal. Integraram a pesquisa de Alberguini dois grupos: um de futuros jornalistas (12 graduandos em Jornalismo colegas de turma) e o outro, heterogêneo (formado por sete pessoas com profissão, faixa etária e níveis socioeconômicos diversos, todos funcionários de uma mesma empresa, porém possuíam diferentes cargos/funções e grau de instrução). Cada um dos grupos de participantes discutiu nos grupos focais o conteúdo das notícias.

Segundo a autora, matérias de C&T interessaram os telespectadores do *JN* participantes da pesquisa, independente do grau de instrução ou nível socioeconômico. O público do programa que integrou a pesquisa não apresentou passividade em relação aos conteúdos científicos abordados no telejornal e demonstrou capacidade em avaliar qualitativamente as matérias veiculadas no noticiário. Soube, por exemplo, distinguir uma matéria considerada por ele clara e objetiva de outra confusa e de difícil entendimento.

Também o estudo de Ramalho (2013), já citado anteriormente, articulou a análise das matérias de C&T do *JN* com um estudo de recepção, utilizando grupos focais. Nessa

pesquisa, foram formados nove grupos de telespectadores do *JN* – com recortes de diferentes faixas de idade e renda – que assistiram a um trecho pré-selecionado do telejornal, para depois discuti-lo. Segundo os participantes, a cobertura de C&T do noticiário é reduzida, considerando a relevância do tema no cotidiano desses telespectadores. A superficialidade das notícias foi associada à pouca contextualização do tema, o que para uns representava uma característica negativa e, para outros, positiva, pois o papel do noticiário seria oferecer um resumo dos acontecimentos (RAMALHO, 2013). A descontinuidade da cobertura de ciência foi relacionada ao intervalo de tempo entre a publicação de estudos relevantes, uma vez que “a dinâmica científica trabalha com prazos mais alongados” do que as notícias quentes diárias do jornalismo (RAMALHO, 2013 p.185). A falta de seguimento na cobertura de certos temas também é apontada como “decorrente da variação nos ciclos de atenção dados a determinado assunto – o que poderia ocorrer com vários temas, não só científicos” ou “decorrente da falta de espaço na agenda do meio de comunicação, quando surgem assuntos com mais apelo midiático” (RAMALHO, 2013, p.185).

Segundo Ramalho (2013), a parcela do público do *JN* participante do estudo da pesquisadora considera a cobertura de ciência do programa vinculada predominantemente a produtos concretos e a aspectos positivos da ciência. Os participantes associam a imagem do cientista a estereótipos físicos e comportamentais e vêem com bons olhos o uso de personagens como estratégia utilizada na narrativa do fato nas notícias. Porém, caracterizam como reduzido, superficial e descontínuo o conteúdo de C&T do telejornal, de acordo com o estudo da recepção da ciência a partir de matérias sobre o assunto veiculadas no *JN* (RAMALHO, 2013).

Outro estudo, de Reznik et al (2016), analisou o modo como mulheres adolescentes, de diferentes classes sociais, enxergam a ciência e os cientistas de ambos os gêneros, feminino e masculino. Adolescentes estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro participaram das discussões em grupo focal, estimuladas pela assistência de matérias de dois programas da TV Globo, o *JN* e o *Fantástico* (REZNIK et al, 2016). Os resultados obtidos mostram que as adolescentes participantes da pesquisa vinculam a ciência a conteúdos da disciplina de ciências e de biologia ministradas no ambiente escolar, associam a ciência a experimentos e a descobertas, e veem a ciência como acúmulo de saber. As estudantes referiram-se aos termos “corpo humano”, “planta”, “bicho”, “natureza” e “estudo da vida”, quando questionadas sobre a primeira coisa

pensada ao ouvirem a palavra ciência, o que levou ao entendimento da associação feita pelas jovens da ciência a conteúdos escolares (REZNIK EL AL, 2016, p.841). Houve ainda associação das palavras mencionadas a professores da disciplina de ciências citados nos grupos estudados por Reznik et al (2016). Reverberou na pesquisa a imagem de cientista “maluco”, “com inteligência acima da média”, aquele que usa “barba” e “bigode” e possui “marcas de experimentos” como “queimaduras”. O cientista seria alguém que assume o papel de “ajudar pessoas na descoberta da cura de doenças e medicamentos”, na percepção de participantes do estudo (REZNIK et al, 2016, p.843). Os resultados também indicam que as matérias de ciência que mostram mulheres cientistas podem incentivar as adolescentes a escolherem futuramente a carreira científica, pois geram empatia. As participantes demonstram esse sentimento em relação a uma personagem de uma das matérias a que elas assistiram entre as utilizadas para fomentar a discussão em grupo focal. A empatia das adolescentes com a personagem deve-se às conquistas de vida da cientista mostrada na matéria, ao fato dela ser mulher, brasileira e vinculada a uma instituição importante, a agência espacial americana, a NASA, segundo Reznik et al (2016).

Já a pesquisa desenvolvida por Lima (2012), de inspiração etnográfica, acompanhou três famílias cariocas de diferentes perfis socioeconômicos (alta renda, classe média e baixa renda) enquanto assistiam ao *JN*. A autora foi à residência de cada uma das famílias, em pelo menos quatro dias distintos, para identificar a forma como as notícias de ciência do programa eram percebidas pelos integrantes do estudo. Entre os participantes, os mais velhos, justamente o público que comporá a presente pesquisa, demonstraram mais o costume de assistir ao programa (LIMA, 2012). Segundo Lima (2012), os telespectadores do *JN* participantes da pesquisa, quando assistem a matérias de ciência, costumam discutir os assuntos das notícias, os integram a informações pertinentes ao próprio dia a dia (referentes a relatos de conhecidos e a dados obtidos por outras fontes) e fazem críticas à estrutura e ao discurso contido nas matérias. Critérios econômicos do público não interferem na forma como ele se relaciona com o telejornal e consome o conteúdo noticioso, de acordo com Lima (2012). As famílias participantes do estudo manifestaram uma visão positiva dos cientistas, personagens tidos como fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e o surgimento de inovações, mais associadas à área da saúde por membros das famílias. Os entrevistados mencionaram a dedicação dos cientistas à pesquisa como a principal qualidade desses profissionais, entretanto os entrevistados não demonstraram conhecimento sobre o dia a dia e as áreas de trabalho dos pesquisadores

(LIMA, 2012).

A pesquisa de Lima (2012) também evidenciou aspectos da recepção do *JN* que não estão diretamente relacionados à cobertura de ciência, mas revelam as reações do público em resposta imediata aos conteúdos veiculados. O programa “exerce forte apelo emocional junto aos participantes, provocando revolta e desconforto em algumas ocasiões e, em outras, deslumbramento e diversão. Algumas vezes, todas essas reações foram despertadas em uma mesma edição” (LIMA, 2012, p.104), destaca a pesquisadora.

Discutimos aqui alguns resultados de pesquisas da cobertura de ciência do *JN* e da recepção desta para refletir sobre a perspectiva da produção e do consumo de notícias de C&T do telejornal. Observamos mais estudos direcionados a investigar o conteúdo do que a recepção dele no que se refere às matérias de C&T do *JN*, o que reitera a importância de estudos envolvendo o público do referido programa.

5 METODOLOGIA

O objetivo geral deste estudo é investigar como um grupo específico de telespectadores (mulheres acima de 60 anos, de classe média, com hábito de assistir ao telejornal estudado) percebe a ciência, utilizando para tal a exibição de matérias de ciência veiculadas no *Jornal Nacional* (TV Globo) em grupos focais. Entre os objetivos específicos da pesquisa, estão: identificar se, e como, os conteúdos de ciência exibidos no telejornal reverberam nas conversas dos participantes e são incorporados (ou não) no seu cotidiano; identificar qual o papel e a relevância do telejornal no dia a dia dos participantes; e analisar como o grupo estudado percebe a imagem e o papel dos cientistas na sociedade.

Selecionamos o *JN* como objeto de estudo por ser o telejornal mais assistido do Brasil, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014 (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2016); exibido em horário nobre e produzido pela TV Globo, emissora de maior alcance nacional, pois cobre praticamente todos os municípios do país, de acordo com a Direção Geral de Negócios da emissora (REDE GLOBO, 2016). O programa lidera a audiência entre os telejornais brasileiros, segundo pesquisa do IBOPE realizada de 11 a 17 de junho de 2018 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2018). Nesse período, o *JN* marcou 28,3 pontos de audiência, superando, assim, outros telejornais importantes, o *SBT Brasil* (8,3), o *Jornal da Record* (7,0) e o *Jornal da Band* (3,6). Apesar de não possuir uma editoria específica em C&T nem jornalistas especializados na área (BONNER, 2009), o *JN* dedica parte da cobertura a temas de ciência e tecnologia (RAMALHO, 2013).

5.1 A técnica dos grupos focais

Optamos por utilizar a técnica do grupo focal, entre outras razões, pela sua capacidade de promover a livre manifestação do grupo participante como meio de gerar dados qualitativos para fim de análise. A interação entre os participantes é parte do método, o que significa dizer que o pesquisador não precisa necessariamente fazer perguntas individuais, ele apenas estimula a livre discussão em grupo ao fazer perguntas para que os participantes se manifestem sobre uma questão, o que abre espaço para participação espontânea, na qual as pessoas ficam livres para compartilhar experiências e

pontos de vista. O método é útil para explorar conhecimentos e experiências das pessoas e pode ser usado para examinar não só o que as pessoas pensam, mas como elas pensam e por que elas pensam dessa maneira, segundo Kitzinger (1995).

A autora destaca que trabalhar com grupos pré-existentes (que já se conhecem e convivem uns com os outros) permite a observação de fragmentos de interações que se aproximam das que ocorreriam naturalmente, em uma reunião desse grupo em circunstância que não fosse a da pesquisa.

“Uma vantagem adicional é que os amigos e colegas podem relacionar comentários uns dos outros com incidentes compartilhados em suas vidas diárias. Eles podem desafiar uns aos outros sobre as contradições entre o que eles professam crer e como eles realmente se comportam” (KITZINGER, 1995, p.300).

Os processos de grupo podem, ainda, ajudar as pessoas a explorarem e a esclarecerem seus pontos de vista, o que seria mais difícil ocorrer em uma entrevista individual com o entrevistador. O grupo de discussão é apropriado para casos em que há a intenção de aplicar questões abertas, que permitam a manifestação dos participantes ao explorarem questões de importância para eles, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e perseguindo suas próprias prioridades, aponta Kitzinger (1995). Isso permite uma coleta rica de informações para investigação: no caso deste estudo, dados sobre como o grupo estudado compreende e percebe os conteúdos que envolvem ciência, veiculados no *JN*.

O método busca gerar um ambiente confortável para que as pessoas possam se expressar e opinar: isso deve estar expresso tanto no espaço físico quanto na conformação do grupo (seleção de pessoas entre as quais não haja relações de hierarquia, sejam de trabalho ou familiares, por exemplo). Ao se sentirem à vontade para se expressar, os participantes podem fazê-lo da forma como se sentirem confortáveis, utilizando a linguagem cotidiana, como em um papo entre amigos. Essa forma cotidiana de comunicação pode nos dizer sobre o que as pessoas sabem ou suas experiências (KITZINGER, 1995).

Por outro lado, a metodologia de pesquisa em grupo focal pode abrir espaço para um discurso dominante silenciar vozes individuais dissidentes (KITZINGER, 1995). Isso não invalida o método, mas requer certa intervenção do pesquisador para que todos participem e para que haja a produção de resultado não enviesado. Esse foi um cuidado

mantido durante toda a realização da pesquisa.

Ainda segundo Kitzinger (1995), a metodologia permite: destacar dos entrevistados atitudes, prioridades, linguagem, e um quadro de entendimento; incentivar os participantes da pesquisa para gerar e explorar suas próprias perguntas e desenvolver a própria análise de experiências comuns; incentivar uma variedade de comunicação entre os participantes de forma a facilitar a compreensão dos discursos proferidos; ajudar a identificar as normas do grupo e valores culturais; fornecer uma visão sobre o funcionamento do grupo social, processos na articulação do conhecimento (por exemplo, através do exame da informação que é censurada ou silenciada dentro do grupo); incentivar a conversa aberta sobre assuntos embaraçosos e permitir a expressão da crítica; facilitar a expressão de ideias e experiências que poderiam ser deixadas de lado em uma entrevista individual e explicitar perspectivas através do debate dentro do grupo. Recomenda-se a formação de pelo menos dois grupos focais (MALHOTRA, 2006; KIND, 2004).

5.2 Os sujeitos da pesquisa

A escolha dos sujeitos da pesquisa – mulheres com mais de 60 anos – se deu pelo fato de mulheres e idosos estarem pouco representados em estudos de recepção, ainda que a expectativa de vida do brasileiro esteja em crescimento e parte importante do público que assiste televisão (17%) tenha de 50 a 64 anos, sendo os telespectadores com mais de 64 anos responsáveis por 9% do público da TV (MÍDIA DADOS BRASIL, 2017). Jacks (2014) identificou apenas três pesquisas envolvendo idosos e duas contendo mulheres entre todos os 32 estudos de recepção televisiva realizados nos 39 cursos de comunicação existentes no país na primeira década do milênio, entre os anos 2000 e 2009, sendo que apenas um estudo da amostra de recepção televisiva enquadra-se no âmbito do telejornalismo. Embora os dados de Jacks (2014) não estejam atualizados porque seus resultados não se estendem até os dias de hoje, impedindo, portanto a identificação de estudos mais recentes, que abordem o contexto atual de investigações de recepção em telejornalismo envolvendo o público feminino e da terceira idade, observa-se no levantamento realizado uma carência de pesquisas com essas variáveis. Assim, acreditamos estar colaborando para diminuir uma lacuna existente nesse tipo de estudo. Foi definido, ainda, que as participantes selecionadas não tivessem envolvimento com o campo

científico (ou seja, não praticasse atividade relacionada à ciência como trabalho, pesquisa e estudo na área) e se declarassem de classe média.

A formação dos grupos buscou seguir as orientações de Kitzinger (1995) no que diz respeito à quantidade de participantes (de quatro a oito participantes que se conheciam previamente sem relações de hierarquia) e ao local de realização dos grupos (lugar familiar aos participantes, com ambiente confortável, dispostos em círculo para facilitar a discussão).

Ao todo, foram realizados três grupos focais em diferentes localidades da zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, por ser a mesma área geográfica da Fiocruz, instituição para a qual esta pesquisa é desenvolvida. A região escolhida leva em consideração a facilidade de deslocamento de pessoal (pesquisador e professor da unidade) e equipamentos (TV, câmera e gravadores) da fundação até o local de realização dos grupos focais. O primeiro grupo reuniu, em 30 agosto de 2017, quatro alunas de hidroginástica de uma academia. O segundo foi realizado em 29 de setembro de 2017 e contou com seis idosas estudantes de teatro, em uma escola de arte. O terceiro grupo teve a participação de sete idosas de um grupo de oração e foi realizado em 24 de novembro de 2017 em uma igreja católica. O estudo contou, assim, com 17 sujeitos no total. A proposta inicial previa a presença de um total de 20 pessoas, mas não se chegou a esse número porque algumas voluntárias não compareceram ao encontro. A pesquisadora contatou 34 estabelecimentos onde idosas costumam realizar atividades em conjunto, quatro espaços se demonstraram abertos para a realização da pesquisa e com frequentadoras nos requisitos do estudo. A pesquisadora realizou visitas aos locais mais de uma vez e, quando encontrou indivíduos no perfil da pesquisa dispostos em integrá-la, convidou pessoalmente em torno de 20 pessoas para cada grupo focal e manteve contato com as voluntárias por telefone (ligação e mensagem). Cada presença foi confirmada com antecedência.

No ato do convite, foi perguntado às idosas se elas se enquadravam no perfil desejado para a pesquisa. Vale ressaltar que todas as participantes se declararam de classe média – o Governo Federal define essa classe social como aquela formada por pessoas com renda per capita de R\$ 291,00 a R\$1.019 por mês (Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2017). Essa informação foi oferecida às idosas para que pudessem responder a que classe elas pertenciam. Somente aquelas que se disseram no perfil desejado prosseguiram na pesquisa.

Este estudo mantém em sigilo o nome das voluntárias para preservá-las em

conformidade com as regras do Comitê de Ética. Por isso, as identificações de cada participante compõem-se por letra e número. “P” refere-se à “participante do estudo” e o número ao lado da letra, à determinada integrante da pesquisa, numerada de acordo com seu assento. Cada voluntária recebeu um número de identificação conforme a cadeira que escolheu sentar no dia da discussão em grupo. Então, a pessoa do grupo focal 1 que sentou na primeira cadeira, da direita para a esquerda, recebeu a identificação “GF1.P1”, a voluntária sentada ao lado dela, “GF1.P2”, e assim sucessivamente, até que todas as participantes estivessem identificadas.

5.3 Coleta de dados: a dinâmica dos grupos focais

O procedimento de pesquisa manteve-se o mesmo em todos os grupos focais. No primeiro momento, as participantes foram recepcionadas pela autora deste estudo e por uma acompanhante que atuou como observadora – em dois encontros, esteve presente a coorientadora desta pesquisa e, em um encontro, esteve presente a orientadora. A pesquisadora agradeceu previamente a presença de cada uma das participantes da pesquisa, apresentou a si mesma (como estudante de mestrado para frisar o fato de estarem reunidas em função da pesquisa de pós-graduação) e a pesquisadora da Fiocruz. Cada encontro teve, portanto, pelo menos uma professora doutora, responsável por observar a discussão em grupo conduzida pela pesquisadora, fazer anotações e realizar interferências para instigar a conversa em conjunto com a pesquisadora quando necessário. No GF1 um professor a mais acompanhou a pesquisa e auxiliou com os equipamentos levados ao local onde se desenvolveu o primeiro grupo de discussão.

Após as apresentações, as participantes tomaram conhecimento da dinâmica de trabalho: o recebimento e o preenchimento do questionário (no qual as participantes informam dados pessoais e detalhes sobre assistência a TV) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); a exibição de matérias do *JN* na TV; a discussão em grupo com a possibilidade de interferência do pesquisador/moderador1 e do observador/moderador2 para estimular o debate e esclarecer enunciações quando necessário (em caso de falas simultâneas ou ideias que não tenham ficado claras); lanche com bolo e cafezinho, disponível antes e depois da atividade.

É importante frisar que, ao apresentar o objetivo do estudo, buscou-se não dar pistas de que a discussão seria em torno de temas de ciência, visando observar se o tema

sairia espontaneamente no bate-papo. As conversas foram realizadas em local fechado (para a realização da atividade sem interrupções externas) e confortável (para que as participantes ficassem à vontade). A pesquisadora levou e utilizou, no dia de cada estudo, televisão e computador, para a exibição das matérias, dois gravadores de áudio e uma câmera filmadora, para o registro das discussões. As participantes também foram informadas previamente que as discussões em grupo seriam gravadas e transcritas para a análise do material e que seria respeitado o anonimato de cada sujeito. O pesquisador explicou, antes do debate, que o objetivo da reunião em grupo era incentivar as pessoas a falarem umas com as outras, a trocarem ideias, sem se preocupar se haveria respostas certas ou erradas.

Inicialmente, a metodologia previa duas técnicas diferentes de estímulo ao debate: a exibição de uma edição completa pré-selecionada do *JN* que contivesse matérias de ciência (a ser aplicada a dois grupos); e a exibição apenas das referidas matérias de ciência (a ser aplicada aos outros dois grupos). Acreditávamos que a conjugação das duas técnicas enriqueceria a coleta de dados, pois, no primeiro caso, o moderador ficaria atento se as matérias de ciência chamariam ou não a atenção dos telespectadores quando inseridas num universo mais amplo de notícias. Supúnhamos que esse modo de ver o programa fosse próximo a uma situação comum de assistência ao telejornal. Já no segundo caso, o debate seria focado explicitamente apenas nas matérias de ciência. Contudo, ao exibirmos a edição completa do *JN* em um grupo focal, percebemos que alguns participantes deixaram a pesquisa; outros, fadigados, permaneceram assistindo ao programa e houve aqueles dispersos, empenhados em realizar uma outra atividade como comer ou mexer no celular enquanto ouviam o telejornal. A reação dos participantes e seus comentários sobre assistir ao noticiário na íntegra não ser uma prática habitual de quem vê o *JN* nos fizeram compreender a ineficiência da técnica para a finalidade da pesquisa, pois o modo proposto de assistência ao programa não expressava como as pessoas veriam o *JN* em uma situação que não fosse a da pesquisa. Em razão do exposto, desconsiderou-se o material coletado do grupo citado porque os dados poderiam enviesar o estudo.

Assim, em cada um dos três grupos focais considerados no estudo, as participantes assistiram a três matérias de ciência veiculadas no *JN* em uma edição pré-selecionada. O vídeo serviu de estímulo para a discussão entre os participantes.

5.3.1 As matérias em discussão

Optamos por uma edição do *JN* que tivesse matérias de ciência, assim definidas, segundo o protocolo de análise de telejornais da Rede Ibero-Americana de Capacitação e Monitoramento em Jornalismo Científico (RAMALHO et al, 2012), como aquelas em que há menção a pelo menos um dos seguintes elementos: instituições de pesquisa e/ou universidades, cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas vinculados a uma instituição de pesquisa científica; dados científicos e/ou resultados de investigações; política científica; e divulgação científica.

A edição do *JN* do dia 10 de maio de 2016 foi selecionada porque identificamos nela mais de uma matéria de ciência (três ao todo), com temáticas variadas, o que poderia gerar um debate rico sobre ciência. Além disso, nelas havia participação de cientistas dos gêneros feminino e masculino (total de um cientista homem e uma cientista mulher) e pesquisadores e pesquisas tanto do Brasil quanto do exterior. As matérias foram: “Cientistas descobrem como vírus da Zika no Brasil ataca” (com dois minutos e seis segundos de duração), “Pesquisadores juntam dois cremes e criam pele artificial” (com dois minutos e seis segundos de duração) e “Cientistas da Nasa anunciam a descoberta de 1284 planetas” (com apenas 27 segundos de duração) (GLOBO PLAY, 2017). A seguir, estão as transcrições de cada matéria exibida.

5.3.1.1 “Cientistas descobrem como vírus da Zika no Brasil ataca”



Fonte: Globo Play

Cabeça da apresentadora Renata Vasconcellos: Cientistas descobriram como é o comportamento do vírus da Zika no cérebro de bebês durante a gestação. A pesquisa

pioneira foi feita por um consórcio das universidades federais do Rio, Campinas e Pará, e ainda dos institutos: Dor, Evandro Chagas e Fiocruz.

Off da repórter Lília Teles: A descoberta é uma das peças fundamentais do quebra-cabeças de perguntas e respostas sobre o vírus da Zika. Pela primeira vez, os cientistas brasileiros descobriram como o vírus da doença que circula no Brasil age dentro da célula nervosa em formação. O estudo em laboratório mostrou o roteiro traçado pelo vírus da Zika.

Off da repórter Lília Teles/com arte: Ele entra na célula e passa a se reproduzir muito, depois a célula ativa um sistema de defesa ficando paralisada e não se desenvolve mais. Em seguida, ela morre. Em consequência disso, o número de neurônios é muito menor no feto infectado. Os cientistas encontraram alteração em 500 genes e proteínas dentro das células atacadas pelo vírus da Zika, o que provoca a malformação do cérebro.

Sonora de Patrícia Garcez Neurocientista IDOR e UFRJ: Zika é um vírus muito agressivo. Ele mata as células em 12 dias. Ele usa todo o mecanismo da célula, essa fábrica celular, para a produção do vírus, para se autorreplicar, se auto reproduzir.

Passagem da repórter Lília Teles/Rio de Janeiro: Entendendo o que o vírus faz na célula e suas características, os cientistas podem impedir a evolução dele e, assim, agir mais rapidamente, encontrando soluções entre os medicamentos já existentes, àqueles que podem ser eficazes contra a Zika, ou ainda, ajudar a criar remédios novos a partir dessas informações.

Off da repórter Lília Teles: Mas essas descobertas não tiram a responsabilidade da obrigação de cada um no combate ao mosquito transmissor da Zika, Dengue e Chikungunya.

Sonora de Patrícia Garcez Neurocientista IDOR e UFRJ: Isso é com certeza fundamental, que as pessoas não fiquem esperando o medicamento e deixem de se proteger não. Acho que a prevenção nesse caso, com certeza, é a nossa maior arma contra o vírus da Zika. A gente precisa se proteger contra os mosquitos!

5.3.1.2 “Pesquisadores juntam dois cremes e criam pele artificial”



Fonte: Globo Play

Cabeça da apresentadora Renata Vasconcellos: Nos Estados Unidos, cientistas desenvolveram uma substância que funciona como uma segunda pele.

Off do repórter Fábio Turci: Sabe aquela história de creme milagroso que deixa a pele mais jovem, apaga as rugas? Não é mais história! Agora existe! É o que garantem pesquisadores de algumas das universidades mais respeitadas do mundo. O milagre acontece quando se passa na pele primeiro essa pomada transparente e depois a branca. Elas reagem e formam uma camada invisível, macia e firme, uma segunda pele. Olha o rosto dessa senhora. Quando a gente puxa a pele fica a marca do lado direito, mas do lado esquerdo, onde o produto foi aplicado, a pele volta a se esticar e a olheira, a gente quase não vê.

Off do repórter Fábio Turci/ com arte: A segunda pele é feita de um tipo de silicone. Cada molécula tem um átomo de oxigênio e dois de silício.

Off do repórter Fábio Turci: A camada age por mais de 24 horas, deixa a pele respirar, mas não sai com lavagem, nem puxando. É preciso usar um removedor próprio para tirar.

Passagem do repórter Fábio Turci/ Massachusetts: Não é a descoberta da fonte da juventude, mas chega perto. Os pesquisadores estão fazendo testes e, só depois, vão pedir autorização ao governo americano para vender, e como vender, esse produto.

Off do repórter Fábio Turci: O engenheiro químico Robert Langer, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, diz que se um protetor solar for misturado ao creme, a

pessoa estaria protegida o dia todo. O produto também poderia ajudar no tratamento de doenças de pele protegendo o remédio aplicado em uma inflamação, por exemplo. Existem várias utilidades para essa descoberta.

5.3.1.3 “Cientistas da Nasa anunciam a descoberta de 1284 planetas”



Fonte: Globo Play

Nota da apresentadora Renata Vasconcellos: Cientistas da Agência Espacial Americana anunciaram a descoberta de 1.284 novos planetas. 550 podem ter mais ou menos o tamanho da Terra e 9 parecem estar em uma situação que teoricamente permitiria a existência de água em estado líquido. A missão Kepler foi lançada em 2009 com objetivo de encontrar planetas parecidos com a Terra.

5.3.2 O roteiro de perguntas

Para orientar as discussões após a exibição das notícias, foi desenvolvido um roteiro de perguntas. No entanto, dada a dinâmica própria do método de grupos focais – que privilegia a interação dos participantes entre si –, as questões serviram mais como norte para os pesquisadores. Assim, nem todas as perguntas foram feitas diretamente (em alguns casos, os tópicos emergiram sem necessidade de intervenção do pesquisador) nem seguiram necessariamente a mesma ordem. A proposta original foi iniciar a discussão com perguntas mais genéricas, para que os grupos fossem se soltando aos poucos e ganhando confiança para opinar mais livremente. Em seguida, perguntas mais direcionadas à

temática das notícias eram exploradas, conforme mostra o roteiro a seguir:

Perguntas gerais (Perguntas introdutórias - momento para quebrar o gelo)

Na opinião de vocês:

- 1) Qual o assunto das matérias?
(Elas falam sobre o que?);
- 2) Vocês consideram esses assuntos importantes? Por quê?
(Acham importante abordar esses assuntos no noticiário? Por quê? Qual a relevância desses assuntos para vocês? Por quê? Eles fazem parte da vida de vocês ou não tem nada a ver com a rotina de vocês? Se fazem parte, como, de que maneira?);
- 3) O que vocês acharam dessas matérias? Por quê?
(Vocês destacariam alguma coisa em especial? O que? Por quê?);
- 4) Tem alguma coisa que vocês não entenderam ou que não ficou clara nessas matérias a que vocês assistiram há pouco? O que?
- 5) O que despertou mais a atenção de vocês nas matérias? Por quê?

Perguntas intermediárias (momento em que as pessoas ficam mais à vontade para falar e que dá para começar a introduzir o foco da pesquisa)

- 6) Quando vocês assistem o *Jornal Nacional* costumam prestar mais atenção em quais assuntos? (Caso incluam Ciência como tema de interesse) Por quê? (Se não incluírem Ciência como tema de interesse, exibir um *take* das matérias de Ciência da edição do *JN* selecionada) Esse tipo de matéria desperta a atenção de vocês? Por quê?
- 7) Qual a temática dessas matérias? (do que elas falam?);
- 8) Vocês consideram a temática importante? Por quê? (Qual a opinião de vocês sobre a temática? Vocês acham que matérias dessa temática são úteis para as pessoas? Vocês consideram importante o telejornal abordar a temática?);
- 9) Tem alguma coisa nessas matérias que foi marcante para vocês? O que e por quê?

Perguntas específicas (momento em que as pessoas estariam à vontade para falar e em que são feitas as perguntas importantes para a pesquisa)

- 10) Qual a primeira ideia que vem à cabeça de vocês ao pensar na palavra “ciência”? Vocês enxergam a ciência como algo próximo ou distante de vocês? Sentem que faz parte da vida de vocês ou não tem nada a ver com a suas rotinas?
- 11) Qual a percepção que vocês tiveram dessas matérias de ciência?
- 12) Vocês costumam ter essa mesma percepção durante a semana quando assistem o noticiário televisivo?
- 13) O que vocês pensam sobre (cita os assuntos tratados nas matérias de ciência)? Vocês sempre pensaram assim ou estão falando isso porque as matérias trataram desse assunto?
(Vocês acham que mudou alguma coisa na maneira de vocês pensarem o assunto ao assistirem a essas matérias?);
- 14) Se vocês fossem citar assuntos de ciência, quais acreditam serem mais interessantes?
- 15) Vocês veem esses temas no telejornal? Como vocês elaborariam as matérias se fossem convidados a trabalhar na TV e a fazer matérias de telejornal? Fariam algo diferente? O que e por quê?

5.3.3 Análise dos dados

As discussões provenientes da assistência ao conteúdo do *JN* foram filmadas com câmera e gravadas com gravadores de áudio. O material de todos os grupos focais (o conteúdo das discussões e as matérias do *JN*) foi transcrito depois de assistido e ouvido repetidas vezes, além de revisado pela pesquisadora. O processo durou um mês e tornou-se dispendioso porque as participantes, mesmo orientadas a falar uma de cada vez, se empolgaram nas conversas nos grupos focais e ocorreram falas simultâneas de forma recorrente, dificultando a compreensão dos áudios, que precisaram ser ouvidos exaustivamente para garantir uma boa transcrição das duas horas e vinte e cinco minutos e quarenta segundos (2h25min40seg) de gravações. O trabalho resultou em 23 folhas de transcrições anexadas à dissertação.

Uma vez transcritas, foram analisadas com a técnica da análise de conteúdo, com abordagem qualitativa. Essa técnica, segundo Bardin (2001), reúne e compara as discussões por temas semelhantes que aparecerem na discussão. Os discursos foram divididos naqueles que representam opiniões individuais (de cada participante) e consensuais (do grupo como um todo). Vale ressaltar que foram considerados todos os discursos referentes ao tema e descartadas colocações que nada tenham a ver com o assunto, caso ocorressem. A análise aproveitou ao máximo o conteúdo extraído da interação entre os participantes a fim de enriquecer a investigação. Os discursos foram observados no contexto em que foram proferidos, para um resultado fiel ao material colhido para análise.

6 RESULTADOS OBTIDOS COM OS GRUPOS FOCAIS

A seguir, analisaremos cada grupo focal individualmente, destacando as questões que foram mais proeminentes em cada grupo de idosas. Na discussão, buscaremos analisar algumas questões em conjunto e em diálogo com estudos da área.

6.2. Grupo Focal 1

As participantes do Grupo Focal 1 (GF1) pertencem a uma turma de hidroginástica de uma academia localizada na zona Norte do Rio de Janeiro. Integraram o grupo uma pessoa com 65 anos, uma com 66, três com 67 e uma com 74 anos, totalizando seis voluntárias para essa etapa da pesquisa, com média de idade de 67,6 anos. Quanto ao nível de escolaridade, uma possui ensino fundamental incompleto, outra ensino médio completo, três têm ensino superior completo e uma, pós-graduação. As voluntárias também informaram sua área de atuação: compuseram o grupo uma dentista, uma contadora, uma professora de matemática, duas aposentadas e uma dona de casa.

O questionário preenchido pelas participantes antes da assistência às matérias de ciência do *JN* revela ainda outras informações dos sujeitos da pesquisa. Quatro das seis integrantes do estudo disseram ver TV todos os dias, apenas uma pessoa informou assistir à televisão vários dias na semana e uma pessoa declarou se dedicar raramente a essa atividade. Metade das participantes mencionou os telejornais como o tipo de programa que costuma assistir na TV – elas empregaram os termos “notícias”, “jornais” e “telejornal” em suas respostas.

Em resposta à pergunta aberta “que tipos de programas costuma assistir na TV?”, as idosas revelaram, em alguns casos, os temas das notícias assistidas por elas. Houve citação ao campo da ciência. Do total de seis participantes do GF1, uma pessoa respondeu assistir no telejornal reportagens sobre “saúde”, “viagens” e “religião”. Outros tipos de programas foram mencionados. Das seis componentes do GF1, três delas disseram ver “filmes”, duas citaram assistir a “documentários”, e uma fez referência a “novelas”. Entre as seis integrantes do GF1, teve ainda uma citação a programa de “entretenimento” e outra se referindo a uma emissora específica – possivelmente, a telespectadora acompanha a programação do canal como um todo, pois escreveu: “TV Brasil, o que puder”. Como a

resposta à questão era livre e as idosas podiam citar quantos programas quisessem, o número total de respostas supera o número de participantes.

As participantes do GF1 manifestaram preferência em assistir aos telejornais da Rede Globo: seis pessoas disseram vê-los na emissora, três na TV Brasil, Rede TV, Bandeirantes e SBT. A CNT e a Rede Record foram sinalizadas, cada uma, por uma participante da pesquisa. O número de menções é superior ao número de participantes porque uma pessoa poderia ver mais de um canal.

Solicitamos também que as voluntárias informassem no questionário se possuíam algum canal por assinatura e, em caso de resposta afirmativa, qual. Três participantes responderam positivamente, duas mencionaram, cada uma, um canal, a “Band News” e a “Record News”, outra participante fez referência a empresa fornecedora de canal a cabo, a “Sky”. Observou-se, então, a assistência a telejornais tanto em canais de notícias, na TV paga, a cabo, como em canais gratuitos, na TV aberta.

Três participantes disseram assistir ao *JN* com frequência, uma participante disse às vezes e duas, raramente – embora estas últimas já houvessem informado anteriormente à pesquisadora que tinham costume de assistir ao *JN*, pré-requisito para participar da atividade. Duas das idosas informaram assistir ao telejornal de forma solitária; três afirmaram assistir na companhia de alguém da família. Uma participante informou que geralmente assiste ao telejornal sozinha, mas às vezes o faz junto com a família e os amigos. Três das seis participantes disseram que costumam comentar às vezes as notícias com as pessoas que estão vendo o telejornal com elas; três pessoas informaram que isso depende de quem está vendo o programa com elas. Essas respostas sugerem que mesmo aquelas idosas que costumam assistir ao telejornal sozinhas, por vezes têm companhia.

As participantes informaram o nível de interesse delas em diversos temas listados. Sobre “medicina e saúde”, seis das integrantes da pesquisa afirmaram muito interesse no tema. Especificamente a respeito de “ciência e tecnologia”, quatro pessoas declararam ter muito interesse no tema, uma participante informou médio interesse no assunto e uma última integrante afirmou pouco interesse na área. No tocante ao tema “meio ambiente”, quatro pessoas afirmaram muito interesse, uma participante informou médio interesse e uma respondente declarou pouco interesse no assunto. No que concerne a “economia”, três pessoas relataram muito interesse, uma participante informou médio interesse e duas respondentes declararam pouco interesse. Assim, os dados mostram que havia um interesse prévio do GF1 por matérias de “medicina e saúde” e por matérias de “meio ambiente” e

“ciência e tecnologia”.

Após responderem ao questionário, que deu origem às informações apresentadas até aqui, as idosas assistiram às três matérias de ciência do *JN*. A pesquisadora iniciou a conversa perguntando às participantes quais seriam os assuntos das notícias, a fim de verificar se as idosas associavam os temas expostos ao universo da ciência. No GF1, houve a identificação do conteúdo exibido como “matérias de ciência” logo no início do bate-papo, como mostra o trecho a seguir:

Moderadora 1: Bom, essas são as matérias! Quais são os assuntos que vocês identificaram nessas matérias que eu passei para vocês?

GF1.P2 – Ciência.

GF1.P1 – Saúde, a primeira...

GF1.P2 - Saneamento básico, né! É... saúde, não deixa de ser!

GF1.P1 - Depois foi...

GF1.P4 - Começou com o universo...

GF1.P1 - Ciência... e, agora, saúde.

As participantes do GF1 demonstraram facilidade em descrever o conteúdo das notícias. As senhoras se referiram aos temas das matérias em vários momentos da conversa, entre eles, um em especial: quando uma idosa chegou atrasada e entrou para participar do estudo e a Moderadora 2 pediu que as pessoas que estavam ali contassem para a amiga o que haviam assistido, como mostra o trecho a seguir:

GF1.P1 - A primeira matéria foi sobre a Zika, mostrou como ele age nos neurônios dos fetos, né. Depois, foi sobre planetas... que acharam planetas com condições semelhantes à da Terra, que pode vir a ter vida... a última foi o que mesmo, que eu esqueci?

GF1.P4 - Foi sobre a pele.

GF1. P1 – Ah! Sim, sobre uma pele artificial que eles estão desenvolvendo, né, que ela fica fixa bem, e você passando protetor solar em cima daquela pele, ficaria o dia inteiro protegido...

Em outro momento, a Moderadora 1 perguntou a opinião das participantes sobre a matéria da Zika e a participante GF1.P5 se manifestou em relação ao assunto da notícia dizendo: “Eles [os jornalistas] estavam mostrando o que realmente o mosquito causa”, ao referir-se à transmissão de Zika no contato do homem com o mosquito infectado.

No decorrer da conversa, a Moderadora 1 perguntou se as participantes consideravam importantes os assuntos que elas citaram. GF1.P1 e GF1.P4 disseram que sim:

GF1.P1 – Sim, acredito que sim porque a gente aprende em como poder ajudar a se proteger. Tendo conhecimento, pode passar esse conhecimento adiante.

GF1.P4 – Eu, por exemplo, acho importante, é por experiência própria porque já fui jovem, né! Porque... Eu tive melanoma exatamente por falta de informação.

No trecho acima também é possível identificar que as participantes percebem a ciência como algo útil para suas vidas, o que aparece também em outros trechos, muitos deles associados à aquisição de conhecimento. Exemplo disso é quando GF1.P1 diz: “(...) você vai poder ainda... vai adquirindo mais conhecimento e podendo se beneficiar de todas as novidades que vai aparecendo”. A utilidade da ciência aparece nesse discurso como um benefício para as pessoas, o que foi observado também em outras falas, como a de GF1.P3: “Essas descobertas [da ciência] nos traz a cura de diversas coisas” e de GF1.P2: “(...) existem pessoas, por exemplo, queimadas que precisam fazer o transplante da pele, o enxerto de pele, coisas assim”. GF1.P3 e GF1.P2 referiam-se à ciência no contexto da medicina, da restauração da saúde e cura de doenças.

Os discursos das participantes da pesquisa associados à ideia de utilidade da ciência e dos benefícios proporcionados por ela vieram acompanhados de relatos pessoais, o que demonstra que a ciência está presente na vida das pessoas e evidencia, em alguma medida, uma proximidade entre as partes. Tal proximidade também é proporcionada pelos meios de comunicação, que surgem nas conversas como fontes de informação sobre ciência. A participante GF1.P4, por exemplo, descobriu que tinha melanoma a partir de informações recebidas em uma notícia:

GF1.P4 - Teve uma época que ‘eles’ fizeram uma informação esclarecendo o que era o câncer de pele, aí, nisso, eles colocaram publicação em jornal com a fotografia de como que era [a doença]. Diante daquilo tudo, eu olhei e me identifiquei, e não deu outra. Fui no INTO e falei: eu tenho essa mancha que eu tenho que ver... Aí, eu tive que tirar (o câncer) profundo.
(...)

Moderadora 2 - A participante GF1.P4 tinha comentado sua experiência própria com melanoma, que foi uma matéria de jornal. Não é isso?

GF1.P4 – (...) Foi quando o jornal realmente publicou diversas vezes... e eles fazem muito programa levando especialistas, né. Então, eu vejo alguns programas que eu gosto, entrevista com gente inteligente, eu vejo. Eu vejo em qualquer canal.

Ao contar seu relato de experiência, a participante ressaltou a importância das notícias de ciência serem divulgadas na TV. Ela dá a entender que, se tivesse conhecimento sobre o assunto, poderia ter se prevenido:

GF1.P4 – (...) Eu tive melanoma exatamente por falta de informação (...), ninguém nunca tinha ouvido falar de câncer de pele. (...) Eu ia para a praia às 10 horas da manhã e voltava às 6 horas da tarde, passava o dia inteiro no sol e não tinha barraca (...). Isso porque não tinha informação nenhuma sobre isso.

Ainda no tocante aos meios de comunicação como fontes de informação, o *Jornal*

Nacional foi citado explicitamente na fala de algumas participantes, como a GF1.P3, ao comentar uma matéria do programa assistida em outra ocasião:

GF1.P3 - (...) teve o planeta que tava cheio de pedras... Não sei se foi Marte. Eu também não vi tudo não. Eu liguei a televisão e tava passando o *Jornal Nacional*. (...) eu até queria saber detalhes sobre aquilo, o porquê daquelas pedras.

A participante GF1.P5 citou especificamente o tema saúde ao abordar a cobertura do *Jornal Nacional* sobre três doenças transmitidas pelo *Aedes Aegypti*: Dengue, Chikungunya e Zika. Ao referir-se ao programa, a participante diz:

GF1.P5 - Ele sempre alerta com relação a Dengue e a Chikungunya. Estão sempre querendo mostrar...(...). Se você não escuta, se você não vê, você não sabe.

É importante ressaltar que os comentários a respeito das matérias sobre saúde, especificamente, revelam que as telespectadoras muitas vezes baseiam seus comportamentos – e suas tomadas de decisão – no que é dito no telejornal. Isso demonstra a relevância dessa cobertura no dia a dia das telespectadoras. Outro aspecto levantado na discussão sobre matérias de saúde foi o medo que a cobertura pode despertar, quando trata de doenças. O trecho abaixo ilustra esses aspectos:

GF1.P5 - Na época, quem estava grávida vivia toda encapuzada, toda cheia de protetor e repelente porque é um alerta que você vê no jornal, o que você escuta de ficar se protegendo, né. Se você não escuta, se você não vê, você não sabe.

GF1.P4 - Eles batem muito na matéria aí o povo... Aquilo assusta. Às vezes, até todo mundo fica: não vou mais ter filho!

GF1.P3 - Ninguém sai mais de casa, vai botar tudo, botar casaco, botar até burca numa boa. É a mentalidade brasileira...

(...)

GF1.P1 - Eu acho que a gente tem que ter um pouco de equilíbrio. Você vê o problema, mas também tem que ir ver como que eu posso tentar evitar, não passar por aquilo. Você vai tentar, né. Hoje nós vamos fazer isso, isso, isso. Pode acontecer? Pode! Mas a partir do momento que você adquire conhecimento sobre o que eu posso fazer para me proteger, é tentar cada um fazer a sua parte, né.

GF1.P3 - Você se protege da sua maneira.

As idosas questionaram a cobertura do *Jornal Nacional* em alguns momentos e a valorizaram em outros, uma evidência do senso crítico delas em relação ao noticiário. As críticas não se restringiram à cobertura de ciência. A participante GF1.P3, por exemplo, declarou insatisfação com o telejornal devido à cobertura diária de violência e à sequência de notícias negativas, o que tem desmotivado sua assistência ao programa. No que diz respeito às matérias de ciência, especificamente, as críticas foram bem moderadas –

coberam apenas mais informações sobre prevenção na matéria sobre Zika, conforme a fala de GF1.P2: “Ali ele informou como o vírus age no cérebro, então, para completar a informação toda, teria que entrar na parte da prevenção”. No entanto, essa mesma participante ponderou em seguida que tais informações talvez tivessem sido veiculadas em notícias exibidas anteriormente em outros dias. De forma geral, as matérias sobre os planetas e sobre a pele artificial foram muito bem recebidas pelas idosas:

Moderadora 1 - E a matéria dos planetas? O que vocês acharam da matéria dos planetas?

GF1.P2 - Eu acho fantástico!

GF1.P1 - Eu acho maravilhoso! Me interessa muito. Eu gosto muito de pesquisar, de saber essas descobertas...

GF1.P3 - Essas descobertas nos traz a cura de diversas coisas, mas também só o tempo que dirá.

(...)

Moderadora 1: E a última, a matéria da pele, o que vocês acharam?

GF1.P2 - Eu achei fantástico! Não é só pela estética em si, mas pelo avanço mesmo porque existem pessoas, por exemplo, queimadas que precisam fazer o transplante da pele, o enxerto de pele, coisas assim. Esse avanço começa assim. Eu acho que a parte da estética avançou bastante com o invento do botox. Esse daí já vai superar ó longe. Achei Fantástico! Não tinha visto essa matéria. Achei muito, muito boa. Hoje em dia, a ciência está se multiplicando dia após dia. Cada dia mil novidades, então...

Quando a Moderadora 1 perguntou se as informações das notícias tinham ficado claras, duas participantes afirmaram que sim – uma delas disse que tinham sido bem explicadas. Apenas uma terceira participante (GF1.P4) fez uma ressalva de forma mais genérica, sem se referir a uma matéria em específico: “Sempre paira alguma dúvida. Aí, tem que explicar esmiuçando o que é, para a pessoa entender”. A mesma participante já havia se manifestado nesse sentido, sobre a linguagem do Jornal Nacional: “(...) pra não falar palavra difícil, tem que fazer a coisa assim puxando pelo babaca para a pessoa entender bem. Às vezes, usam muitas palavras científicas que ninguém nem sabe o que quer dizer”.

Sobre as temáticas de ciência que as participantes gostariam de ver retratadas no telejornal, sobressaíram tópicos de saúde, com foco em hábitos saudáveis e alimentação infantil como forma de prevenção de doenças. Segundo elas, tal tema não costuma ser contemplado pelo informativo, que prioriza outro tipo de cobertura: “político e tiro”.

A ciência aparece nas conversas do GF1 associada a novidades e descobertas. GF1.P5 cita a descoberta científica sobre as causas da microcefalia em bebês no ano da reportagem, quando muitos casos foram identificados no país. As pesquisas realizadas na época mostraram que o fato de mulheres grávidas terem sido infectadas pelo vírus da Zika durante a gestação fez os bebês desenvolverem a doença. A fala da participante GF1.P2

também é bem ilustrativa dessa imagem da ciência: “Hoje em dia, a ciência está se multiplicando dia após dia. Cada dia mil novidades”. Mas a ciência associada a um processo de pesquisa de longo prazo também surgiu em referência à matéria sobre pele artificial:

GF1.P3 - Mas só que eu acredito que nenhum de nós estaremos aqui para ver isto... não sei nem se essas crianças estará aqui pra ver porque será milhões e milhões de anos... Entendeu?

GF1.P1 – Isso demora em estudos e pesquisa. Isso demora!

As participantes atribuíram funções diferentes – porém afins – à ciência, como educar a população, prevenir doenças e viabilizar o progresso ou a evolução das coisas. Diante da relevância dessas funções, elas acreditam que a ciência deveria ter mais incentivo, como ilustra o trecho a seguir:

GF1.P3 - É que não tem incentivo nas pesquisas aqui, lá tem incentivo. Não estou falando com relação ao Brasil. Estou falando em relação a Dubai. Lá tem incentivo demais. (...) É lógico que tem muita gente boa aqui. Estão indo embora para lá.

Moderadora 1: Vocês acham que não tem incentivo à pesquisa aqui?

GF1.P3 - Eu acho! No Brasil não, nunca. (...) Aqui não tem incentivo para turma de primeiro grau, segundo grau..., não tem incentivo para nada, para as escolas daqui... A educação daqui é falida, entendeu?

GF1.P4 – A educação aqui é muito baixa.

(...)

GF1.P3 - Tem que ter muito mais incentivo, muito mais, com certeza. Quem dará o primeiro passo?

Moderadora 1 - vocês acham importante ter esse incentivo por quê?

GF1.P3 - A evolução...

(...)

GF1.P4 - Você vai fazer uma pesquisa... Você vê assim um sinal lá no fim do túnel, você já se empolga. Que bom! Vamos continuar! Até mesmo por própria... vaidade não, é... algo de novo,

GF1.P3 - Na minha época, você pagava as coisas no banco. Hoje você entra na internet, em qualquer lugar você paga uma conta. Você compra alguma coisa pela internet, isso aí é evolução. Evoluir faz parte da vida. Agora no nosso país nada é levado a sério.

Por outro lado, as participantes citaram a capacidade de se fazer ciência no Brasil. Apesar das condições adversas, existem profissionais capacitados e dedicados, que são reconhecidos no exterior. Seria o caso da profissão de dentista, que, segundo uma participante, é muito valorizada em Portugal. Essa participante, em particular, é bastante enfática a respeito da capacidade científica do Brasil e critica a forma de se gerenciar a verba para a pesquisa:

GF1.P2 - Então, eu acho que nós temos bons profissionais, muita gente inteligente temos estruturas boas, como tem o INPE para fazer pesquisas espaciais. Vira e mexe está sendo noticiado. Então, o que falta realmente é haver uma melhor distribuição da verba porque, infelizmente, o que a gente vê hoje em dia é a verba sendo investida no mesmo setor, sendo direcionada para os interesses pessoais, particular, de determinadas pessoas.

A Moderadora 1 perguntou, ainda, às idosas se o investimento em pesquisa teria alguma consequência na rotina delas e P1 respondeu: “Eu acho que uma coisa vai levando a outra. Vai descobrindo mais coisas e você (...) vai adquirindo mais conhecimento e podendo se beneficiar de todas as novidades que vai aparecendo”.

6.3. Grupo Focal 2

As participantes do Grupo Focal 2 (GF2) frequentam aulas de teatro e dança sênior em uma escola de arte localizada na zona Norte do Rio de Janeiro. O grupo foi composto por quatro idosas, com 64, 78, 83 e 82 anos de idade – 76,7 anos em média. Uma participante possui ensino fundamental incompleto, duas possuem ensino médio completo e uma, ensino superior incompleto. Três delas são aposentadas e uma, dona de casa.

Todas as quatro participantes do GF2 disseram assistir à televisão todos os dias. No questionário, na pergunta aberta sobre que tipos de programas costumam assistir, três idosas mencionaram “telejornal” de forma genérica e uma citou especificamente o *Jornal Nacional*. As novelas foram o segundo tipo de atração mais citada (após o telejornalismo): das quatro participantes, duas declararam assistir ao gênero e uma delas especificou ver as novelas da Rede Globo. As idosas informaram assistir também a outros programas – uma delas citou esportes e filmes; outra, o Bem Estar, atração da TV Globo sobre temas relativos à alimentação, bem-estar e saúde. Três participantes afirmaram assistir a programas de canal por assinatura, mas mencionaram apenas a operadora (NET e Claro).

Em relação à assistência a telejornais, todas as quatro pessoas do GF2 disseram vê-los na Rede Globo. As idosas informaram assistir a telejornais de outras emissoras – Bandeirantes, CNT, SBT e Rede Record – cada uma delas foi mencionada por uma integrante do estudo. Por outro lado, os três últimos canais são assistidos pelas senhoras somente “às vezes”, segundo elas.

Três participantes disseram que assistem ao *Jornal Nacional* com frequência e uma, às vezes. As quatro integrantes da pesquisa disseram estar sozinhas quando assistem a telejornais – mas três delas disseram que costumam comentar as notícias com as pessoas que estão vendo o telejornal com elas, o que sugere que nem sempre as idosas estão sozinhas ao assistirem a telejornais.

As participantes do GF2, assim como as do GF1, informaram o nível de interesse delas em diversos temas listados. Em relação à “arte e cultura”, três participantes disseram ter muito interesse no assunto e uma pessoa manifestou médio interesse na temática. No tocante ao tema “meio ambiente”, três pessoas afirmaram muito interesse e uma participante informou médio interesse no assunto. No que concerne a “economia”, três pessoas relataram muito interesse e uma participante informou médio interesse. Sobre “medicina e saúde”, duas integrantes da pesquisa afirmaram muito interesse e uma declarou médio interesse no tema. Especificamente a respeito de “ciência e tecnologia”, duas pessoas alegaram muito interesse no tema, duas participantes informaram médio interesse no assunto e uma última integrante afirmou pouco interesse na área. Assim, “Arte e cultura”, “meio ambiente” e “economia” representam os temas preferidos das idosas – das quatro participantes do GF2, três delas manifestaram muito interesse nesses assuntos.

A discussão propriamente dita começou com a moderadora perguntando que temas as participantes haviam identificado nas matérias. As idosas apontaram alguns tópicos relativos às três matérias. Citaram os termos “Zika”, “prevenção”, “vírus do mosquito”, “descoberta de planetas”, “pele”, “protetor” e “protetor para evitar o envelhecimento da pele”. Das quatro integrantes da pesquisa, três declararam achar importantes todos os temas exibidos. Mas, ao serem questionadas sobre quais seriam mais importantes, os temas ligados à saúde se sobressaíram, com destaque para o vírus da Zika, pela possibilidade de envolver morte, como ilustra o trecho a seguir:

Moderadora 1: Vocês consideram esses assuntos importantes?

GF2.P2 - Com certeza!

GF2.P1 – É! São importantes.

GF2.P3 - São importantes.

GF2.P1 - Principalmente o do mosquito da Zika, tá entendendo?

GF2.P2 – Todos são.

GF2.P1 - Eu sei, mas, para mim, o (assunto) mais importante é esse (sobre o vírus da Zika) porque ele (o vírus) mata. E quando a mulher está grávida, afeta o feto e a criança nasce com deficiência, tá entendendo? E, às vezes, até morre. (...)

Moderadora 1 – Vocês destacariam outro tema mais importante?

GF2.P3 - O da pele, né.

GF2.P1 - O da pele também.

GF2.P3 - Fica a pele mais... mais jovem, né.

GF2.P2 - Todos são importantes.

GF2.P1 – É. Todos são importantes, mas para mim o principal é esse...

GF2.P2 - É que envolve vida, né.

GF2.P1 - Envolve vida.

GF2.P3 – É. Realmente, tem prejudicado muito.

GF2.P1 – É Isso. Esse mata. É tanta criança que nasce deformada por causa do mosquito.

Em outro momento da discussão, as participantes voltaram a falar sobre o tema que

consideravam mais importante, dessa vez, de forma espontânea. E novamente o tema do Zika vírus foi reforçado como de grande relevância. A participante GF2.P2 opinou: “A descoberta sobre o vírus da Zika é importante. Quando envolve a vida da gente, tudo é enriquecedor, tudo é mais importante”, destacou. Outra participante (GF2.P1) reiterou: “É muito mais importante”. A saúde, em geral, é um tema muito presente na vida das participantes porque elas vivem uma fase da vida na qual as doenças são mais recorrentes, exigindo certos cuidados com a própria saúde. Logo, as senhoras se mantêm interessadas no assunto pensando em longevidade.

Já a matéria da “pele artificial” interessou as idosas porque falava de uma alternativa para uma aparência mais jovem, uma vez que o envelhecimento preocupa as mulheres na terceira idade. Esses aspectos emergiram em vários momentos da discussão, a exemplo do trecho a seguir:

GF2.P2 – Que [temas] eu me identifico? A pele, aquele lá para você ficar com a pele melhor, mais rejuvenescida, ainda mais quando a idade vai chegando, aí você tem que ficar mais preocupada ainda (risos).

Moderadora 1 – E as senhoras?

GF2.P3 – A mesma coisa.

GF2.P2 – Todos foram importantes.

GF2.P3 – Mas esse eu acho mais importante.

Todas - E o do vírus.

Moderadora 1 – Por que? Por favor, a P4, que falou primeiro.

GF2.P4 - Porque acho que tudo que se faz para descobrir, para melhorar essas doenças que vem por aí, acho superimportante.

GF2.P1 - É muito importante.

GF2.P4 - E a pessoa com saúde pode ser velha parecer nova. A pessoa com saúde está bem.

Esta participante, no entanto, afirmou ter gostado mais da matéria dos planetas. As demais idosas, porém, reiteraram o maior interesse pela matéria sobre a pele artificial – “Quem não quer ficar esticadinho bonitinho?” – e uma delas afirmou que a amiga não se interessava porque ainda “era broto”. A notícia apresentava uma “solução” para um “problema” compartilhado pelas participantes – uma pele artificial para ser utilizada na região de rugas com a finalidade de camuflá-las, dando a impressão da usuária do produto ser mais jovem do que realmente é. Os trechos destacados até aqui sugerem que as matérias de ciência despertam a atenção deste público quando apresentam uma utilidade e aplicação clara para o seu dia a dia.

As idosas mencionaram a qualidade das matérias do *JN*. As duas que se manifestaram (GF2.P1 e GF2.P2), ou seja, metade das senhoras do GF2, qualificaram positivamente o conteúdo noticioso. GF2.P1 utilizou o termo “boas” para classificar as

matérias. Ela destacou o caráter preventivo das notícias ao justificar sua resposta, dizendo: “Porque evita o envelhecimento, evita morte das crianças deficiente[s] e evita muita coisa que prejudica muito a saúde”. GF2.P2 deu a entender que as matérias seriam “boas” por outro motivo: “Mostra mais o avanço da tecnologia para a gente, né”.

A respeito dos assuntos de interesse em geral, veiculados pelo *Jornal Nacional*, as idosas citaram “novidades” genericamente – sugerindo o gosto por assuntos factuais. Temas que afetam o dia a dia também foram citados. Atualmente, política e corrupção se sobressaem, segundo as participantes. E também a questão do pagamento atrasado dos aposentados do Governo Estadual do Rio de Janeiro. “Eu fico vendo se aparece o governador, né, para ver se fala alguma coisa sobre os aposentados do Estado, que até hoje ele não pagou. Então, é isso aí, eu fico na expectativa”, contou a aposentada que estava sem salário e por isso o tema da notícia era uma prioridade para ela naquele momento. Apesar da citação não se referir ao tema da pesquisa, vale considerá-la para o entendimento do interesse do público em assuntos factuais, que afetam diretamente o dia a dia, e em assuntos do momento em que se vive. A participante GF2.P2 citou espontaneamente alguns temas afins à ciência:

GF2.P2: “Agora no momento eu não tô ligada assim num tema específico, mas eu estou sempre ligada em coisas diferentes, tipo saúde, alimentação, atividade física... (...) Eu posso não ficar muito ligada, entendeu? Mas quando se trata de saúde, aí eu automaticamente vejo. É porque eu sou diabética e hipertensa e abusada. (Risos) Então, quando entra saúde, qualquer coisa que fala a respeito, talvez da obesidade, diabetes, hipertensão, terceira idade..., eu estou sempre ligada.”

Embora nesse momento da conversa apenas GF2.P2 tenha se manifestado, ao longo de todo o bate papo todas as senhoras fizeram referências à saúde como veremos no decorrer da discussão. Em geral, os assuntos de interesse das idosas estão relacionados com o momento de suas vidas. Saúde, alimentação e atividade física fazem parte da rotina das senhoras porque esses três temas estão relacionados com a ideia de viver bem e mais, ou seja, viver com saúde e conquistar longevidade.

É importante destacar que outros programas da Rede Globo foram citados espontaneamente pelas participantes e a maioria deles tratava de temas de ciência. Foram citados “Como Será?”, “Globo Rural”, “Bem Estar” (as quatro participantes afirmaram assistir a esse programa em particular) e “Globo Repórter” (este último trata eventualmente de assuntos científicos). A utilidade para o dia a dia que as participantes atribuem à ciência também ficou explícito nessas citações. Por exemplo, no trecho a seguir:

Moderador 2 - A GF2.P4 estava falando do ‘Como Será?’. Do que a senhora gosta do ‘Como Será?’?

GF2.P4 - Sabe que eu gosto de tudo quanto é matéria porque às vezes aparece alguma coisa muito interessante. Outro dia eu vi uma espécie de exercícios que se faz em casa para as pessoas que às vezes não tem tempo de sair, né. Então, tinha uns exercícios que tinha um elástico que botava assim, sentada numa cadeira...

GF2.P3 - É numa cadeira. Eu vi.

GF2.P4 - Então, eles ensinam certas coisas que dá orientação, que ajuda muito a pessoa no dia a dia. Eu gosto muito de ver o ‘Como Será?’.

Porém, o interesse por ciência não gira em torno apenas da sua utilidade direta no cotidiano. Outros assuntos, que não estão diretamente relacionados ao dia a dia das idosas acabaram emergindo espontaneamente na discussão sobre os outros programas:

GF2.P4 - Eu gosto muito de ver no sábado de manhã aqueles programas sobre as fazendas, sobre os grãos: qual é o grão que está em alta, qual que está em baixa, como é que se cuida...

Moderador 1 - O Globo Rural?

Todas - É o Globo Rural.

GF2.P1 - Eu gosto muito de ver também o Globo Rural, a vida dos índios também. Eu gosto muito de ver a vida nordestina. (...)

GF2.P4 - No Globo Repórter também tem bons programas.

Moderadora 1 - Que temas chamam mais a atenção da senhora no Globo Repórter?

GF2.P4 - Eu gosto de muito de ver sobre os rios para saber o que foi feito do Rio São Francisco, que tá doente, né, para saber o que está acontecendo com ele. Eu gosto muito de saber o que acontece. Eu gosto muito do Rio São Francisco.

As senhoras consideraram as matérias compreensíveis, salientaram a clareza das notícias, mas percebe-se que algumas informações passaram despercebidas, provavelmente porque as matérias abordam muitas informações em pouco tempo e o meio televisivo não permite retomar o conteúdo - espera-se que ele seja assimilado no momento da transmissão. Observa-se o exposto nos comentários de GF2.P1 sobre a matéria da “pele artificial”:

GF2.P1 - A forma como ele fez, a gente não toma nota de tal coisa. Entendeu? Tá entendendo? Mas, sabe que aquilo foi feito com aquelas coisas, químico e tal, para pomada colocada na senhora. Isso aqui [toca em rugas abaixo de um dos olhos] esticou e esse lado ficou aqui tudo [permaneceram as rugas abaixo do olho em que não foi aplicada a pomada] e tudo bem. Mas, dizer o produto que foi feito a coisa, a gente não sabe o material.

Ela também se referiu à matéria sobre a descoberta de novos planetas. GF2.P2 não sugeriu falta de clareza na matéria, mas sentiu falta de algo a mais: “O planeta eu entendi, mas se houvesse mais detalhes...”. A opinião de GF2.P2 sobre a matéria parece estar relacionada ao tamanho da notícia - muito curta. Trata-se de uma nota coberta, como se

diz no jornalismo: uma informação lida pela apresentadora enquanto imagens do espaço feitas pela Nasa eram exibidas. GF2.P2 ponderou: “De repente, o tempo, né...”.

A Moderadora 1 perguntou se, casos as participantes fossem produzir as matérias assistidas, elas as fariam da mesma forma ou não. GF2.P1 manifestou interesse em saber mais sobre a matéria da Zika por uma questão de curiosidade e de representação da sua terra natal, não por discordar da elaboração da matéria do *JN* sobre o assunto. “Eu ia pesquisar mais sobre o mosquito para mim saber essas coisas mais. Tá entendendo? Tem um mosquito que na minha terra tem. Aqui não tem porque os nomes são diferentes.” Todas as participantes deram a entender que não mudariam a forma de abordagem dos assuntos das notícias, mas acrescentariam algo. Os comentários sugerem a curiosidade das idosas em saber mais sobre os temas assistidos.

GF2.P2 - Não mudaria. A gente ia acrescentar mais descobertas sobre isso.

GF2.P1 - É justamente isso.

GF2.P2 - Mais descoberta, mais descoberta, mais eficácia.

O termo “ciência” não surgiu espontaneamente nas referências às matérias, então a Moderadora 2 perguntou se as idosas chamariam ou não alguma das notícias assistidas de “matérias de ciência” ou com “tema de ciência”. Duas participantes afirmaram que as três matérias poderiam ser consideradas de ciência. Outras duas associaram a matéria sobre os planetas à disciplina de “Geografia”. Quando questionadas sobre o que lhes vinha à cabeça quando elas pensavam em ciência, todas as idosas associaram o tema a descobertas e surgiram, ainda, comentários relacionados ao método científico no sentido da necessidade de comprovação de uma hipótese levantada em algum estudo. O trecho a seguir ilustra esse aspecto:

Moderadora 2 - Quando a gente fala de ciência o que vem na cabeça de vocês?

GF2. P4 - Tem tanta coisa, tanta coisa. Vai coisas boas, né, tanta descoberta. Tudo que envolve descoberta tá dentro da ciência porque tudo tem que ser provado pela ciência. (...) Porque a ciência é tudo, a gente tem que provar. Se a ciência não provar não é nada, não tem valor. Tem muita coisa: a morte, a vida. Muita coisa se não for provada dentro da ciência não tem valor por isso que é importante saber tudo.

Moderadora 2 - A GF2.P1 queria falar.

GF2.P1 - O que eu ia falar é o que ela falou, a mesma coisa. Tá entendendo? É isso, é muito importante mesmo a gente ter ciência de tudo, mas tem que ser no preto e no branco, como se diz, pra ter certeza.

(...)

Moderadora 2 – Deixa eu voltar para o assunto. GF2.P2, quando a gente fala de ciência, o que vem na sua cabeça?

GF2.P2 – O que ela falou aí, a descoberta.

Moderadora 2 – E dona GF2.P3?

GF2.P3- Também.

As participantes mencionaram também descobertas na área da saúde. Embora contenham incorreções científicas, essas falas nos interessam do ponto de vista de associar a ciência à noção de descobertas. Citaram a dengue como primeira doença transmitida pelo mosquito (não mencionaram especificamente o *Aedes aegypti*) e seguiram:

GF2.P4 – Aí, depois, veio a zika e a chikungunya e os mosquitos com isso vão sofrendo mutações, né. Então, eles têm que tá estudando sempre.

GF2.P2 - Sempre descobrindo.

GF2.P4 - Sempre descobrindo.

Quando a moderadora perguntou quem faz ciência – no intuito de suscitar o debate sobre a imagem do cientista –, as respostas giraram em torno da necessidade de estudo constante, como um processo contínuo e que demanda discussões. A ciência, então, surgiu como uma atividade coletiva, complicada e fruto de esforço e estudo, como mostra o seguinte trecho:

Moderadora 2 – E quem faz ciência?

GF2.P4 - São as pessoas que têm que estudar.

GF2.P1 - Tem que estudar.

(Todas concordam)

GF2.P4 - Tem que estudar e muito, porque é uma matéria bem complicada, né.

GF2.P1 - Um cientista.

Moderadora 2 – Então, para ser um o cientista, usando o termo que a senhora usou, basta estudar?

GF2.P1 – Pesquisar, estudar profundamente e pesquisar, através da pesquisa tomando nota, tudo direitinho. Tá entendendo? Para não esquecer e vendo a e b ou c, tudo aqui: peso, como se diz, o peso na medida.

GF2.P2 - vai pesquisando antes, tirando as conclusões...

GF2.P1 - Tirando as conclusões... Ele tem que discutir também com outras pessoas

GF2.P2 – Tem que haver discussão com outros cientistas.

GF2.P1 - ... que seja do nível dele, outro científico.

As idosas afirmaram, ainda, que homens e mulheres podem se tornar cientistas. E também não é preciso ser rico, embora sejam necessários recursos financeiros para garantir o exercício da profissão. O fundamental seria ter força de vontade, ser inteligente e ter muita dedicação. Duas participantes afirmaram ser necessário ter um dom ou talento nato, como afirmou GF2.P2: “Eu acho que é o dom mesmo, que vem de dentro da pessoa, aquela vontade de descobrir, de querer saber, de pesquisar por que tá assim, por que que não tá assado”.

Instituições ligadas à pesquisa também foram mencionadas. Além da Fiocruz – citação mais óbvia devido à filiação das pesquisadoras que conduziram o grupo – uma

participante mencionou a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o CNPq, pois seu sobrinho era pesquisador da UERJ e recebia bolsa do CNPq. Ela demonstrou preocupação com o corte de verbas da agência de fomento e disse ter tomado conhecimento desse fato pelo *Jornal Nacional*. Uma participante se referiu, ainda, ao Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão, embora não lembrasse o nome: “Na minha terra tem, lá no Maranhão, onde tem aquele planetário... Como é o nome do planetário que vai à lua?”

As senhoras relataram que a ciência e a pesquisa faziam parte da vida delas e da coletividade. Em alguns momentos, elas se referiam a pesquisas que elas próprias podiam fazer no dia a dia – como para saber a proporção correta dos ingredientes de uma receita culinária –, outras vezes se referiam às pesquisas feitas por cientistas, que chegavam ao conhecimento delas pelos meios de comunicação, mesmo sem elas procurarem saber ativamente. Nesse momento, relacionaram ciência a evolução e reiteraram mais uma vez a noção de ciência ligada a uma descoberta.

GF2.P2 – Nós estamos sempre prestes a pesquisar, a saber, a descobrir, é do nosso dia a dia. Você tá sempre descobrindo alguma coisa nova. A vida é descoberta.

(...)

GF2.P4 - Eu gosto de escutar, de ler... Eu gosto de ler as matérias. Eu gosto de ver a evolução, de como a gente tá evoluindo. Eu gosto de ver... agora, assim, particularmente não tenho uma... Apesar de que a gente está sempre descobrindo... até para fazer uma comida a gente descobre...

GF2.P1 - É uma pesquisa.

GF2.P4 - É uma pesquisa.

GF2.P2 – É uma descoberta.

GF2.P3 – Tudo neste mundo é uma pesquisa.

GF2.P2 – No dia-a-dia há sempre uma descoberta.

As participantes demonstraram interesse em buscar informações relacionadas a ciência, além de assistirem ao noticiário sobre o assunto. A tomada de decisão de pesquisar temas de interesse sugere o engajamento das idosas com a ciência. GF2.P1 afirmou que a curiosidade a motivou a realizar pesquisas, mesma situação de P2, quando ela procurou saber o que era cintilografia em função de uma necessidade médica. Isso demonstra, também, a utilidade das informações científicas no cotidiano delas. Na visão das senhoras, a ciência estaria relacionada ao cotidiano em função da sua utilidade – seja na prevenção de doenças e da morte, seja para retardar o envelhecimento, ou no cuidado com a saúde de modo geral.

As participantes comentaram a questão de incentivo em ciência no Brasil. Segundo elas, o país investe pouco ou nada no campo. Uma das idosas dizia haver migração de

conhecimento nacional para o exterior e a valorização dessa atividade em outros países: “Tem muitas descobertas sobre muitas doenças também. Aí, quando ‘eles’ veem que o negócio é bom, eles carregam, carregam lá para fora”, afirmou GF2.P4. A mesma participante também destacou a dificuldade de se fazer pesquisa no país: “Eles querem tirar o dinheiro de pesquisa agora, né. Então, é difícil, né”. Todas concordaram que era muito importante garantir investimento para a pesquisa. E GF2.P2 argumentou ainda: “... porque é uma forma de você desenvolver o seu raciocínio, né, de você descobrir coisas. É interessante para o nosso país. É sempre muito bem-vindo qualquer tipo de investimento para pesquisa, para evoluir o nosso país, né”.

As participantes comentaram bastante sobre o conhecimento popular e o conhecimento científico, relataram experiências de vida e opiniões controversas sobre o assunto, mas destacaram a utilidade da sabedoria passada entre gerações e a da ciência. GF2.P1 contou que sua mãe curava enfermidades utilizando plantas do próprio quintal no preparo de chás para a família. Segundo ela, sua mãe aprendeu a fazer as bebidas com os pais, que adquiriram o conhecimento de seus ancestrais. As ervas e plantas teriam curado muitas doenças de sua família, segundo a idosa, mas não equivaleriam ao conhecimento de um cientista porque “eles não têm estudos”, afirmou. Ela comparou os saberes da mãe com os indígenas “É igualzinho aos índios que curam os doentes à base de erva que vem do conhecimento de gerações, um vai passando para o outro”, explicou. De acordo com a idosa, o conhecimento popular é, para muitos, o único disponível.

GF2.P2 destacou a importância do conhecimento popular e do científico, atribuindo à ciência a ideia de progresso. O saber compartilhado entre gerações “ajuda” no reestabelecimento da saúde, segundo ela, “mas para você realmente chegar ao ponto que estamos, tem que haver pesquisa, tem que ter várias pessoas, várias opiniões para se chegar a uma conclusão do que é o melhor, para chegar à conclusão de uma descoberta”, afirmou.

GF.P4 destacou que o conhecimento popular não se restringe ao passado, integra o presente: “Ainda existem farmácias que usam plantas”, lembrou. P4 citou uma notícia sobre o assunto: “Agora mesmo, numa reportagem que teve no Pantanal mostrou uma senhora lá tirando da árvore o remédio para fazer manualmente... Não é mecanicamente não, manualmente! Então, ainda existe”, destacou. Ela revelou preferir o conhecimento popular para algumas situações:

GF2.P4 - Tem certas coisas que eu prefiro o antigo. Por exemplo, numa inflamação, tomar banho de aroeira, tomar chá de aroeira, é ótimo! Tem muita planta que é boa para cólica uterina, tem remédio

que a gente toma que melhora uma coisa, estraga outra. A maioria dos Remédios é assim que acontece.

Ela levantou a questão dos interesses da indústria no mercado farmacêutico, e uma possível troca de favores e de dinheiro entre representantes de laboratórios e médicos, para prescreverem determinada droga. E relacionou a questão a uma experiência pessoal, quando decidiu parar de tomar uma medicação para pressão. Ela associou sua experiência à notícia relatada anteriormente. O debate levantou a questão da automedicação e evidenciou também o senso crítico das participantes em relação à ciência médica.

6.2. Grupo Focal 3

As participantes do Grupo Focal 3 (GF3) pertencem a um grupo de oração de uma igreja católica localizada na zona Norte do Rio de Janeiro. Elas têm em média 67,5 anos. O grupo foi composto por sete pessoas, uma com cada uma das respectivas idades: 62, 67, 70, 73 e 75 anos, e duas integrantes com 63 anos. Duas possuem ensino fundamental incompleto, três ensino fundamental completo e duas ensino médio completo. Compõem o grupo três aposentadas e quatro donas de casa.

A maioria das participantes, cinco das sete integrantes do GF3, disseram ver televisão todos os dias, duas pessoas afirmaram assistir à TV poucos dias na semana. Telejornais são a programação preferida, três participantes os citaram quando perguntadas sobre o que costumam assistir na TV, uma das senhoras especificou o *JN*. Duas das sete integrantes do GF3 mencionaram ver novelas, uma delas citou assistir as da Rede Globo. Duas participantes disseram assistir a programas de auditório, uma citou o Caldeirão do Hulk, da Rede Globo, e uma mencionou vários programas de diferentes emissoras referindo-se ao nome dos apresentadores: Ratinho (SBT), Danilo Gentili (SBT), Silvio Santos (SBT), Faustão (Globo) e Luciana Gimenez (Rede TV). Houve ainda menção a atrações religiosas, musicais e de humor. Apareceu nos relatos o termo “outros”, indicando a continuidade dos itens listados.

Em relação à assistência a telejornais, seis das sete participantes mencionaram os da Rede Globo. A Rede Record foi a segunda emissora da lista, citada por cinco pessoas. O SBT obteve quatro citações, a Rede TV três, a TV Brasil duas e ocorreu apenas uma referência tanto a CNT quanto a Bandeirantes.

Apenas três das sete participantes informaram possuir canal por assinatura, uma mencionou assistir à SKY; outra pessoa citou “vários canais” de TV a cabo e mencionou assistir à Canção Nova e H&H; outra integrante disse assistir à Rede Globo e Rede TV na televisão paga, apesar dos canais serem abertos, um indício da possibilidade do sinal de TV aberta ser ruim na localidade onde mora. Por fim, uma senhora citou “todos de criança”, destacando a atenção dada a programas infantis em função dos netos.

Especificamente sobre o *JN*, uma participante disse assisti-lo com frequência, duas às vezes, três raramente e uma nunca. O último dado surpreende porque contradiz declarações anteriores de assistência ao programa e os relatos da própria participante na discussão em grupo. Ao todo, das sete participantes, quatro disseram assistir a telejornais sozinhas, enquanto as outras três voluntárias informaram estarem com a família quando veem notícias na TV. Perguntadas se, enquanto assistem ao telejornal, costumam comentar as notícias com as pessoas que estão vendo o programa com elas, uma das participantes respondeu que o faz com frequência e três disseram que o fazem às vezes.

As participantes do GF3, igualmente as integrantes do GF2 e GF1, informaram o nível de interesse delas em diversos temas listados. Sobre “medicina e saúde”, seis integrantes da pesquisa afirmaram muito interesse e uma declarou médio interesse no tema. No tocante ao tema “meio ambiente”, quatro pessoas afirmaram muito interesse, uma participante informou médio interesse e duas respondentes declararam pouco interesse no assunto. No que concerne a “economia”, quatro pessoas relataram muito interesse, uma participante informou médio interesse, uma respondente declarou pouco interesse e uma voluntária nenhum interesse no assunto. Especificamente a respeito de “ciência e tecnologia”, duas pessoas alegaram muito interesse no tema, duas participantes informaram pouco interesse no assunto e duas últimas integrantes afirmaram nenhum interesse na área, além disso, uma voluntária informou que não sabia responder seu nível de interesse no tema. O último tema investigado, “religião”, teve as sete integrantes do GF3 informando muito interesse no assunto, resultado esperado porque todas são católicas e frequentam um grupo de oração.

No início da discussão, quando questionadas sobre os temas das matérias, o grupo respondeu “vírus da Zika”, “descobriram 284 planetas”, e “a questão do rejuvenescimento”. As idosas consideraram os assuntos interessantes, com destaque para a matéria sobre zika, pela comoção gerada em torno dos bebês afetados pela microcefalia e pela proximidade pessoal com o tema – a filha de uma das idosas estava grávida quando a

doença ganhou destaque na mídia.

Moderadora 1: Vocês consideram esses assuntos importantes?

GF3.P6 - Eu acho. Principalmente, o da Zika.

Moderadora 1: Por que?

GF3.P7 - É porque esse da Zika é o pior. Você vê as crianças como é que nascem! Eu achei muito importante! É trabalho até o último dia de vida deles (dos pais). (Doença) com criança é fogo! Ela geralmente morre até os 30 anos, 30 e poucos anos. Isso foi uma pesquisa feita. E agora vai se ver que desgaste para a mãe e o pai da criança com a cabecinha assim.

(...)

Moderadora 1: Alguém do lado de cá queria falar também...

GF3.P4 - É que na época, apresentava muito. A minha filha estava grávida. Nossa! Era uma preocupação só! Nós evitávamos certos lugares para ir. Toda hora eu ‘tava’ lembrando ela de passar o repelente.

O tema da notícia gerou outros comentários: “Pobrezinhas das crianças aqui, estão sofrendo as consequências”, lamentou GF3.P6, que considerou o tema da Zika o mais importante entre os apresentados. GF2.P2 teve opinião semelhante: “Eu acho que eles deviam focar mais na questão da Zika. Agora a pele a gente dá um jeitinho!”, estabelecendo possivelmente uma ordem de prioridade de cobertura por gravidade de temática.

A “matéria dos planetas” rendeu muitos comentários – não por seus aspectos científicos, mas porque as participantes a relacionaram à crise política brasileira e às notícias de corrupção amplamente divulgadas na atualidade. “Esse negócio do planeta... Eu pegava os bandidos todos e jogava todos para lá, para eles não terem como voltar”, brincou GF3.P2, provocando risos entre as outras participantes, além de várias manifestações sobre o assunto, ocasionando a fuga do tema em discussão.

A “notícia da pele” interessou especialmente uma das participantes, GF3. P7, por sua experiência pessoal e sua preocupação com o câncer de pele: “Principalmente porque eu tenho problema de pele, né, e a minha filha fica na preocupação de passar protetor e não sei o quê porque pode virar câncer e tal”. Outras participantes, como GF3.P3, também consideraram o tema muito importante. “É muito bom o que você passa e que forma essa segunda pele. É muito importante, é muito importante”, afirmou, em referência à pomada utilizada sobre a área com rugas para camuflá-las. Tanto no caso da matéria da zika, como na da pele artificial, a discussão mostrou como as participantes citam experiências e preocupações pessoais para se apropriar do conteúdo. Mesmo na matéria da descoberta dos planetas, cujo tema é mais distante do cotidiano do cidadão sem treinamento científico, as idosas partiram de um assunto que as mobiliza – corrupção – para relacioná-lo ao seu dia a

dia.

As participantes não usaram espontaneamente a palavra “ciência” para descrever ou comentar o conteúdo das matérias. Entretanto, quando questionadas se os assuntos tratados nas matérias exibidas tinham relação com a ciência, todas as que se manifestaram foram unânimes em afirmar que sim. Os argumentos foram, basicamente, o fato de que tudo estaria ligado à ciência ou que a saúde, especificamente, estaria muito ligada à ciência. A moderadora 1 perguntou se haveria outros assuntos, além da saúde, que as senhoras considerassem de ciência. Uma participante citou “meio ambiente” e outras duas idosas comentaram tópicos afins ao tema, como desmatamento, natureza – que estaria ficando doente, assim como os alimentos – e a exploração da Amazônia, inclusive por estrangeiros.

Duas outras áreas também foram associadas à ciência: tecnologia e esportes. No primeiro caso, a participante disse que ciência tem muita tecnologia envolvida, “muita coisa moderna, que está mudando tudo”. E comentou o fato dos idosos terem dificuldade ao lidar com essa tecnologia, ao contrário do jovem. Já a menção ao esporte – que não foi aprofundada – pode ter relação com o fato de, na atualidade, notícias de esporte terem incluído informações sobre o funcionamento do corpo humano e outros temas relacionados à saúde dos atletas.

A saúde, no entanto, foi o tema de ciência considerado mais interessante pelas participantes. É importante ponderar que o fato de a dinâmica do grupo focal ter incluído a exibição de duas matérias de saúde pode ter influenciado nas discussões. Mas, levando-se em conta diversos comentários ao longo do debate, foi possível observar que o fato de se tratarem de idosas – ou seja, mulheres que demonstraram preocupação com as consequências de já terem uma idade avançada – também foi de grande relevância para a demonstração de tal interesse. Elas também mencionaram o receio de precisar de tratamento na rede pública e não consegui-lo – “Meu medo é cair no hospital público, porque se você sofre um acidente, você cai no hospital público”.

Moderadora 1 – (...) quais seriam aqueles assuntos que despertariam mais atenção de vocês, que fazem vocês pararem para realmente assistir?

GF3.P1 - saúde

GF3.P6 – saúde

GF3.P4 – saúde

GF3.P5 – saúde

Moderadora 1 - O que mais?

GF3.P6 - É que a gente quer saber de tudo, de todos os detalhes porque é como a zika falou (...)! Nasceu com aquele problema e vai ser assim até morrer, e aí e a gente? É horrível isso!

Moderadora 1 - Alguém pensa igual ou diferente dela?

GF3.P2 - Nós todas estamos acima dos 60, então, chega essa fase o plano de saúde é uma fortuna, é alto o valor, então, a gente tem que..., precisa mais de saúde, e o quanto mais [idosa]... precisa.

GF3.P5 - É a saúde.

GF3.P4 - É, nós precisamos de saúde de prevenção. Não há um plano de saúde de prevenção.

Outra temática que permeou a discussão foi a religião, o que já era de se esperar, considerando-se que se tratava de membros de um grupo de oração, reunidos dentro de uma das salas anexas a uma igreja. A religião, assim como a saúde, foi apontada como essencial para conquistar metas, como ilustram os trechos a seguir.

Moderadora 1 - E vocês? Vocês não falaram. Tem algum outro assunto além de saúde que vocês associam a ciência?

GF3.P2 - Eu posso falar da religião.

Moderadora 1 - Por quê?

GF3.P2 - Eu posso falar da religião porque a religião ajuda muito a gente, pensa que não, mas se os jovens começarem a vir mais, a participar, a interagir, ler mais, falar a palavra de Deus...

(...)

Moderadora 1 - Quais assuntos de ciência vocês consideram mais interessantes?

GF3.P6 - Não tem nem como discutir isso, é a saúde mesmo!

Moderadora 1 - Há mais alguma coisa que alguém queira destacar?

GF3.P6 - É a saúde e a religião mesmo porque está tudo ligado: conversar com Deus à noite e de manhã ao acordar. Dizer: Obrigado Jesus, filha, marido também, que acaba com a nossa raça, né. (Risos)

Moderadora 1 - Eu fiquei curiosa em saber o que faz você associar a ciência e a religião porque são coisas que geralmente as pessoas colocam tão distantes. Eu queria saber o seu ponto de vista.

GF3.P6 - Você consegue alguma coisa se você não tiver fé, força de vontade? É ruim hein minha filha! Eu não entrei para uma multinacional à toa!

Segundo as participantes, o *Jornal Nacional* cobre com frequência a área de saúde, que para elas é “o mais urgente”. Entretanto, essa cobertura não é acessível a todos os telespectadores, pois as informações são dadas num ritmo muito rápido, difícil de acompanhar. E, quando trata de pesquisas sobre saúde, se queixam de que a solução dificilmente é imediata. São pesquisas que darão resultado apenas no futuro. Esses dois aspectos ficam explícitos no trecho a seguir:

Moderadora 1: Esses assuntos que vocês citaram vocês veem no *Jornal Nacional*? (...)

GF3.P3 - Não. Eu até escuto, mas é como a gente está falando: é uma informação que você vê, não é uma informação que...

GF3.P4 - que abrange todo mundo, todo o brasileiro, vamos dizer assim.

GF3.P3 - Isso.

GF3.P1 - Eles falam muito rápido.

GF3.P5 - e quando fala diz que é daqui a 5 anos para se resolver.

GF3.P3 - é tudo para amanhã. Tinha que ser para ontem, pra não sei quando.

As telespectadoras mencionaram também o aspecto emocional gerado pelas notícias. A cobertura sobre o vírus da zika e a microcefalia foi considerada “chocante” por

uma das participantes – “Eu não aguentava mais de tristeza”. Outras participantes se queixaram de outras coberturas “tristes” e disseram que, se fossem editoras do telejornal, veiculariam apenas notícias alegres – “Nada de coisa ruim, só coisa boa, só alegria”.

Quando questionadas se a ciência era algo próximo da realidade delas, várias participantes disseram que não, porque a associaram ao acesso à universidade. Uma participante se declarou desinformada, em geral. Mas também justificou tal distância pelo fato de não ter tido o “privilégio” de frequentar uma faculdade. Mesmo atualmente – com maior disponibilidade de cursos – “nem todo mundo tem chegado a uma universidade”. Outras participantes endossaram essa falta de oportunidade e criticaram a educação pública no Brasil, tanto a educação básica, quanto a superior. Segundo elas, nem todo mundo tem dinheiro para pagar um colégio particular de qualidade para ter acesso a uma universidade pública. E, mesmo quando conseguem ser aprovados numa universidade pública, muitos alunos não tem aula porque não há professor.

Entretanto, quando a moderadora 2 perguntou se o acesso à ciência se dava apenas mediante a universidade, as participantes divergiram. Uma delas apenas disse ser possível ter acesso à ciência através da mídia – embora várias delas tenham mencionado, em outros momentos da discussão, informações relacionadas à ciência que obtiveram pelos telejornais. Isso sugere que, embora elas recebam informações científicas por meio da mídia, isso não as faz sentir próximas do universo científico.

É interessante notar que a participante que disse ter acesso à ciência pela mídia foi a que demonstrou uma postura ativa na busca por informações de saúde/ciência. A que se declarou distante, ao contrário, demonstrou uma postura mais passiva, de receber a resposta pronta.

Moderadora 1 - Vocês já chegaram a buscar alguma informação, por vocês mesmas? O que vocês buscaram e de que forma?

GF3.P4 – Eu procuro orientação para me alimentar melhor, para não ficar doente, para não cair no hospital. De manhã, eu já evito o pão. Eu vou lá no YouTube procurar o shake, uma combinação de aveia com fruta... Eu vou me adequando porque a idade vai pesando. Meu marido é diabético, teve câncer, tem pressão alta, já teve dois AVC. Então, a gente tem que também fazer a nossa parte porque eu não gosto de hospital, então, eu tenho que fazer de tudo para não chegar lá, não ter de ir lá.

Moderadora 1 - Vocês buscam assuntos relacionados à ciência? Alguém mais?

GF3.P3 - Eu não. Eu gosto de tudo pronto. Vem a resposta, eu adoro. Eu não minto. Como eu te falei, eu não me interesso por nada. Eu fico feliz quando descobrem uma vacina, o negócio da pele, mas eu não fico pesquisando. Se eu falar que fico, tô mentindo.

A possibilidade de buscar assuntos de interesse pessoal no YouTube foi

mencionado também por outra participante. Essa seria uma forma de encontrar o conteúdo desejado, sem ser exposta a outros assuntos menos interessantes ou que geram tristeza.

GF3.P4 - Pois é, por isso que eu vejo YouTube. Eu vejo aquilo que me interessa. Eu quero ver uma palestra, eu vou escutar uma música, quero ouvir um louvor, quero ver como é que faz hidratação no meu cabelo... Eu vou lá e procuro entendeu? (...)

Moderadora 1 – A P7 disse que também vê assunto do seu interesse, quais seriam?

GF3.P7 - Todas nós somos católicas, né, a gente vai puxando a sardinha para o nosso lado, a gente assiste palestras que orientam a gente muito para muitas coisas. (...) então, eu, para mim, o YouTube para mim tá ótimo!

Moderadora 1 – Que outros assuntos você busca?

GF3.P7 - Por exemplo, tem umas coisas que eu gosto muito de ouvir: como é que limpa o friso do piso. Eu acho que tudo faz parte da saúde. Se você não tiver a casa nos trinquês, corre o risco da saúde vir abalada. Então, passa vinagre com bicarbonato...

Em geral, as participantes demonstraram ter uma visão bastante positiva sobre a ciência e o cientista e afirmaram apoiar pesquisas, sobretudo na área de saúde, inclusive com testes em seres humanos, pois viabilizariam o avanço de estudos importantes no combate a doenças. Foi mencionada a necessidade de pesquisa sobre câncer – tanto para prevenção, quanto para o tratamento – e outros problemas de saúde. Uma idosa contou que tinha uma neta especial e que, para o caso dela e de outras doenças, seria necessária muita pesquisa. A mesma idosa disse que poderia servir de cobaia para estudos – a situação vulnerável da neta provavelmente influenciou nessa declaração. Foi sugerido, ainda, o desenvolvimento de uma vacina contra microcefalia, que pudesse ser dada às crianças. Mas uma idosa também apontou a ausência de infraestrutura para o desenvolvimento de pesquisas: “Às vezes, não tem nem os equipamentos necessários para fazer esse tipo de pesquisa, eles ficam prometendo que vai mandar lá de fora e nunca chega aqui”.

O termo “cientista” foi citado por apenas uma participante, em referência ao profissional responsável por desenvolver pesquisa. GF3.P3 sugeriu que um cientista criasse um mecanismo para barrar o acesso de crianças a conteúdo de violência disponível na internet. Ela se referiu ao pesquisador como um exemplo positivo de conteúdo disponível online. E também como alguém capaz de “inventar” coisas úteis.

GF3.P3 – “Eu acho que na internet tem muitas coisas boas, como cientista né, as coisas educativas, principalmente para criança. Tinha que ter um cientista para colocar um negócio, uma coisa para não ter isso na internet [violência], colocar um filtro. Eu acho que o cientista devia de inventar alguma coisa para baixar um pouco a nossa Internet, a poluição, que tá acabando com o mundo”.

As participantes se referiram à ciência como algo positivo durante todo o bate papo. A Moderadora 2, então, perguntou se as idosas viam a ciência como sendo uma coisa

somente positiva. Uma das participantes reiterou que era sempre positiva – O nome já cai bem: ciência!” –, e indicou a falta de investimento na área: “Falta investirem mais, porque tudo que é coisa boa vem lá de fora, tem que pesquisar sim, mas falta investir. Cadê esses governantes?” Outra participante, no entanto, ponderou que, embora a ciência seja positiva, ela pode se mal administrada.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os sujeitos integrantes dos três grupos focais (GFs), em sua maioria, assistem TV todos os dias, veem telejornais normalmente sozinhos e preferem os noticiários da Rede Globo, especificamente, o *JN*. A descrição de consumo de conteúdo televisivo exposta pelas participantes da pesquisa corrobora dados de estudos anteriores no que diz respeito ao hábito dos brasileiros assistirem à televisão, a quantas vezes o fazem e a qual atração dedicam parte do seu tempo livre. Assim como as idosas ouvidas nesta investigação, a maioria da população do Brasil (73%) assiste TV todos os dias da semana, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015. O mesmo estudo aponta que os telespectadores ligam a TV preferencialmente (79%) para se informar, além disso, a utilizam para assistir ao *JN*, o programa e o telejornal mais visto no país (35,1% da população brasileira o assiste, a maior porcentagem entre todos os demais programas mencionados no estudo de mídia) (PBM 2014).

O consumo individualizado da programação televisiva relatado pelas senhoras dos GFs que assistem TV sem companhia ratifica a perspectiva de Morley (2008) dessa ser uma tendência na atualidade, mas contesta os resultados de Ramalho (2013) em pesquisa realizada nos mesmos moldes desta, na qual muitos dos componentes do estudo declaram ver o *JN* acompanhados da família.

Em outro estudo de recepção do *JN* (LIMA, 2012), os participantes com mais anos de vida demonstraram um costume mais frequente de assistir ao programa em relação aos integrantes com menos idade – justamente o público da presente pesquisa se sobressai nos relatos sobre o hábito de ver o *JN*, o que reitera a prática rotineira de assistir ao telejornal mencionada pelas componentes dos GFs. A maioria delas (11 das 17 participantes) declara que, na maioria das vezes, está sozinha quando assiste a telejornais, então não tem com quem conversar durante a programação. O comportamento diverge do costume de discutir os assuntos das notícias com a pessoa ao lado, como fazem outros telespectadores estudados que têm companhia enquanto veem as notícias na TV (LIMA, 2012).

A assistência ao *JN* pelos GFs da terceira idade analisados nesta pesquisa acontece simultaneamente à prática de outras atividades, por isso, as telespectadoras estudadas dedicam atenção a temas de interesse e dificilmente assistem o noticiário na íntegra. Em função disso, optamos por desconsiderar os dados do quarto grupo de idosas, que assistiu à edição completa do *JN*, pois tal dinâmica deixou as participantes muito dispersas, pouco

engajadas e dispostas a participar do debate.

A concomitância de uso de TV percebida nos três GFs, nos quais as participantes afirmam a prática de uma outra atividade enquanto assistem televisão, também revela-se na rotina do povo brasileiro como um todo, pois 49% dele come alguma coisa, 28% conversa com outra pessoa, 21% faz alguma atividade doméstica ou 19% utiliza o celular ao mesmo tempo em que vê TV (PBM 2015). Embora seja o veículo de comunicação mais usado, a TV permite que as pessoas a assistam juntamente com a realização de outras atividades. O meio acaba se tornando uma companhia para a parte do público que divide o tempo dedicado à TV com outra ação do cotidiano, tendência observada em Morley (2008) e mencionada em Rubert (2003) nos termos “companhia eletrônica”. O conceito refere-se à atenção difusa dada à TV na maior parte do tempo em que ela permanece ligada.

Foi observado que assuntos de “medicina e saúde” interessam muito às participantes da pesquisa. O mesmo ocorre em estudo anterior de recepção do *JN* (RAMALHO, 2013) e na Enquete de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil do MCTI (2015), representativa de toda a população do país. Esta enquete aponta que 81% dos brasileiros declaram ter interesse ou muito interesse em “medicina e saúde”. Na mesma pesquisa, 65% dos participantes afirmaram ter interesse ou muito interesse por ciência e tecnologia. O assunto deste campo que mais interessa os entrevistados é “ciências da saúde” (30,3%), seguido de “informática e computação” (22,6%), “agricultura” (11,2%) e “engenharias” (8,4%).

O envolvimento do público com o tema “medicina e saúde” revela-se uma predisposição observada em outros estudos em veículos distintos (EINSIEDEL, 1992; GÖPFERT, 1996; GASHER, 2007; LEÓN, 2008; VERHOEVEN, 2008; ALMEIDA et al, 2011; RAMALHO, POLINO e MASSARANI, 2012; MASSARANI et al, 2013; CHAGAS et al, 2013; MEDEIROS et al, 2013).

O interesse em “medicina e saúde” expresso nos GFs e nas pesquisas mencionadas segue em conformidade com a ideia da medicina dominar o imaginário social relacionado à ciência, como apontado no contexto de países do Reino Unido (DURANT, EVANS, THOMAS, 1992), Canadá (EINSIEDEL, 1992) e Itália (BUCCHI, MAZZOLINI, 2003). Uma das razões para isso seria a “medicalização das notícias de ciência” marcada pelo predomínio de assuntos relacionados ao tema (BAUER, 1998). Outro fator para essa evidência seria a facilidade do público em relacionar “medicina e saúde” ao seu dia a dia (LEÓN, 2008), como foi possível identificar nos GFs. As participantes associam o tema à

prática cotidiana de adotar cuidados com a alimentação, por exemplo. A atitude verifica-se no GF3 no relato da busca por receitas saudáveis na internet objetivando o próprio bem-estar. Uma outra ligação do tema à rotina das pessoas percebe-se no hábito de fazer exercícios, no caso do GF1, formado por componentes que fazem hidroginástica regularmente.

A influência da medicina no imaginário social relacionado à ciência também alude ao campo emocional porque “medicina e saúde” envolvem assuntos relativos à manutenção da vida, como o tratamento de doenças para reestabelecer o bem-estar, uma necessidade vital. Nas discussões nos GFs, os aspectos mencionados ficam explícitos no relato pessoal de uma das participantes: quando GF1.P4 expõe sua luta contra o câncer e menciona seu interesse na matéria exibida para o grupo sobre uma pele artificial que poderia, junto ao filtro solar, proteger do risco de desenvolver câncer.

Outro motivo relacionado ao interesse em “medicina e saúde” seria o caráter utilitário do tema para os cidadãos, porque eles podem se informar nos meios de comunicação sobre o aparecimento de doenças, como preveni-las e trata-las. Os telejornais se posicionam nesse sentido como um espaço frequentemente utilizado para o jornalismo de serviço. Essa possibilidade de obter informação sobre o assunto surge no relato de uma das participantes dos grupos focais. GF1.P4 conta que começou a suspeitar estar com câncer de pele apenas após o contato com informações sobre o tema divulgadas na mídia. Logo depois, ela teve a confirmação do diagnóstico, procurou ajuda especializada, iniciou o tratamento, se curou e tomou medidas de saúde preventiva. A obtenção de conhecimentos pela mídia relacionados à “medicina e saúde” se torna ainda mais útil para pessoas como GF1.P4, considerando o precário sistema público brasileiro de educação e saúde ainda distante de um modelo ideal capaz de instruir a população e dar a ela toda a assistência necessária nos cuidados com a saúde, especialmente os relativos à prevenção e tratamento de enfermidades.

Às razões da relevância dada ao tema “medicina e saúde” pelas telespectadoras do *JN* participantes dos GFs, soma-se o destaque da área na cobertura do programa. O noticiário exibiu em sua programação – numa amostra representativa de um ano, entre abril de 2009 e março de 2010 – 77 matérias de ciência, 44% delas sobre assuntos de medicina e saúde, o mais recorrente entre os temas de ciência presentes no conteúdo do telejornal (RAMALHO, 2013). Já de maio a julho de 2016, das 77 edições do *JN* exibidas no período, 17% das matérias apresentaram temas de medicina e saúde, assim como de

ciências ambientais, áreas de conhecimento abordadas com mais frequência no programa depois de ciências sociais e humanidades, presente na maioria das matérias de ciência, em 42% delas (PIRES, 2017).

Os referidos estudos mostram temas de “medicina e saúde” ocupando o primeiro e o segundo lugar entre os assuntos de ciência exibidos no *JN*, portanto a temática destaca-se na cobertura de C&T do telejornal. Segundo o editor-chefe do *JN*, Willian Bonner, a ampla presença do tema no noticiário deve-se ao fato destes conteúdos científicos serem mais frequentemente encontrados nos principais informativos do mundo inteiro, provavelmente porque sejam os mais tangíveis e de aplicabilidade prática mais facilmente compreensível (RAMALHO, 2013). De fato, em todos os GFs a ciência é retratada como próxima à realidade das participantes quando elas citam o uso da ciência no cotidiano, seja para a manutenção da saúde ou para terem mais qualidade de vida na terceira idade.

Estudos anteriores sobre o *JN* apontam a relevância dada ao tema “medicina e saúde” na cobertura do noticiário e em outro programa da TV Globo, o *Fantástico* (CHAGAS et al 2014). Há ainda referência ao destaque do assunto no próprio *JN* no contexto brasileiro e no telejornal *Noticias Caracol*, da Colômbia, no âmbito internacional (REZNIK et al; 2016). O mesmo acontece em diferentes veículos (rádio, televisão e jornais) da Grã-Bretanha (HANSEN, A.; DICKINSON, 1992).

As idosas consideraram importantes as notícias exibidas para os grupos, em função da utilidade da ciência na vida das pessoas, seja para aquisição de saberes, solução de problemas ou cura de doenças. O aspecto prático atribuído à ciência verificou-se em Lima (2012) na integração de informações de ciência ao dia a dia de três famílias cariocas de diferentes perfis socioeconômicos (alta renda, classe média e baixa renda) que assistiram ao *JN* para identificação da forma como as notícias de ciência do telejornal são percebidas pelos integrantes do estudo (LIMA, 2012).

Em relação à cobertura de ciência do *JN*, embora as senhoras a caracterizem como clara, algumas delas alegam não conseguir acompanhar integralmente todos os assuntos veiculados por causa da rapidez com as informações aparecem no noticiário. Isso parece ser uma dificuldade relativa ao formato do telejornal como um todo, não das matérias de ciência especificamente. Mesmo assim, as participantes qualificam como “boas” as notícias de ciência do veículo, mas as criticam em alguns aspectos, desde a escolha dos assuntos abordados até a forma como são retratados.

Do ponto de vista positivo, foram apontados: o uso de linguagem compreensível, a

exibição de conteúdo detalhado, a escolha de temas de ciência considerados interessantes, além de outras características. As menções negativas referem-se, por exemplo, ao surgimento de dúvida sobre alguma informação veiculada e a necessidade de complementar um assunto noticiado porque o conteúdo informado pareceu pouco abrangente. As duas últimas considerações, assim como outras que surgiram nas discussões em grupo e que tiveram conotação negativa, não representam consenso nos grupos embora detectados posicionamentos críticos em relação às matérias de ciência do *JN*. As opiniões que questionam a cobertura do programa foram unânimes somente em relação à predominância de temas sobre política e violência, portanto sem relação com as matérias exibidas nos GFs.

Assim, predomina uma visão positiva sobre a cobertura de ciência do *JN* na opinião das participantes dos GFs. Quanto às matérias exibidas antes da discussão, isso provavelmente ocorre porque as idosas se identificam com os assuntos noticiados, especialmente as matérias sobre Zika e pele artificial por elas serem associadas à saúde, principal preocupação relatada nos grupos.

As ponderações sobre o conteúdo das notícias do *JN* qualificado pelas participantes dos GFs divergem do posicionamento expresso por telespectadores do programa estudados em pesquisas anteriores (RAMALHO, 2013; ALBERGUINI, 2007), nas quais menciona-se de forma mais crítica a cobertura de ciência do *JN*. Ela é caracterizada como reduzida, superficial e descontínua, na primeira pesquisa, e de difícil compreensão, na segunda. Em uma terceira (LIMA, 2012), as críticas versam sobre a estrutura e o discurso contido nas matérias. Entretanto, no estudo atual, comentários nesse sentido não expressam a opinião da maioria das participantes, mas aparecem exemplificando o posicionamento individualizado sobre a questão.

Segundo as idosas estudadas, o *JN* como fonte de informação sobre ciência, por vezes, apresenta uma cobertura alarmista, suscitando o medo de contrair Zika ou dar à luz um bebê com Microcefalia, por exemplo, e, assim, levando pessoas a evitarem alguns lugares para não serem picadas pelo mosquito transmissor da Zika. O exemplo representa um dos casos em que a cobertura provoca tomada de decisão e ação por parte do público, ou seja, desdobra-se em alguma atitude ou comportamento por parte dos telespectadores. No entanto, ressaltamos que não buscamos apontar aqui uma relação direta de causa e efeito entre a emissão de uma mensagem e a reação do público, como propunham as primeiras teorias da comunicação. Reiteramos que diferentes grupos de telespectadores

interpretam as mensagens com as quais têm contato segundo sua bagagem cultural e atribuem sentido próprio aos conteúdos recebidos de forma ativa e não passiva e homogênea.

A crítica à cobertura de ciência do *JN* considerada alarmista em um relato do GF3 – por ter provocado “medo” na recepção de notícias sobre Zika e Microcefalia, exibidas no *JN* em edição distinta daquela assistida nos GFs, porém sobre o mesmo assunto – exemplifica uma das reações possíveis diante do impacto que o conteúdo informativo exerce no telespectador. O mesmo vale para outro sentimento citado no GF3 em referência às mesmas matérias, a “tristeza”, capaz de levar o público ao choro enquanto assiste a notícia, segundo uma das participantes. O apelo emocional da cobertura de C&T no *JN* identifica-se em estudo anterior (LIMA, 2012), no qual notam-se reações de revolta e desconforto, em alguns momentos, e deslumbramento e diversão, em outros. Membros das famílias analisadas na pesquisa de Lima (2012) demonstraram, por vezes, todas essas reações enquanto assistem uma mesma edição do programa.

Há menção ao apelo emocional também em pesquisa anterior (PIRES, 2017), porém na perspectiva da emissão de notícias no telejornalismo e especificamente no *JN*. A emoção mostra-se como um recurso empregado na apresentação das notícias com o objetivo de captar a atenção do telespectador durante a exibição do programa. Num caso relatado no GF – sobre a notícia que gera medo e tristeza –, o noticiário consegue atrair a receptora, mas a reação dela difere da pretendida na emissão, porque ela demonstra-se avessa ao programa e até perde o interesse em assisti-lo.

As participantes dos GFs citam iniciativas de busca ativa por informações em outras mídias sobre assuntos de interesse, mas a prática revela-se rara, mais evidente no GF3, em que duas participantes declararam procurar informações na plataforma YouTube. Segundo elas, essa é também uma estratégia de evitar matérias e assuntos tristes e desagradáveis – algo que pode ocorrer quando são expostas ao telejornal, cuja pauta elas não controlam.

De maneira geral, as participantes dos três grupos focais demonstram uma visão positiva em relação à ciência, geralmente, associada à ideia de progresso, descoberta, conhecimento e utilidade prática na vida das pessoas. A predominância da perspectiva positiva relativa à ciência percebida nos GFs condiz com a opinião dos brasileiros de modo geral sobre a C&T, pois a maioria da população (73%) considera que o campo proporciona “só benefícios” ou “mais benefícios do que malefícios” para a humanidade. Pouquíssimas

pessoas (4%) acreditam que os malefícios sejam prevalecentes, segundo a Enquete Nacional de Percepção Pública da Ciência do MCTI (2015).

As notícias de C&T do *JN* seguem na mesma direção porque tendem a abordar a ciência de forma mais positiva do que negativa, privilegiando a cobertura de benefícios concretos da ciência e suas promessas futuras, em detrimento dos danos ou riscos associados à atividade científica, conforme indicam estudos anteriores (RAMALHO, 2013; PIRES, 2017). O tratamento da ciência de modo predominantemente positivo verifica-se ainda em mais um programa da Rede Globo, o *Fantástico* (MEDEIROS et al, 2013; MASSARANI et al, 2013). Até mesmo parte das matérias do *JN* exibidas nos GFs apresentam essa característica de retratar positivamente a ciência, pois abordam descobertas científicas úteis: de pele artificial que camufla rugas e de avanços na pesquisa sobre Zika. O fato das participantes dos GFs associarem a C&T à sua utilidade prática, como mencionado anteriormente, também reforça a concepção predominantemente positiva da mesma, sobretudo quando vinculada ao tema mais presente nas discussões: a saúde. O apreço ao tema demonstrado pelas idosas reforça a preponderância de menções ao assunto por telespectadores da Rede Globo e da Rede Record (BRASIL; MASSARANI, 2018) e especificamente do *JN* (RAMALHO, 2013). A frequência do assunto na cobertura também repercute em várias outras pesquisas (ANDRADE, 2004; BARCA, 2004; RAMALHO, POLINO, MASSARANI, 2012; REZNIK et al., 2014; CASTELFRANCHI, MASSARANI, RAMALHO, 2014) inclusive sobre outro programa da TV Globo, o *Globo Repórter* (ARAÚJO; ARAÚJO, 2013).

No conjunto, tanto na cobertura televisiva estudada quanto na recepção dela, observa-se a imagem positiva da C&T. O fato contrário, portanto, a ideia de que programas específicos sobre o tema estariam propensos a ressaltar os pontos positivos da ciência e atrações generalistas (que exibem vários temas em sua programação, como o *JN*), os aspectos negativos (NISBET et al, 2002).

A ciência nem sempre esteve relacionada a um amplo campo de conhecimento nas conversas. Em todas as discussões ela aparece, pelo menos em algum momento, associada à disciplina escolar, uma evidência da necessidade de fortalecer as iniciativas de divulgação da área. O mesmo vale para a identificação da ciência como atividade coletiva desenvolvida por pesquisadores no plural, percepção observada apenas em parte dos GFs. Os cientistas aparecem nos discursos como pessoas privilegiadas por terem acesso ao estudo, e à pesquisa, uma realidade distante de muitos brasileiros, evidenciada nos relatos

de todos os grupos focais. Algumas instituições de pesquisa mencionadas durante a conversa com as idosas evidenciam a identificação de quem faz pesquisa no país, mas as referências são restritas ao GF2, no qual observa-se o perfil do cientista indiferente ao sexo do pesquisador: na visão deste grupo, tanto homens como mulheres podem se dedicar à pesquisa. No entanto, todos os GFs destacam a necessidade de investimento em pesquisa como uma condição para o progresso do país.

O resultado quanto a associação da ciência à disciplina escolar é mencionado em pesquisa anterior (REZNIK et al, 2016) sobre o modo como mulheres adolescentes enxergam a ciência e os cientistas, estudo realizado com adolescentes estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro que participaram de discussões em grupo focal estimuladas pela assistência de matérias de dois programas da TV Globo, o *JN* e o *Fantástico* (REZNIK et al, 2016). Especificamente nesse estudo, as participantes vinculam a ciência ao conteúdo da disciplina de ciências e de biologia ministrada no ambiente escolar – vale lembrar que as adolescentes estudadas estavam cursando o ensino médio, ou seja, estavam tendo contato direto com estas disciplinas no momento do estudo. Mas o mesmo também ocorre na presente pesquisa – embora as participantes já não tivessem contato com o ensino formal. Essa relação ficou explícita, por exemplo, quando uma participante associou a disciplina de ciências à reportagem dos planetas.

Em relação à forma como telespectadores de telejornais enxergam os cientistas, vistos nos GFs como indivíduos privilegiados por terem acesso ao estudo, pesquisas anteriores verificam a imagem de cientista associada a outros elementos. As menções referem-se a: 1) estereótipos físicos e comportamentais, que associam a figura de cientista a pessoa do gênero masculino, vestindo jaleco branco e trabalhando em laboratório (RAMALHO, 2013; BRASIL; MASSARANI, 2017); 2) personagens tidos como fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e o surgimento de inovações, além de pessoas dedicadas à pesquisa sendo essa a principal qualidade do profissional do ramo científico (LIMA, 2012); 3) alguém que assume o papel de “ajudar pessoas na descoberta da cura de doenças e medicamentos”, um indivíduo “maluco”, “com inteligência acima da média”, que usa “barba” e “bigode” e possui “marcas de experimentos” como “queimaduras” (REZNIK et al, 2016 p. 843). A associação da imagem do cientista a uma pessoa com dom especial chegou a ser mencionada em um dos grupos focais deste estudo, mas apenas por duas participantes, que destacaram a necessidade desse talento nato.

O perfil do cientista não foi associado ao sexo do pesquisador – foi considerado

indiferente no único grupo que se manifestou a esse respeito, o GF2, na percepção de que tanto homens quanto mulheres podem se dedicar à pesquisa. Esse aspecto difere de outros estudos de público (BRASIL; MASSARANI, 2017), nos quais há mais referências a cientistas homens, o que segue em conformidade com a predominância de cientistas homens na cobertura (WHITELEGG; HOLLIMAN; CARR; SCANLON, HODSON, 2008; MASSARANI, CASTELFRANCHI, RAMALHO, PEDREIRA, REZNIK, AMORIM, 2013; CHIMBA; KITZINGER, 2010).

As participantes dos GFs identificam a pesquisa como uma realidade distante de muitos brasileiros em função da ciência ser associada a uma atividade restrita a um grupo privilegiado de pessoas formado por integrantes com maior nível de escolaridade do que grande parte da população do país. A ciência é majoritariamente vista como uma atividade intelectual à qual poucos têm acesso.

Na perspectiva do público do *JN* estudado, o conhecimento científico desenvolvido por pesquisadores e instituições de pesquisa estaria à margem do potencial capaz de alcançar por falta de investimento na ciência. O emprego de recursos no campo revela-se uma necessidade percebida nos GFs. Essa percepção advém do pensamento da pesquisa ser uma condição para o progresso do país na interpretação das participantes dos GFs. As opiniões explicitadas pelas telespectadoras da terceira idade corroboram em parte o que pensa uma parcela da audiência mista (de 19 a 73 anos) do *JN* estudada em Ramalho (2013). Embora os cientistas sejam apontados como personagens distantes da vida do público em ambos os estudos, alguns integrantes dos GFs mistos estudados na investigação anterior a essa desconhecem como e onde o pesquisador trabalhava e quem ele era. Em mais um estudo (LIMA, 2012) os entrevistados não demonstram conhecimento sobre o dia a dia e as áreas de trabalho dos pesquisadores. Soma-se a isso o fato das senhoras identificarem o cientista como uma pessoa como outra qualquer, porém com instrução, enquanto que para os GFs mistos nem sempre o pesquisador é visto como uma pessoa comum.

Neste estudo de recepção, pudemos observar que telespectadoras expostas a matérias de ciência no *Jornal Nacional* relacionam o conteúdo com suas experiências pessoais e interesses prévios, interpretando as mensagens de maneira ativa, muitas vezes questionando tal conteúdo. Não foi nosso objetivo aqui avaliar a correção dos conteúdos científicos – nem aqueles exibidos nas matérias nem os expostos pelas participantes. Para isso, seria necessário um novo estudo. Mas os resultados discutidos nesta pesquisa

demonstram a importância de se veicular ciência na TV, sobretudo nos telejornais, e a relevância atribuída a esses conteúdos pelos grupos estudados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propôs o estudo de recepção de matérias de ciência do *JN* com telespectadoras idosas. Elas tinham em torno de 68 anos, a mesma idade de existência da TV brasileira. Representam uma parcela do público que acompanhou não somente a história do *JN*, mas a do meio de comunicação no qual ele está inserido. Esse fato reitera a relevância de ouvir a voz desse grupo específico sobre a recepção dele da ciência divulgada no principal noticiário do país. É importante ressaltar que as senhoras integrantes do estudo não simbolizam toda a população adepta à assistência do telejornal, mas o grupo da audiência situado nas limitações dessa investigação.

As mulheres idosas revelam seus pontos de vista sobre a cobertura de ciência do *JN* veiculado no dia 10 de maio de 2016. Os dados das conversas em grupos focais mostram o quanto a comunicação pode ser repensada para atender às expectativas, ou pelo menos parte delas, de uma audiência que não consome passivamente as informações de divulgação científica. Tais informações são interpretadas de formas variadas pelos indivíduos heterogêneos, capazes de se apropriar das mensagens recebidas dando a elas sentido segundo sua própria bagagem cultural e experiência pessoal, como esclarecem as teorias mais recentes da comunicação. O conhecimento teórico pode ser percebido na prática em duas visões diferentes sobre um mesmo assunto. Uma participante com histórico de câncer vê na matéria sobre pele artificial a possibilidade de evitar a doença – aplicando no corpo o filtro solar juntamente com o creme desenvolvido em laboratório para, dessa forma, obter proteção prolongada dos raios cancerígenos, – enquanto outra integrante identifica na notícia uma alternativa da substância recentemente inventada esconder marcas de expressão faciais provenientes do envelhecimento e, assim, proporcionar uma aparência mais jovem. A matéria em discussão aborda as duas vertentes mencionadas, mas os diferentes olhares das participantes sobre o conteúdo apontam preocupações distintas por parte das senhoras – uma com as rugas no rosto e outra com o risco do câncer reaparecer. O exemplo levanta questões das próprias participantes mencionadas para retratar a visão de cada uma delas sobre uma notícia, o que revela a heterogeneidade da recepção de conteúdo descrita no aporte teórico.

A opinião dos grupos de terceira idade estudados tem muito a dizer sobre o consumo televisivo e, especificamente, sobre as matérias de ciência do *JN*. A TV representa para essas pessoas uma companhia diária. O equipamento permanece ligado

enquanto as telespectadoras realizam alguma atividade. Elas se concentram no conteúdo exibido quando o tema da programação desperta interesse. O consumo televisivo nesses moldes leva à reflexão sobre como as pessoas estão assistindo à TV. Se, por um lado, o índice de audiência do *JN* o coloca no topo do *ranking* dos telejornais mais vistos no país, há dúvidas sobre a qualidade de aproveitamento da programação, uma vez que telespectadores deixam a TV ligada, mas não concedem atenção integral e exclusiva ao material exibido.

O quarto grupo focal realizado neste estudo – mas desconsiderado na análise desta dissertação – exemplifica bem a dispersão rotineira diante da TV. Expostas à edição completa do *JN*, as telespectadoras participantes da pesquisa sentiram-se entediadas porque assistir ao noticiário na íntegra não faz parte da realidade delas. Algumas integrantes do estudo deixaram a pesquisa, inviabilizando a realização da mesma no quarto grupo. A saída de boa parte das senhoras do local de reunião evidenciou claramente o desinteresse dessas pessoas em ver integralmente o programa. As voluntárias que restaram no ambiente permaneceram sentadas vendo o telejornal, mas mostraram-se distraídas, olhando para os lados, ou mexendo no celular, ou mantendo semblante apático durante a assistência ao informativo. Houve momentos em que idosas se levantaram dos assentos para comer e beber alguma coisa ou simplesmente andaram pela sala e perguntaram se a atividade iria acabar. Em contrapartida, quando alguma notícia interessava, telespectadoras voltavam os olhos para a TV. A edição do noticiário continuou sendo exibida, mas não foi possível concluir a dinâmica por causa da evasão.

O desinteresse em assistir ao *JN* na íntegra pode ser observado nas discussões dos demais grupos focais. Houve consenso, por exemplo, sobre a falta de ânimo em assistir a reportagens de política ou àquelas envolvendo casos de violência, consideradas desagradáveis na opinião das idosas. A falta de identificação com esses temas causa dispersão ou desistência em ver o telejornal, segundo as participantes. Já no campo da ciência, matéria com apelo emocional, considerada forte por mexer com o sentimento das pessoas, desmotiva a assistência ao programa em função do medo e da tristeza sentidos por algumas telespectadoras e mencionados em referência à cobertura de casos de microcefalia no Brasil. Embora esse dado não seja unanimidade na opinião dos grupos, vale a reflexão pela gravidade da afirmativa de frustração do público estudado ao referir-se a determinadas matérias.

Os resultados do estudo, por outro lado, apontam o interesse das senhoras em

ciência, especialmente saúde. O tema domina as discussões em todos os grupos focais não somente pela presença marcante do assunto na cobertura do *JN*, revelada por Pires (2017) e Ramalho (2013), mas também devido à vontade das idosas de ampliar seus conhecimentos na área. O público estudado considera a temática útil para manutenção de uma vida saudável, especialmente na maturidade, fase propensa a doenças associadas ao envelhecimento.

A enquete de percepção pública do MCTI (2015), que pode ser extrapolada à toda a população brasileira, já indicava o interesse da população por ciência. Observa-se no relato do comportamento das idosas estudadas o consumo de informações da área e o entendimento da necessidade de investimento e de realização de pesquisa no país. As próprias voluntárias aceitaram integrar o estudo como uma forma de apoio à pesquisa e à educação porque as consideram importantes para o desenvolvimento da nação.

É importante ressaltar que o público estudado nesta pesquisa parece praticamente esquecido pelos estudos de comunicação, se considerada a produção tão limitada de estudos de recepção apontados no levantamento de Jacks (2011), principalmente, aqueles envolvendo telejornalismo, ciência, idosos e mulheres, variáveis contempladas na presente investigação. A autora conclui que as pesquisas privilegiam a análise do conteúdo da programação e se distanciam do receptor.

Percebe-se o comportamento destacado por Jacks (2011) na carência de fontes disponíveis para a realização desta pesquisa, principalmente, quando pretendeu-se contar a história da televisão brasileira incluindo uma abordagem cronológica das atrações exibidoras de conteúdo de ciência (no capítulo 2). As pesquisas encontradas e usadas como referência bibliográfica na narrativa temporal e até mesmo os sites das emissoras deixam de lado informações sobre o público dos próprios programas investigados no estudos e veiculados nas empresas jornalísticas de TV.

Observa-se nas obras consultadas (nos capítulos 3 e 4) um número reduzido de estudos de recepção de matérias de ciência em telejornalismo, apenas 11, sendo dois com idosos e seis especificamente sobre o *Jornal Nacional*, nenhum com foco no público feminino. Os estudos na perspectiva da produção se sobressaíram, quase trinta (28) pesquisas mencionadas ao longo da dissertação abordam a ciência no telejornalismo, oito delas referentes ao *JN*, sem contar os estudos sobre a programação de ciência nas emissoras como um todo.

Os dados ratificam a contribuição desse estudo no cenário de pesquisas da área ao se colocar na posição de ouvinte do público. Procura-se, assim, nas limitações de um trabalho de mestrado, atenuar a lacuna de estudos de recepção principalmente quando pensamos naqueles pouco representados nas investigações, as mulheres e a população idosa.

Outras indagações surgem a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa e serão apontadas nos parágrafos que se seguem. Por exemplo, para atender a uma das orientações metodológicas de Kitzinger (2016) sobre a realização de grupos focais – essa autora prevê a formação de grupos focais com pessoas que se conheçam e tenham o hábito de se reunir para desempenhar uma atividade em conjunto –, a pesquisadora do presente estudo consultou academias, cursos e estabelecimentos religiosos para encontrar ambientes onde a pesquisa focal pudesse ser realizada e que tivessem, ao mesmo tempo, pessoas no perfil metodológico interessadas em integrar o estudo. Coincidência ou não, as mulheres eram maioria ou a totalidade de frequentadores das turmas de oração, hidroginástica, teatro e dança sênior visitadas. Talvez isso tenha acontecido em função dos tipos de atividades desenvolvidas nos estabelecimentos, ou porque as mulheres costumam cuidar mais da saúde mental e física do que os homens, ou pela posição de aposentadas e donas de casa, que boa parte delas ocupa. Esses fatores hipoteticamente justificariam a presença das mulheres nos ambientes citados. Um estudo posterior focado em hábitos femininos e masculinos poderia esclarecer se mulheres idosas se reúnem com mais frequência do que homens para realização de atividades em grupo, neste caso, seria uma pesquisa no âmbito de estudos de gênero. A circunstância de haver mais mulheres do que homens nos ambientes de reunião consultados mostra-se um caminho apontado por esta pesquisa para estudos futuros para além da recepção de notícias veiculadas na mídia.

Outro aspecto que poderia ser tratado com mais profundidade em pesquisas posteriores é o fato das participantes da pesquisa salientarem o costume de assistir à TV sem companhia. Será que as senhoras veem TV sozinhas porque não moram com a família ou a prática simboliza solidão? Seria esse sentimento o motivo da TV representar uma companhia para elas ou simplesmente não gostam de barulho e movimentação e, por isso, preferem o isolamento? O comportamento seria diferente em outra faixa etária?

Em nenhum dos grupos observa-se citação negativa sobre a ciência ou menção a controvérsias científicas. Será que isso acontece porque as matérias exibidas não mencionam riscos e dúvidas da ciência, como indicam estudos de análise de conteúdo?

Como os divulgadores da ciência podem trabalhar as controvérsias científicas no jornalismo considerando as limitações de tempo para a realização das coberturas e de duração das matérias televisivas, além de outras questões intrínsecas ao *hard news*, entre elas, o perfil editorial de cada redação?

Na visão das participantes, a ciência mostra-se vinculada, principalmente, à sua utilidade prática no cotidiano, especialmente em relação a cuidados com a saúde, assunto preponderante nas discussões porque reflete uma preocupação própria da terceira idade. Mas será que esse interesse pelo tema ocorre não somente pela vontade espontânea de obter informações sobre a temática, mas também porque o *JN* dá ampla visibilidade ao assunto e, assim, reforça o agendamento do tema entre os telespectadores? Será que divulgadores da ciência, de modo geral – não só na TV, mas em outras mídias – priorizam assuntos de rápida inteligibilidade do público e negligenciam temas científicos diversificados, impedindo o estabelecimento de algum tipo de vínculo da audiência com essas temáticas que, uma vez divulgadas, poderiam ampliar a popularização da ciência como um todo?

Os cientistas aparecem nos relatos como cidadãos intelectuais que trabalham na produção de conhecimento, mas pertencem a um grupo restrito de pessoas privilegiadas porque tiveram acesso à educação diferentemente da maior parte dos brasileiros. Por isso as integrantes da pesquisa referem-se à ciência como algo distante da população. O que a produção acadêmica em divulgação científica e os divulgadores da ciência em seus postos de trabalho poderiam fazer a esse respeito? Como aproximar a ciência do público? Como estimular vocações científicas na parcela da população que se sente à margem da ciência? Será que precisamos investir em iniciativas de divulgação científica com participação mais ativa da sociedade?

O conjunto dos resultados desse estudo de recepção permite o conhecimento de parte dos questionamentos do público pesquisado sobre as matérias de ciência exibidas na TV e, assim, indica futuras reflexões pautadas na audiência de conteúdo científico. Um dado em particular parece promissor em relação às práticas de divulgação científica e de consumo das mesmas, pois além de assistir ao telejornal, as participantes “interagem” com ele, mesmo a mídia não tendo um canal para isso. Parte das idosas busca informações de ciência na internet para suprir as lacunas deixadas pela comunicação televisiva. No YouTube, as integrantes da pesquisa familiarizadas com a tecnologia se propõem a descobrir informações sobre ciência por conta própria para aplicar os conhecimentos

buscados às necessidades do dia a dia. De todos os aspectos mencionados pelas telespectadoras do *JN*, esse parece o ideal para pensar a forma de ver o programa na atualidade, principalmente, porque ele não é mais assistido na íntegra, divide a atenção dos telespectadores com outras atividades para além de assistir na TV assuntos de interesse.

O próprio *JN* disponibiliza as edições do programa no Globo Play, site para acesso online de vídeos da programação da TV Globo. A popularização da ciência teria muito a ganhar se temas científicos tivessem destaque em vídeos de grandes emissoras veiculados e disponíveis na internet. Talvez esse seja um caminho promissor para a divulgação científica, principalmente se pensarmos no público amplo com hábito de buscar informações sobre ciência na internet, conforme mostrado pela enquete do MCTI (2015). Além disso, a prática apresenta-se de modo crescente, pois o comparativo com enquetes anteriores feito pelo próprio MCTI (2015) indica a ascensão do uso da internet como meio de informação sobre ciência, o que pode significar o possível aumento do consumo da internet para esse fim, de 2015, data da publicação da enquete, a 2018.

A recepção das matérias de ciência do *JN* pelas mulheres idosas também deixa um aviso importante para o trabalho noticioso em TV. Nós, jornalistas de ciência, precisamos encontrar uma forma de tratar de alertas em matérias de saúde sem suscitar o medo no público. Por um lado, esse sentimento gera engajamento em algumas telespectadoras, que tomam decisões sobre como agir para se proteger da picada do mosquito transmissor da Zika, com base em seus repertórios culturais. Por outro lado, o medo e a tristeza podem afastar telespectadores, como afirmou uma das idosas estudadas. Os dados reiteram a importância de estudos de recepção porque dão indícios de como conteúdos de ciência exibidos reverberam na percepção da ciência por parte do público e abrem caminho para a reflexão de um possível entendimento de uma divulgação científica noticiosa eficiente.

Cabe àqueles que estudam e trabalham divulgando ciência refletir sobre as questões levantadas e agirem para ampliar o leque de estudos e práticas de comunicação pensando, principalmente, na audiência para minimizar o distanciamento da ciência e dos cientistas do público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGUINI, Audre Cristina. **A ciência nos telejornais brasileiros: o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I.** 2007. 300 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

ALENCAR, Júlia Arraes de; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **A ciência do Jornal da Cultura: Aspectos quantitativos e qualitativos.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho, 2010.

ALMEIDA et al. **La cobertura de la ciencia en América Latina: estudio de periódicos de elite en nueve países de la región,** in: C. Moreno (org.), Periodismo y divulgación científica. Tendencias en el ámbito iberoamericano, OEI e Biblioteca Nueva, Madrid Spain, 2011.

AMORIM, E. R. **História da TV brasileira.** São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008. 123p. (Coleção Cadernos de Pesquisa, v.11).

ANDRADE, Lacy Varella Barca de. **Iguarias na hora do jantar: O espaço da ciência no telejornalismo diário.** 2004. Tese (Doutorado) - Programa Educação, Gestão e Difusão em Biociências, Instituto de Bioquímica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. 266p.

ARAÚJO, Souza Maria Nadja; ARAÚJO, Inesita Soares de. **Apropriação e compartilhamento** – estudo das redes de sentido da saúde a partir do programa Globo Repórter. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação. Saúde - RECIIS. Rio de Janeiro. v.6, n.4 – suplemento, fevereiro de 2013.

ALFERES, Sirlene Cíntia; AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandes. **Programas televisivos infanto-juvenis e divulgação científica.** VIII Encontro Interno. XII Seminário de Iniciação Científica. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

BANCO DE CONTEÚDOS CULTURAIS DA CINEMATECA BRASILEIRA. TV Tupi. Missão Apollo XII. Disponível em: < www.bcc.org.br/tupi>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BAND. Jornal da Band. **Exame de raio-x não aumenta risco de câncer de tireoide.** Disponível em: <<http://videos.band.uol.com.br/programa.asp?e=noticias&v=16018770&pr=/>>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

BARCA LV. **Iguarias à hora do jantar: a presença de ciência e tecnologia nos telejornais diários.** [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

BARCA, L. Ciência e comunicação na TV comercial: 14 anos do programa Globo Ciência. **Comunicação & Educação.** n°15, v. 81-86, mai/ago, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2001.

BAUER, Martin. **The medicalization of science news: from the “rocket-scalpel” to the “gene-meteorite” complex.** *Social Science Information*, v.37, n.4, p.731-751, 1998.

BBC. **Television.** Disponível em:

<<http://www.bbc.co.uk/aboutthebbc/insidethebbc/whatwedo/television>>. Acesso em: jan. 2018.

BONNER, W. **Jornal Nacional:** Modo de fazer. São Paulo, SP: Globo, 2009.

BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. **A ciência na TV brasileira:** reflexões sobre a programação de Globo e Record. *ComCiência (UNICAMP)*, v. 197, p. 4, 2018.

BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa; RAMALHO, M.; Amorim, Luís; MALCHER, M. A. **Ciência e TV:** estudo sobre a programação da Rede Record. *ENSAIO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ONLINE)*, v. 19, p. 07, 2017.

BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. **Homens e mulheres cientistas:** questões de gênero nas duas principais emissoras televisivas do Brasil. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v.40, n.1, p.213-232, jan/abr. 2017.

BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa; RAMALHO, M.; MALCHER, M.

A.; AMORIM, Luis; NEVES, Rosicler. **A ciência e a tecnologia na TV brasileira:** uma análise da programação da TV Globo. *Galáxia (PUCSP)*, v. 33, p. 184-198, 2016.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015.** Disponível em:

<<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

BUCCHI, M.; MAZZOLINI, R. **Big science, little news:** science coverage in the Italian daily press, 1946-1997, *Public Understanding of Science* 12: 7-24, 2003.

CALDERA-SERRANO, J. **Labor documental para programas de entretenimiento en las televisiones.** *Ciência da Informação*, 35, 1, 16-24, 2006.

CANAL SAÚDE. Disponível em: <<http://www.canal.fiocruz.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CASTELFRANCHI, Yuri; MASSARANI, Luisa; RAMALHO, M. **War, anxiety, optimism and triumph:** a study on science in the main Brazilian TV news. *JCOM, Journal of Science Communication*, v. 03, p. A1-A1, 2014. Disponível em: <https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1303_2014_A01_pt.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina; REZNIK, Gabriela. **Investigação em medicina e saúde no horário nobre:** análise de dois programas televisivos brasileiros. *Razón y Palabra*. Primera revista electrónica en iberoamérica

especializada em comunicação. investigação em comunicação aplicada Número 87. Julho – Setembro, 2014.

CHIMBA, Mwenya; KITZINGER, Jenny. **Bimbo or boffin? Women in science: an analysis of media representations and how female scientists negotiate cultural contradictions.** *Public Understanding of Science*, v. 19, p. 609-624, 2010.

COSTA, Finger Cristiane. **Telejornalismo Mobile: um estudo sobre a recepção das notícias no celular pelo público adultos/idosos.** *comun. mídia consumo, são paulo*, v. 12, n.º. 34, p. 30-45, maio/ago. 2015.

DINIZ, Ângela Maria Carrato. **Uma história da TV Pública Brasileira.** 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília-UNB, Brasília-DF, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15462/1/2013_AngelaMariaCarratoDiniz.pdf/>. Acesso em: 10 set. 2016.

DISCOVERY CHANNEL. Disponível em: <<https://www.discoverychannel.com.pt/quem-somos>>. Acesso em: dez. 2016.

DISCOVERY BRASIL. Disponível em: <<https://www.discoverybrasil.com>>. Acesso em: nov. 2018

DURANT, J.; EVANS, G; THOMAS, G. *Public Understanding of Science in Britain: the Role of Medicine in the Popular Representation of Science.* **Public Understanding of Science**, vol.1, n.2, p.61–82, 1992.

EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. TV Brasil. **TV é Ciência.** Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/tveciencia>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. TV Brasil. **Senha Verde.** Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/senhaverde>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. TV Brasil. **Amazônia a Dentro.** Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/amazoniadentro>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

EINSIEDEL, E.F. **Framing Science and Technology in the Canadian Press.** *Public Understanding of Science* 1(1): 89–101, 1992.

FERRARI, Júlio Cesar; PEREIRA, Rafael Caluz; FERNANDES, Paulo Sérgio. **A imposição da ditadura militar na sociedade brasileira.** Uma breve analogia do comportamento Estado/Oposição. Lins – SP, 2009.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo; PORTELA, Adriano Siqueira Ramalho. **Osman Lins na televisão.** *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* - v. 13 - n. 3 - p. 571-594 - set./dez. 2017.

FILHO, Laurindo Leal. **Quarenta anos depois a TV ainda guarda as marcas da ditadura.** *REVISTA USP, São Paulo*, n.61, p. 40-47, março/maio 2004.

FOLHA. **O mundo do conhecimento National Geographic**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u28768.shtml>> Acesso em: 6 jan. 2018.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica. Editora, 2016. 219p.

FRANÇA, V. **A televisão porosa: traços e tendências**. In: Freire Filho, João (Org.). *A TV em Transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FRANZISKA, E. **Ciência como parte integrante da cultura**. In: MASSARANI, L.; ALMEIDA, C.; GOUVEIA, F. (orgs.). *Depoimentos de Divulgadores da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu da Vida, 2005. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=85&sid=31>>. Acesso em jun. 2017.

FUENZALIDA, Valério. **Expectativas educativas de las audiências televisivas**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2005.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **TV Excelsior**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-excelsior>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Televisão**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Televisao>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

GASHER, M.. **Spreading the news: social determinants of health reportage in Canadian daily newspapers**, *Canadian Journal of Communication* 32(3-4): 557-574, 2007.

GLOBO PLAY. *Jornal Nacional*. **Cientistas da Nasa anunciam a descoberta de 1284 planetas**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5015199/>>. Acesso em 12 jun. 2017.

GLOBO PLAY. *Jornal Nacional*. **Cientistas descobrem como vírus da Zika no Brasil ataca**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5015181/>>. Acessado em: 12 jun. 2017.

GLOBO PLAY. *Jornal Nacional*. **Pesquisadores juntam dois cremes e criam pele artificial**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5015183/>>. Acessado em: 12 jun. 2017.

G1. **Como será?**. <<http://g1.globo.com/como-sera/noticia/2017/01/como-sera-nasceu-para-colaborar-na-construcao-de-um-futuro-melhor.html>> Acesso em: 20 jun. 2017.

G1. **Fantástico**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

G1. **Globo Natureza**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

GRUPO GLOBO. **Grupo Globo**. Disponível em: <<http://www.grupoglobo.globo.com>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

GRUPO GLOBO. **TV Globo**. Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/tv_globo.php>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GOMES, Renata Machado dos Santos; FILHO, Antenor Amâncio; MACHADO, Maria Helena. **Canal Saúde em história: o audiovisual na comunicação em saúde**. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.3, n.3, set., 2011.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Capítulo 1. In: GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Televisión, audiências y educación**. 1 ed. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Introducción. In: GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Televisión, audiências y educación**. 1 ed. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.

GÖPFERT, Winfried. **Scheduled science: TV coverage of science, technology, medicine and social science and programming policies in Britain and Germany**. Public Understanding of Science; vol.5, n.4., p.361-374, 1996.

GOUVÊA, Allan; COUTINHO, Iluska. **Os sentidos e os efeitos sociais da informação televisiva em saúde: um estudo de recepção com pacientes do câncer de mama**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde. Minas Gerais, 2016.

GUEDES, AC. **Globo Ciência: inventário e análise do arquivo de cartas recebidas dos telespectadores em 1988** [dissertação]. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, A. e DICKINSON, R. **Science coverage in the British mass media: media output and source input**. *Communications* 17, 1992, p. 366-368. Project for Excellence in Journalism e Committee of Concerned Journalists, Columbia University, disponível em: <www.journalism.org>. Acesso em: 15 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2014**. IBGE-PNAD. Disponível em: <<http://www.mcti.gov.br/documents/10191/0/pnad-tic-2014.pdf/74864e5f-4ccd-41fa-bb96-b436d5a8a78a/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

IBGE. **Expectativa de vida do brasileiro**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->>

noticias/noticias/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-8-anos.html>. Acessado em jan. 2017.

JACKS, N. **Querência: cultura regional como mediação simbólica** – um estudo de recepção. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JACKS, Nilda. (coord.); SILVA Lourdes P.; PIENIZ, Mônica; SCHMITZ, Daniela; KNEWITZ, Anna Paula; JOHN, Valquiria Michela. **Pesquisa sobre audiências midiáticas no Brasil: primórdios, consolidação e novos desafios**. In: JACKS, Nilda. (Coord.) *Análisis de recepción em América Latina: Um recuento histórico com perspectivas al futuro*. Quito: Qui: Quipus/CIESPAL, 2011, p. 69-103. Porto Alegre. Sulina, 2014.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

JURBERG, Claudia. **Ciência na TV: um erro histórico**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/103042284573857452975334647217539539042.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

KANTAR IBOPE MEDIA. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. **Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado**. Disponível em: <www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-1106-a-1706/>. Acesso em: 24 jun. 2018.

KITZINGER, Jenny. **Qualitative research**. Introducing focus groups. Glasgow University Media Group, Department of Sociology, University of Glasgow G12 8LF. BMJ. 1995 Jul. 29; 311(7000): 299–302. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2550365/pdf/bmj00603-0031.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

KRIEGHBAUM, Hillier. **A ciência e os meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1967.

LEFFA. Normas da ABNT. **Citações e referências bibliográficas**. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm>> Acessado em jun. 2017.

LEÓN, B. **Science related information in European television: a study of prime-time news**. Public Understanding of Science, v.17, n.4, p. 443-460, 2008.

LIMA, Luanda Giffoni de. **A ciência no Jornal Nacional: um estudo de inspiração etnográfica**, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. Rio de Janeiro, 2012.

LISBÔA, M. **Mídia esportiva e educação física escolar: um estudo de recepção para a compreensão de sentido/significados**. Trabalho de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela** – Mediações, recepção, teleficionalidade. 1. ed. São Paulo: Summus, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2003.

MALCHER, M. A.; RAIOL, Weverton; LOPES, Suzana Cunha; MARQUES, Jane Aparecida; MASSARANI, Luisa; BRASIL, Vanessa. **A ciência na TV aberta**: uma exploração da programação de emissoras de Belém-PA. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017.

MAIA, Aline Silva Corea. **Telejornalismo e identidade**: estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juíz de fora (MG). 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2013/08/alinesilvacorreamaia.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

MAIA, Jussara Peixoto. **Do telejornalismo ao programa jornalístico temático**: Jornal Nacional e Globo Rural – uma relação de gênero e de modo de endereçamento, 2005, 227 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8019/1/Jussara%20Peixoto%20Maia.pdf>>. Acesso em: 2 jul., 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Latin American perspective on communication/cultural mediation**. Global Media and Communication, vol.2 (3), p. 279-297, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones, Comunicación, cultura y hegemonia**. 1 ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: DE SOUZA, Mauro Wilton (org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍNEZ, Ezquerria A.; DÍEZ, Polo A.M.. **Una exploración sobre la televisión y la ciencia que ve el alumnado**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, 9, 3, 696-715, 2010.

MASSARANI, Luisa (Org.); RAMALHO, M. (Org.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico**: a experiência de uma rede ibero-americana. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Centro Internac. Estudios Superiores de Comunicación para America Latina, 2012.

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yurij; RAMALHO, Marina; PEDREIRA, Anna Elisa; REZNIK, Gabriela; AMORIM, Luis. **Gênero, ciência e TV**: representações da mulher cientista nos programas brasileiros Jornal Nacional e no Fantástico. In: XIII Reunión de la Red Pop, 2013.

MASSARANI, Luisa; SILVA, Carla Maria da. **Divulgando a ciência**: a academia e o mundo científico pela lente do Globo Universidade. C&S – São Bernardo do Campo, v. 37, n. 1, p. 121-142, jan./abr. 2015.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão social, econômica e política. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTOS, Sérgio. Um perfil da TV brasileira – 40 anos de história: 1950-1990. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda e Empresa Editora A Tarde S/A, 1990

MCQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; revisão técnica: Márcia Benetti. – 6 ed Porto Alegre: Penso, 2003.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media**. Public Opinion Quarterly, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

MCSHARRY, G.. **Television programming and advertisements**: help or hindrance to effective science education?. International Journal of Science Education, 24, 5, 487-497, 2002.

MEDEIROS, Natércia, Flavia; RAMALHO, M.; CALDAS, C.; MASSARANI, Luisa. **Ciência e tecnologia em um programa de infotainment**: uma análise de conteúdo da cobertura do Fantástico. InterCom: revista brasileira de ciencias da comunicacao, v. 36, p. 127-147, 2013.

MELO, Davi Lira de; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Melo. **A ciência no telejornalismo brasileiro**: aspectos discursivos e quantitativos na divulgação científica pelos canais abertos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Campina Grande-PB 10 a 12 de Junho 2010.

MEMÓRIA GLOBO. **Bem Estar**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/bem-estar.htm/>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. Acusações Falsas. **Caso Time-Life**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. Acusações Falsas. **Concessões**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/concessoes-de-canais.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Como Será?**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/como-sera/como-sera-formato.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Como Será?**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/como-sera/como-sera-formato.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Censura na TV Globo**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/censura-na-tv-globo/censura-na-tv-globo/censura-na-tv-globo-na-tv-globo.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Fantástico**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/formato.htm/>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Cidadania**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/acao/acao-globo-cidadania.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal da Globo**. Evolução. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1967/1969/evolucao.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal da Globo**. Formato. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1967-1969.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. **Jornalistas como apresentadores**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalistas-como-apresentadores.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.

MEMÓRIA GLOBO. **Manchete**. Formato. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/manchete-noticias.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Teleglobo**. Criação. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo/criacao-e-primeira-edicao.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Teleglobo**. Mudanças de Formato. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo/mudancas-de-formato.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **TV Globo**. Censura. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/censura-na-tv-globo/censura-na-tv-globo/censura-na-tv-globo-na-tv-globo.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Ultranotícias**. Evolução. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/ultranoticias/evolucao.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Ultranotícias**. Formato. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/ultranoticias.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Ciência**. Evolução. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-ciencia/globo-ciencia-evolucao.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

MEMÓRIA ROBERTO MARINHO. **Rede Globo**. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEMÓRIAS DA DITADURA; Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Vlado Educação – Instituto Vladimir Herzog. **Comissão Nacional da Verdade**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/comissao-nacional-da-verdade-2/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MÍDIA DADOS BRASIL 2017. Televisão. **Perfil dos consumidores do meio**. Disponível em: <https://dados.media/#!/view/CATEGORY/TELEVISION/MDB_TVA_PENETRACA_O_PERFIL_DEMOGRAFICO>. Acesso em: 3 jun. 2017.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil – resultados da enquete de 2015**. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - CAPES. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Tabela de áreas do conhecimento 2017**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf>. Acesso em jun. 2017.

MONTEIRO, José Renato; BRANDÃO, Sérgio. **Ciência e TV: um encontro esperado**. In *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, Andréa Maria de; REIS, Heloiza Beatriz Cruz dos. **A meteorologia no telejornalismo contemporâneo**: Um estudo de caso do programa “Jornal Hoje”. Intercom

– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

MOREIRA, Gustavo de Oliveira. **Meio ambiente no mundo da notícia**: uma análise no jornalismo da TV Integração (2006). Uberlândia: UFU, 2007. 84p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16117/1/d.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2018.

MORLEY, D. **Medios, modernidad y tecnología. La geografía de lo nuevo**. Traducción de Margarita Polo. Barcelona: Gedisa, 2008, p. 317.

MOURA, Marisa Decat de; SOUZA, Maria do Carmo Borges de; SCHEFFER, Bruno Brum. **Reprodução assistida**. Um pouco de história. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar. v.12, n.2, Rio de Janeiro, dezembro, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582009000200004>. Acesso em: 15 jan. 2018.

NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. Science and technology: public attitudes and understanding. In: **Science and engineering indicators 2006**. Disponível em: <<http://www.nsf.gov/statistics/seind06/c7/c7s2.htm>>. Acesso em: fev 2017.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. Disponível em: <<http://www.nationalgeographicbrasil.com/programacao#schedule=ngc/02/18/2018>>. Acessado em jan. 2018.

NEVES, Marcelo de Castro. **Canal Saúde/Fiocruz**: oportunidade para a divulgação científica na televisão e na internet. Monografia. Programa de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde. Museu da Vida. Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

NISBET, M.C. LEWENSTEIN, B.. **Biotechnology and the American Media**: The Policy Process and the Elite Press, 1970 to 1999, Science Communication 23(4): 359-391, 2002.

NISBET, M.C., BROSSARD, D., KROEPSCH, A. **Framing Science**, The Stem Cell Controversy in an Age of Press/Politics. The International Journal of Press/Politics, v. 8, n° 2, p. 36-70, 2003.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

O GLOBO. **Idosos serão um quinto do planeta em 2050 diz OMS**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843>>. Acesso em: jun. 2018.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002

OLIVEIRA, Gildésio Bomfim de. **A ciência no Jornal Nacional** (Manuscrito): Entre o fato e a ficção. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais, 2008.

O'SULLIVAN, T.; DUTTON, B.; RAYNER, P. **Studying the media: an introduction**. Londres: Hodder Arnold, 1998.

O MUNDO DE BEAKMAN. **História**. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/o-mundo-de-beakman-abertura-e-historia.html>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PEDREIRA, Anna Elisa Figueiredo. **Gênero, ciência e TV: representações dos cientistas no Jornal Nacional e no Fantástico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 149p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.museudavidahomolog.fiocruz.br/brasiliana/media/annaelisa%20revisada.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2007.

PETERS, Hans Peter; Brossard, DOMINIQUE; CHEVEIGNÉ, Suzanne de; DUNWOODY, Sharon; KALLFASS, Monika; MILLER, Steve; TSUCHIDA, Shoji. **Interactions with the mass media**. Science Communication. Policy Forum. 11 July 2008 vol 321 Science. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.610.3109&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: dez. 2008.

PINTO, Agnes Caroline S; PINHEIRO, Patrícia NC; VIEIRA, Neiva FC; ALVES, Maria Dalva S. **Compreensão da pandemia da aids nos últimos 25 anos**. DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2007; 19(1): 45-50 – ISSN: 0103-4065. Disponível em: <<http://www.dst.uff.br//revista19-1-2007/7.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PIRES, Brena Gomes Chaves. **A ciência no telejornalismo do Brasil: uma análise do Jornal Nacional**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. Rio de Janeiro, 2017.

PIRES, Brena Gomes Chaves. **A notícia na apresentação dos telejornais: a novela da vida real**. Anais do VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano realizado nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2018 no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (IACS/UFF), 2018. (No prelo).

PRAY, Leslie A. **Discovery of DNA structure and function: Watson and Crick**. Nature Education 1(1):100, 2008. Disponível em:

<https://www.nature.com/scitable/topicpage/discovery-of-dna-structure-and-function-watson-397>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

PRIOLLI, Gabriel. **A tela pequena no Brasil grande: anos 50: o patrocinador faz o show.** In: LIMA, Fernando Barbosa; PRIOLLI, Gabriel; MACHADO, Arlindo. *Televisão e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

PRETTO, N. **A ciência nos meios de comunicação.** *Tecnologia Educacional*, [s. l.], v. 21, p.109, nov./dez. 1992

RAMALHO, Marina. **A ciência no Jornal Nacional e na percepção do público.** 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Química Biológica, Instituto de Bioquímica Médica, área de concentração 'Educação, Gestão e Difusão em Biociências', Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. **A TV Universitária como ponte entre a produção científica e as massas: A TV Fema em Assis/SP.** Marília: Unimar, 2005. 100p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Marília, Marília, 2005. Disponível em:<<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/88ef5cadd0a0dcc80abdb5c6e253e67.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

RAMOS, Mariana Brasil. **Discursos sobre ciência & tecnologia no Jornal Nacional.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Educação Científica e Tecnológica. UFSC – PPGECT. Florianópolis. Julho, 2006

REDE GLOBO. **Direção Geral de Negócios. Atlas de cobertura Rede Globo.** Disponível em: <<http://comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/Paginas/Totalizador.aspx> />. Acesso em: 10 set. 2016.

REDE GLOBO. **Direção Geral de Negócios. Atlas de cobertura sobre Rede Globo.** Disponível em: <<http://comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/paginas/sobre.aspx>>. Acesso em: 10 set. 2016.

REDE GLOBO. **Direção Geral de Negócios.** Disponível em: <<http://comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/paginas/home.aspx?mp=Brasil>>. Acesso em: 10 set. 2016.

REDE GLOBO. **Globo Cidadania.** Estreia. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/cidadania/noticia/2011/09/globo-cidadania-estreia-no-sabado-com-serginho-groisman-no-comando.html>>. Acesso em: 10 set. 2016.

REDE GLOBO. **Globo Cidadania.** Notícia. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/noticia/2014/07/globo-cidadania-mostra-rotina-dos-brasileiros-que-estudam-no-japao.html>>. Acesso em: 10 set. 2016.

REDE GLOBO. **Globo Universidade**. Disponível em:
<<https://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/o-globo-universidade.ghtml>>.
Acesso em: 10 set. 2016.

REIMÃO, S. A televisão no Brasil – ontem e hoje. In: REIMÃO, S. **Televisão na América Latina: 7 estudos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000, p. 59-80.

RESENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo, SP: Summus, 2000.

REZNIK, Gabriela et al. Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista?. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 829-855, mai./ago. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/39479/34259>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

REZNIK, Gabriela; MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina; AMORIM, Luis. **Ciência na televisão pública: uma análise do telejornal Repórter Brasil**. Alexandria - Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.7, n.1, p.157-178, maio 2014.

RIBEIRO, Fernando Antônio C. **A contribuição da universidade para o desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação**. Revista científica Intr@ciência. Ed. VII. Faculdade do Guarujá. São Paulo, 2013.

RIBEIRO, Luciano Jesus. **TV é ciência: caminhos do jornalismo científico no estado do espírito santo**. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM, 2014.

RIBEIRO, Luciano Jesus. **TV é ciência: caminhos do jornalismo científico no estado do Espírito Santo**. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM, 2013

ROCHA, Marcelo Borges. **Textos de divulgação científica na sala de aula: a visão do professor de ciências**. Revista Augustus, v. 29, n. 14, pp. 24-34, 2010.

ROCHA, Marcelo Borges. **O potencial didático dos textos de divulgação científica segundo professores de ciências**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 5, n. 2, p. 47-68, 2012.

RONDELLI, Daniela R.R. **A ciência no picadeiro: uma análise das reportagens sobre ciência no programa Fantástico**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. 147f., 2004.

ROSA, Caroline Petian Pimenta Bono. **C&T no meio rural: A Divulgação de Ciência e Tecnologia no Programa Televisivo Caminhos da Roça**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo-Umesp. 151p. São Paulo, 2008. Disponível em:

<<http://www.museudavidahomolog.fiocruz.br/brasiana/media/CarolinePetian.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

RUBBO, Daniela. **A ciência no Fantástico**: uma análise de discurso. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2 set. 2007.

RUBERT, Vanessa. **Lazer e mídia na terceira idade**: um estudo sobre representações sociais. Motrivivência. Ano XV, n° 20-21, mar./dez, 2003.

R7. Jornal da Record. Séries. **Refúgio Animal**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/jornal-da-record/series/serie-jr-refugio-animal-27112017>>. Acesso em jan. 2018.

R7. Jornal da Record. Séries. **Planeta Plástico**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/jornal-da-record/series/serie-jr-planeta-plastico-25092017>>. Acessado em jan. 2018.

R7. Jornal da Record. Séries. **Depois da Cirurgia**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/jornal-da-record/series/serie-jr-depois-da-cirurgia-11122017>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SANTANA, Dalva Verônica Mendonça. **Programa cidades e soluções**: zapeando soluções verdes e ensinando as cidades a serem sustentáveis. Sexto Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação (SBECE). Terceiro Seminário Internacional de Estudos Culturais (SIECE). Universidade Luterana do Brasil-ULBRA, Campus Canoas – Rio Grande do Sul, 01 e 03 de junho de 2015.

SANTOS, Samuel Antenor dos. **O papel da interatividade na constituição de um modelo de percepção pública da ciência e da tecnologia**: um olhar sobre o Canal Saúde. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiana/media/samuel_antenor.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SBT. Disponível em: <<https://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

SCHWERTNER, S.F.. **Análise das condições de produção de Cidade dos Homens**: articulações entre Educação e Comunicação. Educação e Pesquisa, 33, 1, 47-61, 2007.

SEMIR, Vladimir de. **Medios de comunicación y cultura científica**. In: Quark n°28-29, abril-setembro de 2003. Disponível em: <<http://www.imim.es/quark>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

SHAW, E. F. Agenda-Setting and Mass Communication Theory, **International communication gazette**, v. 25, p. 96-105, 1979.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **Pais da TV**: a história da televisão brasileira. São Paulo: Conard Editora do Brasil, 2001.

SILVA, Patrícia Alves do Rego. **TV Tupi a pioneira na América do Sul**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. 80 p.: — (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; v.12). Versão online disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101419/memoria11.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

SILVA, Edna de Melo. **As imagens do telejornal Imagens do Dia**: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. Universidade Federal do Tocantins. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro. Guarapuava- PR. 28 a 30 abril de 2011.

SOUZA, José Carlos A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SOUSA, M. W. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, M. W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

UNIÃO EUROPEIA. Eurobarômetro. **Scientific research in the media - 2007**. Disponível em: <http://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/archives/ebs/ebs_282_en.pdf>. Acesso em: jun. 2018.

TENÓRIO, Thaís; LEITE, Rodrigo De Melo; TENÓRIO, André. **Séries televisivas de investigação criminal e o ensino de ciências**: Uma proposta educacional. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol. 13, Nº 1, 73-96 (2014). Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen13/REEC_13_1_5_ex779.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2017.

THE INTERNATIONAL ACADEMY OF TELEVISION ARTS & SCIENCES. Disponível em: <http://www.iemms.tv/awards_nominees.aspx/>. Acesso em: 9 jun. 2017.

TOLIPAN, H. Globo sobe em ranking e torna-se segunda maior emissora do mundo! **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 mai. 2012. Coluna Heloisa Tolipan. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/heloisa-tolipan/noticias/2012/05/09/globo-sobe-em-ranking-e-tornase-segunda-maior-emissora-do-mundo>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

TRUMBO, Jan. Essay: seeing Science research opportunities in the visual communication of science. In: **Science Communication**, nº 04, v.21. Maryland (EUA), Sage Publications. Jun., 2000.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura**. Disponível em: <<http://tvcultura.com.br/programas/jornaldacultura/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

TV CULTURA. **Planeta Terra**. Disponível em: <<http://tvcultura.com.br/programas/planetaterra/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

TV BRASIL. **Jornada da Vida**. Disponível em:<<http://tvbrasil.ebc.com.br/jornadadavida/episodio/oceanos-0>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

TV BRASIL. **Ser saudável**. Disponível em:<<http://tvbrasil.ebc.com.br/sersaudavel>>. Acesso em: 18 fev.2018.

TV BRASIL. **Sementes**. Disponível em:<<http://tvbrasil.ebc.com.br/sementes>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

TV BRASIL. **Ana e os Robôs**. Disponível em:<<http://tvbrasil.ebc.com.br/ana-e-os-robos>>. Acesso em: 18 fev.2018.

TV BRASIL. **Brincando com a Ciência**. Disponível em:<<http://tvbrasil.ebc.com.br/brincando-com-ciencia>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

TV BRASIL. **Ciência Nua e Crua**. Disponível em:<<http://tvbrasil.ebc.com.br/ciencianuaecrua>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

TV RATIMBIM. Disponível em: <<http://tvratimum.cmais.com.br/detetivesdaciencia/>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo utilitário na TV**: análise da produção do gênero no programa Bem-Estar da Rede Globo. Universidade Metodista de São Paulo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.

VERHOEVEN, P. (2008), **Where has the doctor gone?** The mediazation of medicine on Dutch television, 1961-2000, *Public Understanding of Science* 17(4), 2008.

VIDIGUEIRA, V.C.R.; PAIVA, A.. **A influência da televisão no desenvolvimento sócio-emocional dos adolescentes**. Monografia. Licenciatura em Psicologia, Faculdade de ciências humanas e sociais. Universidade do Algarve, Portugal, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 8ª edição, 2003.

WHITELEGG, Elizabeth; HOLLIMAN, Richard; CARR, Jennifer; SCANLON, Eileen; HODSON, Barbara. **Invisible witness**: Investigating gendered representations of scientists, technologists, engineers and mathematicians on UK children's television. Report for the UKRC, 2008.

ZENITH. Disponível em: < <http://www.zenithmedia.com/google-facebook-now-control-20-global-adspend/>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO A SER ENTREGUE AOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO A SER ENTREGUE AOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa "A PERCEPÇÃO DA CIÊNCIA ENTRE MULHERES DA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO DE CASO COM MATÉRIAS DO JORNAL NACIONAL", projeto desenvolvido no âmbito do Mestrado em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz (www.fiocruz.br). O objetivo dessa pesquisa é analisar a forma como mulheres com 60 anos ou mais compreendem e se apropriam dos conteúdos de ciência noticiadas pelo Jornal Nacional. Neste sentido, gostaríamos que você participasse de um bate-papo informal com algumas atividades, no qual seguiremos um roteiro. A conversa será gravada e filmada, para facilitar a sua transcrição e análise posterior. As gravações ficarão armazenadas em local seguro, sob a responsabilidade da pesquisadora ou da instituição a que está vinculada. Não haverá exibição das imagens para outras pessoas que não integrem a equipe da pesquisa, sem a sua autorização. A identidade dos participantes será mantida em sigilo. Serão exibidos, quando necessário, apenas as iniciais (José Pereira da Silva = J.P.S.), a idade e a escolaridade dos entrevistados.

Essa pesquisa oferece risco mínimo ao participante e para diminuí-lo, o sigilo sobre sua identidade será mantido.

Não haverá qualquer despesa para que você participe desta pesquisa, bem como não haverá qualquer tipo de recompensa para o participante.

A pesquisa trará benefícios para o desenvolvimento do conhecimento científico na área em que está inserido.

O presente termo será emitido em duas vias, as quais devem ser assinadas, ficando uma em poder do participante da pesquisa e a outra com o pesquisador.

Se houver dúvidas sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, estamos à disposição para esclarecimento nos telefones: (21) 3865-2113 e (21) 3865-2155 (procurar Marina Ramalho, Luisa Massarani ou Brena Pires) ou pelos e-mails marina.fiocruz@gmail.com ou brenapires@gmail.com.

Os participantes podem desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer penalizações ou prejuízos, basta que entrem em contato com as realizadoras da pesquisa, acima citadas.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, DECLARO que fui devidamente esclarecido do Projeto de Pesquisa “A PERCEPÇÃO DA CIÊNCIA ENTRE MULHERES DA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO DE CASO COM MATÉRIAS DO JORNAL NACIONAL” e desejo participar do mesmo.

_____, _____ de _____ de 2017

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para o caso de dúvidas, recurso ou reclamações do sujeito pesquisado:

**Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz
Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV
sala 316 / Tel.: (21) 3865-9710 e-mail: cep@epsjv.fiocruz.br**

APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS INDIVIDUAIS PRÉVIAS FEITAS DURANTE O CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

- 1) Dados pessoais (identificação exclusiva para o pesquisador, que será mantida em sigilo): nome completo, telefone residencial e celular, nível de escolaridade, formação, idade e classe social.
- 2) Você tem o hábito de assistir ao *Jornal Nacional*? Com que frequência?
- 3) Você gostaria de participar de uma pesquisa em grupo de conversa dando a sua opinião sobre o que acha com relação ao vídeo que irá assistir do *Jornal Nacional*?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS INDIVIDUAIS FEITAS AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Esse questionário faz parte de uma pesquisa do Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz.

1- Nome: _____

2 - Bairro onde mora: _____

3 - Idade: _____ anos completos

4 - Escolaridade: (circule a resposta)

2- Ensino fundamental incompleto

3 - Ensino fundamental completo

4 - Ensino médio incompleto

5 - Ensino médio completo

6 - Ensino superior incompleto

7 - Ensino superior completo

8 – Pós-graduação

5 - Profissão: _____

6 – Em geral, com que frequência você assiste televisão? (circule apenas uma resposta)

1 – Todos os dias

2 – Vários dias na semana

3 – Poucos dias na semana

4 – Raramente

5 – Nunca

7 – Que tipos de programas costuma assistir na TV?

8 - Você costuma assistir a telejornais da (o): (circule a resposta)

8.1 – TV Brasil?

1- Sim 2- Não

8.2 – Rede Globo?

1- Sim 2- não

8.3 – Rede TV?

1- Sim 2- não

8.4 – Bandeirantes?

1- Sim 2- não

8.5 – CNT?

1- Sim 2- não

8.6– SBT?

1- Sim 2- não

8.7– Rede Record?

1- Sim 2- não

8.8 – algum canal por assinatura?

1- Sim 2- não

Se respondeu “sim” ao item 8.8, quais?

9 – Você assiste ao Jornal Nacional especificamente? (circule apenas uma resposta)

1- Sim, com frequência

2- Sim, às vezes

3- Raramente

4- Não, nunca (*Se você respondeu 4, pule para a questão 12*)

10 - Quando você assiste a telejornais, na maioria das vezes, você está:

1 - sozinho (*Se você respondeu 1, passe para a questão 12*)

2 – com família

3 – com amigos

4 - com outras pessoas (nem família nem amigos)

11 – Enquanto você assiste ao telejornal, você costuma comentar as notícias com as pessoas que estão vendo o telejornal com você? (circule apenas uma resposta)

1 – sim, com frequência

2 – sim, às vezes

3 – depende de quem está vendo comigo

4 - raramente

5 – nunca

6 – não sei / nunca reparei

12 - Abaixo há uma lista de temas. Por favor, diga-me se você tem muito interesse, médio interesse, pouco interesse ou nenhum interesse em cada um deles. (marque com um X apenas uma opção em cada linha)

Temas	Muito interesse	Médio interesse	Pouco interesse	Nenhum interesse	Não sei
12.2 - Arte e cultura	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.3 - Medicina e saúde	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.4 - Ciência e tecnologia	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.5 - Esportes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.6 - Meio ambiente	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.7 - Moda	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.8 - Economia	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
12.9 - Religião	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

ANEXOS

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA EM GRUPO FOCAL 1

Moderadora 1: Bom, essas são as matérias! Quais são os assuntos que vocês identificaram nessas matérias que eu passei para vocês?

GF1.P2 – Ciência.

GF1.P1 – Saúde, a primeira...

GF1.P2 - Saneamento básico, né! É... saúde, não deixa de ser!

GF1.P1 - Depois foi...

GF1.P4 - Começou com o universo...

GF1.P1 - Ciência... e, agora, saúde.

Moderadora 1: E vocês, o que identificou?

GF1.P5 - Eu achei interessante, né, a da pele porque a gente passa protetor e se tiver já... Passa e Fica (protegida) o dia inteiro. Beleza!

Moderadora 1: Vocês consideram esses assuntos importantes?

GF1.P1 - Sim, acredito que sim porque a gente aprende em como poder ajudar a se proteger. Tendo conhecimento, pode passar esse conhecimento adiante.

GF1.P4 - Eu, por exemplo, acho importante, é por experiência própria porque já fui jovem, né! Porque... Eu tive melanoma exatamente por falta de informação. (Eu) jovem (dizia): eu vou pra a praia, eu vou para a praia! Ficava na praia o dia inteiro. Aí, a mãe reclamava. Aí, eu falava: não olha a barraca, precisa de barraca não para ficar bronzeada e bonita. É isso! Você vai pegar insolação! Insolação?! Ninguém nunca tinha ouvido falar de câncer de pele.

GF1.P3 - Quem nunca (fez isso)? Foi nos anos 50!

GF1.P4 - Aí, o que aconteceu, aí, eu ficava (me queimando no sol), passava aqueles bronzeadores que a gente mesmo fabricava. Até mesmo óleo de motor de avião eu usei. Ficava muito bonito e tal. Todo ano era a mesma coisa no verão. Agora, resultado, na terceira idade, numa dessas idades daí, que eu já tô até perdida e não sei mais qual é (a classificação de idoso), eu tive um melanoma. E eu sempre amei praia, né! E, aí, fico naquela, não pode pegar sol... Não tinha esse negócio de acordar cedo para ir para a praia (quando eu era jovem). Aí, a notícia. O negócio de acordar às 7 horas para ir para a praia... Não tinha isso! Eu ia para a praia às 10 horas da manhã e voltava às 6 horas da tarde, passava o dia inteiro no sol e não tinha barraca, tinha que ficar bronzeada. Isso porque não tinha informação nenhuma sobre isso. Teve uma época que 'eles' fizeram uma informação esclarecendo o que era o câncer de pele, aí, nisso, eles colocaram publicação em jornal com a fotografia de como que era (a doença). Diamante daquilo tudo, eu olhei e me identifiquei, e não deu outra. Fui no INTO e falei: eu tenho essa mancha que eu tenho que ver... Aí, eu tive que tirar (o câncer) profundo e disseram: se quiser deixar o braço, deixa!

Moderadora 1: Fora essa questão da durabilidade do protetor solar sobre a pele e do caso de câncer, vocês destacariam outras coisas que vocês acharam importante nas matérias?

(Chega participante atrasada)

GF1.P6 - Mil desculpas! Eu tive uma reunião, cheguei tarde.

Moderadora 1: Tudo bem, tudo bem! A gente já começou. Eu passei as matérias... Quer sentar aqui(P6)? Pode sentar! A gente já começou. Assistimos às matérias. Então, você vai participar da discussão. Tá! (Para o grupo) Tem outros assuntos que vocês identificaram nessas matérias que vocês assistiram?

Moderadora 2: Será que eu posso falar uma coisinha? Será que alguém quer contar para ela (P6), assim, bem rapidinho, sobre o que que foi as três matérias?

GF1.P6 - Meu trabalho era para acabar meio-dia, acabou uma hora, e, com isso...

GF1.P1 - A primeira matéria foi sobre a Zika, mostrou como ele age nos neurônios dos fetos, né. Depois, foi sobre planetas... que acharam planetas com condições semelhantes à da terra, que pode vir a ter vida... a última foi o que mesmo, que eu esqueci?

GF1.P4 - Foi sobre a pele.

GF1.P1 - Ah! Sim, sobre uma pele artificial que eles estão desenvolvendo, né, que ela fica fixa bem, e você passando protetor solar em cima daquela pele, ficaria o dia inteiro protegido...

Moderadora 2: Posso? Eu fiquei curiosa, a senhora, quando tava passando as matérias, você riu. Por que você riu? O que você pensou?

GF1.P3 - É por que vocês estão passando tudo com relação ao Jornal Nacional e eu não vejo o Jornal Nacional. Eu deixei de ver o Jornal Nacional. Quando eu vejo Sky, eu vejo Jornal TV Brasil, TV Cultura... Você não vê tiro, você não vê assalto, você não vê traficante... você não quer ver nada no Jornal Nacional porque você vê isso toda hora.

Moderadora 2: Mas quando estava especialmente passando a matéria sobre a pele, foi alguma...

GF1.P3 - É porque eu tenho uma sobrinha... e o negócio, se eu for entrar em detalhes, o negócio vai ficar grande, mas..., que mora em Dubai, tá! E ela é pesquisadora de pele, e ela falou para mim que isso (pele artificial) pode vir acontecer, 2 anos de muitos e muitos anos. Ela nem quis dizer os anos, mas eu não estarei aqui presente... Ela é química. Ela estuda em várias faculdades em Dubai. Agora, ela está aí numa cidade além de Dubai. Então, quando veio justamente esse tema (pele artificial), e foi o que ela abordou quando estive no Brasil quando nós nos reunimos... Ela foi embora por essa semana, entendeu. E o problema da Célia... Eu falei (pensei) caramba! Aí, eu pensei na mesma coisa que a Elsa (sobrinha) explicou. Entendeu? Mas só que eu acredito que nenhum de nós estaremos aqui para ver isto... não sei nem se essas crianças estará aqui pra ver por que será milhões e milhões de anos... Entendeu?

GF1.P1 - Isso demora em estudos e pesquisa. Isso demora!

GF1.P4 - (Inaudível)

GF1.P3 - É que o que não tem incentivo nas pesquisas aqui, lá tem incentivo. Não estou falando com relação ao Brasil. Estou falando em relação a Dubai. Lá tem incentivo demais.

GF1.P4 - (Inaudível) Independente de lá (Dubai). Estão descobrindo muita coisa...

GF1.P3 - É lógico que tem muita gente boa aqui. Estão indo embora para lá.

Moderadora 1: Vocês acham que não tem incentivo a pesquisa aqui?

GF1.P3 - Eu acho! No Brasil não, nunca.

GF1.P4 - (Inaudível)

GF1.P3 - Aqui não tem incentivo para turma de primeiro grau, segundo grau..., não tem incentivo para nada, para as escolas daqui... A educação daqui é falida, entendeu.

GF1.P4 - A educação aqui é muito baixa.

Moderadora 1: Vocês consideram esses temas importantes e que deveriam ter mais intensivo ou acham que não?

GF1.P3 - Tem que ter muito mais incentivo, muito mais, com certeza. Quem dará o primeiro passo?

Moderadora 1: vocês acham importante ter esse incentivo por quê?

GF1.P3 - A evolução...

GF1.P1 - Eu estava vendo um documentário...

GF1.P4 - Você vai fazer uma pesquisa... Você vê assim... um sinal lá no fim do túnel, você já se empolga. Que bom! Vamos continuar! Até mesmo por próprio... vaidade não, é... algo de novo, coisa da pessoa, né.

GF1.P3 - Na minha época, você pagava as coisas no banco. Hoje você entra na internet, em qualquer lugar você paga uma conta. Você compra alguma coisa pela internet, isso aí é evolução. Evoluir faz parte da vida. Agora no nosso país nada é levado a sério.

GF1.P2 - Com o pouco que nós temos, acho que existem muitos profissionais dedicados que vestem a camisa e vai para frente para o Brasil. Acho que o Brasil é reconhecido lá fora. Haja vista, por exemplo, agora, também já vou no particular aqui, dentista em Portugal é supervalorizada porque a nossa Odontologia é muito boa em relação a de lá, inclusive por causa de preços. Então, eu acho que nós temos bons profissionais, muita gente inteligente temos estruturas boas, como tem o INPE para fazer pesquisas espaciais.

Vira e mexe está sendo noticiado. Então, o que falta realmente é haver uma melhor distribuição da verba porque, infelizmente, o que a gente vê hoje em dia é a verba sendo investida no mesmo setor, sendo direcionada para os interesses pessoais, particular, de determinadas pessoas.

Moderadora 1: Você acha que se tivesse... Vocês acham que se tivesse mais investimento, a pesquisa teria alguma relação direta com o dia a dia, a rotina de vocês, a vida de vocês?

(Inaudível)

GF1.P1 - Eu acho que uma coisa vai levando a outra. Vai descobrindo mais coisas e você vai poder ainda... vai adquirindo mais conhecimento e podendo se beneficiar de todas as novidades que vai aparecendo. O investimento é importante.

Moderadora 2: A Ideli tinha comentado sua experiência própria com melanoma, que foi uma matéria de jornal. Não é isso?

GF1.P4 - Foi quando começou a chamar atenção da população porque ficava todo mundo: mas essa bolinha tem pelinho, não? Foi quando o jornal realmente publicou diversas vezes... e eles fazem muito programa levando especialistas, né. Então, eu vejo alguns programas que eu gosto, entrevista com gente inteligente, eu vejo. Eu vejo em qualquer canal.

Moderadora 2: A minha pergunta é se vocês tem situações similares ao jornal, ao Jornal Nacional ou outro jornal, de uma maneira geral, que foi fonte de informação de alguma coisa importante para a vida de vocês nessa linha que...?

GF1.P5 - Ele sempre alerta com relação a dengue e a chikungunya. Estão sempre querendo mostrar... A primeira reportagem, né, sobre a Chikungunya começou a esclarecer ... e as pessoas que foram tendo os bebês, né... Checaram que era da Zika (a microcefalia), né, e as pessoas foram se protegendo. Agora, né... Na época, quem estava grávida vivia toda encapuzada, toda cheia de protetor e repelente porque é um alerta o que você vê no jornal, o que você escuta de ficar se protegendo, né. Se você não escuta, se você não vê, você não sabe.

GF1.P4 - Eles batem muito na matéria aí o povo... Aquilo assusta. Às vezes, até todo mundo fica: não vou mais ter filho!

GF1.P3 - Ninguém sai mais de casa, vai botar tudo, botar casaco, botar até burca numa boa. É a mentalidade brasileira...

(Inaudível)

Moderadora 2: Qual seria a opção que você acha que seria uma boa cobertura para não se suscitar o medo? Seria não divulgar isso? Não divulgar sempre?

GF1.P4 - Divulgar! Tem que divulgar sempre, mas não sei se desse jeito. Não sei se talvez, fazer assim boçalizando mais um pouco para dá pra entender porque, realmente, o que tem de gente sem estrutura! É o que mais se tem! Para isso, então! Como eu dizia... pra não falar palavra difícil, tem que fazer a coisa assim puxando pelo babaca já para a pessoa entender bem. Às vezes, usam muitas palavras científicas que ninguém nem sabe o que quer dizer.

Moderadora 2: Alguém tem uma opinião diferente da Adele e gostaria de falar sobre isso?

GF1.P1 - Eu acho que a gente tem que ter um pouco de equilíbrio. Você vê o problema, mas também tem que ir ver como que eu posso tentar evitar, não passar por aquilo. Você vai tentar, né. Hoje nós vamos fazer isso, isso, isso. Pode acontecer, pode! Mas a partir do momento que você adquire conhecimento sobre o que eu posso fazer para me proteger, é tentar cada um fazer a sua parte, né.

GF1.P3 - Você se protege da sua maneira. Aí, o vizinho do lado te desprotege.

(Inaudível)

(Fuga do tema)

Moderadora 2: Será que a gente pode voltar para o tema, para a pesquisa?

Moderadora 1: Vocês falaram do entendimento do que é passado, da forma como são feitas as matérias, existiu alguma coisa que não ficou clara, que vocês não entenderam nas notícias? Como é que vocês acharam que foi produzido esse material? Foi bem explicado ou não?

GF1.P3 - Foi bem explicado.

GF1.P4 - Sempre paira alguma dúvida. Aí, tem que explicar esmiuçando o que é para a pessoa entender.

Moderadora 2: Você acha que vocês teriam feito alguma coisa diferente se vocês fossem as editoras dessas três matérias?

GF1.P4 - Não. Eu acho que eu faria diferente, muito pior! (Risos)

GF1.P3 - Eu também!

GF1.P2 - A minha diferença é que eu para inteirar a matéria no caso da zika... Ali ele informou como o vírus age no cérebro, então, para completar a informação toda, teria que entrar na parte da prevenção. Ali (na matéria) o vírus já entrou e tá fazendo estrago. Então, para mim faltou essa parte na reportagem, mas isso é um trecho. Eu acho que você tirou. (Obs.: a matéria foi exibida na íntegra). Então, é possível que tenha sido feito. Às vezes, no programa anterior, às vezes sai numa sequência. Então, eu não sei como foi feito. Então, o complemento faltou, isso para mim. Também é assim: em relação essa parte de prevenção, é muito importante que o nosso vizinho faça, que a gente faça, mas é importante também que o governo também faça. Tem muita rua esburacada, então, a água acumula de várias, de várias maneiras.

(Inaudível)

(Falas simultâneas)

GF1.P4 - Enfim, é a falta de educação!... Também tem o interesse ou desinteresse... Quem deve fazer alguma coisa não está nem aí! Aliás, não querem saber de nada, então, causa às vezes um desvio...

Moderadora 1: A Elizabeth falou a opinião dela com relação à matéria da Zika. Alguém teve uma opinião igual ou diferente em relação especificamente a essa matéria?

GF1.P5 - Eles estavam mostrando o que realmente o mosquito causa. Sobre a prevenção, ele vem falando aí, em todos os jornais, como prevenir: deixar 10 minutos para isso e praquilo...

GF1.P3 - Distribuíram até um panfleto.

GF1.P6 - Então, tem até uma cartilha.

GF1.P5 - ...aí, eles estavam colocando o que realmente é, como age... Para mim, eu entendi.

(Inaudível)

(Falas simultâneas)

Moderadora 1: E as matérias dos planetas, o que vocês acharam da matéria dos planetas?

GF1.P2 - Eu acho fantástico!

GF1.P1 - Eu acho maravilhoso! Me interessa muito. Eu gosto muito de pesquisar, de saber essas descobertas...

GF1.P3 - Essas descobertas nos traz a cura de diversas coisas, mas também só o tempo que dirá.

Moderadora 1: Ficou alguma dúvida em relação a essa matéria específica dos planetas? Alguma coisa que chamou atenção? Ela foi curtinha, mas teve alguma coisa que chamou a atenção de vocês, que vocês acham importante destacar, que mexe com a vida de vocês?

GF1.P3 - A meu ver não.

Moderadora 1: E a última, a matéria da pele, o que vocês acharam?

GF1.P2 - Eu achei fantástico! Não é só pela estética em si, mas pelo avanço mesmo porque existem pessoas, por exemplo, queimadas que precisam fazer o transplante da pele, o enxerto de pele, coisas assim. Esse avanço começa assim. Eu acho que a parte da estética avançou bastante com o invento do botox. Esse daí já vai superar ó longe. Achei Fantástico! Não tinha visto essa matéria. Achei muito, muito boa. Hoje em dia, a ciência está se multiplicando dia após dia. Cada dia mil novidades, então...

Moderadora 1: Mais alguém tem alguma coisa que destacaria para a gente nessa matéria? Vocês acham que essa matéria interfere de alguma forma no dia a dia de vocês?

GF1.P4 - Eu acho que há interferência aí por causa do meio ambiente. É porque... sei lá... não sei se interferiria o problema de efeito estufa... sei lá ...

GF1.P3 - Eu não sei se vocês viram. Eu não vi essa parte do assunto, que teve o planeta que tava cheio de pedras... Não sei se foi Marte. Eu também não vi tudo não. Eu liguei a televisão e tava passando o Jornal Nacional. Passou assim... Eu não vi, mas eu até queria saber detalhes sobre aquilo. O porquê daquelas pedras. Foi no Jornal Nacional que saiu. Eu sei. Eu não vi tudo, vi um pedacinho e tirei. Não sei qual a finalidade daquelas pedras que foram encontradas, entendeu?

Moderadora 1: Essas matérias que vocês assistiram, vocês acham que mudou alguma coisa na maneira de vocês pensarem esses avanços que vocês assim chamaram?

GF1.P4 - Depois que eu vi a matéria e tudo, a gente já pensa. A gente já fica a pensar e a agir de outras formas, né.

Moderadora 1: Se vocês fossem construir um noticiário, que assunto da ciência vocês colocariam que vocês acham importante, interessante, ou que de alguma forma mexe com a vida de vocês?

GF1.P4 - Perguntar isso no dia de hoje é um problema! Tenho vários, vários... É melhor nem falar.

GF1.P6 - Eu acho que da ciência... Acho que começar pela alimentação porque a saúde... porque a prevenção... Muita criança os hábitos ruins. Eu acho importante começar a informar desde criança porque eu sou avó. Eu sei o quanto é difícil para as crianças mostrar que aquele alimento é bom porque é saudável. E quando a gente vê o trabalho de uma classe mais de baixa renda... Já chegam 7 horas da manhã com pacote daquele de biscoito cheio de corante fedorento. Será que... Tem gente que não tem dinheiro, mas tem para comprar aquilo. Não tomou café da manhã, mas comprou aquele pacote de biscoito que é um, dois reais, sei lá. Então, acho que precisa investir mais nessa questão da alimentação desde criança.

Moderadora 1: Então, qual seria o papel da ciência? Ela trouxe a questão do educar. E vocês, o que vocês acham? Que papel seria esse?

GF1.P6 - Porque a ciência aí já é a pesquisa, né.

GF1.P1 - O que ela vai fazer é justamente a prevenção para não ter o problema lá na frente. Você já fazendo alimentação de acordo, né. Lá na frente, você já vai ver o que tava certo, o número de doenças ... Acho que a prevenção é muito importante. Você deixar a criança chegar lá e... Aí, não tem mais jeito. Acho que a prevenção vale muito, a educação...

GF1.P2 - A criança leva na escola geralmente a coisa comprada no supermercado. A criança é pequena, os pais saem por que vão trabalhar fora de casa... É tudo todo um problema, né. Os pais trabalham fora. É prático comprar. Então, ela (a criança) só vai se habituando com aquilo. No caso

da escola pública, que seria o ideal a criança ficar mesmo mais tempo na escola aprendendo, ir fazendo outras atividades e tudo, não vai para frente. Começa e depois tem pouca merenda na escola. Nós vivemos num país que não leva muito a sério boas ideias, tem boas ideias, mas elas não são aproveitadas.

Moderadora 1: Além da saúde, da questão de educar, tem outra área ...

GF1.P1 - Você tem os seus filhos. Você vai traçar aquilo, né. Vai ser como a outra mentalidade qualquer assunto...

GF1.P3 - Para mim, os hospitais é a base de tudo. Poxa! Quanta gente morrendo aí, quanta gente jogada aí no corredor dos hospitais por falta de apoio, por falta de estrutura, de tudo, de tudo, tudo. Tá faltando tudo nesse país!

GF1.P6 - Cai de novo no que foi o começo da conversa aqui, da questão da pesquisa e do incentivo que a gente vê nas próprias faculdades

GF1.P3 - Não tenho a cultura, acabou! Eu acho na minha maneira de enxergar: não tendo da cultura acabou! Vou falar rápido. Lá em casa a gente ensinou os meus netos. Eu tenho quatro. Se chupar uma bala, se não tiver a bolsa da vovó, põe dentro das calças, mas não põe na rua. E ninguém joga! Jogou pequenininho assim. Hoje são adultos. Ensinar os filhos dos filhos: seguram, dá na mão da vovó... É cultura, ensinamento. Tudo vem da base, da cultura.

GF1.P4 - O adulto também pode executar, mas não faz. Nossa! Fiz uma colega minha abaixar e pegar seu papel de doce, é um segundo só. E a pessoa já velha! Quando ela pegou o papel, mas não jogou fora, aí eu falei: pega aí!

GF1.P3 - E tem mais: que vá no colégio! Eu acho que os professores não são babás!

(Fuga do tema)

GF1.P4 - Minha filha bióloga fica indignada. Outro dia foi na Praia da Urca. Ela tava no mar para pegar plástico e garrafa! A tartaruga ... o estômago tá cheio de plástico! Tem um rapaz que quando nós passamos, nós passamos e pegamos o papelzinho dele. Aí, ele saiu ajudando também, cantando. Uma coisa leva a outra.

Moderadora 1: Vocês destacariam outros temas além dos que vocês citaram?

(Silêncio)

Moderadora 1: Vocês acham que o telejornal aborda esses temas?

GF1.P6 - Atualmente, eu acho muito pouco. Aborda política, o político e tiro.

GF1.P3 - Tiro. Realmente, é por isso que eu deixei de assistir o Jornal Nacional. Eu deixei de assistir. A TV Brasil, eu prefiro porque você tem pra ver o índio pataxó...

GF1.P6 - E o JN faz muita especulação. 'O centésimo policial assassinado'. Todos os anos tem mais que um centésimo. Aí, fica aquele cara o tempo todo...

(Falas simultâneas)

Moderadora 1: Como a gente já cobriu todos os temas e vocês querem fazer as aulas, tem mais alguma coisa que vocês queiram acrescentar? Por que para respeitar o horário de vocês para a aula... Querem acrescentar mais alguma coisa? Não? Tá tudo ótimo!

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA EM GRUPO FOCAL 2

Moderadora 1: Quais os assuntos que vocês identificaram nas matérias que vocês assistiram e poderiam dizer para a gente?

GF2.P4 - Sobre a Zika.

GF2.P2 - - Prevenção. É uma forma de prevenção, né! O vírus do mosquito, né. Foi o que mais? A descoberta de planetas e a outra (matéria) é (de) prevenção, pele, protetor, né...

GF2.P1 - O Protetor para evitar o envelhecimento da pele...

GF2.P2 - É prevenção...

Moderadora 1: Vocês consideram esses assuntos que vocês citaram... Vocês consideram esses assuntos importantes?

GF2.P2 - Com certeza!

GF2.P1 - É! São importantes.

GF2.P3 - São importantes.

GF2.P1 - Principalmente o do mosquito da Zika, tá entendendo?

GF2.P2 - Todos são.

GF2.P1 - Eu sei, mas, para mim, o (assunto) mais importante é esse (sobre o vírus da Zika) porque ele (o vírus) mata. E quando a mulher está grávida, (o vírus) afeta o feto e a criança nasce com

deficiência, tá entendendo? E, às vezes, até morre. Até hoje eu não morri. Então, eu acho que o mais importante é esse.

Moderadora 1 – Vocês destacariam outro tema mais importante?

GF2.P3 - O da pele, né.

GF2.P1 - O da pele também.

GF2.P3 - Fica a pele mais... mais jovem, né.

GF2.P2 - Todos são importantes.

GF2.P1 - É. Todos são importantes, mas para mim o principal é esse...

GF2.P2 - É que envolve vida, né.

GF2.P1 - Envolve vida.

GF2.P3 - É. Realmente, tem prejudicado muito.

GF2.P1 - É Isso. Esse mata. É tanta criança que nasce deformada por causa do mosquito. Antigamente tinha (mosquito), mas não, não era assim. Teve uma época que eu estive lá em (inaudível), no interior de Alcântara. Aí, tinha mosquito pra caramba! Mas, mas cantava! Tentava fazer serenata! Mas nunca houve essas coisas assim... nem de pessoal ser mordido porque todo mundo era mordido, mordido, mas não tinha uma febre, não tinha nada. O que que fazia? Era fazer aquela fumaça de pano, era queimar pano mesmo. Não era papel não. Era pano mesmo. Aí, em roda lá, a gente fica conversando...

GF2.P2 - ... para espantar os mosquitos.

GF2.P1 - É para espantar os mosquitos. E quando chegava à noite para dormir..., poxa! E era de rede. Aí, vem aquele zumbido, aquela serenata de manhã e pá!, pá! (bate com a mão no braço), quando vê tá tudo sujo de sangue. Mas não tinha nada, não fazia nada com a gente.

GF2.P4 - É! A população, a população cresce, muitas doenças vem trazidas de outros lugares quando tem aglomeração assim de copa do mundo, quando tem um grande evento, às vezes, vem pessoas que trazem... Eu me lembro que quando começou a dengue inclusive lá na Fiocruz teve uma pessoa ou duas pessoas que foram para lá que tinha que ficar isolada de todo mundo, né, que ia para a Fiocruz ficar isolado para fazer os exames saber o diagnóstico para saber se tinha doença mesmo ou não para não proliferar né.

Moderadora 1 - A gente viu aqui três matérias diferentes. O quê que vocês acharam especificamente dessas matérias?

GF2.P1 - Todas elas são boas. Elas são boas.

Moderadora 1 – Por que?

GF2.P1 - Porque evita o envelhecimento, evita morte das crianças deficiente e evita muita coisa que prejudica muito a saúde. E aquele último, (a matéria) do planeta, para mim já é...

GF2.P2 - ... mostra mais o avanço da tecnologia para a gente, né.

GF2.P1 - (A matéria sobre o descobrimento de novos planetas) É uma coisa já renomada, mais um avanço aqui de que a gente não está sozinha no mundo porque deve ter outros planetas, que também são habitados, e, talvez, mais adiantados do que a Terra...

GF2.P2 - Mais atrasados também.

GF2.P1 - Só uma palavrinha. Na minha terra, quando a gente saía do colégio lá, do colégio, né, aí, então, meio-dia, não era só eu não, era todo mundo, a cidade toda de Alcântara via aquela luz, aquele círculo, parece um disco brilhando lá no céu, todo mundo vendo... depois, começou a falar 'disco voador', 'disco voador'... essas coisas tudo. Lá era comum a gente ver.

Moderadora 1 - Vocês falaram de prevenção em relação as matérias...

GF2.P1 - É prevenção...

GF2.P2 - É prevenção...

Moderadora 1 – (Sobre prevenção) A dona Remédios citou bastante. Eu queria saber de vocês: alguma de vocês têm a mesma opinião que ela ou uma opinião diferente...

GF2.P2 - Na minha opinião é a prevenção mesmo para você realmente se prevenir contra, realmente, as possíveis doenças que podem causar morte, realmente, para a gente, tanto a pele quanto no caso da prevenção do vírus e os outros planetas, até para você desenvolver os seus conhecimentos, no meu ponto de vista.

Moderadora 1 – O que você acha Dona Luz (nome fictício de P3)?

GF2.P3 - Eu adoto o que ela falou. (Risos) É isso mesmo.

Moderadora 1 – E você dona Bia (nome fictício para P4)?

GF2.P4 - O mundo está avançando, né, em tudo, por tudo, então, é claro que a gente tem que acompanhar, embora que eu acho uma coisa interessante: quanto mais o mundo avança, pior ele fica, né.

GF2.P2 - É verdade!

GF2.P4 - Infelizmente, a realidade é essa. As pessoas não usam as coisas boas que descobrem para o lado bom, né. Muita coisa é usado para a maldade.

GF2.P1 - Maldades para eles roubarem mais. Tudo superfaturado.

GF2.P4 - Então, tudo! O brasileiro é inteligente demais. De vez em quando, a gente vê alguma descoberta que ele fez, né. Nada disso é aproveitado, nada disso é aproveitado, não vai para frente, né. E quando é muito interessante, os países mais adiantados carregam as nossas descobertas para outros países, né.

Moderadora 2 – Dona Bia (nome fictício de P4) quando a senhora fala em descoberta... dá um exemplo para a gente.

GF2.P4 - Ah tem tanta coisa! Assim, de momento... porque a gente escuta nos jornais... tem muito tempo que eu escutei um carro que funcionava sem gasolina...

GF2.P1 - Eu também vi. (O carro) funcionava sem gasolina, sem nada. Apareceu no programa do Luciano Huck.

GF2.P4 - Nunca mais ouvi falar disso. Então, tem muitas descobertas sobre muitas doenças também. Agente não tem incentivo. Aí, quando ‘eles’ veem que o negócio é bom, eles carregam, carregam lá para fora.

GF2.P2 - Aí, a descoberta vem lá de fora.

GF2.P4 - Mas aqui, a gente escuta, assim... às vezes um estadozinho no interior, às vezes um pesquisador que descobre alguma coisa, né, mas não. Eles querem tirar o dinheiro de pesquisa agora, né. Então, é difícil, né.

Moderadora 1 - A senhora acha importante essa questão do investimento em pesquisa?

GF2.P4 - Envelhecimento?

Moderadora 1 – Não. Investimento em pesquisa, que a senhora citou.

GF2.P4 - Sim. Eu acho superinteressante. Acho muito bom ter investimento, né. Eu vi, eu vejo aí o CNPQ mesmo... parece que vão cortar as verbas, né. Então, eu acho muito importante isso, muito importante.

Moderadora 1 – E vocês?

GF2.P1 - Também acho importante ter investimento em pesquisa.

GF2.P2 - Com certeza.

GF2.P3 - Com certeza.

GF2.P2 - ... porque é uma forma de você desenvolver o seu raciocínio, né, de você descobrir coisas. É interessante para o nosso país. É sempre muito bem-vindo qualquer tipo de investimento para pesquisa, para evoluir o nosso país, né.

GF2.P3 - Verdade.

GF2.P2 - para a evolução da mente..., desenvolvimento de tudo...

Moderador 2 - E onde se faz pesquisa no Brasil?

GF2.P4 - Fiocruz é uma delas.

GF2.P1 - Na minha terra tem. Lá no Maranhão, onde tem aquele planetário... Como é o nome do planetário que vai à lua?

Moderador 2 - É a base de Alcântara.

GF2.P1 - É a base de Alcântara. Eu sou de lá.

Moderador 2 - É por isso que eu achei que era esse.

GF2.P1 - Ali, uma vez pegou fogo. Teve gente que morreu para caramba ali. Tudo bem, mas acontece... Eu acho tudo ótimo, maravilhoso, mas acontece... Se, o povo ..., o povo não, os governantes fossem gente honesta, direita... mas não! São ladrões! São os mais ladrões! Então, forma que ela quadrilha: ‘Isso aqui é meu! Isso aqui é meu’. Se um for honesto, morre! Morre!

GF2.P2 - Ou você entra na panelinha ou sai fora! Pede para sair ou você entra na panela!

GF2.P1 - E, aí... Mesmo se sair já sabe do negócio, né. É a morte. É a morte.

GF2.P2 - Aí, fica difícil.

GF2.P1 - É muito difícil. Você vê o Ulisses (Gimarães) ele era homem do povo. Até hoje ninguém sabe do corpo dele. Cadê o corpo? Cadê? Não tem. Agora, muita gente rouba... Uma pessoa também que roubou muito, mas eu gosto dele para caramba é o Sarney, o Sarney. (Risos)

Moderador 2 - Falou do Maranhão, né! (Risos)

GF2.P1 - Mas eu gosto pelo seguinte. Presta atenção! Ele roubou muito. A mansão que ele morava lá no Calhau, lá em cima, é grande para caramba...

(Continua fuga do tema)

Moderadora 1 – Só vou pedir para a gente voltar a falar das matérias...

GF2.P1 - Só um bocadinho... (Risos) (Continua fuga do tema)

Moderadora 1 – Voltando, então, agora para as matérias... (Risos) Nessas matérias que vocês assistiram, teve alguma coisa que foi passada que vocês não compreenderam? Teve alguma coisa que não deu para entender da forma como foi passada?

GF2.P1 - A forma como ele fez a gente não toma nota de tal coisa. Entendeu? Tá entendendo? Mas, sabe que aquilo foi feito com aqueles coisas químico e tal para pomada colocada na senhora. Isso aqui (toca em rugas abaixo de um dos olhos) esticou e esse lado ficou aqui tudo (permaneceram as rugas abaixo do olho que não foi aplicada a pomada) e tudo bem. Mas, dizer o produto que foi feito a coisa, a gente não sabe o material, tudo bem. E o negócio de planeta, aqui de vez em quando..., a pouco tempo que descobriram mais mais um planetazinho que diz que parece muito com a Terra e que talvez seja até habitado. Tá entendendo? Agora, se é ou não é, eu não sei. (Risos)

GF2.P2 - É.. O planeta eu entendi, mas se houvesse mais detalhes...

Moderador 1 - Foi curtinho?

GF2.P2 - Foi. De repente, o tempo, né...

Moderador 1 – Entendi. Esses temas que foram abordados, eles despertaram a atenção de vocês?

GF2.P2 - A mim sim.

GF2.P1 - Todos esses temas são bons.

Moderador 1 – Quando vocês costumam assistir ao Jornal Nacional, existe algum tema que desperte mais a atenção de vocês? No que vocês prestam mais atenção?

(Falas simultâneas)

GF2.P2 - Ah, com certeza! Tem sim. Tem sempre temas que você: pera aí, você fica realmente querendo saber!

GF2.P3 - Tem sempre novidade.

GF2.P4 - No momento é a política.

GF2.P2 - O momento agora é esse: corrupção. E quer ou não queira você fica envolvida. Meu Deus como é que pode! Você fica querendo saber, fica atenta realmente. Atualmente, o foco é esse.

Moderador 1 – E você P3 tem algum tema que te chama mais atenção?

GF2.P3 - Não. Sempre a mesma coisa.

Moderador 1 – Mesma coisa, o que?

GF2.P3 - O jornal da noite, né, às oito horas sempre falando das ‘bondade’ dos políticos, né.

Moderador 1 – Mas tem outros assuntos que passam no jornal que a senhora sente que chamam a sua atenção?

GF2.P3 - Ah eu vou parar para sentir isso aqui, temas que chamam mais atenção do que outros. Eu fico vendo se aparece o governador, né, para ver se fala alguma coisa sobre os aposentados do Estado, que até hoje ele não pagou. Então, é isso aí, eu fico na expectativa.

GF2.P4 - Tem aquele programa na televisão: ‘Como Será?’. Tem outros programas bons na televisão, que ensinam como será... (‘Como Será?’ é um programa matutino exibido na TV Globo) no sábado.

GF2.P1 - Eu me amarro (adoro) no Vídeo Show (programa vespertino exibido na TV Globo), nas coisas lindas que passam das pessoas que já faleceram (mostrando) no que trabalharam. Poxa! Ele é lindo! É que é para a gente não esquecer mais (dos artistas falecidos).

Moderador 2 - Eu tô curiosa aqui. A GF.P4 estava falando do ‘Como Será?’. Do que que a senhora gosta do ‘Como Será?’?

GF2.P4 - Sabe que eu gosto de tudo quanto é matéria porque às vezes aparece alguma coisa muito interessante. Outro dia eu vi uma espécie de exercícios que se faz em casa para as pessoas que às vezes não tem tempo de sair, né. Então, tinha uns exercícios que tinha um elástico que botava assim, sentada numa cadeira...

GF2.P3 - É numa cadeira. Eu vi.

(Falas simultâneas inaudíveis)

GF2.P4 - Então, eles ensinam certas coisas que dá orientação, que ajuda muito a pessoa no dia a dia. Eu gosto muito de ver o ‘Como Será?’. Eu gosto muito de ver no sábado de manhã aqueles programas sobre as fazendas, sobre os grãos: qual é o grão que está em alta, qual que está em baixa, como é que se cuida...

Moderador 1 – O Globo Rural?

Todas – É o Globo Rural.

GF2.P1 - Eu gosto muito de ver também o Globo Rural, a vida dos índios também. Eu gosto muito de ver a vida nordestina. Tem um programa da Globo que dá para ver isso aí no canal 13,15 e 18.

GF2.P4 - No Globo Repórter também tem bons programas.

Moderadora 1 – Que temas chamam mais a atenção da senhora no Globo Repórter?

GF2.P4 - Eu gosto de muito de ver sobre os rios para saber o que que foi feito do Rio São Francisco, que tá doente, né, para saber o que está acontecendo com ele. Eu gosto muito de saber o que acontece. Eu gosto muito do Rio São Francisco.

Moderadora 1 – E no Jornal Nacional, tem algum tema que vocês gostem mais quando ele aparece?

GF2.P2 - Agora no momento eu não tô ligada assim num tema específico, mas eu estou sempre ligada em coisas diferentes, tipo saúde, alimentação, atividade física... Falou alguma coisa (a respeito desses assuntos), eu já fico já ligada realmente nisso. Não tenho especificamente um (assunto favorito), mas entrou nesse detalhe (o programa exibir matérias sobre temas que considera diferentes), aí o meu foco fica atento a isso.

Moderadora 2 – Tem alguma coisa que você não goste P2?

GF2.P2 - Não. Eu posso não ficar muito ligada, entendeu? Mas quando se trata de saúde, aí eu automaticamente vejo. É porque eu sou diabética e hipertensa e abusada. (Risos)Então, quando entra saúde, qualquer coisa que fala a respeito, talvez da obesidade, diabetes, hipertensão, terceira idade..., eu estou sempre ligada. (Quando o programa aborda) algum órgão, qualquer coisa, estou sempre ligada, realmente.

GF2.P4 - No 'Bem Estar' (programa da TV Globo) também.

GF2.P3 - O 'Bem Estar' eu gosto de assistir.

GF2.P1 - No 'Bem Estar' sempre está falando...

GF2.P2 - Tem sempre, tem sempre... Nesses negócios assim de saúde, eu tô ligada.

GF2.P1 - É muito bom.

Moderadora 1 – E qual o tema que vocês identificam nas matérias que vocês assistiram?

GF2.P2 - Que eu me identifico? A pele, aquele lá para você ficar com a pele melhor, mais rejuvenescida, ainda mais quando a idade vai chegando, aí você tem que ficar mais preocupada ainda (risos).

Moderadora 1 – E as senhoras?

GF2.P3 - A mesma coisa.

GF2.P2 - Todos foram importantes.

GF2.P3 - Mas esse eu acho mais importante.

Todas - E o do vírus.

Moderadora 1 – Por que? Por favor, a P4, que falou primeiro.

GF2.P4 - Porque acho que tudo que se faz para descobrir, para melhorar essas doenças que vem por aí, acho superimportante.

GF2.P1 - É muito importante.

GF2.P4 - E a pessoa com saúde pode ser velha parecer nova. A pessoa com saúde está bem.

GF2.P1 - Saúde e paz de espírito.

GF2.P4 - É mas a saúde...

GF2.P1 - Tem gente que tem saúde mas não tem paz, cabeça maluca e tal, entendeu,

GF2.P4 - Mas paz a gente não vai ter por muito tempo enquanto os políticos roubarem. Vai ter muita gente a procurar saúde para poder aguentar...

(Fuga do tema)

GF2.P4 - Esses temas que vocês citaram, vocês consideram esses temas importantes?

Todas - São importantíssimos.

Moderadora 1 - Tem utilidade para vida de vocês, para o dia-dia, para a rotina?

GF2.P2 - Tem. Claro que tem.

GF2.P1 - Para o dia a dia é a gente não quer envelhecer. (Risos) Essa é a verdade.

GF2.P2 - É a prevenção mesmo, né, é uma forma de prevenção...

GF2.P3 - ... cuidar da saúde, né.

Moderadora 1 - Vocês diriam que teve alguma coisa assim que foi mais marcante no que vocês assistiram? Vocês já citaram várias coisas, mas tem algo que marcou mais?

GF2.P4 - Acho que descobrir outros planetas é importante.

GF2.P2 - Sem a descoberta dos planetas...

GF2.P4 - Já pensou quando o homem foi na lua a primeira vez e a TV Globo mostrou ele pisando na Lua. Foi uma descoberta em tanto, né. Então, acho que descobrir outros planetas...

GF2.P3 - Mas para ir à Lua só estrangeiro, não é daqui do Brasil, não são brasileiros que fazem isso não.

GF2.P4 - A gente vai passar e vai chegar esse tempo, vai ter um dia que pode aparecer na tela de fora.

GF2.P3 - Eu não gosto muito de apreciar nada lá de for, gosto de dar valor só ao que tá dentro do Brasil. Eu sou muito brasileira.

GF2.P4 - Realista.

Moderadora 2 - Quando a gente fala de ciência o que vem na cabeça de vocês?

GF2.P4 - Tem tanta coisa, tanta coisa. Vai coisas boas, né, tanta descoberta. Tudo que envolve descoberta tá dentro da ciência porque tudo tem que ser provado pela ciência.

(Falas simultâneas)

Moderadora 1 - Vou pedir para falar uma de cada vez.

Moderadora 2 - Pode deixar a P4 falar, depois a gente passa para outra.

GF2.P4 - ...porque a ciência é tudo, a gente tem que provar. Se a ciência não provar não é nada, não tem valor. Tem muita coisa: a morte, a vida. Muita coisa se não for provada dentro da ciência não tem valor por isso que é importante saber tudo.

Moderadora 2 - A P1 queria falar.

GF2.P1 - O que eu ia falar é o que ela falou, a mesma coisa. Tá entendendo? É isso, é muito importante mesmo a gente ter ciência de tudo, mas tem que ser no preto e no branco, como se diz, pra ter certeza.

(Fuga do tema)

Moderadora 2 - Deixa eu voltar para o assunto. P2 quando a gente fala de ciência que vem na sua cabeça?

GF2.P2 - O que ela falou aí, a descoberta.

Moderadora 2 - E dona P3?

GF2.P3 - Também.

Moderadora 2 - E quem faz ciência?

GF2.P4 - São as pessoas que tem que estudar.

GF2.P1 - Tem que estudar.

(Todas concordam)

GF2.P4 - Tem que estudar e muito porque é uma matéria bem complicada, né.

GF2.P1 - Um cientista.

Moderadora 2 - Então, para ser um o cientista, usando o termo que a senhora usou, basta estudar?

GF2.P1 - Pesquisar, estudar profundamente e pesquisar através da pesquisa tomando nota tudo direitinho. Tá entendendo? Para não esquecer e vendo a e b ou c, tudo aqui: peso, como se diz, o peso na medida.

GF2.P2 - vai pesquisando antes, tirando as conclusões...

GF2.P1 - Tirando as conclusões... Ele tem que discutir também com outras pessoas

GF2.P2 - Tem que haver discussão com outros cientistas.

GF2.P1 - ... que seja do nível dele, outro científico. E cada um dando sua opinião, ele vai tirando a conclusão porque cada um tem a sua opinião. Você e você tem a tua. Ela tem a dela. Ela tem a dela e ela tem a dela também...

GF2.P2 - ... para poder filtrar.

GF2.P1 - Todo mundo através da pesquisa... e mostrar para acontecer... e tudo documentado, sacramentado. Isso é que é verdade.

GF2.P4 - Eu assisti a pouco tempo que tem uma planta bem conhecida que ela está tendo algum valor dentro da pesquisa. Agora não me lembro o nome da planta.

GF2.P3 - Eu escutei também.

GF2.P4 - É uma planta bem conhecida não me lembro agora o nome, me falha a memória. Acho que 'eles' estão pesquisando essa planta. É porque, às vezes, a gente vê uma planta e não dá valor.

GF2.P2 - vem alguém e...

GF2.P4 - Aí, às vezes, quem vai estudar descobre que ali tá a descoberta para alguma coisa. É benefício. Eu não me lembro...

GF2.P1 - Eu posso falar uma coisa?

GF2.P4 - Vou ver se eu consigo me lembrar.

GF2.P1 - Olha, escuta aí. Eu morei até os meus 15, 16 anos, lá em Alcântara. Em Alcântara, não tem médico, não tem enfermeira, não tem nada. A pessoa morre não sabe nem do que morreu também. Mas lá tem uma vantagem. No quintal, a gente tem muitos matinhos, plantas, plantinhas, ervas. Tá entendendo? Então, vai dando conhecimento para outro. Mamãe conhecia muita erva. De onde ela herdou? De seus ancestrais, dos pais, que um vai passando... Então, quando a gente caía doente, eu me lembro que ela dava um chazinho, fazia um chazinho, pegava erva lá no quintal e dava para a gente. Apanhava para fazer um chazinho. Eu só me lembro de um que chamava-se 'chá burro'. Eu me lembro que era o melhor para... A planta tinha uma folha comprida.

GF2.P2 - Tipo 'orelha de burro'.

GF2.P1 - Não é não de burro não. Era matinho aquilo ali. Era bom para dor de barriga. Então, mamãe dava. A gente tava com uma cólica porque a gente andava meio descanso fazendo tudo ali. Então, ela dava aquele chazinho para a gente. Aí, passava azeite de carrapato que chamava de Mamona. Aí, esquentava, botava um pouquinho de Ciza, boneca de Ciza, que é quentinha, fazia aquilo e tal, passava (a dor de barriga). Então, ela tratava a gente para febre. Tinha eucalipto. Então, tinha uma porção de coisas que ela conhecia. Ela conhecia aquela erva todinha e ela fazia um xarope que ela chamava de lambedor, feito de buchinha, erva de não sei o quê e um monte de coisa que ela fazia. A gente tava e ficava bom e a gente está vivendo até hoje. Eu saí de lá para capital com 15 para 16 anos. Depois, vim para cá, para o Rio de Janeiro. Eu fiz agora em maio, no dia 23 de maio eu completei 58 anos, 59 anos que eu estou aqui no Rio de Janeiro. Sou mais carioca, mas eu me lembro daquilo que ela fazia, mas eu não conheço mais porque eu era criança.

Moderadora 2 – Mas Dona P1 a senhora acha que esse conhecimento que a sua mãe tinha é o mesmo, é equivalente ao conhecimento do cientista, do que um cientista tem?

GF2.P1 - Não. Não é conhecimento porque eles não têm estudos. É igualzinho aos índios que curam os doentes a base de erva que vem do conhecimento de gerações, um vai passando para o outro. Então, em casa que não tem médico não tem nada. Às vezes, quando tem um doutor, ele chama o ‘doutor do mato’, chama o curandeiro para dar uns passe de uma pessoa. Tá entendendo? Às vezes, a pessoa fica boa, e, às vezes, não. Aí, leva lá, lá para São Luís, mas é muito difícil. Não tem uma farmácia. Onde é que a gente comprava um remédio, um xarope, uma coisa? ‘Quero xarope número 2, espírito da vida, arnica... remédio oral era aspirina. E aonde comprava? No armário do seu Guimarães. Naquela época, não existia validade. Então, tomava. Eu me lembro muito bem que Papai... Mamãe comprou xarope número 2, era para resfriado aquele xarope horrível de ruim que mamãe me obrigou a tomar. Aí, Papai foi tomar e disse isso tá podre. Aí, mamãe foi lá, levou no seu Guimarães e ele trocou por outro. Tá entendendo? Melhor assim, a gente não morria, não tinha nada. E quando morria uma pessoa, o meu..., primo de mamãe, aliás, eu chamava ele ‘Papa defunto’, o seu Bartolomeu. Ele chegava e enfiava... Como é que chama? ... a seringa para tirar um líquido do fígado, sei lá, e botava no vidrinho e mandava para São Luís para saber do que que a pessoa tinha morrido, mas aquilo não voltava lá, ninguém sabia.

Moderadora 1 - A dona P1 estava falando do conhecimento popular, que passa de geração para geração. Aí, a Luísa perguntou se o que vale é o conhecimento da pesquisa. E vocês, o que vocês acham?

GF2.P2 - Não, ajuda, mas para você realmente chegar ao ponto que estamos, tem que haver pesquisa, tem que ter várias pessoas, várias opiniões para se chegar a uma conclusão do que é o melhor para chegar à conclusão de uma descoberta. No caso dela, da sua família, não tinha... Não tinha aquela... Como é que se diz? Antigamente não tinha esses estudos, esses tipos de pesquisa de pessoas influente de querer saber profundamente a descoberta daquilo. Uma experiência daqui, outra experiência da lá pra saber qual a melhor descoberta. Não se tinha isso.

GF2.P4 - Ainda existem farmácias que usam plantas.
(Falas simultâneas)

Moderadora 1 – Só um instantinho...

GF2.P4 - Agora mesmo, numa reportagem que teve no Pantanal mostrou uma senhora lá tirando da árvore o remédio para fazer manualmente... Não é mecanicamente não, manualmente! Então, ainda existe.

Moderadora 2 – E como a senhora vê os dois tipos de conhecimento, o da ciência, do cientista, e do crescimento popular?

GF2.P4 - Olha, eu não sei. Tem certas coisas que eu prefiro o antigo. Por exemplo, numa inflamação, tomar banho de aroeira, tomar chá de aroeira, é ótimo! Tem muita planta que é boa para cólica uterina, tem remédio que a gente toma que melhora uma coisa estraga outra. A maioria dos Remédios é assim que acontece. Ainda mais... Eu não sei se é verdade ou se é mentira, mas eu vi uma reportagem que esses (representantes) que levam o remédio do laboratório para os médicos, eles ganham até dinheiro porque eles já levam aquela amostra para o médico passar aquele tipo de remédio para as pessoas e em troca disso aí eles ganham passeios, uma porção de coisa. Não sei se é verdade ou mentira. Eu não sei. Eu vi uma reportagem sobre isso. Essa é a medicina. Agora, como se diz... Eu, por exemplo, tomava um monte de remédios. Inclusive, eu tomava remédio para pressão. Só acordava zozza. Só acordava zozza. Aí, a médica reduziu para a metade. Até que ela tirou o remédio. Aí, eu pensei, pensei, pensei... Quer saber de uma coisa? Vou parar tudo o que é remédio. Sabe que eu melhorei de tudo porque aquela misturada de remédio me fazia mal. Então, eu não sei se isso é do Comércio, de estar querendo passar o remédio para querer vender os remédios ou se é mesmo das misturas dos remédios que acontece isso. Não sei agora. Realmente, tem coisas

antigas que resolvem. Tem chás que resolvem bem inflamação. Agora mesmo minha filha teve um problema sério e ela resolveu com Aroeira.

GF2.P1 - Aroeira é muito bom. Eu conheço. É uma árvore que já tá até Grande.

Moderadora 2 - GF2.P2 não está concordando né?

GF2.P2 - Depende. Eu sou muito honesta. Eu até me automedico. Entendeu? Mas, eu sou muito te ouvir não um, não dois, mas três médicos. Eu vou ver porque eu sou muito curiosa. Eu vou ler também. Eu vou pesquisar também para saber se aquilo..., mas eu sou muito de ir ao médico dentro das minhas possibilidades. Não sou de tomar chazinho. Primeiro, deixa eu ver como é que tá. Eu me auto medico 24 horas. Deu certo? Beleza! Se não der certo, eu vou procurar um médico.

GF2.P4 - Todos os remédios... A maioria dos remédios vem de alguma planta.

GF2.P1 - É planta e raiz...

GF2.P4 - ... porque eu acho que às vezes é usada demais.

GF2.P1 - A erva Santa Maria é boa.

Moderadora 2 - Eu queria voltar bem para o início dessa conversa: “que estão cortando dinheiro para ciência”. Onde a senhora ouviu?

GF2.P4 - No CNPQ. Eu escutei que iriam suspender...

GF2.P1 - Eu também escutei. Se eu não me engano, saiu até no jornal, no Jornal Nacional, foi no jornal.

GF2.P4 - Não sei se chegaram a cortar. Entendeu? Mas eu vi uma reportagem que eles iam cortar. Meu sobrinho, inclusive. Ele recebe dinheiro do CNPQ. Ele trabalha na UERJ. É professor da UERJ. Então, ele... Iam cortar a bolsa dele. Ele é pesquisador da Uerj.

Moderadora 2 - E a senhora viu no Jornal Nacional?

GF2.P1 - Vi. Se eu não me engano, foi no Jornal Nacional. Ah! Vou te contar: meu filho vem agora do Piauí. Eu acho que ele foi para Parnaíba, um lugarzinho, um vilarejo lá. Ele foi fazer... Ele é palestrante. Ele foi fazer uma palestra lá de fisioterapia. Ele disse que lá é um lugar tão pobre, tão pobre, quê que a renda per capita de cada família lá é 400 reais, menos do que um salário mínimo, e todo mundo vive assim.

Moderador 2 - Eu queria voltar numa outra coisa que a gente começou a falar e, aí, a gente acabou se empolgando..., foi sobre quem pode ser...

GF2.P1 - (Inaudível)

Moderador 2 - Não, não. Faz parte da conversa! Só tem umas coisas que eu queria... Quem pode ser pesquisador? É que vocês tinham falado de estudar muito, mas pode homem pode mulher? Tem que ser rico? Tem que ser pobre? Como é que vocês veem?

GF2.P2 - Tem que ter força de vontade.

GF2.P1 - Não. O negócio não precisa ser rico ou ser pobre, mas você tem que ter dinheiro porque se não tiver dinheiro, não faz nada. Agora, tem que ter apoio do governo.

GF2.P4 - Ter dinheiro ou tem que ser muito bom. Se a pessoa não tem dinheiro e a pessoa é boa, consegue vencer.

GF2.P1 - Tem que ter inteligência, dedicação... Isso é muito importante! O querer é o poder. Se você quer, você consegue!

GF2.P4 - Tem pessoas que já nascem...

GF2.P2 - com aquele dom.

GF2.P4 - ... e tem que se dedicar de corpo e alma.

(Falas simultâneas) (Inaudível)

GF2.P4 - Tem criança nova se sobressaindo em alguma coisa né.

GF2.P1 - Eu, por exemplo, não me dedicaria muito sobre isso não.

GF2.P2 - Eu acho que é o dom mesmo, que vem de dentro da pessoa aquela vontade de descobrir, de querer saber, de pesquisar por que que tá assim, por que que não tá assado. Eu acho que partindo daí...

Moderadora 1 - Você acha que tem a ver com sexo da pessoa? Que mais homens ou mais mulheres tem interesse na pesquisa ou ela é para todos?

GF2.P2 - É para todos.

GF2.P1 - É aberto. É para todos.

GF2.P4 - É para todos.

GF2.P1 - É para todo mundo. Hoje em dia a mulher está superando, tá muito melhor do que o homem em matéria de inteligência. Não é do tempo da minha avó não! Minha avó coitadinha! Era uma criança. Obrigaram ela a casar com 12 anos com um homem de 43 anos, 45 anos...

(Fuga do tema)

Moderadora 1 – Vocês falaram que a pesquisa é para todos. Eu fiquei curiosa para saber se na concepção de vocês a ciência, a pesquisa faz parte da vida de vocês?

GF2.P2 - Na de todos nós.

Moderadora 1 – É algo próximo de vocês? Do dia a dia de vocês?

GF2.P2 - Nós estamos sempre prestes a pesquisar, a saber a descobrir, é do nosso dia a dia. Você tá sempre descobrindo alguma coisa nova. A vida é descoberta.

Moderadora 2 – Mas tem produtos da ciência que estão no nosso cotidiano?

GF2.P1 - Não. Para mim, não. Eu gosto de ver e saber negócio das crianças (matéria sobre Zika/Microcefalia), essas coisas e tudo, mas me aprofundar sobre isso, não. Eu já me aprofundo mesmo no que eu gosto de ler e saber que é a vida de grandes escritores. Tá entendendo? Então, nisso eu me aprofundo, às vezes eu tomo nota e tal para mim saber mais e saber. Quanto livro eu compro! Isso aí me interessa porque é uma coisa que faz parte da minha vida.

GF2.P2 - Porque você gosta de leitura.

GF2.P1 - Eu adoro...

(Fuga do tema)

Moderadora 2 – E GF2.P2 ? A ciência está no seu cotidiano? Os produtos da ciência?

GF2.P2 - Olha só. A gente vai descobrindo a proporção... à medida que vai chegando... você vai descobrindo... assim... você vai ouvindo... vai se interessando..., mas não que eu procure. Automaticamente vem até você.

Moderadora 2 – GF2.P4?

GF2.P4 - Eu gosto de escutar, de ler... Eu gosto de ler as matérias. Eu gosto de ver a evolução de como a gente tá evoluindo. Eu gosto de ver... agora, assim, particularmente não tenho uma... Apesar de que a gente está sempre descobrindo... até para fazer uma comida a gente descobre...

GF2.P1 - É uma pesquisa.

GF2.P4 - É uma pesquisa.

GF2.P2 - É uma descoberta.

GF2.P3 - Tudo neste mundo é uma pesquisa.

GF2.P2 - No dia-a-dia há sempre uma descoberta. Eu não sabia o que era a cintilografia.

(Fuga do tema)

GF2.P2 - Aí a médica perguntou se eu já tinha feito a cintilografia eu disse que não. 'Vai lá então. Vamos fazer uma cintilografia de esforço e repouso'. Aí, eu vi: caramba! O que que é isso? E fui procurar, fui procurar saber o que que é isso. Dá mais saúde para mim? Deixa eu ver... Coração! Minha mãe morreu de infarto, meu pai de insuficiência respiratória porque o coração dele dilatou. Então, eu fui descobrir. Entendeu? Então, é uma coisa que você vai aprendendo da sua ansiedade, dependendo do seu desejo, dependendo do que você queira, você vai pesquisar, você vai descobrir... A vida é uma descoberta. Eu estou falando isso porque eu fui lá para ver o que que era a cintilografia.

(Fuga do tema)

GF2.P2 - Eu fiz técnico de enfermagem, quer dizer, eu sou uma enfermeira médica, né, e curiosa.

(Fuga do tema)

GF2.P2 - Então, você vai perguntando, vai querendo descobrir, é desse jeito.

Moderadora 1 - No início da sua fala, você citou descobertas da ciência e depois descobertas pessoais, coisas que você buscou (P2). Vocês também dona P3, P4, P1 têm essa coisa de buscar alguma coisa por conta própria, tem esse interesse de buscar o conhecimento além do que é passado no noticiário?

Vozes – Eu tenho. Eu também.

GF2.P1 - Eu tenho, eu tenho essa curiosidade

Moderadora 2 – E tem o doutor Google também... (Risos)

Dona GF2.P4, a senhora disse que se preparou para vir para esse papo...

GF2.P4 - Eu vi. Eu vi a história do Jornal Nacional, sobre essa história que vai passar. Aí, me preparei para saber quando começou o jornal.

Moderadora 2 – Ela estudou, né! (Risos)

GF2.P4 - Vai fazer 50 anos em 2019, o Jornal Nacional. Então, vi os locutores que passaram, né. Então, eu vi a história toda. Eu não imprimi. Ia imprimir tudo para você, mas a impressora não quis imprimir. (Risos)

Moderadora 2 – Essas matérias que a gente passou no início, vocês chamariam de matéria de ciência, de tema de ciência? Dessas três que a gente passou, se alguma vocês considerariam de ciência ou não?

GF2.P2 - A dos planetas, de ciências? Não.

GF2.P4 - Eu acho que todas as três são, todas as três.

Moderadora 2 – P3? Seriam as três ou...

GF2.P3 - As três, mas lembrando que ela (P1) falou sobre a pesquisa das plantinhas que a mãe dela tinha e tal, aconteceu isso comigo, né. Naquela época, eu acho que nem existia alguma... Aí, apareceu uma doença nas minhas vistas e fui, eu e minha irmã,... Aí, pegava uma planta lá no quintal.

(P3 vai desligar o celular que estava tocando)

GF2.P1 - Tinha vassourinha, erva frieira, que chama de amarelinha...

GF2.P3 - Aí, eu pegava a plantinha, botava em efusão dentro de uma água no dia seguinte para lavar as minhas vistas e as da minha irmã, mas só podia lavar com aquela água da planta. Não sei o nome da planta. Aí, fiz (a lavagem dos olhos) esses dois, três dias. Eu fiquei boa, né. Acontece que com o passar do tempo, eu não sabia se tava enxergando ou não. Aí, eu fiquei sem enxergar da vista direita. Só enxergo vulto. Doía muito quando molhava (as vistas) com aquela água, então, eu acho que prejudicou a visão até hoje. Já fui ao médico várias vezes e não tem jeito para operar (a vista). Aí, eu não gosto dessas coisas de planta.

GF2.P1 - Na casa Silva Guimarães, ele vendia colírio.

GF2.P3 - Ah! Eu não gosto de remédio nenhum de planta, essas coisas. Uso mais o da farmácia. Eu tenho pavor disso aí.

GF2.P4 - Tem que saber usar e saber para que serve para usar isso aí. Os próprios cientistas estudam muito muitas plantas.

GF2.P3 - Eu tenho pavor disso aí.

GF2.P1 - Eles estudam sim. E uma erva misturada com outra, às vezes, em vez de fazer bem, faz mal, porque cada uma tem a sua determinada função, mas é assim! Nós não morremos.

Moderadora 2 - Mas você tinha dito que acha que as matérias não são de ciências...

GF2.P2 - Planeta é?

Moderadora 2 - Eu te perguntei primeiro. (Risos)

(Falas simultâneas) (Inaudível)

GF2.P1 - Geografia.

GF2.P2 - Eu acho que tá mais mesmo para geografia.

GF2.P1 - Mas as duas outras são de ciências. Tem pesquisa de ciências. Eu diria que a de geografia: os astros, planeta Terra.

GF2.P3 - Então, vamos assistir o jornal todos os dias ou estudar ciência? (Risos)

Moderadora 1 - É uma pergunta para mim? (Risos)

GF2.P3 - É uma pergunta para você.

Moderadora 1 – Depende, se a Senhora quiser estudar, pode. Se quiser ver o jornal também pode.

GF2.P1 - Uma vez deu na televisão e eu vi, assisti, achei lindo, lindo... Foi no Jornal Hoje, já tem dois ou três anos mais ou menos. Um senhor de 93 anos recebeu o diploma dele de medicina, mas ele trabalhava no hospital. Ele era enfermeiro. A gente vê o pessoal fazendo especialidade, faculdade... Acho lindo!

GF2.P2 - Agora tem muita gente da terceira idade fazendo faculdade. Acho lindo. Acho lindo.

Moderadora 2 – Eu também.

Moderadora 1 - E das matérias que a gente viu, se vocês fossem fazer essas matérias, só para a gente encerrar, vocês fariam elas da mesma forma ou não?

GF2.P1 - Não. Eu ia pesquisar mais sobre o mosquito para mim saber essas coisas mais. Tá entendendo? Tem um mosquito que na minha terra tem. Aqui não tem porque os nomes são diferentes. Aqui mosquito é aquele que chama-se mosca. Nós não chamamos mosquito. Os mosquitos nós chamamos de praga. Tinha praga maruí, micuí, ibicuí e mutuca. O mutuca era uma mosca grande, desse tamanho assim, que mordida.

GF2.P2 - Era varejeira?

GF2.P1 - Não, não é varejeira não. É uma grande desse tamanho assim mais ou menos. Ai, aquela 'mosquita' dá uma mordida danada. Ela só dá na praia. Então, aquilo chama-se mutuca e chupa mesmo o sangue da gente. Então, o micuim é mundinho, a gente quase nem vê. Tem o maruí, é um pouquinho maior, e tem a praga, que se chama de mosquito aqui. Entendeu? ... e o micuim a gente nem via, fazia assim (bate no braço), já estava esmigalhado. Então, era isso. Agora, tinha mesmo que pesquisar porque isso aí (picada de mosquito) antigamente não matava, tá entendendo?, ou talvez matava e a gente não sabia, mas hoje em dia mata principalmente as crianças nascendo deformada. É uma lástima. Então, tem que pesquisar e muito e acabar (com a doença). Outra coisa que tem que acabar também é com a AIDS, pesquisar e muito.

Moderadora 1 - E vocês mudariam em alguma coisa as matérias?

- GF2.P3** - Pode ser qualquer tipo de mosquito eles não me suportam, nunca me atacaram, acredita?
- Vozes** – Que sorte! (Risos)
- GF2.P3** - As minhas filhas vão passear lá em Saquarema, levam produto para passar nas pernas e eu falo: não se preocupem. Eles não gostam das minhas pernas.
- GF2.P2** - Mas a descoberta sobre o vírus da Zika é importante. É pra gente, né.
- GF2.P1** - É muito mais importante.
- GF2.P2** - Quando envolve a vida da gente, tudo é enriquecedor, tudo é mais importante.
- Moderadora 1** - Mas você mudaria alguma coisa na forma como foi abordado o assunto?
- GF2.P2** - Não. Não mudaria. A gente ia acrescentar mais descobertas sobre isso.
- GF2.P1** - É justamente isso.
- GF2.P2** - Mais descoberta, mais descoberta, mais eficácia.
- GF2.P1** - É, mas tem que ter grana e não eles roubarem, faturarem.
- GF2.P2** - Tem que pesquisar, estudar muito, pesquisar muito.
- GF2.P1** - É justamente.
- GF2.P2** - Muitas pessoas, várias cabeças pensando.
- GF2.P1** - O governo tinha que ajudar bastante.
- GF2.P4** - É verdade. É tanta gente roubando alguma coisa! Antigamente era só AIDS. A primeira que veio, a primeira doença que veio do mosquito foi... foi... a AIDS. Não foi...
- GF2.P1** - A AIDS é sobre contaminação em relação sexual.
- GF2.P4** - Foi a primeira que veio...
- GF2.P1** - A dengue.
- GF2.P4** - Aí, depois, veio a zika e a chikungunya e os mosquitos com isso vão sofrendo mutações, né. Então, eles tem que tá estudando sempre.
- GF2.P2** - Sempre descobrindo.
- GF2.P4** - Sempre descobrindo.
- GF2.P3** - Mas esses dois últimos, os dois últimos, a chikungunya e a zika são estrangeiros. Eles não são daqui não. Eles vieram de lá. Trouxeram aqui.
- GF2.P21** - Pode ser que tenha vindo mesmo de lá, foi da Copa do Mundo.
- GF2.P4** - A que menos me interessou foi a da pele. Eu gostei muito da Globo descobrir planetas.
- Moderadora 2** – A da pele você não gostou por que? Não lhe interessa?
- GF2.P4** - Não faz muito meu gosto.
- GF2.P2** - A mim faz, ainda mais agora na terceira idade. Quem não quer ficar esticadinho bonitinho!
- GF2.P3** - É verdade.
- GF2.P2** - ...Sem fazer assim e a pele...
- GF2.P1** - Você é broto ainda.
- GF2.P2** - A minha sorte é que preto quando pinta tudo tem três vezes mais. Tu não sabe de nada!
- Moderadora 2** – Gente ótimo! Acho muito boa a conversa.
- Moderadora 1** – Muito obrigada gente, muito obrigada.

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA EM GRUPO FOCAL 3

- Moderadora 1** - São essas as matérias. Agora a gente vai bater um papo. Vou passar para o lado de lá para ficar pertinho de vocês.
- Moderadora 2** - Só reforçando gente, é para vocês ficarem bem à vontade para falarem o que quiserem. Não se preocupem. Não tem opinião certa ou opinião errada, não existe isso. É opinião de vocês tá bom!
- Moderadora 1:** Qual o assunto que vocês identificaram nas matérias que nós assistimos?
- GF3.P5** - O vírus da Zika.
- GF3.P6** - Os planetas, né. Descobriram 284 planetas.
- Moderadora 1:** Nossa! Você decorou...! (Risos)
- GF3.P4** - Tem a questão do rejuvenescimento. Achei interessante. Todas as matérias que foram apresentadas são muito interessantes, nada assim em específico.
- Moderadora 1:** Vocês consideram esses assuntos importantes?
- (Falas simultâneas) (Inaudível)
- GF3.P6** - Eu acho. Principalmente, o da Zika.
- Moderadora 1:** Por que?
- GF3.P7** - É porque esse da Zika é o pior. Você vê as crianças como é que nascem! Eu achei muito importante! É trabalho até o último dia de vida deles (dos pais). (Doença) com criança é fogo! Ela

geralmente morre até os 30 anos, 30 e poucos anos. Isso foi uma pesquisa feita. E agora vai se ver que desgaste para a mãe e o pai da criança com a cabecinha assim (gesto indicando cabeça pequena). Se (a criança) deitar, não pode 'coisar' porque ela engasga. Eu ia morrer (se fosse mãe de uma criança com microcefalia). Eu não ia conseguir...

Moderadora 1: Alguém do lado de cá (aponta para o lado) queria falar também...

GF3.P4 - É que na época (de divulgação de casos de microcefalia) apresentava muito (o assunto teve repercussão na mídia). A minha filha estava grávida. Nossa! Era uma preocupação só! Nós evitávamos certos lugares para ir. Toda hora eu 'tava' lembrando ela de passar o repelente. Ela trabalhava na Reduc, em Caxias. Lá é um lugar assim de muito mosquito. Tudo era preocupação.

Moderadora 1: Então vocês acham que esses assuntos fazem parte da vida de vocês?

(Falas simultâneas) (Inaudível)

GF3.P2 - Com certeza! Lógico! Todos.

Moderadora 1: Por que?

GF3.P2 - Porque a gente está vivendo nesse planeta.

GF3.P6 - Porque foram coisas que apareceram do nada. Essa tal de Zika, de onde que vem isso? Não é daqui! Isso aí vem lá de fora! Não pode ter sido aqui! Alguém que veio de fora e trouxe isso aqui para a gente e as pobrezinhas das crianças aqui estão sofrendo as consequências.

Moderadora 1: E vocês do lado de cá?

GF3.P2 - Eu acho que eles deviam focar mais na questão da Zika. Agora a pele a gente dá um jeitinho! Esse negócio do planeta... Eu pegava os bandidos todos e jogava tudo para lá para eles não terem como voltar. (Risos)

GF3.P7 - Vai contaminar o planeta! Que isso!

(Falas simultâneas) (Inaudível)

Moderadora 1: você discorda dela P7? A senhora discorda dela?

GF3.P7 - Claro! É, em parte. Ela disse que vai jogar não sei o que não sei aonde que que é isso!

GF3.P5 - Aí, eu concordo que os políticos tinham que ser eliminados.

(Fuga do tema)

Moderadora 1: O que vocês acharam das três matérias que nós assistimos?

GF3.P4 - Todas ótimas!

GF3.P5 - Porquê o difícil é não ter a saúde. O mais difícil é não ter o tratamento da saúde das crianças.

GF3.P6 - Esse da Zika foi chocante para todo mundo. Você viu a reportagem, você chora!

GF3.P5 - Eu já vi. Não tem tratamento.

GF3.P6 - Isso não existe! Eu comecei a assistir uma época. Eu não aguentava mais de tristeza, de ver aquelas mães com aquelas crianças todo dia no hospital porque (a criança) se engasgou. Todo dia tinha. Como é que pode isso! Como é que a gente vai viver assim? Você que é mãe e pai vai trabalhar e não sabe se quando chegar (em casa) o filho já morreu!

Moderadora 1: Você queria falar?

GF3.P4 - Agora é campanha de dengue, zika..., mas por que que não é uma preocupação constante com o povo, com a saúde, com a saúde do povo que tenha desde um resfriado até um câncer? Não tem tratamento! A pessoa sofre com uma coisa e não tem... Olha, eu tenho muito medo. Eu tenho muito medo, temo por mim, pela minha família, pelo mundo em geral. Meu medo é cair no hospital público, porque se você sofre um acidente, você cai no hospital público. Poxa! O meu marido há uns três anos atrás teve um AVC e foi para o Getúlio Vargas, né. Ele não tinha plano de saúde. Hoje eu não tenho só ele tem porque ele precisa porque ele tem muito problema de saúde e não pode ficar sem plano. É um mal necessário no nosso orçamento. Então, uma médica amiga nossa me falou assim: "Vou tirar ele daqui (do Getúlio Vargas) porque aqui é hospital para você passar e não ficar aqui porque senão você vai sair daqui muito pior". Até que ele não estava bem para ter alta, mas o médico deu alta para ele para ele não ficar pior. Essa é a saúde que o governo nos oferece!

Moderadora 1: A GF3.P3 tinha levantado...

GF3.P3 - O que eu queria falar é a segunda pele porque é muito importante esse negócio de ficar fazendo plástica, né. É muito bom o que você passa e que forma essa segunda pele. É muito importante, é muito importante.

Moderadora 1: A senhora se interessou por esse tema?

GF3.P3 - Gostei dele mesmo!

Moderadora 1: Tem alguma outra coisa que vocês viram nas matérias que vocês destacariam, que acharam interessante ou não?

GF3.P7 - Da parte que ela falou, da questão da pele, porque eu tenho problema de pele, né, e a minha filha fica na preocupação de passar protetor e não sei o quê porque pode virar câncer e tal.

Então, eu acho que é uma pesquisa também que já deve ter. Se houvesse mais interesse nessa pesquisa, né, então, eu acho muito importante outra que a gente faça assim também. A outra (matéria), da questão da dengue, eu já peguei (a doença). Eu já fiz duas cirurgias. Eu acho que foi a pior para mim. Já passou a Chikungunya, essas todas aí, tem outras. (Risos). Tem outras coisas, além do que vocês falaram aí, que há necessidade ainda de pesquisar muito, muito, muito. Eu tenho uma neta especial. Ela está com 18 anos. Ela usa fralda até hoje porque ela nasceu com uma fratura exposta. Ela fez duas cirurgias. Ela usa sonda, foi quando ela conseguiu superar..., e o médico disse para ela não tirar para não sofrer mais. Aí, ela continua (com a sonda).

Moderadora 1: Que tipo de sonda ela utiliza? Ela usa que tipo de sonda, de urina, alimentação, respiratória...?

GF3.P7 - Não é...

(Falas simultâneas) (Inaudível)

Moderadora 1: É sonda para secreção?

GF3.P7 - É. Ela continua usando para urina e fezes porque ela não controla. Acho que além dessas coisas que a gente está falando, tem muitas doenças que se dependesse de mim..., eu não sei se eu vou falar a palavra certa, pode ser 'cobaia' para..., porque... sei lá, entendeu?, resolver muitas das situações de doenças.

Moderadora 1: A senhora falou, então, que os assuntos poderiam ser pesquisados? Pesquisados outros assuntos...?

GF3.P7 - É.

Moderadora 1: O quê que vocês acham que falta para isso acontecer? vocês concordam que outros assuntos teriam que ser pesquisados? Que assuntos seriam esses?

GF3.P6 - Poderíamos citar todos.

GF3.P5 - Concordo plenamente que a saúde!

GF3.P4 - De modo geral, estamos todos muito desinformados. Tudo bem que muita coisa é culpa do povo, minha também, mas muita culpa é dos meios de comunicação que por trás de tudo tem alguém manipulando o que que passa para o público, o que veta para o povo não assistir.

GF3.P6 - Porque eles estão lá estudando, né na verdade! Não depende só deles resolver todas as coisas e por trás deles tem outras pessoas do assunto que, às vezes, não tem nem os equipamentos necessários para fazer esse tipo de pesquisa. Eles ficam prometendo que vai mandar lá de fora e nunca chega aqui.

GF3.P2 - Fazer mais vacina...

GF3.P6 - para saber qual a vacina que as crianças vão poder tomar para evitar essas doenças.

GF3.P2 - A vacina da dengue, que todo ano tem a gripe. Eles tem que pesquisar a vacina do Câncer...

GF3.P5 - Pois é!

GF3.P2 - ... que já estão à procura. A minha filha tá pagando a vacina do meu neto de dois anos e de Miguel, uma fortuna a vacina! Não é essa não de postinho, que nem tem!

GF3.P6 - Nunca tem!

GF3.P2 - É! Aí, a doutora passou outras vacinas.

GF3.P5 - Hepatite...

GF3.P2 - É. Febre amarela...

Moderadora 1: Esses assuntos que vocês citaram vocês veem no Jornal Nacional?

GF3.P2 - Não.

GF3.P5 - Não.

GF3.P3 - Não. Eu até escuto, mas é como a gente está falando: é uma informação que você vê, não é uma informação que...

GF3.P4 - ...que abrange todo mundo, todo o brasileiro, vamos dizer assim.

GF3.P3 - Isso.

GF3.P1 - Eles falam muito rápido.

GF3.P5 - ...e quando fala diz que é daqui a 5 anos para se resolver

GF3.P3 - é tudo para amanhã. Tinha que ser para ontem, pra não sei quando.

Moderadora 1: Qual os assuntos que vocês identificam, então, no Jornal Nacional que vocês poderiam destacar aqui para a gente?

GF3.P6 - A saúde.

GF3.P4 - A Zika. Assim o mais urgente é a saúde.

GF3.P1 - Saúde com certeza.

GF3.P5 - Saúde e a violência.

GF3.P4 - Mas no caso ali foi só os assuntos de hoje.

Moderadora 1: Mas e na rotina de vocês?

GF3.P6 - O assuntos falam de que, saúde!

(Falas simultâneas)

Moderadora 1: Mas qual os assuntos que vocês identificaram?

GF3.P6 - Saúde.

GF3.P5- Saúde e violência porque a violência está afetando a saúde, atrapalha saúde, aí, gera doença.

(Falas simultâneas)

GF3.P6 - A violência está gerando doenças e daqui a pouco vai para a escola eu não vou não levar meu filho para a escola porque está tendo tiroteio, é melhor que não vá a escola, então, hoje não vai, amanhã não vai, porque eles mandam fechar tudo como vocês sabem. E aí, como é que a criança aprende dentro de casa.

Moderadora 1 - Então, vocês acham que o *Jornal Nacional* cobre essas duas temáticas?

GF3.P4 - O que apresenta não combate no jornal principalmente a Globo aí depois coloca uma novela que que estimula entendeu.

GF3.P5 - É verdade

(Fuga do tema)

Moderadora 2 - Vocês falaram que o *Jornal Nacional* não é para todo mundo é para quem, para que tipo de público?

GF3.P4 - como não é para todo mundo?

Moderadora 1 - Alguém falou

Moderadora 2 - Alguém falou

GF3.P6 - Ah, foi ela que disse que é muito rápido essas coisas.

GF3.P1 - É que fiquei... passa tudo rápido...

Moderadora 2 - e não seria para todos os públicos, é isso?

GF3.P1 - Aí, quando passa um negócio assim, de doença, só passa assim o que não presta. Eu deixo de lado...

(Fuga do tema)

Moderadora 1 - Vocês falaram de assunto que vocês identificaram no jornal, mas assim, quais seriam aqueles assuntos que despertariam mais atenção de vocês, que fazem vocês pararem para realmente assistir?

GF3.P1 – Saúde.

GF3.P6 – Saúde.

GF3.P4 – Saúde.

GF3.P5 - Saúde.

Moderadora 1 - O que mais?

GF3.P6 - É que a gente quer saber de tudo, de todos os detalhes porque é como a Zika falou, com tudo que a gente ficou e não tem volta! Nasceu com aquele problema e vai ser assim até morrer, e aí e a gente? É horrível isso!

Moderadora 1 - Alguém pensa igual ou diferente dela?

GF3.P2 - Nós todas estamos acima dos 60, então, chega essa fase o plano de saúde é uma fortuna, é alto o valor, então, a gente tem que..., precisa mais de saúde, é o quanto mais [idosa]... precisa.

GF3.P5 - É a saúde.

GF3.P4 - É nós precisamos de saúde de prevenção. Não há um plano de saúde de prevenção.

GF3.P2 - É eu já estou procurando, estou com 64 anos, eu já tô procurando aqui o médico perto de mim, alguém... Eu tô procurando ver se alguém conhece para eu começar um tratamento, já tem anos, já era para ter começado.

GF3.P6 - Eu tô lá no Irajá, depois eu te digo, depois o plano de saúde de lá, que eu vi, muito bom.

Moderadora 1 - Tem outro tema, algum além da saúde, que vocês destacariam, que vocês gostam de assistir?

GF3.P4 - Eu gosto de moda, gosto de decoração, gosto de artesanato, embora não seja muito jeitosa. Eu gosto muito, valorizo muito esse tipo de coisa.

GF3.P6 - A gente assiste Canção Nova.

GF3.P4 - Eu vejo, eu vejo muito TV Aparecida e também quando tá passando programação assim... mais para a nossa idade, quero dizer assim... Eu acho não, eu tenho certeza, não gosto muito de culinária, que não é muito minha praia não.

GF3.P6 - Mas eu, às vezes, eu quero aprender na Ana Maria, de tarde, o tipo de coisa que eu não conheço, aqueles bolinhos que ela faz, como é que é o nome?

Moderadora 1 - Cupcake.

GF3.P6 - Cupcake! Ah! Eu já sei fazer isso, já! Eu sei fazer aquilo, mexer no recheio, então, eu acabo vendo um monte no YouTube porque no YouTube eu procuro o que eu quero...

GF3.P4 - Eu acabo vendo muito YouTube. Não vejo muito televisão porque eu procuro o que eu quero...

Moderadora 2 - Mais alguma de vocês têm esse hábito de assistir os programas no YouTube?

GF3.P6 - Eu detesto!

GF3.P1 - Eu não!

GF3.P5 - Eu acabo assistindo YouTube porque a minha neta tá vendo uns vídeos tão chatos.

GF3.P6 - Então, é só mudar o canal.

GF3.P4 - Mas tem tudo no YouTube.

GF3.P5 - Ela já sabe mudar o canal.

GF3.P1 - Hoje em dia é assim tem que ver, mas tem que ver o quê...

GF3.P4 - Pois é, por isso que eu vejo YouTube. Eu vejo aquilo que me interessa. Eu quero ver uma palestra, eu vou escutar uma música, quero ouvir um louvor, quero ver como é que faz hidratação no meu cabelo... Eu vou lá e procuro entendeu? ... para ver como é que eu posso me maquiar melhor porque com óculos é difícil, não dá para enxergar sem óculos.

(Risos e falas simultâneas)

Moderadora 1 - A GF3.P7 disse que também vê assunto do seu interesse, quais seriam?

GF3.P7 - Eu gosto de tudo aqui. Todas nós somos católicas, né, a gente vai puxando a sardinha para o nosso lado, a gente assiste palestras que orientam a gente muito para muitas coisas. Mesmo a gente tendo idade, através da nossa idade, da nossa experiência, a gente passa para os nossos filhos, os nossos netos, então, eu, para mim, o YouTube para mim tá ótimo!

Moderadora 1 - Que outros assuntos você busca?

GF3.P7 - Por exemplo, tem umas coisas que eu gosto muito de ouvir: como é que limpa o friso do piso. Eu acho que tudo faz parte da saúde. Se você não tiver a casa nos trinques, corre o risco da saúde vir abalada. Então, passa vinagre com bicarbonato...

GF3.P6 - Para fazer misturinha! Eu faço Todas!

GF3.P7 - ... e essas coisas que a gente faz porque fica sabendo e faz por questão de saúde.

GF3.P4 - Por exemplo, quando a minha filha casou, o vestido para festa para mulher de 60 anos... Tinha um monte de modelos lá. Você vê para escolher entendeu, então, tem muita coisa!

Moderadora 1 - E que outros assuntos interessam a vocês que estão tão quietinhas P1 e P3?

GF3.P1 - É que eu não gosto muito de YouTube.

GF3.P3 - Eu também não.

GF3.P1 - Eu gosto de sair, eu gosto muito de ver artista cantando. Gosto de programa humorístico, aí eu paro para ver isso. Essas coisas de YouTube não.

GF3.P3 - Esquenta muito.

GF3.P6 - Agora chegou umas amigas lá em casa todas sabiam jogar buraco tinha umas tortas deliciosas, eu fiz com muito prazer uma torta de banana. A gente brincou muito e depois jogamos dominó e todo mundo saiu feliz, todo mundo tinha que ter uma tarde assim, sem nada, sem ninguém para nos distrair porque quando estamos com Neto eles precisam da gente.

Moderadora 2 - Eu queria fazer uma pergunta. Vocês falaram muito em pesquisa, que é importante pesquisar e tal e se eu não me engano vocês falaram só em pesquisa em saúde e pesquisas em outras áreas são coisas que interessam a vocês, são coisas que vocês acham importante?

GF3.P6 - Ela falou de moda, que eu também gosto, mas eu não entro no YouTube não.

GF3.P2 - Tinha que parar para pesquisar a cabeça desse povo...

(Fuga do tema)

GF3.P6 - Eu tava numa coisa bem lá atrás ela descobre cada coisa dança de não sei o quê

GF3.P3 - Porque vocês abordaram a Globo?

Moderadora 1 - Eu escolhi o Jornal Nacional porque ele é um dos programas mais assistidos da televisão brasileira, é o que tem mais audiência, e a faixa etária de vocês corresponde um público que assiste bastante esse programa, basicamente por isso.

GF3.P4 - Meu marido assistia de mais a Globo. A gente acorda e daqui a pouco tá ele indo lá ligando a TV. Eu não sou assim tão ligada porque o que você tá vendo até o último horário da noite, vai passar a mesma informação depois, então, eu, sinceramente, não sou assim ligada.

Moderadora 1 - vocês falaram muito sobre saúde e pesquisa, mas com relação à ciência, qual a primeira ideia que vem à cabeça de vocês quando vocês pensam a palavra ciência?

GF3.P6 - Meio ambiente.

GF3.P5 - É.

GF3.P4 - Natureza..., tudo isso que hoje em dia também está sendo deixado de lado, até a natureza está doente, está prejudicada...

GF3.P5 - A natureza... Os alimentos prejudicados...

GF3.P6 - Também.

Moderadora 1 - E vocês? Qual a primeira ideia que vem na cabeça de vocês quando vocês pensam a palavra ciência?

GF3.P2 - Acho que a ciência tem muita tecnologia, muita coisa moderna, que está mudando tudo. A gente da nossa idade tem coisa que não aceita, mas o jovem não. No futuro, vai ser muita coisa técnica, muita coisa feita assim na mão não, mas assim no aparelho.

GF3.P4 - Mecânica.

GF3.P6 - Isso, é que não aceita modificação muita gente ganhando dinheiro da nossa terra com a nossa Amazônia que está sendo disputada lá fora. Estamos perdendo muito dinheiro.

GF3.P4 - O pessoal não tá vindo daqui não, tá vindo lá do Chile [para desmatar a Amazônia].

GF3.P6 - Se você ver a fundo o negócio no Jornal, de vez em quando eu pego, você vai ficar: Meu Deus a que ponto que chegou o pessoal!

GF3.P4 - O desmatamento...

GF3.P6 - Tá vindo do lado de fora para cá, o negócio tá feio, tá feia, tá feia a coisa, todas as coisas, não tem nada que esteja... tá tudo...

Moderadora 1 - O que você queria falar P5, que você fez sinal?

GF3.P5 - Queria saber se tá satisfatório...

Moderadora 1 - Tá ótimo.

GF3.P5 - Então, é isso que eu queria saber.

Moderadora 1 - Eu queria saber o seguinte, vocês acham que a ciência é algo que está próximo de vocês ou algo distante?

GF3.P4 - Distante.

Moderadora 1 - Por quê?

GF3.P4 - Talvez seja até culpa minha. Não vou acusar, mas acho que o povo, nós, nós estamos desinformados dos nossos governantes, desinformadas até do que tá errado nisso, mas o que posso fazer para melhorar? O que eu posso fazer para ajudar? Entendeu?

Moderadora 1 - Por que você acha que nós estamos desenformados?

GF3.P4 - Talvez a nossa cultura seja essa.

GF3.P6 - Eu acho que isso vem lá de cima entendeu.

GF3.P4 - Salve vocês jovens que tiveram uma oportunidade na universidade de fazer mais cursos, de ter um currículo mais rico, entendeu? Tirando vocês, de modo geral, nem todo mundo tem chegado a uma universidade. Hoje mesmo...

GF3.P6 - Esse é um privilégio!

GF3.P4 - Tem jovens, tem adolescentes, hoje aí com 14 15 anos, que não vão chegar a uma universidade, então, é difícil esperar que hoje, que os meios de comunicação nos traga até mesmo esse empurrão, esse...

GF3.P7 - É falta de oportunidade, primeiro. Segundo, porque os pais não tem o suficiente para dar ao filho para ele estar estudando em um colégio bom, particular, porque estudar em colégio particular, você pode crer que se for bom, ele não vai precisar de explicadora, nada disso. Ele vai passar para uma Faculdade Federal, mas também o que adianta? Tem muita gente em faculdade que não tem nem aula, que não tem professor, que não são remunerados.

Moderadora 1 - A GF3.P1 levantou a mão.

GF3.P1 - Tem gente de faculdade particular como o meu neto. Ele fez isso para estudar medicina, para se formar. [Faz sinal corporal de que o rapaz se esforçou muito] É muito dinheiro! Ele só conseguiu agora! [Passar na faculdade] Ele trabalhava em pesquisa alimentícia na Presidente Vargas, né. Eu fui até...

GF3.P6 - Precisa ganhar muito bem

GF3.P1 - Mas agora ele conseguiu.

GF3.P7 - Tudo que elas falaram é um pouco da realidade que estamos vivendo, por exemplo, o que tá faltando é educação, com certeza, né. Por exemplo, até um ponto do que eu estou vivendo, eu tenho um neto de 20 anos, que sempre estudou em escola particular, e hoje ele está na faculdade, como é que se diz? Na faculdade, mas ele continua lá. Ele já terminou os estudos na particular e continua lá porque na faculdade que ele estuda tem um dia da semana que não tem aula.

GF3.P6 - É o que eu falei.

GF3.P7 - Entendeu? Então, pode haver esse interesse, que seja dos pais, que têm em estudar em buscar em saber tudo para poder chegar em uma denominação que a gente está precisando no

mundo, que não é só aqui. Por exemplo, tem uma época que... O meu neto é super inteligente, passou em duas faculdades, fez o Enem o ano passado, passou. Ele fez esse ano e ele está esperando o resultado. Meus filhos estudaram na escola Grécia [pública]. Eu tenho uma filha psicóloga, um filho, bancário, superintendente da Caixa, o outro se aposentou como tenente do bombeiro. Todos estudaram em colégio público.

GF3.P6 - Os meus também.

GF3.P7 - Assim, a gente é humilde, mas tinha um comérciozinho.

GF3.P6 - Hoje em dia não adianta mais uma escola pública ou particular, vale o título federal.

GF3.P7 - Então, aí, graças a Deus, então, eu vejo assim, está muito complicado. Eu nem te digo lá fora, eu digo aqui mesmo no nosso país, no Brasil. Eu não sou brasileira, sou portuguesa, mas eu sou brasileira de coração, eu amo o Brasil. Eu choro. Eu não aguento mais ver esse país do jeito que ele está. A gente chegou aqui era um país tranquilo, não havia essas mudanças, essas tragédias, não havia nada, e agora que haveria..., que teria de ter mais pesquisas, vocês que estão aí na pesquisa. Vocês não têm condições, não depende de vocês não.

Moderadora 2 - A forma de vocês terem acesso à ciência é unicamente via estudo, via faculdade?

GF3.P3 - Sim.

GF3.P4 - Também via mídia.

Moderadora 1 - Vocês já chegaram a buscar alguma informação, por vocês mesmas, de alguma? O quê que vocês buscaram e de que forma?

GF3.P4 - Eu procuro orientação para me alimentar melhor, para não ficar doente para não cair no hospital. De manhã, eu já evito o pão. Eu faço... Eu vou lá no YouTube procurar o shake, uma combinação de aveia com fruta... Eu vou me adequando porque a idade vai pesando. Meu marido é diabético, teve câncer, tem pressão alta, já teve dois AVC. Então, a gente tem que também fazer a nossa parte porque eu não gosto de hospital, então, eu tenho que fazer de tudo para não chegar lá, não ter de ir lá, nem se ele fosse bom, muito menos ainda ele sendo ruim.

Moderadora 1 - Vocês buscam assuntos relacionados à ciência? Alguém mais?

GF3.P3 - Eu não. Eu gosto de tudo pronto. Vem a resposta, eu adoro. Eu não minto. Como eu te falei, eu não me interesso por nada. Eu fico feliz quando descobrem uma vacina, o negócio da pele, mas eu não fico pesquisando. Se eu falar que fico tô mentindo.

GF3.P6 - Ontem eu liguei a televisão e estava passando sobre a Cláudia Rodrigues, aquela que fez o Sai de Baixo (programa da TV Globo). Você lembra? Ela colocou a válvula na cabeça. Ela pegou um vírus do sarampo. Ela está em estado muito grave. Se ela sobreviver, ela vai ficar cega. Eu fiqueii... Nós já passamos por outras coisas. Vírus do sarampo? Bom Jesus do céu! Não tinha que ter outra coisa, uma vacina?

GF3.P3 - Foi o quê? A vacina que a mãe dela deixou de dar por algum motivo? Porque você leva hoje o filho [no posto de saúde] e a vacina tá em falta, tá em falta amanhã e continua em falta. Você vai resolvendo os problemas, esquece, se desliga, deletou [da memória a necessidade da vacinação] porque tem outros assuntos, além da saúde [para se preocupar].

Moderadora 1 - Tem outros assuntos além da saúde que vocês consideram que sejam assuntos de ciência?

GF3.P4 - O esporte...

(Inaudível)

GF3.P4 - ...porque aqui nós estamos precisando é das respostas, é viver de uma forma mais digna. Nós não estamos vivendo de forma digna.

GF3.P6 - Eu concordo. Tudo é o que acontece. Essas notícias..., coisas que vem lá de fora. Essas coisas mexem com o nosso metabolismo. Você liga a televisão e você ouve aquilo que você não quer. Eu não quero escutar. Tudo isso mexe com sua saúde. Não adianta você fazer shake de manhã se o seu fundo nervoso... O coração da gente só vive pensando no que vem dessa vez. Eu escutei sobre a Cláudia Rodrigues. Eu adorava, é um modo de dizer, eu gosto, amor eu tinha por ela, por aquele programa. Era religioso assistir o programa aos domingos. Gente! Acabou tudo! Ela era muito engraçada. Você ia aguentar? Não! Então, não encontra ninguém pra ver uma melhora para ela. Agora, colocar uma válvula... Todo mundo tem que passar por alguma coisa, mas essa vida que a gente leva é que acarreta essas coisas.

Moderadora 1 - E vocês? Vocês não falaram. Tem algum outro assunto além de saúde que vocês associam a ciência?

GF3.P2 - Eu posso falar da religião.

Moderadora 1 - Por quê?

GF3.P2 - Eu posso falar da religião porque a religião ajuda muito a gente, pensa que não, mas se os jovens começarem a vir mais, a participar, a interagir, ler mais, falar a palavra de Deus...

Moderadora 1 – Tem mais algum outro assunto?

GF3.P5 - Não.

Moderadora 1 – Vocês consideram que os assuntos que a gente assistiu hoje nas matérias estão ligados com a ciência?

GF3.P2 - Sim porque tudo tá na ciência.

GF3.P7 - Tá muito ligado a saúde, né.

GF3.P6 - Acho que tudo está ligando uma coisa com a outra.

Moderadora 1 – Por quê?

GF3.P5 - Porque tudo é uma ciência.

GF3.P7 - Tudo vai levar para saúde porque a gente sem saúde, a gente faz o quê?

GF3.P6 - Consegue não! Eu não consigo imaginar nada se não tiver saúde.

GF3.P7 - Tem que pedir muito a Deus.

GF3.P6 - O trabalho de vocês e de outros mais, isso é importante para você e para nós também colocar lá fora o que a gente vê, escuta, ouve falar.

Moderadora 1 – Quais assuntos de ciência vocês consideram mais interessantes?

GF3.P6 - Não tem nem como discutir isso, é a saúde mesmo!

(Risos)

GF3.P6 - Eu deixei de fazer musculação hoje para fazer a pesquisa de vocês. Eu falei lá com professor que amanhã eu vou.

Moderadora 1 – Muito obrigada!

Moderadora 2 – Obrigada mesmo!

Moderadora 1 – Há mais alguma coisa que alguém queira destacar?

GF3.P6 - É a saúde e a religião mesmo porque está tudo ligado: conversar com Deus à noite e de manhã ao acordar. Dizer: Obrigado Jesus, filha, marido também, que acaba com a nossa raça, né.
(Risos)

Moderadora 1 – Eu fiquei curiosa em saber o que faz você associar a ciência e a religião porque são coisas que geralmente as pessoas colocam tão distantes. Eu queria saber o seu ponto de vista.

GF3.P6 - Você consegue alguma coisa se você não tiver fé, força de vontade? É ruim hein minha filha! Eu não entrei para uma multinacional à toa! Primeiro você tem que ler muito, estudar muito, tem que ter uma...

(Fuga do tema)

Moderadora 1 – Gente eu só voltando aqui para o tema, quando vocês assistem no dia a dia de vocês o Jornal Nacional e outros programas também, vocês acham que, de modo geral, o jornal cobre assuntos de ciência?

GF3.P6 - Não.

Moderadora 1 – Por quê?

GF3.P6 - É muito corrido!

GF3.P5 - No jornal da Globo é só política.

GF3.P6 - Agora está muito diferente. As coisas estão muito diferentes. Eu também não estou mais fazendo questão de assistir o jornal.

Moderadora 1 – Se vocês fossem fazer o jornal hoje, se vocês fossem lá o Willian Bonner, quais são as matérias que vocês iriam passar no jornal?

GF3.P6 - Eu só queria ele! (Risos)

Moderadora 1 – Mas nessa situação hipotética, você é ele! Quais assuntos você colocaria no jornal?
(Falas simultâneas)

GF3.P6 - Nenhuma tristeza.

GF3.P5 - Nada de coisa ruim, só coisa boa só alegria.

GF3.P7 - Eu queria colocar menos violência. Eu acho que a pessoa vê e vai quer fazer igual.

GF3.P3 - Eu acho que na internet tem muitas coisas boas, como cientista né, as coisas educativas, principalmente para criança. Tinha que ter um cientista para colocar um negócio, uma coisa para não ter isso na internet (violência), colocar um filtro. Eu acho que o cientista devia de inventar alguma coisa para baixar um pouco a nossa Internet, a poluição, que tá acabando com o mundo. Passou (uma notícia) de uma pessoa que saiu da escola, tinha marcado com os garotinhos, e não aparece nunca mais! O negócio está feio, se a mãe não fica do lado do filho, a avó, que a gente não tem tempo, porque você tem que ter uma empregada dentro de casa. Uma empregada custa um salário mínimo. Agora, como é que você vê, como é que a gente vai desempenhar a faxineira e tudo para dar conta para dar atenção para os netos? É complicado! A internet é rápida, quando eu chego (perto da neta) ela já te ligou (a internet).

Moderadora 2 – Vocês falaram da ciência como sendo uma coisa positiva, vocês acham que é só positivo?

GF3.P6 - Sempre, eu acho que sim.

GF3.P4 - Ela pode ser muito rápida, mal administrada, mas a ciência em si é positiva.

GF3.P6 - O nome já cai bem: ciência!

(Falas simultâneas)

Moderadora 1 – O que vocês acham que falta para essa ciência ser mais próxima da vida de vocês?

GF3.P6 - Falta investirem mais. Precisa de mais... porque tudo que é coisa boa vem lá de fora. Tem que pesquisar sim, mas falta investir. Cadê esses governantes?!

(Fuga do tema)

Moderadora 1 – Gente muito obrigada!